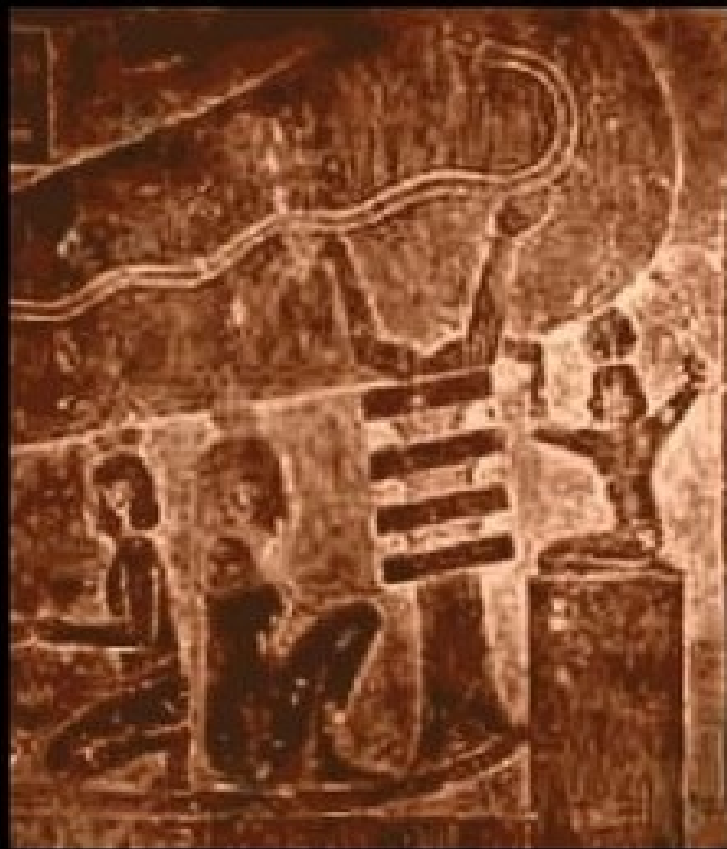


RICHARD LAZARUS

Além do Impossível

ALMANAQUE DO INEXPLICÁVEL DO SÉCULO XX



JOSÉ OLYMPIO EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**ALÉM
DO
IMPOSSÍVEL**

**ALMANAQUE
DO INEXPLICÁVEL
DO SÉCULO XX**

Richard Lazarus

Editora José Olympio, 1995
Digitalizado por BlackNighth

Prefácio

É comum dizer que a realidade é mais estranha do que a ficção, e isso realmente acontece. Aquele que duvida dessa afirmação precisa apenas ler este livro para se convencer do contrário. Os escritores de ficção científica são capazes de contemplar os mistérios do espaço/tempo, descrever os domínios além dos limites do universo conhecido e levar seus leitores a viajar como em uma montanha-russa até o centro de um buraco negro. Entretanto, nenhum escrito fantástico jamais pôde ser comparado ao que há de excêntrico no mundo em que vivemos: um planeta onde homens e mulheres explodem em chamas a caminho do trabalho, ‘evaporam’ diante de testemunhas atônitas e voam aos pedaços sem qualquer motivo aparente; um mundo em que peixes, rãs e todo tipo de objetos animados e inanimados caem do céu como chuva; onde água, sangue ou óleo cru jorram do emboço seco das paredes; onde quadros e estátuas começam, de um momento para outro, a verter lágrimas ou sangue sem aviso prévio. Nenhum de nós considera essas coisas possíveis, ainda que aconteçam freqüentemente, não na mente de um mestre em contar histórias, mas na superfície do planeta a que damos o nome de Terra. E como se não pudesse existir um cenário tão ridículo, como se não houvesse a mais remota possibilidade de acontecerem tais coisas no mundo em que vivemos. Que autor respeitável teria a audácia de criar personagens capazes de ver o futuro e voltar ao passado, de tirar fotografias usando apenas a própria mente, de atirar-se às chamas e sair ileso ou mesmo de testemunhar os sofrimentos de Jesus crucificado há dois mil anos? Certamente nenhum escritor seria tão ousado, pois jamais poderia esperar que seu público renunciasse a sua fé a tal ponto. Ainda assim, essas são apenas algumas demonstrações dos poderes paranormais relatadas por homens e mulheres ao longo deste livro. Suas histórias são contadas aqui, e também as experiências de pessoas que se defrontaram com o fantástico na forma de alienígenas espaciais, espíritos, criaturas extintas e uma infinidade de seres fantasmagóricos de vários tipos.

Apesar de fantásticas, não se trata de fantasias. O século XX vem sendo um período inigualável no que diz respeito ao progresso do conhecimento humano. Durante as últimas nove décadas e meia, o homem não apenas sondou os limites extremos do universo como também pôde observar o mundo microscópico do interior da molécula. Ele foi capaz de controlar a energia do átomo e, através da pesquisa do ácido desoxirribonucléico (ADN), está enfim desvendando os segredos biológicos da vida em si.

Longe dos laboratórios, a sede de conhecimento, própria do Homem, o fez empreender jornadas às regiões mais remotas do Ártico, percorrer as selvas mais cerradas e descer às profundezas dos oceanos. Um século que começou antes da invenção do vôo motorizado e que, antes de terminar, já pôde ver um humano caminhar na Lua. Para a grande maioria, o progresso científico da humanidade no século XX pareceu-se mais com uma linha curva ascendente cada vez mais íngreme. Na consciência popular, existem poucos lugares onde o Homem ainda não esteve, raríssimos outros ainda não vistos e uma insignificância de conhecimentos que o Homem ainda não adquiriu.

Todavia, o quadro real refletirá esse sentimento de complacência intelectual com justiça? Será que o homem tem uma compreensão tão abrangente do mundo em que vive? A incumbência deste livro é afirmar que a resposta a essa questão é inequivocamente negativa. Se, por um lado, o Homem desenvolveu e aperfeiçoou um sistema de regras e certezas científicas que parece dar conta de todas as variações possíveis da maioria dos fenômenos conhecidos, por outro é um fato incontestável que nem todos os eventos podem ser aceitavelmente descritos mediante esse padrão coerente e acabado. Como o leitor deste livro logo notará, cada ano do século XX foi palco de uma cota justa de acidentes isolados

que extrapolam os limites das leis naturais, conforme nós as percebemos. Por outro lado, mulheres e homens comuns têm apresentado poderes que a ciência se recusa a aceitar; formas inteligentes que não somos capazes de ver deram sinais de sua presença através de várias manifestações misteriosas e, em até certo grau, assustadoras; criaturas que há muito se acreditavam extintas têm aparecido com regularidade tanto no mar como na terra. Alguns desses acontecimentos lembram milagres; outros parecem ter ocorrido por meio da intervenção de forças invisíveis, a que poderíamos perfeitamente nos referir como diabólicas. Muitos desses acontecimentos não são em particular aterrorizantes ou espiritualmente edificantes para a imaginação humana; eles são apenas sobrenaturais, que o simples fato de serem reais — admitindo-se os relatos como verdadeiros — têm o poder de virar de cabeça para baixo, de uma só vez, todas as certezas que sustentam a nossa visão de mundo.

Reunidas, todas essas singularidades demonstram que o mundo físico da matéria onde habitamos pode, ocasional e subitamente, impregnar-se de uma dimensão diferente e menos substancial: um lugar de onde toda espécie de entidades, sob várias formas, pode emergir de um momento para o outro e, em seguida, desaparecer novamente, sem dar qualquer sinal. Um outro universo, quem sabe? São essas ocorrências extraordinárias que formam a base de uma história do ponto de vista paranormal do século XX. Alguns dos exemplos utilizados aqui já foram publicados em outros livros e revistas dedicados a fatos misteriosos e sem explicação. Outros permanecem até agora desconhecidos do grande público em exemplares de jornais pegando poeira nas estantes de bibliotecas de referência espalhadas pelo mundo. Muitos mais foram mantidos a salvo dos olhares públicos nos arquivos dos departamentos ligados ao sistema de defesa estatal até que as recentemente promulgadas legislações de liberdade de informação permitiram sua circulação.

Estou certo de que, ao focar um enigma por ano, consegui abordar uma proporção justa dos maiores mistérios do século XX. Entretanto, nenhum escritor poderia produzir um apanhado geral de todos os eventos inacreditáveis que ocorreram durante as últimas nove décadas e meia, e muito menos em apenas um volume. Além do mais, cada ano que termina reúne uma série de novos enigmas recentes, alguns deles coincidindo com os padrões conhecidos e outros radicalmente diferentes.

Portanto, eu absolutamente não estou me vangloriando de ter escrito um estudo definitivo dos acontecimentos sobrenaturais. Talvez um dia algum outro escritor publique tal livro. Pessoalmente, tenho minhas dúvidas. O campo da paranormalidade, como o próprio universo visível, parece estar se expandindo incessantemente.

O Episódio de Eilean Mor

Há muitas histórias sobre o mar em que navios são encontrados à deriva sem um tripulante sequer, apresentando-se em perfeitas condições e com todos os salva-vidas intactos. Algumas dessas narrativas não passam de histórias inventadas por marinheiros que compartilham uma garrafa do rum que os aquece em uma noite fria de inverno à beira-mar. Entretanto, muitas outras mostraram-se absolutamente verdadeiras e, no nosso século, como no anterior, foi encontrado um sem-número de navios abandonados sem nenhuma razão aparente. O destino de suas tripulações constitui precisamente um grande mistério, pois é inconcebível que um grupo de indivíduos racionais possa, sem mais nem menos, atirar-se às águas em alto-mar, deixando para trás sua única chance de salvação. Contudo, o fenômeno persiste até os dias de hoje, o que pode ser confirmado após uma leitura atenta da última parte deste livro, o Noticiário.

Na verdade, tais desaparecimentos, que provavelmente consistem no mais estranho mistério marinho de que se tem conhecimento, atingem não só os marinheiros como também os operadores dos faróis. No fim do século XIX, o farol de Eilean Mor foi construído sobre o prolongamento rochoso da ilha de Flannan, com a finalidade de orientar os marinheiros ao contornar as Hébridas e a costa ocidental da Escócia com segurança.

Uma equipe de duas pessoas operava o farol, e um terceiro operador estava sempre por perto para ocupar o posto de um dos dois em caso de doença ou acidente. Com todas essas precauções, podia-se partir do princípio de que o farol de sinalização de 140 mil watts jamais interromperia seu funcionamento. Mas no primeiro ano do século, no dia 15 de dezembro, os marujos que navegavam pelas águas geladas do mar do Norte observaram assombrados que o farol da ilha de Flannan parara de funcionar.

O primeiro a relatar o mistério às autoridades da guarda costeira escocesa foi o capitão de um navio a vapor, o *SS Archer que*, naquela noite, navegava próximo às Hébridas. Contudo, devido ao início de um período de mau tempo, somente vários dias depois é que se pôde mandar um navio de socorro, o *Hesperus*, para investigar o ocorrido. Entre seus tripulantes estava Joseph Moore, operador-chefe responsável por aquela área e antigo funcionário aduaneiro da ilha de Flannan. Em uma conversa com colegas sobre o mistério, Moore foi incapaz de imaginar quais circunstâncias poderiam ter sido a causa da pane do maquinário do farol; além disso, ele era amigo dos três homens de serviço em dezembro — Thomas Marshall, Donald McArthur e James Ducat — e sabia que eram operadores experientes e hábeis e que muito dificilmente entrariam em pânico em um momento crítico.

Quando Moore despediu-se deles há três semanas, estavam todos com boa saúde e parecia inacreditável que todos contraíssem uma doença séria o bastante para deixá-los impossibilitados de realizar seu serviço. Na verdade, como Moore veio a constatar logo depois, algo muito mais singular que uma doença derrubou os três homens.

Ao se aproximar da ilha açoitada pelos ventos, a tripulação do *Hesperus* verificou que não foram feitos preparativos para recebê-la no quebra-mar e que o repetido soar de sua buzina de nevoeiro não chamou a atenção dos operadores. O primeiro a desembarcar foi o próprio Joseph Moore, que

resolutamente caminhou a passos largos em direção às paredes caiadas do farol. Ele encontrou um lugar frio e vazio, ainda que, de resto, tudo estivesse em perfeita ordem. O local estava limpo e arrumado; até mesmo os pavios das lanternas foram limpos e ataviados, seus receptáculos de óleo estavam cheios e prontos para serem acesos ao pôr-do-sol. Ao verificar no diário se havia alguma pista relativa ao mistério, Joseph Moore observou atônito que, no dia 14 de dezembro, fora registrada uma tempestade violenta no mar em torno da ilha. Essa entrada era inexplicável, pois, naquela noite, o mar estivera absolutamente calmo, passando a agitado somente na noite seguinte, quando a ausência de luz foi observada pela primeira vez. Ducat fez essa última anotação em 15 de dezembro: “Terminou a tempestade, mar calmo, Deus está sobre nós.”

Quando relatou essa curiosa situação ao comandante do *Hesperus*, Moore afirmou que uma busca completa na pequena ilha deveria ser iniciada imediatamente. Sua sugestão foi aceita, mas, no final das investigações, não foram encontrados nem o pessoal do farol nem qualquer pista de seu desaparecimento. No dia seguinte, o *Hesperus* retornou ao continente sem encontrar sobreviventes, seus corpos ou mesmo explicações para o ocorrido, permanecendo Joseph Moore na ilha de Flannan a fim de operar sozinho o farol.

Nos dias que se seguiram, ao caminhar pelas trilhas rochosas da pequenina ilha de Flannan, o operador-chefe teve bastante tempo para especular sobre o destino de seus camaradas. Será que se aventuraram muito próximo da água, sendo engolfados por uma onda gigante? Isso era improvável, pois seus homens conheciam muito bem os perigos do mar agitado. Ou será que um deles enlouqueceu, assassinou os demais e, dos rochedos, lançou seus corpos ao mar, atirando-se então nessa mesma sepultura turbulenta? Tal possibilidade foi a que Moore mais detidamente examinou antes de rejeitá-la. Ele sabia que aqueles homens eram física e mentalmente sãos, e lembrou-se de que, junto às suas famílias, acenara em despedida a eles poucas semanas antes.

E quanto à tempestade mencionada no registro de 14 de dezembro? Parecia impossível que uma imprecisão como aquela pudesse ser cometida. Não fazia sentido, e permanecia o fato de que os homens sumiram. Parecia que foram subjugados por uma força extraordinária e levados contra a sua vontade. Sim, pensou Moore, essa deve ser a resposta. Mas levados para onde, como e pelo quê?

E então a mente de Joseph Moore permaneceu ocupada por essas especulações macabras durante seus dias solitários do final de dezembro de 1900 ao início de janeiro de 1901. Mais tarde, depois de se desincumbir dessa vigia solitária de natureza forçosa, Moore contou aos amigos como, durante aquelas semanas sombrias, tomou consciência da atmosfera de depressão sobrenatural que parecia invadir toda a ilha. Em algumas ocasiões, ele acreditou mesmo, ao procurar em vão por pistas do enigma, ouvir claramente as vozes de Marshall, McArthur e Ducat chamando-o no vento. Se esse fenômeno foi produzido por sua imaginação, ou se eram sons das gaivotas que sobrevoavam a área, nunca saberemos. Fosse o que fosse, Joseph nunca mais se deixou convencer a voltar à pequenina ilha de Flannan.

A distorção do tempo em Versalhes

Muitas pessoas gostariam de voltar ao passado para ver como seus antepassados viviam. Naturalmente, sabemos que isso é impossível e que o pensamento científico contemporâneo descarta a possibilidade de a humanidade vir a construir uma máquina do tempo. Ainda assim, as experiências de alguns indivíduos em especial parecem ir de encontro a todas as nossas certezas quanto ao tempo e ao universo físico.

No feriado da Páscoa em 1901, duas professoras secundaristas de meia-idade, Annie Moberley e Eleanour Jourdain, juntaram-se a uma excursão a Paris e ao interior da França. Como as duas nunca estiveram nesse país, encantaram-se com o esplendor das construções da mais celebrada das capitais européias. Foi durante uma visita ao palácio de Versalhes que as duas mulheres passaram por uma experiência de que jamais se esqueceriam. Após conhecer as dependências principais do palácio e sua área externa, as senhoritas Moberley e Jourdain percorreram os mundialmente famosos jardins que levam ao Petit Trianon, a residência favorita de Maria Antonieta, situada em algum lugar naquela vasta propriedade.

Entretanto, como não possuíam um mapa detalhado do local, as duas mulheres se perderam e, encontrando por acaso dois homens trajando vestes típicas do século XVIII, os quais elas pensaram ser moradores do local, pediram a eles informações sobre o país. Em vez de ajudar, os homens encararam-nas de forma estranha e cumprimentaram-nas precipitadamente. Mais adiante, passaram pelas inglesas uma mulher jovem e uma garota, também vestidas à moda antiga, embora suas roupas fossem de má qualidade. Todavia, as professoras não suspeitaram que algo de estranho estivesse acontecendo até que chegaram ao pavilhão do Temple D'Amour, ocupado por muitos outros indivíduos vestidos como antigamente e falando um dialeto do francês desconhecido para elas.

Ao se aproximarem do Temple D'Amour, ficou claro para elas que algum detalhe de sua aparência chocava aquelas pessoas. Apesar disso, um dos homens mostrou-se cordial e, por meio de gestos, conduziu-as até o Petit Trianon. Chegaram lá depois de atravessar uma ponte de madeira cruzando uma pequena vala. Ainda que tivessem atingido finalmente seu destino, as duas mulheres deram pouca atenção à construção em si, concentrando-se na figura de uma pessoa que, sentada, desenhava um esboço do bosque próximo. Muito atraente, trajando uma peruca imponente característica e um vestido longo típico da aristocracia do século XVIII, a mulher parecia mais o motivo para um quadro do que uma artista.

Annie Moberley e Eleanour Jourdain foram se aproximando da figura aristocrática até que ela se virou bruscamente para ambas. Elas saudaram-na com sorrisos, mas ela simplesmente encarou-as com uma expressão de temor e perplexidade. Foi então que as duas inglesas por fim perceberam que, de algum modo, regrediram no tempo. Recordando-se de suas sensações, a senhorita Moberley referiu-se ao ambiente em que estava como de certa forma sobrenatural. Escreveu posteriormente: “Até mesmo as árvores pareceram adquirir um aspecto bidimensional e sem vida. Não havia efeitos de luz e sombra... as árvores não farfalhavam ao vento.” Então, como se elas tivessem despertado de um sonho, a misteriosa quietude cessou e a ambiência e as cores voltaram ao normal. Em um piscar de olhos, a artista aristocrata

desaparecera e, em seu lugar, surgira um guia de turismo contemporâneo, acompanhado de muitas senhoras em uma excursão ao Petit Trianon.

Embora quase não tenham falado de outra coisa durante sua estada na França, Annie Moberley e Eleanour Jourdain decidiram não mencionar sua experiência a quem quer que fosse, por medo de se exporem ao ridículo. Contudo, dez anos depois, em 1911, quando as duas lecionavam em Oxford, uniram suas forças para escrever um relato completo de sua viagem no tempo. Ao ser publicado no ano seguinte, obteve um relativo sucesso, e as autoras tornaram-se célebres no meio dos físicos da época eduardiana.

Após pesquisarem intensivamente a história do palácio de Versalhes, as professoras chegaram bastante tempo depois à conclusão de que, de fato, se deslocaram ao passado através de uma espécie de distorção do tempo ou de um portal invisível interdimensional. Em sua opinião, o ano a que elas retornaram foi provavelmente o de 1789. Para as autoras, os jardineiros' que não as compreenderam eram aparentemente os guardas suíços que notoriamente estiveram na corte de Luís XVI, e a mulher acompanhada de uma garota, ambas vestidas em farrapos, deviam ser camponesas que moravam nas cercanias dos jardins do palácio. A senhora aristocrática que fazia um esboço do bosque devia ser com certeza a própria Maria Antonieta.

Os céticos — em grande número — ridicularizaram essa história e insistiram que as professoras a inventaram simplesmente para ganhar dinheiro. Tais críticos apontaram de imediato para o fato de que não havia na história detalhe algum que não pudesse ser pesquisado anteriormente. Além do mais, como não existe qualquer menção a uma suposta ponte de madeira cruzando uma pequena vala em nenhum dos registros que documentam o palácio no século XVIII, esse exato aspecto da história mostrava-se incoerente com os fatos conhecidos.

Quanto a essa última objeção, contudo, logo depois emergiu uma prova crucial que conferiu credibilidade às significativas lembranças das professoras. Na década de 1920, uma cópia lacrada das plantas originais do palácio foi descoberta em uma chaminé de um prédio antigo em uma cidade vizinha. Escondidas lá há muito tempo, possivelmente com a intenção de um arquivamento seguro, elas foram privadas da observação humana por mais de um século. Fato intrigante: as plantas do arquiteto faziam referência à ponte de madeira sobre uma vala que as mulheres afirmavam ter atravessado. Naturalmente, as autoras britânicas reclamaram o reconhecimento da autenticidade de sua história e, muito embora tal fato não constituísse uma prova irrefutável de que elas realmente houvessem voltado ao passado, tornou-se muito mais difícil desprezar o incidente.

A despeito de o fenômeno de Versalhes permanecer talvez como o mais famoso exemplo de uma pessoa do século XX que visita o passado, ele não é o único desse gênero. Em outubro de 1926, na localidade de Bradfield, St. George, em Suffolk (Inglaterra), duas outras mulheres que caminhavam juntas aventuraram-se nos jardins de uma grande casa em estilo georgiano, que ficava no final de uma estrada flanqueada por coníferas. Quando lhes disseram que a propriedade fora demolida no final do século XIX, elas voltaram ao local. Inicialmente bastante seguras, constataram então que a estrada que percorreram no dia anterior era flanqueada apenas por um fosso e que além dele estendia-se um ermo de terra revolvida, ervas daninhas, montículos e árvores dispersas. Não havia qualquer sinal da mansão e das árvores plantadas de maneira regular.

No Reino Unido há muitos exemplos semelhantes. No verão de 1930, o doutor Edward Gibson Moon, um médico do interior, retornava de uma visita a lorde Edward Carson, que morava na localidade de Isle of Thanet, em Kent. Carson estava muito doente, e Moon via-o quase diariamente, de modo que

conhecia bem a região e especialmente a estrada Cleve Court, que levava à propriedade de campo do aristocrata. Nessa ocasião, acabando de passar pela entrada semicircular de Cleve Court, o doutor Moon ficou muito surpreso ao constatar que a paisagem campestre ao seu redor modificara-se bastante. No primeiro plano, o próprio campo e a cerca que delimitava a propriedade da família pareciam muito diferentes e, ao fundo, as construções que normalmente constituíam marcos desapareceram. A superfície asfaltada da estrada fora substituída por uma trilha muito mais estreita e lamacenta, que se estendia a grande distância através dos campos, onde estranhamente não havia sequer uma ovelha. E foi enquanto o médico tentava compreender essas aparentemente inexplicáveis mudanças que sua atenção se dirigiu a um homem subindo a trilha em sua direção.

Carregando um mosquete de pederneira antiquado, usando calções amarrados abaixo dos joelhos, botas de equitação, um sobretudo com capa e uma cartola fora de moda há anos, o homem era evidentemente egresso de um século passado. Moon teve a impressão de que o estranho também o viu, pois parou um tanto impressionado e pasmo. Subitamente tomado pelo medo, Moon voltou-se para a casa que acabara de deixar. Para seu alívio, não havia nada de diferente nela. Olhando novamente para a paisagem à sua frente, constatou que tudo se normalizara e que o visitante com o mosquete desaparecera.

O que pode nos levar a viver essas experiências? Tratam-se de fatos ou de fantasia? Casos de retrocognição podem ser descartados como alucinações, apesar disso não explicar as causas de a testemunha de repente sofrer uma alucinação. Casos em que mais de uma pessoa presencia a mesma visão simultaneamente — como o ocorrido no palácio de Versalhes — são mais complicados, pois é mais difícil imaginar como duas pessoas podem compartilhar da mesma visão coincidentemente. Entretanto, o mais convincente dos exemplos é, de longe, aquele em que uma localidade se torna o foco de várias experiências compartilhadas por uma série de testemunhas assombradas. Em uma localidade próxima do vale de Haytor, uma cidadezinha na borda oriental de Dartmoor, [{1}](#) em Devon, uma cabana-fantasma foi avistada por habitantes do local e viajantes durante este século. Certa vez, um agrimensor do Departamento de Agrimensura de Artilharia avistou a construção, enquanto examinava a região de Devon de um ponto de observação especial. Ao vasculhar novamente a vizinhança naquele mesmo dia, não encontrou qualquer vestígio da construção, de acordo com a referência que fizera em seu mapa, embora os registros do condado garantissem que realmente existiu uma pequena morada naquele local no início do século passado.

Devido ao fato de pessoas às vezes desaparecerem misteriosamente, literalmente sumindo no ar, alguns paracientistas afirmaram que focos invisíveis de distorção do tempo podiam ter tragado aquelas pessoas e as levado a épocas ancestrais. E lá permanecem, dadas como perdidas pelos que ficaram, não deixando nenhum sinal do seu verdadeiro destino. Trata-se com certeza de uma teoria intrigante, mas como não se conhecem registros históricos de pessoas que surgem de repente nos dias de hoje em trajes que não reconheceríamos como contemporâneos, essa hipótese é ainda improvável. Contudo, pode acontecer que a súbita visão de uma cena do passado leve a pessoa a um desastre.

Em uma noite escura de março de 1979, a senhora Barbara Davison contou com a sorte ao evitar por pouco um acidente de sérias proporções na avenida Seveoaks, em Kent. Dirigindo sozinha pela estrada que lhe era perfeitamente familiar, a senhora Davison entrou em pânico quando a estrada à sua frente desapareceu, sendo substituída por outra, muito menor, que dobrava à direita. Ignorando bravamente o que seus olhos viam, ela se manteve à esquerda em direção à escuridão onde deveria estar a estrada real. Em segundos, o caminho escuro desapareceu e tudo voltou ao normal. Se seguisse a estrada-fantasma, entraria no sentido contrário ao tráfego. A experiência dessa mulher de Kent (que ela relatou a um jornal local) foi compartilhada por pelo menos três outros motoristas que dirigiam por

aquela estrada na mesma noite. Todavia, permanece o fato de que há mais de vinte anos não mais existia, naquele local, um caminho que seguisse à direita.

Como Barbara Davison, nenhum dos motoristas envolvidos tentou virar nessa direção, mas, ao investigar o fenômeno, os jornalistas locais descobriram que pelo menos quatro acidentes fatais aconteceram naquele trecho da estrada nos últimos 18 meses. Em cada uma daquelas inexplicáveis tragédias, os motoristas desviaram seus carros em direção à área reservada gramada intermediária da avenida de mão dupla. Na ocasião, os peritos da polícia rodoviária tentaram associar a causa dos acidentes a alucinações provocadas pelo luar ou pelos faróis dos veículos no sentido contrário que possam ter feito os motoristas mudarem equivocadamente de direção. Não foi encontrada explicação tangível para os acidentes.

Um enigma no Atlântico

A possível existência de civilizações submarinas é um assunto que há muito instiga a imaginação dos escritores de ficção científica. Não é difícil entender o porquê. Como o leito dos oceanos da Terra permanece em sua maior parte intacto, pode-se facilmente imaginar que existam cidades subaquáticas construídas por seres subterrâneos mais adiantados que não sejam conhecidas pelo Homem. Contudo, ao mesmo tempo em que histórias baseadas em tal possibilidade permanecem populares na literatura de ficção científica, numerosos incidentes na vida real ocorridos neste século são capazes de provar que o fundo dos oceanos pode esconder segredos que se adaptariam perfeitamente a um romance de Júlio Verne.

Nas primeiras horas do dia 28 de outubro de 1902, o navio mercante britânico de nome *SS Fort Salisbury* rumava para o norte a todo vapor através do golfo da Guiné, não muito longe da costa ocidental da África, no Atlântico Sul. O mar estava calmo e o céu, limpo, de modo que foi fácil para o vigia do navio avistar duas luzes vermelhas que emergiam a menos de cem metros adiante a estibordo. Ao olhar as luzes com binóculos, o vigia observou que elas iluminavam um objeto imenso e escuro que, embora tendo claramente a forma de um transatlântico, era de um tipo nunca visto antes. Consciente de uma possível colisão, ele alertou o operador do leme e chamou o segundo-oficial, A. H. Raymer, que acorreu ao convés para ver, com seus próprios olhos, a misteriosa embarcação.

Entretanto, o segundo-oficial teve a oportunidade de observar o objeto apenas por uns poucos instantes antes que ele submergisse. Ainda assim, foi o suficiente para confirmar os detalhes básicos observados pelo vigia.

Mais tarde, ao fazer anotações no diário de bordo, Raymer designou o ocorrido como “um tanto assustador... não podíamos enxergar bem o objeto na escuridão, mas tinha de 150 a 180m de comprimento e possuía duas luzes, uma em cada extremidade. Com um mecanismo desconhecido — uma barbatana, quem sabe? — agitava as águas. Percebemos que suas laterais eram escamadas; ele foi então desaparecendo gradativamente por baixo das vagas”. Falando em outra ocasião sobre a experiência, Raymer aventou a possibilidade de eles terem visto o casco de um navio emborcado, mas rejeitou-a em seguida. Ele alegou que era muito experiente para cometer um erro daquele tipo e, além do mais, nenhum barco desaparecera naquela época nos mares da África Ocidental.

A possível confusão com algum animal marinho era uma possibilidade muito mais remota. Embora cada uma das testemunhas a bordo do *Fort Salisbury* tivesse observado que a superfície do objeto parecia escamada e não lisa, as chances de terem visto uma espécie de peixe gigante eram menores que zero, pois precisaria ser muitas vezes maior do que uma baleia azul, a maior das criaturas aquáticas. Além disso, segundo o comentário de um membro do almirantado, peixes não usam faróis.

Por causa do mecanismo que possuía e do seu comportamento, tratava-se evidentemente de algum tipo de embarcação submarina. O único problema dessa teoria era que, no ano de 1902, nenhuma nação na Terra dominava a tecnologia de construção de submarinos daquele tamanho. Em 1888, o primeiro submarino a operar plenamente foi lançado ao mar pelos franceses, era movido por uma hélice simples e

impulsionado por um motor elétrico, pesando somente trinta toneladas. Dois anos depois, os alemães, que eram os verdadeiros mestres da tecnologia de veículos submersíveis, lançaram ao mar uma embarcação de duzentas toneladas, que não se tornou plenamente operacional antes de 1905. A Real Marinha Britânica, que lançou ao mar seu primeiro navio submarino no ano do incidente na costa da Guiné, estava muito atrás dos alemães no que diz respeito à sofisticação técnica. Portanto, aquela aparição, sem explicação naquela época, continua a ser um enigma.

Mais de noventa anos após o incidente, ninguém deu uma resposta que fizesse o mínimo sentido. Entretanto, o que pode seguramente ser dito é que, no ano de 1902, se inicia uma série de relatos de aparições de submarinos não identificados em lugares onde parece ser logicamente impossível que tivessem estado e de comportamentos incompatíveis com os modelos criados pelo Homem.

Em janeiro de 1965, o piloto de aviação comercial Bruce Cathie sobrevoava o porto de Kaipara, ao norte de Helensville, na Nova Zelândia, quando observou no mar o que a princípio lhe pareceu ser uma baleia encalhada. Examinando o objeto mais atentamente, o piloto concluiu que se tratava de uma estrutura metálica de aproximadamente trinta metros de comprimento, que parecia descansar na água a mais ou menos nove metros de profundidade. Apesar de estar claro que era um submarino, Cathie sentiu que havia algo de muito estranho na forma da embarcação, por isso fez um relato à Marinha da Nova Zelândia. Foi dito a ele que o objeto que afirmava ter visto possivelmente não era um submarino tradicional, pois a maré no porto estava baixa naquele momento e o nível da água nos estuários e nos pântanos estava muito baixo para a incursão de um veículo submersível no porto de Kaipara.

O mistério de Cathie foi seguido por relatos de outra curiosa aparição diametralmente oposta. Em 11 de abril desse mesmo ano, dois homens que inspecionavam os destroços de um barco pesqueiro na praia de Wonthaggi, a mais ou menos 13 km de Melbourne, na Austrália, avistaram, a uma distância de aproximadamente dois quilômetros ao largo, dois submarinos estranhos vindo à tona, afastados um do outro noventa metros. Após os observarem por mais ou menos 15 minutos, os homens os viram submergir. Ainda que mais tarde os oficiais do Departamento de Inteligência Naval Australiano afirmassem que “em vista da localização e da configuração da linha costeira, os objetos provavelmente não eram submarinos”. Também não era provável que os dois tivessem sido acometidos de ilusões de ótica, pois houve mais três outros relatos de “submarinos estranhos” vistos nos mares ao norte de Brisbane durante um período de cinco dias naquele mês. A Marinha australiana investigou os três incidentes e chegou à mesma conclusão: a de que os objetos não eram certamente embarcações tradicionais, visto que nenhum comandante ousaria arriscar seu navio em uma área repleta de rochas submersas e de outros perigos aquáticos.

Alguns relatos têm se mostrado ainda mais difíceis de explicar. Em 1963, um exercício da Marinha dos Estados Unidos, visando à detecção e rastreamento de embarcações submarinas, percebeu a existência de uma onda sonora especial nas proximidades de Porto Rico, no Atlântico Sul, a aproximadamente oitocentos quilômetros a sudeste dos Estados Unidos. Operadores de sonar dos *destroyers* que escoltavam o porta-aviões *Wasp* puseram-se no encalço de um objeto submersível impulsionado por um motor capaz de se mover a mais de 170 nós, a despeito de o recorde de velocidade de submarinos construídos pelo Homem não passar de meros 45 nós.

Da mesma forma que seria difícil conceber a existência de um veículo a motor capaz de atingir velocidades que excedem quase quatro vezes as de submarinos construídos pelo Homem, o enigma se complicou quando o misterioso alvo do sonar desceu a profundidades abaixo de 8,2 mil metros, as quais, naquela época, superaram em quilômetros o recorde de mergulho dos submarinos de então.

Quando finalmente vieram à luz detalhes do ocorrido, a Marinha dos Estados Unidos recusou-se a fazer comentários. Desde aquela ocasião, as autoridades não conseguiram determinar um aspecto com base no qual pudessem especular sobre a origem da embarcação misteriosa e, se há alguma possibilidade de descobrirem a verdade, ela ainda não foi divulgada.

De qualquer maneira, duvido que a situação venha a mudar. A idéia de que há formas de vida alienígenas observando-nos de planetas distantes é o suficiente para aterrorizar muitas pessoas. As chances de civilizações de criaturas estranhas estarem habitando nosso planeta neste exato momento e vivendo ocultas a poucos quilômetros da orla marítima é uma idéia muito mais perturbadora.

1903

Os canhões de Baris sobre o Ganges

Tem havido, ao longo deste século, inúmeros relatos de explosões na alta atmosfera. Como esses ruídos estrondosos não guardam nenhuma relação com trovões, os cientistas procuravam sua explicação em causas naturais, tais como terremotos e avalanchas, e, mais recentemente, em causas humanas, tais como experiências com bombas ou quebra da barreira do som por aviões supersônicos. Sem dúvida, muitos estrondos no céu se originam dessas circunstâncias terrestres. Entretanto, alguns continuam sem explicação.

No verão de 1903, administradores a serviço do rajá britânico da Índia estavam intrigados com um ribombar semelhante ao de canhões que ecoava no tranqüilo delta do rio Ganges. Com poucas localidades na região, distantes entre si, e raríssimas armas de fogo, não havia razão aparente para tais sons, que em geral ocorriam de manhã, quando o tempo estava quase sempre claro e sereno. O inglês G. B. Scott, ao investigar o fenômeno para a revista *Nature*, descobriu que tanto a população local como os administradores estavam assustados com os ruídos. O próprio Scott, que ouviu esses sons várias vezes, teve seu primeiro encontro com os “canhões de Baris” durante uma caminhada com amigos por uma das margens do rio em Chilmari no mês de maio. Os ruídos soavam de início, conforme escreveu em sua matéria para a *Nature*, como o ribombar de um canhão a 18 km rio abaixo.

Mas os ruídos foram se aproximando até que três estrondos breves e violentos assustaram os homens, que soaram bastante próximos, vindo aparentemente de uns 130m acima da superfície da “água”. Curiosamente nada foi visto e, quando perguntaram a um grupo de barqueiros que trabalhavam nas proximidades se eles ouviram os estrondos, os ingleses ficaram surpresos ao saber que os ruídos foram ouvidos mas que pareciam vir sem dúvida de uma outra direção.

A publicação do relato de G. B. Scott na revista *Nature* criou um alvoroço de curiosidade em torno do fenômeno e, em parte como resposta ao artigo do inglês, um belga chamado Ernest Van den Broeck empreendeu uma vasta pesquisa, de modo a determinar que vários estrondos igualmente sem explicação foram relatados no século XIX na região compreendida entre a área costeira da Islândia e a baía de Biscay. Van den Broeck acreditava que a mais provável energia por trás daqueles sons era um tipo especial de descarga de eletricidade atmosférica — um tipo de trovão não originado de nuvens.

Enquanto os meteorologistas defendiam a teoria atmosférica, os geólogos estavam convencidos de que os ruídos estavam associados a terremotos, provavelmente emanando das zonas internas do núcleo fundido da Terra, onde se acredita que imensas quantidades de rocha líquida ou magma fluem constantemente. Outra teoria naturalista, defendida pelos oceanógrafos do início deste século, sustenta que as regiões litorâneas e deltas dos rios eram mais suscetíveis à ocorrência dos sons registrados, porque a causa desses ruídos estava no assentamento da terra sob o constante acúmulo de peso do sedimento arrastado para o mar. A última, e nem por isso a menos importante das hipóteses defendidas, era a idéia de que uma falha em uma camada geológica deslocada por um movimento em grande escala e pela explosão de rochas por indução térmica acentuada tivesse causado o fenômeno.

De fato, o passar do tempo e a evolução do conhecimento científico parecem ter abalado essas

explicações. A existência do trovão sem nuvens proposto por Ernest Van den Broeck não foi confirmada nem contestada por meio de testes, a despeito das numerosas tentativas. Embora seja verdadeiro que o interior liquefeito do núcleo da Terra costuma emanar ondas de terremotos, hoje sabemos que tais tremores nem sempre — quase nunca — coincidem com a erupção dos estrondos semelhantes a artilharia batizados de “canhões de Baris”. Hoje podemos afirmar com certeza que os deltas dos rios não constituem regiões especiais ou especialmente características de sons, o que põe um fim na teoria do “acúmulo de sedimentos”. E, finalmente, como as terras baixas do delta do rio Ganges não sofrem de variações de temperatura extremas necessárias para fraturar camadas geológicas, a última das hipóteses levantadas mal pode ser proposta.

Enquanto no século XIX houve diversos relatos de abalos atmosféricos, essas explosões e estrondos extraordinários por certo se tornaram mais freqüentes nos últimos e misteriosos noventa anos. Durante as décadas de 1920 e 1930, moradores da região norte do estado de Nova York acostumaram-se a um som que batizaram de “canhões do lago Sêneca”. De acordo com um pesquisador, a direção de que os sons vêm era sempre incerta e, sempre que os observadores se dirigiam em direção da localidade de onde supõem que os sons tivessem partido, as detonações começavam em outro ponto. Outro exemplo norte-americano pode ser indicado na região do vale do rio Connecticut, entre as cidades de Moodus e East Haddam. Nesses casos, choques produzidos por explosões aéreas de fato sacudiram casas de uma forma tão violenta que muitos dos moradores se referiram a elas como terremotos.

Ainda assim, nenhum dos outros sinais geralmente associados a terremotos estava presente nessas explosões em Moodus, o que leva alguns especialistas a questionar se os tremores de terra tradicionais foram realmente a causa ou um efeito daqueles sons.

No inverno de 1977, habitantes da Costa Atlântica dos Estados Unidos tiveram muitos exemplos de detonações em céu claro, poucas das quais podiam ser atribuídas ao rompimento da barreira do som pela linha aérea do Concorde britânico que iniciara suas controvertidas travessias atlânticas, apesar da censura da opinião pública norte-americana.

Embora fosse provado que camadas atmosféricas de temperaturas e densidades específicas pudessem conduzir sons a distâncias maiores, muitos oficiais de aviação duvidaram de que o Concorde fosse a causa responsável por mais de uma pequena percentagem das explosões ouvidas nos céus das cidades da Costa Leste.

Na mesma década, estrondos anormais no céu na região ocidental da Inglaterra e do País de Gales vinham sendo atribuídos aos testes da primeira linha supersônica do mundo. Contudo, não havia como atribuir aos vôos do Concorde qualquer responsabilidade pela explosão bizarra ocorrida nas montanhas Berwyn, próximo a Llandrillo, em Clwyd, logo depois das 8h30min de 23 de janeiro de 1974.

Testemunhas próximas ao epicentro da explosão afirmaram ter visto um raio azul-esverdeado cortar o céu imediatamente antes de o enorme estrondo ser ouvido. Achando que um avião colidira com uma montanha, a polícia iniciou uma busca, mas não encontrou nem destroços de um acidente aéreo nem sinais da queda de um meteoro. Entretanto — o que parece inacreditável —, mais tarde uma unidade sismológica, com base no Instituto de Ciências Geológicas de Edínburgh, registrou um tremor da magnitude de 3,54 graus da escala Richter, cujo centro localizava-se exatamente no ponto próximo a Llandrillo, onde ocorreu o fenômeno aéreo. Esse evento fora do comum, nunca explicado, repetiu-se dois anos e meio depois quando, na noite de 6 de agosto de 1976, habitantes da mesma área do País de Gales presenciaram aterrorizados uma imensa explosão no céu acompanhada de estranhas luzes aéreas. Soube-

se mais tarde que a explosão foi ouvida em um raio de 16 quilômetros e que, próximo ao seu centro, ela foi tão violenta, que, nas palavras de uma testemunha, o senhor V. C. Worthington, “a terra foi sacudida como se pelo impacto de algo muito pesado”. Muitos dos habitantes do local afirmaram mais tarde que o céu sobre as montanhas Berwyn adquiriu uma luminosidade brilhante, permanecendo assim por muitos minutos, ainda que, também nesse caso, uma ampla investigação não viesse a revelar a causa aparente de tal acontecimento.

Não se sabe se o curioso fenômeno das detonações estrondosas em céu claro possui uma origem natural ainda não descoberta ou uma causa sobrenatural. Se os cientistas tivessem aplicado tempo e energia à pesquisa desse fenômeno, talvez logo surgisse uma resposta. Contudo, como em muitos outros casos inexplicáveis, não houve tal interesse. Noventa anos depois de detectados pela primeira vez, os canhões de Baris do delta do Ganges continuam tão misteriosos como nunca.

Jack, o Saltador{2} : homem ou monstro?

Alguns diziam que era um super-homem, outros, um demônio. No apogeu de sua terrível carreira, ele foi tão infame e temido como seu quase-homônimo Jack, o Estripador; nesse ponto, contudo, terminam as comparações entre os dois. Hoje em dia é difícil acreditar que ele tenha realmente existido, mas, se as histórias forem fidedignas, podemos dizer que Jack, o Saltador, não era humano.

Embora as linhas a seguir lembrem a introdução de um romance sensacionalista barato ou uma história infantil em quadrinhos, elas descrevem com perfeição os absurdos reais cometidos por uma figura cuja aparência fora do comum, porém real, aterrorizou a Inglaterra vitoriana e eduardiana, de Londres a Liverpool. Conhecido pelo apelido de Jack, o Saltador, o extraordinário personagem, que vestia uma capa, voava dando grandes saltos, pulava muros e portões altos com incrível facilidade, resistindo sem esforço a todas as tentativas de prisão empreendidas pela polícia e forças armadas.

Jack foi visto pela primeira vez em Barbès Common, na região de Londres, durante três noites consecutivas, em fevereiro de 1837. Nessas primeiras aparições, ele sempre saltava sobre homens ou mulheres sozinhos ou casais que estivessem caminhando por ruelas escuras. Muito embora não haja nenhum registro de violência ou roubo, os encontros foram todos realmente assustadores. A simples visão do semblante demoníaco e dos olhos vermelhos e brilhantes de Jack, o Saltador, era suficiente para fazer com que as mulheres desmaiassem e suficiente para deixar seus acompanhantes tremendo de medo.

Alertadas do fenômeno, as autoridades policiais atribuíram a história a uma molecagem qualquer — até que um dos oficiais de polícia viu a criatura em pessoa e confirmou que os relatos sobre sua aparência fantasmagórica eram todos extremamente reais. Além disso, o agente de polícia viu com seus próprios olhos a habilidade demoníaca do fantasma de saltar sobre um muro de mais de quatro metros em um simples ato de desafio à gravidade.

Um ano depois, ele foi visto assombrando as ruelas do bairro de Bow, tendo, em uma dessas ocasiões, atacado uma mulher chamada Jane Allsop. Recordando mais tarde sua experiência diante de juizes em Lambeth, Jane descreveu seu assaltante como alguém horrivelmente desfigurado, com olhos brilhantes como bolas de fogo. Esses mesmos detalhes foram mencionados por ocasião de todas as aparições do extraordinariamente ágil fantasma no sul da Inglaterra e nos condados centrais desse país durante as décadas de 1850 e 1860. Os jornais denominaram Jack de o Inimigo Número Um, e lorde Mayor de Londres reconheceu o monstro oficialmente, oferecendo uma recompensa substancial a qualquer um capaz de prendê-lo. A medida que as aparições foram se deslocando de Londres para os condados do interior, formaram-se grupos de vigilantes para capturar o monstro e, em uma certa ocasião, o idoso duque de Wellington foi pessoalmente a cavalo ajudar nas caçadas.

Tudo isso se mostrou inútil. Na década de 1870, autoridades do exército de Aldershot mandaram instalar armadilhas depois de serem informadas de que sentinelas foram atacados por um homem com olhos brilhantes e mãos geladas capaz de transpor um muro de mais de quatro metros de altura. Quando conseguiram encurralá-lo, atiraram nele várias vezes à queima-roupa, mas a criatura deu um salto para longe gargalhando sem deixar uma gota de sangue no local onde fora baleada. Todos os que presenciaram

essa cena concordaram com a opinião do *London Morning Post*, de que o intruso não era um mortal como nós. Quatro meses depois, a criatura foi novamente encurralada e fuzilada, nessa ocasião por cidadãos de Newportin, porém uma vez mais escapou ilesa, aparecendo logo em seguida, sete dias depois, dessa vez para fugir de uma turba na cidade de Londres.

O ano de 1877 marcou a última aparição de Jack, o Saltador, na era vitoriana e, com o passar dos anos e o enfraquecimento da memória, as pessoas começaram a duvidar de que ele tenha outrora realmente existido. Contudo, sua mais espetacular aparição ainda estava para acontecer. Na tarde de 10 de setembro de 1904, a polícia do distrito de Everton foi chamada para investigar relatos surpreendentes de uma figura estranhamente vestida que foi vista correndo pelos telhados de algumas casas com terraço. Quando chegaram ao local do ocorrido, centenas de pessoas reuniram-se para ver a atuação extraordinária de atletismo sobre-humano. No alto, o homem, aparentemente desafiando a gravidade, ia saltando de um edifício para outro, percorrendo distâncias de mais de dez metros a cada salto. Ignorando os pedidos para que descesse, ele enfim agachou-se como um gato e, em um tremendo ato de esforço, saltou cruzando a rua, desaparecendo atrás das casas do outro lado. Todas as tentativas feitas para encontrar o homem naquele dia foram inúteis, e ele não foi mais visto desde então.

Noventa anos após sua última aparição, o que pode ser dito a respeito dessas histórias fantásticas? Seria mais confortável relegar Jack, o Saltador, a um produto da histeria de massa ou de imaginação desenfreada, ainda que o grande número de testemunhas — especialmente em setembro de 1904 — enfraqueça esse argumento racionalista. Sua habilidade prodigiosa de impulsionar-se para cima e através de grandes distâncias poderia — a não ser que os relatos fossem absurdamente exagerados — parecer impossível, mesmo para o mais qualificado dos atletas humanos, e o período durante o qual suas aparições ocorreram necessariamente anula a hipótese de tratar-se de atividades de uma só pessoa.

A possibilidade de que Jack tenha sido realmente um alienígena de origem extraterrestre foi aventada pelo *lobby* da ufologia. Mas contra ela há o fato de que nenhuma das descrições desse fenômeno registradas até hoje coincide com as dos alienígenas feitas ultimamente por testemunhas envolvidas em encontros diretos. A mais plausível de todas as explicações parece a de que Jack, o Saltador, foi um fantasma ou uma entidade de outra dimensão, muito embora, contrariando essa hipótese, deva ser lembrado que, durante os seus períodos conhecidos de atividade, ele usou sua força e velocidade para resistir à captura, e não recursos típicos de aparições fantasmagóricas.

Na verdade, não há uma explicação remotamente satisfatória para esse caso, e é provável que se trate de um enigma que nunca seja resolvido. A menos que, é claro, ele decida retornar...

As chamas do céu

Na manhã de 26 de fevereiro» de 1905, a força policial do condado de Hampshire foi chamada para investigar um estranho incêndio que aniquilou um casal de idosos residente no pequeno povoado inglês de Butloeks Heath., nas proximidades de Southampton. Os corpos carbonizados do senhor Edward Kiley e de sua esposa foram encontrados pelos bombeiros após os vizinhos terem avistado fumaça saindo do bangalô do casal. O socorro chegou muito tarde para salvá-los, porém o que chocou mais profundamente os bombeiros não foi propriamente o falecimento do casal, mas as circunstâncias de sua morte. Embora os corpos do senhor Edward Kiley e de sua esposa tenham sido consumidos pelas chamas a ponto de não se poder mais reconhecer sua forma humana, o tapete, as cortinas e outros materiais inflamáveis no quarto à volta do local onde os dois morreram permaneciam, na sua grande parte, em perfeito estado. Além disso, a ausência de chamas ou de causas aparentes de incêndio desafiava qualquer explicação lógica. No inquérito que se seguiu, fotografias das figuras enegrecidas dos Kiley, ainda sentados em suas poltronas favoritas, gelou o sangue dos jurados, e o médico-legista só conseguiu comentar que o casal provavelmente perdeu suas vidas por obra de algum tipo de acidente, embora “não esteja clara a maneira como aconteceu”.

O incidente de Butlocks Heath não é de modo algum o único desse tipo. A cada ano surgem, em todos os cantos do mundo, notícias de pequenos, porém, significativos grupos de tragédias relacionadas a incêndios que não se enquadram em qualquer categoria reconhecível. Frequentemente, por serem tão bizarras as circunstâncias dessas mortes, elas permanecem sem classificação, enquanto, em outros casos, o simples fato de terem ocorrido é oficialmente ocultado. A combustão humana espontânea, a auto-incineração gerada no interior do próprio corpo, é um mito nos órgãos oficiais que lidam com casos desse tipo. Tão grave é a determinação de ocultá-los e tão ampla é a conspiração para camuflar os indícios de sua realidade que, no decorrer dos anos, médicos, cientistas, patologistas, policiais, enfermeiras e membros do corpo de bombeiros e dos serviços ambulatoriais envolveram-se todos, em diversas ocasiões, em uma extraordinariamente intrincada rede de fraudes. A ocultação desses fatos visa, claramente, a proteger o público em geral do conhecimento dessa forma aflitiva e imprevisível de perigo natural. As verdadeiras razões são, no mínimo, mais complexas.

A combustão humana espontânea (CHE) [\[3\]](#), a despeito de ser uma das mais horríveis formas da morte, é, de fato, impossível; impossível no sentido de que seus diversos paradoxos desafiam virtualmente todas as leis estabelecidas da física.

“Um fato contrário à natureza” foi como um médico habilmente se referiu a ela, e tão grandes são suas contradições à lógica, que a maioria dos cientistas se sente inibida em realizar estudos experimentais. Simplesmente não há como o tecido humano gerar os altíssimos níveis de calor necessários à calcinação da estrutura óssea, embora esse fato esteja sempre presente em casos de CHE, mesmo quando as vítimas tenham sido incineradas e suas roupas permaneçam intactas. Hoje em dia, dois séculos depois desse fenômeno ser identificado por médicos, poucos profissionais da medicina encontram-se aptos a discuti-lo, e a maior parte da população ignora tranqüilamente essa presença mortal em nosso meio. Apenas os amigos e parentes das vítimas e aqueles que testemunharam diretamente seus

efeitos terríveis conhecem o fenômeno.

Exemplos da ocultação dessas ocorrências são facilísimos de encontrar. Em 1972, um cientista forense, o doutor Keith Simpson, foi entrevistado por jornalistas após investigar a horrível combustão de Edith Thompson, uma mulher que se transformou em uma bola de fogo diante dos olhares estarecidos de diversas testemunhas em um velho edifício público. Ignorando o aspecto bizarro da morte da mulher, o cientista simplesmente negou qualquer prova do fenômeno de CHE, alegando que, em quarenta anos de prática médica, jamais se deparou com uma morte por fogo que não pudesse ser explicada racionalmente. Em vez de realizar investigações complicadíssimas, alguns oficiais preferiram apresentar explicações naturais ridículas.

Quando, em janeiro de 1979, o corpo de uma viúva em Yorkshire foi encontrado inteiramente queimado dos joelhos para cima, um porta-voz da polícia insistiu que algo originado no fogão aberto teria atingido a mulher, a despeito de não haver nada na grelha. Da mesma forma, o breve inferno que consumiu outra mulher de Yorkshire em 1981 foi ridiculamente atribuído a um cigarro aceso, apesar de a mulher não fumar.

Essa recusa oficial em reconhecer as provas freqüentemente irrefutáveis é desanimadora, pois aqueles que ficaram de luto por causa de uma situação tão fora do comum certamente se viram envolvidos em uma confusão de superstições e boatos sobre punição divina, enquanto, ao mesmo tempo, é negada qualquer esperança de chegarem a um acordo a respeito do que sabem. Testemunhas podem ser pressionadas a mudar seus depoimentos de modo a adaptá-los a uma explicação natural, havendo inclusive indícios de que algumas delas tenham enlouquecido ou mesmo se suicidado.

Qualquer que seja a alegação dos especialistas, a combustão humana espontânea definitivamente existe, e as pessoas que estudam os paranormais já reuniram centenas de exemplos testemunhados em todo o mundo ocorridos no século XX.

Dentre eles, talvez o mais arrebatador seja o das pessoas que sofreram um ataque de chamas desse tipo e sobreviveram a ele. Embora seja um fato extremamente raro, não se pode mais duvidar de que essas combustões parciais ocorrem. Em dezembro de 1916, o norte-americano Thomas Morphey, proprietário de um hotel em Dover, Nova Jersey, encontrou sua governanta, Lilian Green, ardendo no chão da sala de estar; ela ainda estava consciente, porém incapaz de dar-se conta das chamas que em instantes engolfaram-na.

Em 1942, Aura Troyer, escriturária de um banco em Illinois, foi encontrada em chamas no local onde estava trabalhando. Falando mais tarde sobre sua provação, Troyer só conseguia dizer que “aconteceu em um piscar de olhos”.

As duas vítimas sofreram lesões muito sérias no corpo inteiro. Raríssima sorte teve outro norte-americano, Jack Angel, que, em novembro de 1974, foi inexplicavelmente incendiado enquanto dormia no seu *trailer em Savannah*, no estado da Geórgia. Angel foi dormir em 12 de novembro e acordou quatro dias depois com sua mão direita carbonizada e com diversas queimaduras menos sérias em seu peito, pernas e costas. Não havia vestígios de fogo no veículo, e Jack Angel não conseguia lembrar-se de nenhum detalhe do incidente. Outra pessoa a sofrer um ataque do fogo misterioso foi a senhora Jeanna Winchester, que irrompeu em chamas no seu carro em Jacksonville, na Flórida, em 9 de outubro de 1980. Apesar de Winchester ter sofrido queimaduras graves, o estofamento de couro branco em que ela estava sentada não foi danificado. Investigando o incêndio, o agente de polícia T. G. Hendrix comentou que

nunca vira algo parecido em seus 12 anos de serviço. No hospital, várias semanas mais tarde, a senhora Winchester, falando sobre o seu sofrimento, relutou em admitir que o fato resultasse da combustão humana espontânea. “A princípio, achei que devesse haver uma explicação lógica, mas não consegui encontrar nenhuma. Então imagino que era realmente eu quem queimava. Mas por que tinha de ser eu?”

A senhora Winchester não é a primeira pessoa a fazer a si mesma essa pergunta, pois, como a existência da CHE está prestes a ser finalmente estabelecida, foi muito menos fácil imaginar a possível causa. Alguns acreditam que ela está relacionada a anomalias do campo geomagnético; outros, a fenômenos atmosféricos tais como globos de luz. Contudo, há uma terceira corrente de opiniões afirmando uma possibilidade muito mais aterrorizante — a de que a força por detrás da bola de fogo interna é dirigida por uma inteligência maligna.

Mais uma vez o ano de 1905 proporciona um exemplo inglês que foi usado por vários escritores a fim de promover essa teoria. Em dezembro daquele ano, uma série de eventos fora do comum, culminando com o sacrifício de mais de 250 galinhas e gansos em uma fazenda em Linconshire, próxima a Binbrook, iniciou-se na mesma semana em que uma jovem atendente irrompeu em chamas na cozinha do reverendo A. C. Custance, que morava em um distrito vizinho. Nem a morte da garota e muito menos os ataques aos animais foram satisfatoriamente explicados. Toda as aves foram executadas da mesma maneira horrível: a pele em volta de seu pescoço foi puxada da cabeça ao peito e suas traquéias, tiradas de sua posição original e quebradas. Seria possível, indagavam alguns teóricos, que uma entidade invisível com a mente maligna e sádica tenha destruído sistematicamente as vidas da garota inocente e das criaturas inofensivas, assassinando-as de maneira tão repulsiva — respectivamente pelo fogo e estrangulamento?

No livro *Lo!*, Charles Fort, veterano colecionador de anomalias, afirma claramente sua suspeita de que um ser de apetite incendiário manifestou-se por algum tempo na Inglaterra rural eduardiana. “Se aceitarmos o fato de que algo estava assassinando galinhas de maneira selvagem na fazenda de Binbrook, teremos de admitir também que alguma coisa que reconhecemos como um ser esteve lá.” Da garota Fort diz o seguinte: “...sem que ela soubesse, algo às suas costas estava queimando-a e a moça não tinha consciência de sua pele chamuscada.”

Não é difícil entender por que muitas pessoas tinham dificuldade de aceitar as conjecturas de Charles Fort. Mas, o que quer que achemos de sua análise, não se pode mais questionar seriamente a existência da combustão humana espontânea.

A síndrome de Jonas

De acordo com as definições dos dicionários, uma coincidência ocorre quando dois ou mais acontecimentos compartilham correlações de tempo, lugar e circunstância excêntricas. Os matemáticos tradicionais sustentarão sempre que as coincidências são ao mesmo tempo naturais e previsíveis, pois, como há milhões de pessoas no mundo fazendo bilhões de coisas todos os dias, é perfeitamente óbvio que eventos totalmente desconexos porventura se ajustem com perfeição de uma forma que de certo pode parecer espantosa às partes envolvidas. Vistas dessa perspectiva, as coincidências tornam-se pouco mais que ocorrências naturais e inevitáveis. Entretanto, apesar das convicções sem graça dos matemáticos, as pessoas surpreendidas por coincidências sinistras continuam obstinadamente a não admiti-las, como fazem os meus colegas escritores que tornaram seu ofício estudar o fenômeno excêntrico da sincronicidade.

Talvez a mais forte prova de que existe uma força subliminar entre as coincidências sejam as manifestações do azar. Essa forma especial de coincidência ininterrupta ocorre quando um fator — uma pessoa, um objeto ou mesmo um nome ou número — cai em uma teia de variáveis entrelaçadas que totalizam mais do que meros agrupamentos de possibilidades. De um modo geral, essas coincidências tendem a fazer mais mal do que bem.

De todas as manifestações do azar, a Síndrome de Jonas é de longe a mais estranha; é por meio dela que indivíduos sem sorte se tornam o foco de eventos trágicos, permanecendo pessoalmente imunes. Sem ser afetados, eles inexplicavelmente causam acidentes, doenças e trazem a morte àqueles com quem moram ou trabalham; as pessoas dotadas dessa dádiva indesejável de promover a miséria freqüentemente são desprezadas pela sociedade e equivocadamente acusadas dos crimes mais hediondos.

A mais infame representante da Síndrome de Jonas — e provavelmente a mais prodigiosa no que diz respeito ao nível de infortúnio que disseminou — foi Mary Tifo', uma jovem servente norte-americana que, ao que parece, foi a responsável por uma epidemia que aniquilou aproximadamente quarenta mil pessoas no início deste século.

A história de sua contaminação começou em 1906, quando membros de diversos lares abastados de Nova York foram atacados pelo tifo. Descobriu-se que uma mulher chamada Mary trabalhara como cozinheira em todas as residências afetadas e, ao mesmo tempo em que não conseguiam explicar sua imunidade ao tifo, os inspetores de saúde consideraram-na a causa da disseminação da doença. Ela foi aprisionada por três anos em uma cela isolada. Entretanto, durante seu encarceramento todos os testes para comprovar a opinião dos inspetores tiveram resultados negativos, e Mary foi por fim posta em liberdade com a condição de jamais trabalhar como doméstica novamente. Quis o destino que ela não cumprisse tal recomendação. Cinco anos depois, numerosas pessoas ficaram doentes de uma hora para outra no hospital-maternidade do município de Sloane. O tifo foi detectado e a desafortunada Mary descoberta trabalhando nas cozinhas sob outra identidade. Ela foi novamente detida, desta vez sem condicional. Mary 'Tifo' passou o resto dos seus dias em um confinamento solitário, sofrendo a injúria de ser considerada uma das mais infectantes assassinas de todos os tempos.

Hoje, entretanto, alguns profissionais da medicina já duvidam que a jovem fosse a causa das irrupções de tifo. Qual o motivo, por exemplo, de ninguém ter sido infectado durante os vários anos em que ela exerceu ofícios nos quais se manuseia comida? Por que o tifo nunca foi detectado em seu corpo em todos os testes realizados ao longo de vários anos? O mistério jamais foi elucidado, mas o fato indiscutível é que Mary ‘Tifo’ estava sempre no ‘epicentro’ de todas as irrupções. Poderia ter sido apenas excessiva falta de sorte de Mary, uma vítima inconsciente de uma força muito mais letal e misteriosa do que a febre tifóide?

Nunca saberemos com certeza se a jovem norte-americana foi de fato uma representante da Síndrome de Jonas.

Contudo, poucos poderiam duvidar de que Jeanne Weber realmente fosse digna desse título. Weber, uma francesa de classe baixa, recebeu a alcunha de ‘O Bicho Papão’, pela sua habilidade, à primeira vista inconsciente, de levar à morte as crianças de que tomava conta. Em 1906, ela foi acusada do assassinato de quatro meninos, dois deles seus filhos. Cada criança expirou sob seus cuidados, apesar de os indícios médicos demonstrarem que ela era inocente, já que as investigações registraram as mortes como resultantes de causas naturais isoladas e sem relação entre si. Contudo, sua absolvição em 1906 não marcou o final da história. Vários meses antes de ser libertada da prisão, Jeanne ficou na casa de uma amiga que tinha um filhinho. No segundo dia de sua visita, a criança sufocou-se e morreu sentada em seu colo. Mais uma suspeita recaiu sobre ela, que foi acusada de infanticídio. Todavia, após dois julgamentos que não apontaram qualquer sinal de uma ligação entre Jeanne e a *causa mortis*, ela foi libertada.

Enquanto os dois casos de 1906 continuam a ser os exemplos mais famosos da Síndrome de Jonas, os leitores que duvidam da existência desse fenômeno não deveriam cometer o engano de acreditar que enigmas médicos semelhantes não ocorram hoje em dia.

Em fevereiro de 1980, um talento análogo de promover males repentinos e a morte entre os jovens foi apresentado pela senhorita Christine Fallings, de 18 anos, que sofria de epilepsia e que nascera em Blounstown, na Flórida. No segundo dia daquele mês, Fallings, que trabalhava como *baby-sitter para* ganhar algum dinheiro extra, telefonou para a polícia a fim de comunicar a morte de um bebê sob seus cuidados. A causa da morte do menino foi encefalite, uma espécie de inflamação do cérebro. Um ano e um dia mais tarde, tendo se mudado para Lakehand, Christine Fallings presenciou desnorreada dois jovens irmãos entrarem em convulsão no momento em que foram apresentados a ela. Os meninos se recuperaram em um hospital, mas uma outra criança sob seus cuidados faleceu de miocardite, uma afecção cardíaca. Na semana seguinte, outra afilhada sua terminou da mesma maneira. Finalmente, em 12 de julho de 1981, uma garotinha morreu nos braços de Christine Fallings momentos depois de receber uma dose de vacina contra coqueluche. Após essa última tragédia, a adolescente desistiu de trabalhar com crianças. Vários tipos de testes médicos foram feitos na senhorita Fallings, mas nenhum concluiu que ela fosse portadora de algum tipo de doença transmissível conhecida.

1907

Um fantasma que buscou justiça

Como o fantasma do pai de Hamlet, que percorria as ameias do castelo de Elsinore exigindo que seu filho o vingasse de seu assassino, muitos fantasmas retornaram com o propósito explícito de buscar justiça.

Em outubro de 1907, a senhora Rosa Sutton, de Portland (Oregon), recebeu uma carta de seu filho James, tenente da Marinha norte-americana, radicado na Academia Naval de Anápolis, em Maryland. Apesar de o conteúdo da carta de James Sutton não dar sinal de qualquer problema, sua mãe viu-se repentinamente arrebatada por uma intensa sensação de angústia e temor por seu filho. Devido a uma razão inexplicável, a senhora Sutton tinha certeza de que ele corria um grande perigo.

Seu médico e seus parentes cuidaram de tranquilizá-la, mas no dia seguinte chegou outra carta que confirmou sua premonição terrível. O tenente Sutton envolveu-se, como dizia a carta, em uma briga de bêbados com alguns amigos depois de uma festa. Enfurecido por um insulto, voltou ao quartel para pegar uma pistola e, durante uma tentativa de prisão, a arma disparou, atingindo-o. Mais do que um acidente, sua morte ia ser arquivada como suicídio.

Mas essa notícia não seria o único choque que ela receberia naquele dia. Um pouco antes de a morte de seu filho ser anunciada, ela percebeu a presença de um vulto fantasmagórico trajando um sobretudo da Marinha em pé em um canto do quarto. “Naquele instante”, escreveu mais tarde a senhora Sutton, “o meu jovem Jimmy colocou-se à minha frente e disse com muita clareza: ‘Mamãe, eu nunca me suicidaria... minhas mãos estão tão limpas como quando eu tinha cinco anos.’” A aparição sumiu, sem dizer mais nada. A senhora Sutton desmaiou como morta. Ao se recuperar, visualizou claramente as circunstâncias reais da morte de seu filho. Através de seu sexto sentido, ela então soube que ele fora atacado pelas costas por homens que o golpearam na cabeça com a coronha de um revólver, chutando-o em seguida no rosto e costelas repetidamente. Um dos homens pegou então a pistola do tenente e o matou. Daquele momento em diante, apenas uma prioridade passou a ocupar a mente da senhora Sutton: limpar do nome de seu garoto morto qualquer traço de desonra.

Como o senhor Sutton não compartilhara da visão de sua esposa, ele supôs que o choque houvesse induzido a senhora Sutton a ter uma alucinação. Mas quando, nas semanas seguintes, ela alegou ter recebido outras visitas do filho morto nas quais ele descrevia em detalhes bastante realistas os homens que o atacaram, seu marido começou a mudar de idéia. Ele enfim se convenceu da presença psíquica de Jimmy quando sua filha mais nova, Daysi, falou de um sonho em que seu irmão mostrou a ela a fotografia de um homem chamado Utteley, que era supostamente o assassino que liderava a gangue. Pouco tempo depois, quando a família recebeu uma foto de James Sutton em meio aos oficiais de seu grupo, Daysi reconheceu imediatamente o homem com quem sonhou. Por certo, as averiguações provaram que era realmente o tenente Utteley, o oficial mencionado no sonho.

E assim, impelida pelas materializações insistentes de seu familiar morto, a família Sutton recorreu à legislação militar para que o caso de seu filho fosse reaberto. Foi um processo difícil, mas finalmente, em 1909, quando o corpo de James Sutton foi exumado do Cemitério Nacional de Arlington e

reexaminado pelos patologistas da Marinha dos Estados Unidos, ficou provado que o jovem oficial fora violentamente espancado no rosto e no peito, confirmando o relato da aparição.

Esse alarmante e novo indício conflitava com o testemunho anterior dos médicos da Marinha responsáveis pelo inquérito da morte do tenente Sutton e pôs em questão o veredicto de suicídio a que chegou o tribunal. Entretanto, isso não foi o suficiente para incriminar os homens mencionados pelo fantasma do oficial como seus assassinos. Como o depoimento indireto de um espírito desencarnado não podia ser admitido em um tribunal, a família Sutton teve de se contentar com a restauração parcial da honra de seu ente querido. Quanto ao próprio James Sutton, ficou aparentemente satisfeito, pois nunca mais ressurgiu em forma fantasmagórica.

Fantasmas que retornam para se vingar de suas mortes parecem mais um assunto de ficção histórica do que de realidade. Ao contrário do que a maioria das pessoas pode pensar, os representantes do mundo espiritual têm ajudado a polícia a descobrir seus próprios assassinos. O agora famoso caso que ocorreu na cidade de Evanston (Illinois), em 1979, é um exemplo típico dessa ‘síndrome’.

O julgamento do assassinato brutal de uma certa Teresita Basa, enfermeira das Filipinas, morta a punhaladas em seu quarto dois anos antes é um exemplo. A princípio, havia aparentemente poucas chances de algum dia o crime ser resolvido. As evidências legais não eram conclusivas, e as investigações normais da polícia pouco contribuíram para a identificação do assassino. A única coisa clara era o motivo: roubo, pois as jóias caras de Teresita Basa desapareceram.

Muitos meses após o assassinato, as investigações da polícia sofreram uma reviravolta dramática e inesperada. Remy Chura, uma foniatra, espiritualista e amiga íntima da falecida, começou a ter o mesmo sonho repetidamente. Em tais visões noturnas, a forma espectral de Teresita aparecia sobre a cama de Chura pedindo à amiga que vingasse a sua morte. A enfermeira identificou seu assassino como Allan Showery, um ladrãozinho de miudezas que se fez passar por técnico de TV naquele dia fatídico em que foi chamado. De acordo com o fantasma dos pesadelos de Remy, Showery deu em seguida as jóias roubadas à sua namorada, cujo nome o fantasma também informou. Antes de desaparecer, Teresita sempre implorava à sua velha amiga que levasse essas informações à polícia.

Durante algum tempo, Remy Chura nada fez, certa de que suas palavras seriam ridicularizadas. No entanto, ela finalmente cedeu. Embora os oficiais responsáveis pela investigação de homicídio achassem a história de Chura fantástica, eles sabiam que Allan Showery era de fato um criminoso reincidente, por isso convocaram-no para averiguações. De início, ele negou que soubesse do crime, mas sua postura provocou suspeitas nos policiais, o que foi o bastante para dar ordem de busca no apartamento de sua namorada. A incursão revelou uma grande quantidade de bens roubados, inclusive um anel da coleção herdada por Teresita Basa. Sob pressão, Showery rendeu-se e confessou o assassinato, mas no julgamento alegou inocência a conselho de um advogado, que tinha certeza de que o testemunho de um fantasma seria descartado pelo tribunal. No julgamento, o depoimento legitimou a história. O advogado de defesa de Showery insistiu no fato de que o testemunho de um espírito desencarnado não era admissível. O juiz que presidia o tribunal decidiu de forma contrária. Em vista da prova condenatória de sua vítima invisível, Allan Showery mudou sua alegação para culpado, sendo condenado a 14 anos de prisão.

1908

O cataclismo em Tunguska

A manhã de 30 de junho de 1908 foi palco de um dos eventos mais extraordinários e misteriosos ocorridos desde a criação do mundo. Um objeto que se deslocava a uma velocidade assustadora, dotado de um grande poder destrutivo, arrasou a remota região de Tungus, no centro da Ásia siberiana, devastando uma área de aproximadamente 1,12 milhão de quilômetros quadrados em uma explosão sem paralelo na história da humanidade. Relatos da época dão conta de que o estrondo pôde ser ouvido a mais de oitocentos quilômetros a oeste, e suas vibrações foram sentidas até na Costa Oeste dos Estados Unidos. Leituras sísmicas na Grã-Bretanha registraram ondas de choque com a intensidade de terremotos, e o céu noturno na Europa ficou claro como se fosse dia. Todavia, o que é estranho é o fato de que somente em março de 1927 uma expedição foi enviada para investigar a explosão siberiana.

Liderada pelo famoso cientista da Academia Soviética de Ciências de Leningrado, [\[4\]](#) Leonid Kulik, a equipe russa ficou fascinada com os vários relatos que mencionavam um objeto cilíndrico estourando a meia altura, de uma explosão tão grande que varreu florestas inteiras e um rio, e de um vento quente que fez desaparecer construções e barracas, espantando rebanhos de renas. Embora os cientistas russos considerassem essas histórias exageradas, estava claro que algo muito fora do comum caíra na Terra em junho de 1908.

De fato, o que foi encontrado superou as expectativas de Kulik e seus homens. Quando alcançaram um ponto de observação na cordilheira de Khlandi, a 56 km da área onde presumiam que a explosão tivesse ocorrido, os cientistas se depararam com uma cena de absoluta devastação. Diante deles até o horizonte, entre 25 e 32 km de distância, árvores enormes foram derrubadas ininterruptamente e todas jaziam da mesma forma — na direção deles. Kulik se deu conta imediatamente de que se aquilo fosse o resultado da colisão de um meteoro na superfície da Terra, a cratera resultante seria de um tamanho prodigioso.

No entanto, para seu assombro, quando a expedição enfim atingiu o centro da explosão (à incrível distância de sessenta quilômetros dos primeiros sinais de devastação), eles encontraram, em vez de uma cratera, uma área arborizada intacta, ocupando uma circunferência de mais ou menos 1,6 km. Como não havia sinais de danos causados por impacto, era óbvio que a explosão ocorrera a alguns quilômetros acima do chão, de acordo com os relatos de várias testemunhas. Todavia, como esse comportamento não era comum em meteoros, qual seria sua verdadeira causa?

Apesar de visitar a região mais três vezes, Leonid Kulik jamais encontrou uma solução para o enigma. Na verdade, trata-se de uma questão que continua a confundir os cientistas ainda hoje, embora as teorias se multipliquem. Dentre elas, sem dúvida a mais controversa é a hipótese do veículo espacial. Nessa hipótese, postula-se que o incidente siberiano tenha sido causado pela explosão do reator nuclear de uma espaçonave extraterrena acometida de uma pane durante o voo. Embora possa parecer fantástico à primeira vista, a hipótese extraterrena vem sendo examinada por vários cientistas pelos motivos a seguir. Em primeiro lugar, dentre as centenas de relatos de testemunhas da catástrofe, muitos mencionaram um objeto vindo do céu fazendo manobras e variando o seu curso ao sobrevoar o lago Baykal. Se esses

relatos fossem precisos, poder-se-ia concluir que o objeto estava sob controle de um ser inteligente. Em segundo lugar, levantamentos aéreos da região afetada em Tungus revelaram fortes semelhanças entre o padrão da explosão local e o das cidades de Hiroshima e Nagasaki após o bombardeio atômico. A área central relativamente intacta era de todo perceptível. Da mesma forma, o “efeito de sombreamento” por meio do qual as variações naturais do relevo ajudaram a proteger tanto objetos animados como construções era aparentemente uma característica de cada uma das explosões. Em terceiro lugar, e o que é mais curioso, era o fato de novas espécies de plantas e animais surgirem e proliferarem na Sibéria, acontecendo o mesmo depois dos ataques a Hiroshima e Nagasaki.

Nos três casos, é admissível que as aberrações genéticas tenham sido causadas pela radiação. O último dos motivos apresentados, e talvez o mais impressionante deles, foi as testemunhas descreverem o pilar de fumaça que surgiu na Sibéria de forma semelhante ao maldito cogumelo hoje em dia tão familiar à espécie humana.

Alguns cientistas soviéticos estiveram na linha de frente dos defensores da hipótese extraterrena. Após observar que os testes com a bomba H realizados pelos Estados Unidos e pela ex-URSS durante a década de 1950 produziam perturbações magnéticas na alta atmosfera, provocando o acontecimento de luzes auroras no lado oposto do planeta, o doutor Vasilieyev, da Universidade de Tomsk, salientou que uma aurora tão impressionante fora vista por várias pessoas, dentre elas o explorador britânico Ernest Shackleton,^[5] durante uma exploração à Antártida em uma região que parecia ser o antípoda magnético de Tunguska, em 31 de junho de 1908. Outro russo, o professor Zolotov, já confirmara que os glóbulos de silicato encontrados incorporados à casca das árvores continham elementos exóticos, tais como o itérbio, cuja origem dificilmente pode ser terrena, podendo, no entanto, ser encontrado na fuselagem de um veículo interplanetário. Como Vasilieyev, Zolotov passou a acreditar na teoria da nave espacial.

Outra possibilidade — a mais plausível para a maioria dos cientistas — é a explosão de Tunguska ter-se resultado de um cometa, as famosas bolas de neve constituídas de gás e poeira espacial que eventualmente entram em nosso sistema solar na forma de estrelas com enormes prolongamentos posteriores incandescentes, permanecendo visíveis durante várias semanas ou meses antes de lançarem-se ao universo em sua viagem celestial infinita.

A possibilidade de um viajante interestelar imenso ter entrado no campo gravitacional da Terra não pode ser de todo rejeitada, e muito menos podemos descartar completamente a suposição inicial da maioria dos cientistas de que a explosão tenha sido gerada pela queda de um meteorito gigantesco. Contudo, a respeito do indício de que dispomos agora, ambas as soluções parecem estar profundamente comprometidas. Para começar, é possível que nenhuma das duas fosse capaz de explicar os relatos testemunhados que descreviam as mudanças de curso do objeto sobre o lago Baykal momentos antes de explodir. E, mesmo se tacharmos essas observações de inverossímeis, há uma infinidade de outras objeções. Como, por exemplo, poderia um cometa produzir uma explosão nuclear e provocar padrões de danos tão incomuns como os originados de um arma construída pelo Homem? E o que é mais significativo: parece impossível que a aproximação pretendida por esse monstro da Galáxia pudesse passar despercebida a mais de uma centena de observadores em todo o mundo que estavam em operação em junho de 1908, dos quais nenhum foi capaz de detectar qualquer objeto celestial estranho. Se, por outro lado, a fonte da devastação fosse um meteoro em aproximação, perguntaríamos por que o enorme amontoado de rochas se evaporaria a oito quilômetros sobre a floresta siberiana em vez de chocar-se e abrir uma cratera monstruosa da mesma forma que outros meteoritos fizeram no passado. Mesmo se aceitarmos que foi isso que aconteceu, não há explicação para a evidente ausência de fragmentos que devem ter resultado do esfacelamento de um objeto pesando vários milhares de toneladas.

E assim a história completa de Tunguska ainda não foi escrita. Podemos somente ficar certos — e eternamente gratos — de que a explosão ocorreu em uma das áreas de menor risco possível à vida humana. Além de umas poucas centenas de pastores, algumas fazendas de subsistência e de raros nômades, as perdas humanas foram mínimas. Se o desastre tivesse ocorrido em uma cidade como Nova York ou Tóquio, o tributo à morte teria sido contado em milhões, e mesmo se o objeto explodisse sobre o mar, seu efeito seria muito pior, pois criaria maremotos, cujas ondas imensas seriam comparáveis às que se seguiram à erupção vulcânica de Krakatoa trinta anos antes.

Em 30 de junho de 1908 o inundo teve sorte. Da próxima vez, a história poderá ser diferente.

1909

Uma onda de aeronaves sobre Massachusetts

A primeira onda de aparições de óvnis ocorrida neste século não se deu, como muitas pessoas erroneamente afirmam, em 1947, mas 38 anos antes. Em 1909, surgiram relatos na Europa, América do Norte, África do Sul, Japão, Nova Zelândia e muitas outras partes do mundo. Testemunhas desses eventos afirmaram ter visto objetos enormes, de forma alongada, com poderosos faróis de busca apontados para baixo, cruzando o céu noturno a uma altura prodigiosa. Apesar de as histórias desse tipo terem sido amplamente ridicularizadas pelas publicações jornalísticas e por céticos do gênero, esses testemunhos, mais tarde compreendidos, marcariam o início de um fenômeno que um dia arrebataria a imaginação das pessoas por todo o planeta. Como várias dessas aparições de óvnis foram observadas por muitos indivíduos, pode-se afirmar que não se trata de alucinações; e, como cidadãos de culturas diferentes separadas por milhares de quilômetros deram descrições praticamente idênticas, seria difícil atribuir as narrativas à histeria de massa ou à síndrome de mitificação urbana.

Um dos mais significativos relatos documentados dos Estados Unidos sucedeu em dezembro de 1909, quando policiais de serviço em Worcester (Massachusetts) que faziam a ronda durante a madrugada puseram-se em alerta ao ver uma luz incandescente flutuando no céu. Nas noites seguintes, o mesmo fenômeno foi avistado por moradores de duas outras cidades e, em 23 de dezembro, o objeto apareceu a uma altitude bem mais baixa em Boston. Muitos dos habitantes da Nova Inglaterra afirmaram mais tarde que seu brilho iluminara parcialmente um objeto muito maior de forma alongada, enquanto os relatos de outras testemunhas (que presumivelmente observaram a aeronave de um outro ponto de vista) falam de um objeto mais arredondado e com portinholas. Qualquer que fosse a sua aparência, a visão voadora reapareceu no dia seguinte e na noite de Natal, deslocando-se suavemente sobre os pequenos povoados a sudoeste de Newhaven, no estado de Connecticut. Depois das aparições na Nova Inglaterra, supôs-se que o misterioso visitante celeste fosse algum tipo de dirigível construído por um inventor excêntrico. Por pouco tempo suspeitou-se de um fabricante de equipamentos de engenharia de nome Wallace F. Tillinghast, que em uma ocasião declarara-se bem-sucedido na construção de uma máquina voadora. Os rumores cessaram quando se tornou evidente que o protótipo de Tillinghast jamais conseguiria sair do chão e que, de qualquer modo, qualquer um que se desse ao trabalho de comparar os relatos dos Estados Unidos com os colhidos no resto do planeta perceberia imediatamente que nenhum agente isolado poderia se responsabilizar por tal superabundância generalizada de aparições.

Especialmente a Nova Zelândia e a Inglaterra pareciam sitiadas por aqueles objetos em forma de charuto de diversos tamanhos por todo o ano de 1909. Durante as seis semanas, entre o final de julho até o início de setembro, centenas de pessoas fizeram relatos de aeronaves voando a baixa altitude sobre a Ilha do Norte e sobre a Ilha do Sul da Nova Zelândia, enquanto testemunhas em mais de quarenta cidades da Grã-Bretanha informaram avistar formas e luzes estranhas no céu à noite no período que foi da terceira semana de março até a segunda semana de maio.

Uma das mais célebres e típicas aparições britânicas naquela época foi avistada por um comissário de polícia, o oficial Robert Kettle, que foi alertado pelo rumor contínuo de um motor de alta potência vindo de cima durante sua ronda noturna pelas ruas de Peterborough nas primeiras horas de 23

de março. Ao olhar para o alto, o comissário Kettle pôde claramente distinguir a forma de uma aeronave de forma oblonga com uma luz brilhante em uma das extremidades deslizando silenciosamente sobre os telhados, perdendo-a de vista depois. Kettle disse mais tarde que, ao olhar para cima, foi capaz de ver homens acenando de uma seção menor da aeronave ligada à seção principal por uma espécie de cabo ou fio. Duas luzes se acenderam e irradiaram-se para baixo, iluminando o chão enquanto o veículo ganhava altitude e rumava na direção da cidade de Derby.[\[6\]](#)

Dentre esses encontros britânicos, o mais arrebatador foi o de um cidadão de Welsh, chamado Lethbridge, que alegou se encontrar com duas figuras de aparência curiosa de pé próximas a um ‘charuto’ aterrissado, enquanto caminhava à noite pelas colinas nos arredores de Caerphilly, Mid-Glamorgan. Usando capa e sobretudo de pele animal, os indivíduos, de aparência humana, “tagarelavam energicamente em um idioma estranho” antes de tomarem um susto por causa da testemunha que se aproximava e correrem de volta para a sua nave. O veículo então ascendeu ao céu rapidamente, deixando um rasto de ar quente que por pouco fez o cidadão de Welsh contrair seu corpo.

Nas décadas que se seguiram às aparições aéreas anormais durante 1909, houve muita especulação que visava a buscar explicações para os fenômenos a partir do ponto de vista humano. Uma hipótese se concentra em possíveis vôos de teste secretos de aeronaves conhecidas como zepelins, os grandes dirigíveis que mais tarde vieram a ser desenvolvidos pelos alemães. Embora nenhum documento secreto alemão que sustentasse essa teoria tenha sido encontrado, a caracterizante forma de charuto das naves (e a aparência definitivamente humana dos seus ocupantes, como foi avistado por Lethbridge) por certo parece se adaptar a ela. Contudo, o maior problema da hipótese do zepelim surge quando observamos a distância entre as áreas em que essas aeronaves foram vistas. Como é perfeitamente possível imaginarmos um protótipo de dirigível viajando da Alemanha a qualquer região da Grã-Bretanha, podemos afirmar com certeza que ainda não existe tecnologia que viabilize uma viagem da Europa à América do Norte ou à Nova Zelândia. Por mais desagradável que isso possa soar às pessoas que preferem negar a existência de óvnis, historiadores especializados naquele período há muito já admitiram que nenhum mecanismo projetado pelo Homem poderia ter sido responsabilizado por aquela bizarra onda de aparições de aeronaves que assolou o mundo no ano de 1909.

Tudo isso nos leva a mais uma questão: se não fomos nós que as mandamos, quem foi?

Regresso feliz

Mil novecentos e dez foi um ano importantíssimo na vida de Adela Samoa, a filha de um médico de Palermo, na Itália. O ano começou com tristeza quando sua filha, Alexandrina, então com cinco anos, morreu de tuberculose; mas terminou com a felicidade, pois Adela deu à luz duas meninas em dezembro. Devota da igreja católica, a mãe italiana pôde perfeitamente achar que sua gravidez se originava do céu, que era uma dádiva da abençoada Virgem Maria, a quem ela, em silêncio, destinava suas preces todos os domingos na catedral. Mas, para Adela, a ligação com a tragédia anterior não era simplesmente fortuita, e sim absolutamente essencial. Um mês depois de perder Alexandrina, a menina apareceu-lhe em um sonho embalando um bebê em seus braços e dizendo à mãe que voltaria logo. Adela imediatamente se convenceu de que com certeza estava grávida, a despeito de uma operação no ovário a que se submetera no ano anterior, que a tornara — na opinião de médicos especialistas — incapaz de engravidar novamente. Sentindo-se totalmente segura, a mãe acertou ao confiar em seu próprio instinto e, quando a primeira menina nasceu, em dezembro, viu que trazia marcas nos mesmos lugares que a falecida irmã, por isso deu-lhe o nome de Alexandrina, em tributo à memória da primeira filha.

De início, o marido de Adela pressupôs que o sonho de sua mulher fosse produto da sua tristeza, insistindo em que ela descartasse toda a expectativa de reencarnação. No entanto, com o passar do tempo, mesmo ele foi forçado a admitir que havia algo de extraordinário no ocorrido. A cada dia, a segunda Alexandrina parecia-se mais e mais com sua antecedente, brincando da mesma forma e detestando as mesmas comidas; além disso, como Alexandrina, ela era canhota, muito embora sua irmã gêmea não o fosse. Mesmo assim, só aos 11 anos de idade é que os Samoa passaram a acreditar piamente que se tratava de uma reencarnação. Em um certo dia da primavera de 1921, Adela disse às suas filhas que visitariam a cidade de Monreale na semana seguinte. Imediatamente, Alexandrina afirmou que já estivera lá e descreveu a cidade com incrível precisão. Era, segundo a menina, o lugar onde sua mãe vira ‘padres vermelhos’ que nunca avistara em Palermo. Quando sua mãe perguntou-lhe como ela sabia de todas essas coisas, Alexandrina mostrou-se surpresa e respondeu que a mãe a levava lá quando jovem, acompanhada por uma mulher, “a vizinha com cicatrizes na frente”. Adela sabia que nenhuma das gêmeas jamais visitara Monreale. Na verdade, a primeira vez em que esteve lá foi há muitos anos, com sua primeira filha e uma amiga que na época sofria de horríveis erupções de quistos na frente. Recordando aquele dia, Adela lembrou-se de que vira, no quarteirão principal da cidade, uma procissão de padres gregos com vestes vermelho-e-brancas, desconhecidas na Itália. A princípio, Alexandrina ficara especialmente interessada por eles. Daquele momento em diante, nada mais convenceria a mãe de que a alma de sua primeira filha não retornara a ela no corpo de sua segunda filha.

Esse incidente do começo do século XX é um dos muitos exemplos de crianças que conseguem se lembrar de acontecimentos de vidas anteriores, impossíveis de explicar a não ser que se aceite a reencarnação em uma nova forma. Um exemplo mais recente do Reino Unido carrega particularmente uma forte semelhança com a experiência dos Samoa. Em maio de 1957, duas irmãs, Joanna e Jacqueline Pollock, de onze e seis anos, respectivamente, foram atropeladas e mortas por um carro na calçada em sua cidade natal, Hexham, no condado de Northumberland. Logo após a tragédia, Jonh Pollock, o pai das garotas, teve a certeza (por motivos que ele nunca se sentiu plenamente capaz de explicar) de que suas

almas retornariam nos corpos de outras crianças. Por isso, em 1958, quando sua esposa Florence descobriu que estava grávida novamente, sua convicção de que ela daria à luz gêmeas tornou-se uma certeza. O sentimento de John Pollock era tão forte, que ele até mesmo discutiu com o ginecologista que informou à sua mulher que ela daria à luz a uma criança somente. Uma vez mais o instinto paterno provou ser a orientação mais confiável: em 4 de outubro, a senhora Pollock deu à luz duas meninas. Como no caso dos Samoa, marcas físicas reforçaram a convicção dos pais. Jennifer, a primogênita, possuía uma linha na fronte no mesmo lugar onde sua falecida irmã Jacqueline cortara-se gravemente ao cair de sua bicicleta; a menina também tinha uma marca na cabeça com o mesmo formato de uma mancha na pele da falecida filha. A outra gêmea, Gillian, não possuía qualquer marca de nascença, fato por si só bastante estranho, pois as gêmeas eram monozigóticas — originadas do mesmo óvulo.

No caso da família Pollock, e de sua equivalente italiana de cinquenta anos antes, foram as recordações que fizeram pender a balança para a crença absoluta na reencarnação. Quando as meninas tinham apenas quatro meses, a família mudou-se para a baía de Whitley, a alguns quilômetros de Hexham, e só veio a retornar a seu condado três anos mais tarde, quando John Pollock levou sua família a um passeio.

O marido e a mulher ficaram surpresos com o fato de suas jovens crianças demonstrarem tanta familiaridade com os parques e áreas de recreação freqüentados por suas primeiras filhas. Elas foram capazes de reconhecer até a estrada onde a família morava e a escola em que suas irmãs mais velhas estudaram. Esse passeio aparentemente ajudou a deflagrar mais lembranças nas mentes das meninas, já que, nas semanas seguintes, elas começaram a ter pesadelos de intensidade perturbadora. Nessas ocasiões, depois de acordar, elas eram sempre capazes de lembrar-se da forma repentina como morreram, que pôs termo às suas existências anteriores, e descreviam todos os detalhes do acidente com imagens precisas. Tais sonhos continuaram por algum tempo até que, aos cinco anos, Jennifer e Gillian não mais foram atormentadas pelo trauma. Hoje em dia, já adultas, as irmãs não se lembram de mais nada a respeito de suas vidas anteriores, mas John e Florence Pollock continuam convencidos de que suas falecidas filhas regressaram, exatamente como John o sentiu.

Presságios do destino

Os mitos e lendas de muitas civilizações ancestrais designam certos pássaros como pressagiadores da morte. Segundo as *Crônicas* romanas de Plutarco, sinais agourentos e presságios antecederam a morte de Júlio César, entre eles o chirriar assombroso de uma coruja empoleirada na praça principal da cidade, por volta da metade do mês de março. Mais tarde, nos funerais do imperador, um pássaro bastante estranho entrou voando no palácio de Pompéia carregando um ramo de louros em seu bico, sendo logo despedaçado por uma revoada de predadores nômades que surgiu de repente em vôo rasante. Igualmente, na peça *Macbeth*, de Shakespeare, o regicídio de Duncan é precedido pelo canto do “pássaro obscuro” que dura toda uma noite.

Hoje, a maior parte das pessoas do Ocidente escarneceriam fervorosamente de concepções como essas. Ainda assim, houve vários incidentes no decorrer deste século, que sustentam a noção de que pássaros pressagiadores do mal são mais do que uma superstição ultrapassada.

Os severos pássaros exterminadores foram vistos regularmente anunciando os últimos momentos de um determinado bispado inglês, a Sé de Salisbury. Segundo relatos medievais, cuja autenticidade não se pode garantir, enormes pássaros brancos de uma espécie incomum na Grã-Bretanha foram freqüentemente vistos sobrevoando o continente antes dos últimos dias do bispo de então. A primeira aparição dos imaculados pressagiadores de Salisbury ocorreu em 1414, quando uma revoada daquelas criaturas pousou no telhado da catedral para marcar o passamento do líder da igreja local. Elas foram vistas em muitas outras ocasiões, inclusive em duas oportunidades neste século. Um observador vitoriano classificou-as como albatrozes com asas de uma alvura ofuscante, enquanto outra testemunha do século XIX afirmou que elas voavam de uma maneira ‘rígida’ pelos céus assim como gaivotas excessivamente grandes. Contudo, talvez o mais convincente relato é o da senhorita Edith Oliver, uma solteirona de idade avançada que retornava para casa do ensaio do coral em que cantava na manhã de 15 de agosto de 1911, o dia em que o bispo de então, Harold Wadsworth, faleceu de maneira imprevista. Como a maioria dos paroquianos do local, a senhorita Oliver sabia do significado dos pássaros e, logo após avistá-los, pôs-se de volta à catedral de Salisbury para advertir seu superior espiritual. Era tarde demais: ao chegar a seu destino, soube que o bispo falecera subitamente de um ataque do coração.

Comentando mais tarde a sua experiência, Edith Oliver mostrou-se convicta de que as criaturas que avistara tinham uma origem verdadeiramente sobrenatural, rejeitando todas as sugestões de que elas pertenciam a algumas espécies comuns na Grã-Bretanha.

A despeito de terem sido as casas dos aristocratas as que mais freqüentemente atraíram os mais famosos presságios, essas visitas sobrenaturais não são de maneira alguma um privilégio de ricos e poderosos. Fred Podmore, um dos fundadores da Sociedade Britânica da Pesquisa Científica, escreveu sobre a filha de um médico que viu por várias vezes um “pássaro estranho, minúsculo e gracioso com a cabeça bem pequena” todos os dias da semana que precedeu o falecimento de um familiar seu. Nessas visitas regulares o pássaro batia na janela da casa para anunciar sua chegada; um fato bastante significativo é que nunca foi visto comendo e também não dava a mínima atenção à água e às migalhas de

pão que lhe deixavam. Depois do período de luto, o pássaro não foi mais visto.

Esse acontecimento singular, contado por Podmore, não é absolutamente o único do gênero. Durante anos, os autores interessados em curiosidades tomaram conhecimento de casos de revoadas de pássaros pousando em telhados de casas onde um falecimento era iminente ou acabou por acontecer de maneira inesperada em um momento ulterior. O renomado psicólogo C. G. Jung deparou-se com várias coincidências desse tipo durante as pesquisas que deram origem à *Sincronicidade*, um estudo clássico das coincidências.

Um exemplo em particular envolveu a morte de um dos pacientes psiquiátricos do próprio Jung. Após sair para o trabalho, a esposa do paciente assustou-se ao ver que uma revoada de gaivotas pousara no telhado de sua casa. Para a mulher, a chegada dos pássaros era agourenta, porque um fenômeno semelhante precedera os falecimentos de sua mãe e de sua avó. Apesar de sentir sua própria vida ameaçada, o prenuncio referia-se ao seu marido. Naquele mesmo dia, ela foi informada que seu marido sofrerá um derrame no trabalho e morrerá por causa de uma hemorragia cerebral.

Presságios do destino nem sempre surgem nos animais alados. Por mais de cinco séculos, as raposas foram os mensageiros que rondavam os leitos de morte de uma antiga família irlandesa, os Gormanston. Na verdade, o fenômeno é tão famoso que a raposa foi incorporada ao brasão da família. De acordo com uma tradição ancestral, as raposas sempre foram vistas aos bandos quando chegava o momento da morte de um homem da família Gormanston. E não se trata de uma mera lenda popular: exemplos desse fenômeno foram testemunhados em três ocasiões neste século. Talvez o mais célebre dos relatos foi o que ocorreu em 8 de outubro de 1907, quando mais de uma dúzia de criaturas juntaram-se para ladrar e uivar uma estranha lamentação junto às muralhas do castelo em que residiam os Gormanston. Dentro das muralhas da fortaleza, extinguiu-se pouco a pouco a vida de um visconde de 14 anos. Mais tarde, um número maior de raposas foi avistado nos jardins do castelo em plena luz do dia em uma vigília que durou horas e, no dia que precedeu os funerais do visconde, um quadro semelhante pôde ser observado pelas pessoas que chegavam à capela onde jazia o corpo do irlandês. Mesmo depois da cerimônia religiosa, a curiosa vigília continuou: uma raposa fêmea solitária foi vista deitada ao lado do túmulo do visconde durante mais de uma semana depois do sepultamento. Uma testemunha comentou que lhe pareceu, naquela época, que o animal estivesse guardando o derradeiro lar do irlandês.

É claro que tal comportamento por parte das raposas pode ser considerado estranho, pois é incomum essas criaturas se reunirem em grande número, não sendo seu hábito caçar em grupo durante o dia. Além do mais, as raposas dos Gormanston não tinham nenhuma semelhança com as raposas comuns, pois conseguiram penetrar as muralhas do castelo por uma entrada desconhecida, desapareceram e reapareceram sem aviso prévio ou explicação e, de acordo com relato de um vassalo local, ignoraram um bando de gansos, não os atacando, o que configura o extremo oposto do padrão de comportamento normal das raposas.

Para algumas pessoas, a chegada de animais pressagiadores como os mencionados aqui pode ser explicada em termos de coincidência e do estímulo demasiado da imaginação dos supersticiosos. Outros vêem essas visões como provas de que existe um nível de realidade diferente do nosso. Observados sob esse prisma, os presságios do destino acontecem de forma fugidia, porque, como se trata de aparições, eles não fazem realmente parte do nosso mundo.

Um desastre previsível

Alguns parapsicólogos já levantaram a possibilidade de que desastres atraem (ou, talvez, seja melhor dizer ‘transmitem vivida-mente’) influências premonitórias de maneira diretamente proporcional às suas dimensões. Quanto mais grave a tragédia, mais verossímeis são as previsões, assim afirmam os especialistas. Certamente alguns dos maiores desastres do século XX, comparáveis ao acidente do metrô em Moorgate (Londres) em 1975 ou ao deslizamento de terra de Aberfan em 1966, têm fornecido muitos subsídios que sustentam essa teoria. Um exemplo ainda mais impressionante nos remete ao naufrágio, em 1912, do transatlântico 55 *Titanic*. Literalmente centenas de pessoas afirmaram depois do desastre que previram tal catástrofe, relatos esses oriundos de fontes tão dispersas ao redor do mundo, que um livro foi exclusivamente dedicado às premonições dos eventos ocorridos naquela noite horrível em que mais de 1,3 mil homens, mulheres e crianças desapareceram nas águas geladas do Atlântico Norte. Devia-se mencionar ainda que entre essas percepções metapsíquicas achava-se uma forma mais estranha de prenúncio ocorrido por volta de 14 anos (e não dias) antes. Nesse caso, o desastre marítimo de proporções sem precedentes em tempos de paz foi, além de previsto, descrito em detalhes. O homem responsável não era um vidente, mas um romancista britânico de nome Morgan Robertson.

A versão criada por Robertson dos acontecimentos encontra-se no conto *Futility*,^[7] publicado em 1898. No livro, um grande navio de linha regular a caminho da América em sua primeira viagem, a despeito de uma reputação de segurança total contra naufrágios, choca-se com um *iceberg* e afunda, causando uma grande perda de vidas humanas. O autor chamou seu navio ficcional de *Titan*, sendo essa semelhança apenas um entre vários detalhes que justificam uma comparação verdadeiramente lúgubre com os acontecimentos reais. Como o seu antecedente ficcional, o *Titanic* era conhecido como o maior navio em atividade, ainda que carregasse poucos barcos salva-vidas. Na verdade, as dimensões dos dois navios guardam uma fantástica semelhança, ao mesmo tempo em que as quantidades de cabines, chaminés, turbinas e hélices dos motores de que dispunham fossem exatamente as mesmas. Em quase todos os sentidos imagináveis, os dois navios eram idênticos. O mais importante foi seu destino obscuro, pois ambos abalroaram *icebergs* exatamente no mesmo ponto do Atlântico Norte.

Futility não obteve um grande sucesso editorial e, mesmo que o conseguisse, é pouco provável que sua incrível previsão do destino do *Titanic* pudesse ajudar a evitar o desastre. Ainda assim, uma leitura do livro parece ter salvo as vidas de pelo menos uma tripulação que cruzava o mesmo trecho do oceano muitos anos depois.

Em abril de 1955, o jovem marujo William Reeves observava de pé na proa do *Titanian*, um pesado navio a vapor que ia do Canadá para Tyneside, na Inglaterra. Sozinho em seu posto por volta de meia-noite, Reeves, que lera *Futility* no mês anterior, ao que parece começou a se preocupar com as semelhanças entre os incidentes reais e os ficcionais. Nenhum oferecia a ele mais conforto, pois seu navio atravessava a mesma região oceânica exatamente no mês de abril, quando o navio de Morgan Robertson e o da White Star Line submergiram em direção aos seus túmulos submarinos. Passada a depressão, ocorreu de repente a Reeves que a data do afundamento do *Titanic* — 14 de abril de 1912 — foi o dia em que ele nasceu, uma coincidência que tomou corpo em um esmagador sentimento de medo de

que ele fosse também se tornar parte de alguma terrível armadilha do destino. Sem poder dar qualquer explicação aos seus colegas, ele bradou furiosamente que todos corriam perigo, e então os motores do pesado navio a vapor foram invertidos com toda força para trás. No momento em que o navio começou a mover-se nessa direção, um enorme *iceberg* pôde ser avistado surgindo ameaçadoramente na escuridão da noite. Se a advertência de Reeves fosse feita alguns segundos mais tarde, o *Titanian* teria certamente o mesmo destino que os outros navios semelhantes a ele: o fundo do mar.

Inacreditavelmente, essa não é a última das coincidências do tipo ‘a verdade se segue à ficção’ que mantêm alguma relação com a tragédia de 1912. Em 1886, o jornalista britânico E. W. Stead escreveu um conto a respeito de um transatlântico que naufragou após chocar-se com um *iceberg* no Atlântico Norte. Apesar de nesse caso o navio se chamar *Majestic*, o nome de seu capitão era o mesmo que o do capitão do *Titanic*, E. J. Smith. E bastante curioso é que o jornalista britânico, que mais tarde passou a se interessar por todo tipo de fenômenos metapsíquicos, inclusive a função da precognição em nossas vidas, não percebeu a advertência contida em sua própria obra ficcional. Na verdade, E. W. Stead foi um dos passageiros do *Titanic* e desapareceu na tragédia.

Os atiradores de pedras fantasmas

Quase todos os fenômenos do mundo da paranormalidade costumam provocar um sentimento intenso de estranheza nas pessoas, mas existem entre eles alguns acontecimentos ainda mais estranhos. Ataques de atiradores de pedras invisíveis são um exemplo típico desse segundo tipo.

Durante quatro dias, a contar da manhã do dia 30 de janeiro de 1913, uma casa na área residencial de Marcinelle, nas proximidades da cidade belga de Charleroi, foi atingida nas janelas e portas por pedras de vários tamanhos. Quando o senhor Van Zanten, proprietário da casa, teve sua atenção chamada pelo inconfundível barulho de vidro quebrado, ele a princípio pensou tratar-se de obra de crianças da vizinhança. O senhor Van Zanten avisou a polícia a respeito, que pôs a casa sob vigilância. Entretanto, ao invés de terminar, o bombardeio continuou e aumentou de intensidade. Além disso, ninguém foi visto atirando os projéteis e parecia não haver explicação de sua origem.

Em relatório por escrito ao seu superior, um dos oficiais da polícia belga descreveu como uma pedra despedaçou a vidraça de uma janela, sendo seguida por outras pedras em trajetória espiralada que descreviam movimentos parabólicos e despedaçavam metodicamente todos os fragmentos restantes. Outra janela foi atingida por um projétil, que ficou preso nos fragmentos do buraco que abriu na vidraça e só era ejetado dali por outra pedra que atingia exatamente aquele mesmo ponto da vidraça, passando sem criar outros danos. Na opinião do oficial, ou as pedras “estavam sendo atiradas por um agente sobrenatural ou o atirador invisível possuía uma mira perfeita. Depois de perder todas as vidraças das janelas, o senhor Van Zanten chegou à mesma conclusão. Além disso, se por um lado o proprietário da casa sentia-se irado por causa da destruição da sua propriedade, por outro estava aliviado por ninguém da sua família ter saído ferido. Na verdade, seus dois filhos, ambos com menos de cinco anos, aparentavam não estar incomodados pelo incidente que presenciaram, e o único alvo humano atingido por um estilhaço de tijolo — o sogro de Van Zanten — não sentiu dor e não ficou marcado.

Uma investigação completa feita pela polícia não foi capaz de localizar qualquer indício suspeito e, em 2 de fevereiro, para alívio da família belga, cessou o bombardeio, tão misteriosamente como começara.

Por incrível que pareça, a história que acabamos de contar é apenas uma em meio às dezenas de casos de atiradores de pedras invisíveis registrados pelos especialistas em mistérios ao longo deste século.

Em outubro de 1901, quantidades enormes de pedras caíam sobre Harrisonville, uma pequena cidade no estado norte-americano de Ohio, causando alarme generalizado; quatro anos mais tarde, em Port of Spain, capital de Trinidad e Tobago, ‘chuvas’ de pedras dentro e fora de ambientes fechados acompanharam uma série de fenômenos do tipo *poltergeist*,^[8] ocorridos em uma casa famosa por suas assombrações.

Em 1907, a cidade irlandesa de Magilligan, em County Derry, testemunhou os telhados e as janelas da cabana de um certo senhor McLaughlin serem atingidos por pedras. Como no caso de 1913, há relatos

de pessoas que confirmam a teoria de que a energia envolvida nesses acidentes era dirigida por uma forma de vida inteligente.

Em 1929, o pesquisador Ivan T. Sanderson teve uma experiência inédita com o comportamento inteligente de um atirador de pedras na ilha de Sumatra (Indonésia), onde estava com um amigo que encontrava pequenas pedras toda manhã em sua varanda. Sanderson suspeitava que um *poltergeist* devia ser o culpado, de modo que, na manhã seguinte, a fim de testar sua teoria, ele marcou várias pedrinhas com batom e jogou-as na mata escura que rodeava a casa de seu anfitrião. Alguns momentos depois, os mesmos objetos caíram aos seus pés. Sanderson considerou esse fato uma prova definitiva de que um agente sobrenatural era o responsável pelo fenômeno, pois nenhum olho humano teria sido capaz de encontrar as pedras embrenhadas na folhagem e jogá-las de volta em um período tão curto.

Às vezes as mudanças nas trajetórias das pedras arremessadas desafiam qualquer convicção. Em janeiro de 1923, depois do quarto mês de bombardeio a uma casa de fazenda na região francesa de Ardèche, um político do local afirmou: “Nenhuma mão mortal poderia tê-lo feito. É impossível para um homem atirar rochas sobre um campo à distância de quatrocentos metros, sem falar na impossibilidade de alguém não ter sido detectado.”

Em 1977, oficiais na cidade de Spokane, em Washington, foram desafiados por repetidos relatos de rochas caindo sobre a casa do senhor Billy Tipton. No ano seguinte, Tipton mudou-se para Hazlitt, em Nova Jersey, onde mais uma vez sua casa se tornou o alvo de um ataque aéreo.

Para a sorte daqueles no centro desse tipo de acontecimento, as atividades dos atiradores de pedras fantasmas em geral não duram muito. Mesmo assim, têm havido exceções notáveis, sendo esses ataques persistentes a prova incontestável de que as histórias não consistem em simples produto da imaginação de alguém.

Na Grã-Bretanha, talvez a prova mais convincente da realidade objetiva do fenômeno de *poltergeist* tenha sido a *blitz* dada em uma vila de cinco casas em uma rua do distrito de Ward End, em Birmingham. No início de 1982, após receber numerosas reclamações a respeito de janelas quebradas por pedras atiradas nos fundos das casas na estrada de Thornton, a Guarda Civil dos Condados do Meio-Oeste reuniu uma equipe para vigiar as propriedades atingidas. A polícia suspeitava de que adolescentes do local fossem os responsáveis pelos ataques noturnos, mas, ao invés de encontrar culpados humanos, eles descobriram um enigma para o qual até hoje não se encontrou qualquer explicação. Embora os policiais vigilantes tenham ouvido os sons característicos de projéteis voadores colidindo com as telhas e tijolos das casas sob vigilância, não foi encontrada absolutamente qualquer prova de que alguém estivesse atirando os objetos. Equipamentos sofisticados, tais como observadores noturnos e amplificadores de imagens mostraram-se inúteis e, no final de 1982, depois de 3,5 mil horas de vigilância infrutífera, a polícia não era ainda capaz de solucionar o problema. Hoje, os visitantes pararam de importunar os moradores da estrada de Thornton, mas o mistério permanece em aberto.

Manifestações de atividades inexplicáveis das proporções descritas nos parágrafos anteriores derrubam as alegações dos céticos em que insistem que os atiradores de pedras fantasmas não passam de crianças em busca de atenção que arremessam objetos pelas costas dos investigadores. É possível enganar uma força policial por tanto tempo? Embora seja difícil acreditar nessas histórias, não pode mais haver dúvidas aceitáveis a respeito da existência de atiradores de pedras fantasmas. E eles não estão se tornando menos ativos: nos últimos dez anos, surgiram relatos de numerosos países, entre eles a República Tcheca, Eslováquia, Itália, África do Sul, Quênia, Brasil e Austrália Ocidental.

Um mal aventurado Mercedes

Há uma teoria aceita consensualmente pelos investigadores da paranormalidade de que a má sorte que caracteriza determinados objetos inanimados pode se originar de uma tragédia primordial. De acordo com essa hipótese, podemos compreender como certos modelos de raciocínio negativo podem, até certo grau, se manifestar no mundo material percebido por nossos sentidos. Essa idéia ainda não foi comprovada, ainda que, como evidência de tal força, não precisemos examinar mais do que a história criminosa de uma limusine da marca Mercedes-Benz que participou de uma das maiores tragédias históricas deste século.

O duplo assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua mulher em Sarajevo, enquanto passeavam nesse carro, foi o estopim que fez explodir a Primeira Guerra Mundial. Esse evento também deu início a um legado particular e espantoso de destruição motivada pelo próprio veículo.

Imediatamente após o começo das hostilidades na Europa, o Mercedes passou às mãos de um eminente oficial da cavalaria austríaca, o general Potiovek. Integrado ao corpo de automóveis do general, o Mercedes repetiu seu malfadado destino, pois a sorte de seu dono nas batalhas transformou-se em azar. Após comandar suas tropas em uma derrota catastrófica em Valjevo, Potiovek entregou o cargo e aposentou-se, asilando-se no campo, onde rapidamente enlouqueceu. O carro, no entanto, foi cedido a um oficial subordinado no mesmo regimento, e mostrou-se mais uma vez um desgraçado bem. No início de 1915, o capitão que adquirira o carro se chocou com a traseira de um caminhão e faleceu nesse acidente com seu motorista e dois outros soldados. Seguindo-se à assinatura do Armistício, o Mercedes passou das forças armadas a mãos civis. Seu primeiro proprietário depois da guerra foi o governante da então Jugoslávia. Embora raramente usado, o carro se viu envolvido em uma série de acidentes durante os compromissos oficiais, tendo o mais sério ocorrido no outono de 1919, quando capotou em uma curva, matando seu chofer e provocando a perda de um braço do governante. Em 1923, tendo sido leiloado pelas autoridades, o carro foi adquirido por próspero médico. Depois de dois anos sem problemas, ele também encontrou a morte ao volante, violentamente esmagado em uma capotagem. Dois camponeses na beira da estrada também morreram. E a história sangrenta continuou. Dos últimos três proprietários do carro apenas um não morreu em um acidente ao dirigi-lo. A única exceção, um rico joalheiro, se suicidou.

Outros também sofreram, inclusive um fazendeiro sérvio atropelado e o dono de uma oficina que morreu ao testar o carro após consertá-lo. O último dono da limusine, Tibor Hirschfield, faleceu, com seus quatro passageiros, ao chocar-se de frente com um ônibus, quando retornava de um casamento. Enfim, o número atordoante de 22 pessoas, que perderam suas vidas em acidentes nos quais o Mercedes-Benz esteve envolvido. Felizmente para os demais motoristas do mundo, o carro encontra-se hoje em segurança em um museu de Viena.

Embora a narrativa contada seja provavelmente o pior caso de um carro mal-aventurado, ela não é a única. O carro de corrida Porsche em que James Dean, o astro do cinema, foi morto em 1955 adquiriu uma reputação semelhante. Comprado por George Barris, proprietário de uma oficina, o automóvel avariado soltou-se ao ser içado do caminhão de socorro e fraturou as pernas do mecânico. Barris achava

que o carro estava tão danificado que não valia a pena consertá-lo, por isso decidira aproveitar algumas de suas peças como sobressalentes, mas infelizmente isso não diminuiu seu poder de causar desgraças. O motor foi vendido a um médico que era também entusiasta das corridas amadoras e na primeira ocasião que se seguiu ao conserto de seu carro ele veio a falecer. Também morreu nessa ocasião o proprietário de outro automóvel que continha peças retiradas do Porsche de James Dean.

Nesse ínterim, alguém na oficina teve a brilhante idéia de restaurar a carroceria do carro original e exibi-lo como o causador da morte de James Dean. Essa sugestão demoníaca foi logo posta em prática, e o automóvel foi rebocado na traseira de um *trailer* pelos estados do Sul dos Estados Unidos, onde foi uma grande atração. Contudo, a onda de azar continuou, e o caminhão que transportava o equipamento da exposição se envolveu em acidentes estranhos. Em Sacramento, o carro caiu de seu suporte, fraturando a bacia de uma adolescente; a caminho de um local de exposição, ele deslizou para trás, matando um pedestre; no Oregon, um caminhão que carregava o automóvel bateu em uma loja; em Nova Orleans, o Porsche caiu de um suporte fixo e espatifou-se. Finalmente, em 1960, o automóvel se perdeu para sempre após cair de um trem ao ser transportado para uma exposição em Los Angeles.

1915

O batalhão que desapareceu

Enquanto a flor da juventude europeia era crucificada nos arames farpados da Frente Ocidental, desenrolava-se um conflito menor mas igualmente sangrento entre os turcos e os britânicos no sul da Europa. A campanha de Gallipoli da Primeira Guerra Mundial foi engendrada pelos Aliados visando a ajudar o Exército Russo que combatia nos montes Cáucacos. Apesar de ter durado apenas 12 meses, o conflito custou a vida de muitos milhares de ingleses e demais cidadãos da Comunidade Britânica e resultou na renúncia do homem que arquitetou a ofensiva, Winston Churchill. Entre os mais bravos dos vencidos estavam os regimentos australianos das tropas da Comunidade Britânica, mas foi o desaparecimento do décimo quinto regimento de Norfolk que constitui o mais extraordinário mistério do ano de 1915.

O desaparecimento absoluto e sem vestígios de 145 homens pode soar como uma invenção fantástica, ainda que o evento tenha sido testemunhado por, entre outros, um pelotão de 22 voluntários da seção número três da Companhia de Campo da Primeira Divisão (NZEAF) que, cinquenta anos mais tarde, rompeu seu silêncio para dar um depoimento baseado em suas lembranças.

Para sermos breves, o que os soldados da Anzac{9} fizeram foi o seguinte: na manhã de 21 de agosto, as forças aliadas receberam do seu comandante-em-chefe, *sir Ian Hamilton*, a ordem de avançarem através da planície de Suvla e subirem a Colina 60, uma fortaleza turca. Durante toda a manhã, os declives mais baixos da colina estiveram envoltos em uma estranha neblina, um fenômeno meteorológico que, além de nunca visto naquela região, desafiava as leis naturais, porque permanecia intacta diante de uma forte brisa de sudoeste.

Uma companhia do décimo quinto regimento de Norfolk avançou em direção dessa neblina em espiral, sem jamais retornar. Em seguida, de acordo com o testemunho dos soldados da Anzac, que assistiram estarrecidos de suas posições mais abaixo, a peculiar neblina então se acelerou em uma espiral até adquirir a forma densa e compacta de uma nuvem semelhante a uma fatia de pão, ascendendo e deixando para trás os declives da Colina 60 sem sequer um soldado. A nuvem de forma estranha derivou então pelo céu azul — contra o vento!

Por ocasião do fim das hostilidades em 1918, as autoridades britânicas tentaram reaver homens capturados na batalha da baía de Suvla. A Turquia devolveu exatamente todos os que fizera prisioneiros de guerra, mas ficou claro que, embora muitos soldados britânicos houvessem sido capturados durante as batalhas que se realizaram em 21 de agosto de 1915, não foi feito contato com o décimo quinto regimento de Norfolk.

Na verdade, nenhum dos prisioneiros britânicos capturados jamais declarou ter visto ou ouvido falar dos homens que formavam o batalhão que desapareceu naquele dia fatídico de abril. Mais provas tendem a corroborar a extraordinária reivindicação dos veteranos da Anzac surgida em 1967, quando a edição do relatório final sobre a campanha dos Dardanelos foi depois de muito tempo tornada pública. Embora tenha sido fortemente censurada pelo ministério da Defesa, permaneceram alguns detalhes que dão claramente credibilidade à história de um desaparecimento sobrenatural. No relatório final do

ministério da Defesa, o desaparecimento sem causa aparente de uma grande corporação de homens nos declives da Colina 60 é reconhecido, e a descrição oficial das condições meteorológicas na baía de Suvla na manhã em questão . confirma a versão neozelandesa do ocorrido. Os declives da Colina 60 foram, conforme dizia o relatório oficial, “encobertos por uma neblina estranha e sobrenatural que ascendeu em uma direção estarrecedora ao olhar”.

Naturalmente, essa história é estranha demais para ser aceita por tantas pessoas. Em uma campanha lembrada por ter custado dezenas de milhares de vidas em ambos os lados, por certo seria mais fácil afirmar que a companhia fora simplesmente dizimada pelas metralhadoras dos defensores turcos. Ainda assim, essa explicação não nos convence, pois não dá conta da ausência de cadáveres no campo de batalha e ignora o depoimento de mais de vinte testemunhas sobreviventes que, cinquenta anos mais tarde, tiveram a coragem de contar a versão verdadeira do ocorrido conforme foi visto por elas, a despeito de se colocarem expostas ao ridículo.

Em dezembro de 1937, a China já estava em guerra com o Japão por mais de seis meses. Com os invasores empurrando-os em direção ao norte de modo a avançar até Nanking, uma vanguarda de aproximadamente três mil tropas chinesas colocou-se em formação de combate para defender uma ponte de importância vital ao sul da cidade. Tomando posições entrincheiradas, as tropas esperaram pelo ataque japonês, que nunca aconteceu. O que ocorreu realmente foi muito mais alarmante. Na manhã que se seguiu a essa atitude tática, o oficial comandante chinês, o general Li Feu Siea, foi acordado por um subordinado exaltado que lhe informou ter perdido o contato com a divisão que guardava a ponte. Temendo que tais homens tivessem sido derrotados, o comandante Li Feu Siea ordenou que uma patrulha de reconhecimento fosse imediatamente inspecionar a frente de batalha. Ele estava preparado para o pior, entretanto o relato feito por seus oficiais era tão estranho que ele mal pôde acreditar. O que eles encontraram foram simplesmente trincheiras vazias, onde não havia sequer uma pessoa viva ou mesmo morta. Nenhum cadáver ou sinais de uma batalha recente permaneceram para subsidiar uma explicação do paradeiro dos soldados. Li Feu Siea estava perplexo, pois sabia que, se os soldados tivessem desertado em massa, precisariam cruzar de volta a ponte, mas eles não o fizeram. Ao sul, estava o inimigo e, conseqüentemente, a destruição. Então o que foi feito deles? O quebra-cabeça chinês jamais foi resolvido. Dois dias depois de a divisão desaparecer, hordas de japoneses cruzaram a ponte e entraram na cidade. O combate que se seguiu culminou com a tomada de Nanking, um massacre sem igual na história sangrenta da guerra asiática, e a perda de três mil homens, que defenderiam a ponte, foi apenas um fato em meio à carnificina geral.

Entretanto, muitos anos mais tarde, logo depois do término da Segunda Guerra Mundial, uma investigação oficial do governo chinês não foi capaz de descobrir qualquer evidência que oferecesse uma explicação lógica para esses estranhos acontecimentos ocorridos nos últimos dias antes da queda de Nanking. Um inquérito realizado mais tarde durante o regime comunista pelo presidente Mao Tsé-tung estabeleceu categoricamente que nunca mais se viu ou ouviu falar de nenhum dos defensores chineses que ocupavam a ponte em 1937.

Para que não nos esqueçamos

Há tantos relatos de encontros com aparições ao longo da história que somente os céticos mais teimosos seriam capazes de examinar os indícios desapassionadamente e chegar à conclusão de que não existem fantasmas. Entretanto, enquanto a maioria dos parapsicologistas aceita prontamente que formas fantasmagóricas são vistas com grande regularidade, ainda se debate muito sobre, por exemplo, a natureza exata do fenômeno.

Um parapsicólogo americano é autor do termo ‘semi-substancial’, que indica a realidade ambígua das aparições fantasmagóricas, classificação que nos parece bastante adequada, pois, embora os fantasmas possam produzir efeito sobre o ambiente físico de matéria que temporariamente habitam (levantando objetos maciços etc.), eles também costumam, com frequência, aparecer e desaparecer de repente ou mesmo gradualmente, de forma lenta, atravessar portas fechadas, paredes e objetos compactos e flutuar ou planar em vez de caminhar. O mesmo pesquisador norte-americano afirma com veemência que fantasmas com forma mais etérea podem retornar através de um outro método, possivelmente por meio da projeção mental de seu intelecto sobre a mente do observador — uma espécie de alucinação telepática inoculada. Há ainda, segundo ele, aparições de um outro tipo, que não são fantasmas propriamente ditos, mas memórias localizadas de ocasiões passadas capturadas pelo éter físico; em outras palavras, marcas de energia.

Talvez nenhuma hipótese seja ampla o bastante para dar conta de todos os tipos de manifestações fantasmagóricas. Independentemente da suposição a que nos inclinemos, permanece o fato inegável de que algumas entidades visionárias parecem realmente retornar com propósitos definidos, sendo aparentemente dirigidas por uma forma de consciência autônoma, uma parte da psique humana que sobreviveu à morte do cérebro e cuja existência contínua não está sujeita ao sangue, ossos ou tecidos destruídos.

Nos conhecimentos tradicionais dos fantasmas, muitos dos encontros mais insólitos e convincentes aconteceram em épocas de conflitos em larga escala, tendo os fantasmas envolvido os espíritos daqueles que perderam suas vidas nos campos de batalha. Essa alta concentração de exemplos em tempos de guerra pode ser mais que uma mera coincidência, porque há uma resistente crença dentre os habitantes deste planeta de que as pessoas que morrem de forma violenta são mais suscetíveis a retornar em forma fantasmagórica do que os outros que terminaram as suas vidas em paz, devido a causas naturais.

Encontros fantasmagóricos neste século tendem a confirmar essa crença ancestral. Um exemplo clássico do retorno do fantasma de um soldado, nesse caso para cumprir uma promessa, é narrado pelo romancista britânico Robert Graves em *Goodbye to all that*, um relato das experiências do autor nos campos de batalha franceses da Primeira Guerra Mundial. O fantasma desse exemplo era o de um jovem infante, o soldado raso Challoner, de quem Graves se tornou amigo durante seu treinamento em Lancaster. O batalhão de Challoner foi em seguida mandado para a França, em março de 1916, poucas semanas antes do regimento de Graves partir, e, no dia do embarque, o jovem soldado disse alegremente que o então futuro autor e ele certamente se encontrariam novamente na França.

Challoner foi morto em uma batalha nas cercanias da cidade de Festubert alguns dias antes de a tropa de Graves cruzar o canal. Mais ou menos um mês depois, Graves afirma ter visto através da janela o jovem caminhar ao longo do alojamento, fumando um cigarro. Segundo seu relato em *Goodbye to all that*, Challoner reconheceu seu velho conhecido, saudou-o e continuou a caminhar. Quando Graves chegou, em choque, à janela, só viu uma guimba de cigarro ainda acesa no chão por onde Challoner passara caminhando segundos antes. E o escritor encerrou sua história com uma afirmação clássica: “Naquela época, havia muitos fantasmas na França.”

Um exemplo semelhante que nos chama a atenção ronda os últimos momentos de Wilfred Owen, um poeta da Primeira Guerra Mundial que apareceu em Londres no momento em que morria na França por volta de 12h12min do dia 4 de novembro de 1918. Um veterano do Somme, [10](#) Owen sobreviveu às grandes batalhas das trincheiras e acabou sendo morto alguns dias antes do armistício que marcou o final do conflito.

Consciente de que a Guerra estava próxima de seu fim, o pai de Owen acreditava que seu filho seria poupado, mas quando viu-o aparecer de repente como uma figura brilhante, trajando seu uniforme de oficial, seu coração soube que seu jovem soldado não voltaria para casa. Ele estava certo, porque, uma semana depois de ver a aparição de seu filho, recebeu um telegrama oficial informando que o capitão Wilfred Owen morreria dos ferimentos sofridos em combate. Com uma incrível precisão, o momento da morte de seu filho em um hospital de campanha francês coincidia exatamente com a aparição da forma espectral na Inglaterra.

Sete dias mais tarde, o fantasma do poeta retornaria mais uma vez, aparecendo dessa vez para o seu irmão Harold, que então servia a bordo do *HMS Astraea*, um cruzador britânico fundeado na baía de Table, na costa da África do Sul. Convalescendo de malária, Harold Owen jazia no beliche de sua cabine quando viu o fantasma de seu irmão mais velho se materializar poucos metros à sua frente. De acordo com o relato do ocorrido por escrito, feito pelo oficial naval, os olhos de seu irmão “estavam carregados com a familiar expressão de alguém que quer se fazer entender”, e quando Harold disse-lhe algo, o rosto do fantasma “abriu o mais doce, afetuoso e ao mesmo tempo melancólico dos sorrisos”. O espectro de Wilfred Owen desapareceu poucos segundos depois, deixando seu irmão profundamente atordoado com o ocorrido. Ainda assim, o jovem escreveu mais tarde que não sentiu medo durante o encontro, apenas um “estranho prazer mental ao contemplá-lo”. Tomado pelo cansaço, Harold Owen adormeceu profundamente e, quando acordou, teve a certeza de que seu irmão estava morto. Na semana seguinte, uma carta chegou da Inglaterra confirmando a notícia.

1917

Visões milagrosas em Fátima

Os milagres ocorrem de diversas maneiras, e isso nunca foi mais verdadeiro do que no século XX. Ao mesmo tempo em que igrejas viam sua influência diminuir e as pessoas simples questionavam cada vez mais a existência de Deus, as aparições de sinais e milagres continuavam inabaladas. Viam-se movimentos em efígies esculpidas, madonas que choravam e representações da crucificação sangrando. Imagens do Cristo apareciam subitamente nos lugares mais improváveis, cruzes gigantescas eram vistas flutuando no céu e doentes saravam. Nenhum desses relatos faz sentido para os incrédulos, sendo os fenômenos religiosos de um modo geral classificados como fantasias históricas provocadas pela fé extasiada. Mas, na verdade, sabemos hoje em dia que a maioria desses fenômenos realmente aconteceram, transcendendo o limite do duvidoso, deixando-nos com poucas opções além de aceitar que, em certas circunstâncias especiais, e por um breve período, a fé em Deus pode proporcionar uma genuína superação das leis físicas.

Sem dúvida o mais famoso presságio celestial dos últimos cem anos foi o Milagre de Fátima. Em 13 de maio de 1917, a figura de uma bela dama surgiu diante de três pobres crianças pastoras que tangiam suas ovelhas nas cercanias da aldeia de Fátima, em Portugal. Ao que parece, as crianças viram, de pé sobre uma nuvem brilhante que pairava sobre uma espécie de carvalho, a imagem resplandecente de uma jovem que lhes disse que Deus as escolhera como suas mensageiras e que deviam encontrar-se com ela naquele mesmo lugar todo mês, trinta dias após aquela data até outubro, quando então receberiam uma mensagem muito especial. Acreditando que a forma resplandecente fosse a da Sagrada Virgem Maria, as três crianças, Lúcia dos Santos, de dez anos, e seu irmão e irmã, Francisco e Jacinta Marto, de nove e sete anos, respectivamente, de imediato retornaram à sua casa e narraram a visão aos pais.

Apesar de atordoados, os adultos de suas famílias ficaram suficientemente impressionados pela segurança das crianças e as acompanharam até o mesmo local trinta dias depois. Eles não estavam sozinhos. No total, cerca de cinquenta pessoas do local que ouviram falar da história estavam reunidas no dia em que Nossa Senhora retornou em 13 de junho. Embora as crianças fossem as únicas a ver a figura da mulher, os demais presenciaram uma transformação no céu e ouviram uma música celestial emanar das nuvens.

Notícias do estranho acontecimento de Fátima se espalharam pelo sul de Portugal, e uma multidão maior, com cerca de sete mil pessoas, compareceu ao local no mês seguinte. Mais uma vez, muitos dos presentes declararam ter visto uma luz estranha no céu e outros fenômenos misteriosos. Entretanto, a igreja católica, que de início evitou fazer comentários sobre a visita divina, interessou-se pelo fato de tantas pessoas acreditarem na história das crianças. E então, quando chegou o dia 13 de agosto, o arcebispo católico da região mandou deter Lúcia, Francisco e Jacinta para serem interrogados antes de terem uma chance de ir ao local do encontro.

Apesar da grande pressão e dos maus-tratos, as três crianças recusaram-se terminantemente a mudar sua versão dos fatos, de modo que, dois dias depois, não restou às autoridades outra escolha senão liberá-las. E em 25 de junho a senhora resplandecente surgiu diante delas novamente, dessa vez em uma

colina perto de Valinhos. Ela lhes disse que a última vez em que a veriam seria em 13 de outubro, quando comunicaria a elas a importantíssima mensagem prometida. Aquela altura, grande excitação e controvérsias cercavam a visão das crianças, e uma multidão de pelo menos setenta mil pessoas juntou-se a elas na úmida e sinistra tarde de 13 de outubro com a esperança de que também pudessem ver a aparição, o que comprovaria a existência de Deus. Mas a fé dessas pessoas ia ser reforçada de uma outra maneira.

Como na vezes anteriores, a senhora resplandecente só se mostrou às crianças, mas, no céu, as nuvens negras se dividiram subitamente de modo que se pudesse avistar um sol brilhante irradiando todas as cores do arco-íris. Ouviu-se um ensurdecido repique de trovões e surgiu um raio de luz ofuscante que brilhava mais que tudo o que as testemunhas jamais viram. No entanto, o que estava por vir era ainda mais extraordinário. Pois então o sol moveu-se pelo céu em uma trajetória espiralada, espalhando raios de luzes coloridas. Ele mergulhou desatinadamente em direção à Terra e, em seguida, retornou ao seu lugar como uma bola elástica de uma maneira ao mesmo tempo aterrorizante e maravilhosa de contemplar. Algumas pessoas desmaiaram, outras gritaram e houve quem simplesmente se ajoelhasse para rezar. Relatos de testemunhas afirmaram que, após alguns segundos, o sol retornou à sua posição original, repetindo, contudo, duas vezes mais a manobra fantástica, projetando, todo o tempo, uma luminosidade sobrenatural sobre a multidão antes de o fenômeno terminar. Mais tarde, as pessoas na colina perceberam que suas roupas, antes encharcadas pelo aguaceiro, estavam completamente secas.

Logo após seu breve período de fama, duas das crianças envolvidas no enigma, Francisco e Jacinta, foram vitimadas pela epidemia de gripe de 1918. Lúcia se alfabetizou e comunicou os três segredos contados pela senhora resplandecente ao papa. O primeiro dizia respeito claramente ao fim dos horrores da Primeira Guerra Mundial; o segundo profetizava a irrupção da Segunda Guerra Mundial e sua conclusão por meio de uma arma de poder inimaginável capaz de gerar um brilho enorme e desconhecido. O conteúdo da terceira das advertências jamais foi tornado público, permanecendo em segurança nas profundezas do Vaticano. Apenas o papa é conhecedor da terrível profecia em que parece consistir o terceiro mistério.

Os acontecimentos de Fátima nunca mais se repetiram, e há muita controvérsia em torno do seu significado. Apesar de ser desnecessário afirmarmos que nem o sol poderia ter se deslocado de sua posição no sistema solar e nem a Terra sair de seu eixo, permanece o fato de que dezenas de milhares de pessoas juraram a veracidade do que testemunharam, que o sol dançara naquele memorável dia de outubro de 1917. Muitas dessas pessoas não eram devotas da Igreja Católica Apostólica Romana e, mesmo no caso daqueles que foram lá com a esperança sublime de testemunhar algo de maravilhoso, não é fácil imaginarmos por que todas elas teriam visto o mesmo evento, caso se tratasse apenas de uma alucinação.

1918

Sem vestígios

O mar é e sempre será um lugar com horríveis segredos e enigmas desconcertantes. Embora a segurança marinha tenha se desenvolvido consideravelmente neste século, todo ano desaparecem entre cinco e dez navios de grande porte, sem deixar vestígios ou possibilidade de explicação por sua perda. Por que essas tragédias continuam a acontecer em tal escala é uma questão que somos incapazes de responder com certeza, além do mais, as explicações simplistas e baseadas na natureza sempre soam insuficientes.

Dentre os muitos mistérios do mar, poucos causaram tanta controvérsia em meio aos marinheiros quanto o desaparecimento inexplicável do *USS Cyclops*, um navio carvoeiro de vinte mil toneladas, que naufragou carregado de minério de manganês no final de março de 1918. Com 304 vítimas fatais, o naufrágio do *USS Cyclops* foi o maior desastre da Primeira Guerra Mundial, ainda que seja improvável ter sido esse navio torpedeado pelo inimigo. Medindo mais de 150 metros de comprimento, o navio cargueiro era capaz de suportar as mais violentas tormentas no Atlântico. Em vez disso, ele desapareceu com tempo bom.

Pouquíssimos dos fatos conhecidos da última viagem do *USS Cyclops* parecem fazer sentido. Vinte e quatro horas após zarpar do porto de Barbados, onde entregara um carregamento de carvão vegetal e embarcara cerca de dez mil toneladas de minério de manganês que seriam utilizadas na produção de armamentos, o *USS Cyclops* encontrou o transatlântico *Vestris*, que fazia a linha Buenos Aires - Nova York. A mensagem do cargueiro indicava que estava tudo bem a bordo. Mas nem o *USS Cyclops* nem as trezentas almas da tripulação foram vistas novamente por olhos humanos. Quando seu atraso foi confirmado, foram dadas ordens de busca na área ao longo da rota do navio. Nenhum sinal do navio foi encontrado, e as autoridades da Marinha dos Estados Unidos declararam-se incapazes de encontrar uma razão plausível para o naufrágio.

Minas não significavam uma ameaça à navegação naquela região do Atlântico Sul, e achava-se que as atividades de submarinos estavam, naquela época, restritas a águas setentrionais.

Nos muitos anos que se passaram, várias possibilidades foram admitidas no que diz respeito ao desaparecimento do navio: um furacão súbito de ação local, uma bomba colocada por sabotadores e mesmo um motim em meio à tripulação foram hipóteses levantadas. Não há indícios que as comprovem, e a investigação conduzida pela Marinha dos Estados Unidos nos meses que se seguiram ao armistício concluiu que nenhum navio inimigo de superfície ou submarino esteve nas vizinhanças da rota do *USS Cyclops* durante sua última viagem. A possibilidade de que o mar tempestuoso tenha destruído o navio é bastante remota, porque esse já havia demonstrado ser uma embarcação resistente, atravessando incontáveis períodos de mau tempo durante os oito anos após seu início em 1910. De qualquer modo, como demonstrou a investigação oficial, não há relatos de tormentas em nenhum lugar da costa oriental do continente americano durante o final de março até o início de abril. Joseph Daniel, o então secretário de Estado de Marinha, assim descreveu o desastre: “Não há mistério que provoque mais perplexidade nos anais da Marinha do que o desaparecimento do *USS Cyclops*.” O presidente Woodrow Wilson, que

teve um papel decisivo na tentativa de descobrir indícios que auxiliassem no estabelecimento de uma solução do mistério, teve finalmente de admitir que “apenas Deus e o mar sabem o que aconteceu com aquele enorme navio”.

Quase três quartos de século depois, as palavras desse homem de Estado ainda expressam bem a verdade dos fatos. Contudo, o *USS Cyclops* é apenas um entre muitos grandes navios que desapareceram durante o século XX sob circunstâncias que podemos definir somente como espantosas.

Em 17 de junho de 1984, o *Artic Carrier*, um navio de 17 toneladas com bandeira panamenha, zarpou do Brasil carregado de diversas mercadorias. A última notícia que se tem dele é que passou a aproximadamente 550 km a nordeste de Tristan da Cunha, no Atlântico Sul.^{11} O que o destino reservou para ele, nunca saberemos, embora saibamos com certeza que nenhuma mensagem de socorro foi enviada e que corpos e demais vestígios não foram encontrados.

Era como se o navio nunca tivesse existido. Um parágrafo nos Registros da Lloyd resume com perfeição o enigma: “A verdadeira razão do desaparecimento, tão inesperado quanto súbito, será provavelmente um mistério para todo o sempre.” No final de outubro de 1979, um navio quatro vezes maior que o *Artic Carrier*, o cargueiro de minério norueguês *Berge Vanya*, desapareceu em uma posição a aproximadamente 1,1 mil km da Cidade do Cabo, sob condições meteorológicas aparentemente boas, ao percorrer uma das mais movimentadas rotas de navegação do mundo. É difícil aceitar que o *Berge Vanya* tenha sido engolfado pelo mar sem poder enviar ao menos uma mensagem de socorro ou mesmo disparar um simples sinal de S.O.S. no céu noturno. Mesmo assim, ninguém viu o grande leviatã submergir, tendo havido poucas conjecturas sobre a força que o destruiu.

O naufrágio do *Orient. Treasury*, um cargueiro volumoso de 28 mil toneladas com bandeira panamenha, consiste em outra história fantástica. Transportando uma carga de cromo ao zarpar de Masinloc, nas Filipinas, em 12 de janeiro de 1982, o *Orient Treasury* atingiu sem problemas Port Said antes de desaparecer. O incrível é que um comitê de investigação concluiu que o navio pode ter sido vítima de piratas, apesar de se saber que a atividade desses marginais naquela área remontava a mais de cem anos. O porquê de uma alegação como essa ser feita sem nenhum indício que a sustentasse é algo em que dificilmente se pode acreditar.

E a lista de navios perdidos continua, e cada uma das nações com vida marítima ativa contabiliza o seu quinhão de desastres que desafiam a credulidade. Um dos mais espetaculares infortúnios que se abateu sobre a frota britânica diz respeito à última viagem do *Derbyshire*, um cargueiro de 170 mil toneladas construído no Reino Unido que, em 1980, zarpou do porto norte-americano de St. Lawrence com destino a Kawasaky, no Japão. Duas vezes mais pesado que o *Titanic* e três vezes mais longo que um lançamento em um jogo de futebol,^{12} o *Derbyshire encontrava-se* entre os maiores navios a carregar a bandeira inglesa. Construído para transportar petróleo não refinado, ferro na forma de minério ou a granel, estava carregado com 157 mil toneladas quando- de sua descida ao fundo do mar. O grande navio era tripulado por 42 marinheiros e comandado por um capitão muito experiente, o senhor Geoffrey Underhill, de modo que a viagem teoricamente não apresentaria qualquer problema. Mas houve problemas, e nunca saberemos por quê. A última mensagem por rádio do *Derbyshire em* 8 de setembro situava a embarcação a aproximadamente 1,12 km a sudoeste de Tokyo e estimava que chegariam em Kawasaky ao meio-dia do dia 11 daquele mês. Foi a última vez que alguém recebeu uma mensagem do *Derbyshire*. O destino que lhe foi reservado deve tê-lo abatido tão repentinamente que não deu oportunidade a ninguém de enviar uma mensagem de socorro. Segundo o comentário de um jornalista britânico na ocasião, “a princípio havia um sinal de rádio rotineiro — de repente, silêncio”.

O simples porquê de essas embarcações gigantescas serem simplesmente varridas do mapa em condições meteorológicas favoráveis à navegação sem enviar sequer um sinal de socorro ou mesmo sem deixar vestígios de naufrágio é algo que vai além dos conhecimentos dos especialistas marítimos. Os navios de hoje em dia são com certeza muito melhores do que seus ancestrais do século XIX e, enquanto na época dos barcos a vapor muitas embarcações naufragaram por causa de métodos de projeto naval rudimentares, os poderosos navios atuais revestidos de ferro são construídos segundo rigorosos padrões de segurança, passando por inspeções rigorosíssimas antes de receberem o certificado de navegabilidade. Não há mais hordas de saqueadores de naufrágios ou frotas piratas para molestar os navegantes e a possibilidade do acometimento repentino de uma severa intempérie foi grandemente minimizada pela utilização dos sistemas de previsão meteorológica por satélite e transmissões de rádio confiáveis. Ainda assim, embarcações de todos os tamanhos, inclusive os mais pesados navios a vapor, continuam a desaparecer sem motivo aparente. Como a lista de embarcações não pára de crescer, há uma tendência entre alguns misteriologistas de afirmar que o oceano esconde perigos que ainda são desconhecidos do Homem.

A perseguição dos ossos da morte

Ao longo da história conhecida, sempre pairou uma certa superstição universal em meio a todas as raças e civilizações de nosso planeta. De acordo com essa crença, castas de uma sociedade se distinguem por possuir o poder especial de fazer mal aos outros, por simples força de vontade ou por meio de conhecimentos mágicos secretos. Atualmente, em algumas regiões do mundo, dentre elas o Haiti, Austrália, África e algumas áreas da Europa oriental, a crença em maldições e encantos é bastante forte e, muito embora os ocidentais mais esclarecidos pareçam considerar essas idéias desprezíveis, relatos de testemunhas oculares afirmam que têm havido ocasiões em que pessoas saudáveis adoeceram subitamente e vieram a falecer sem razão aparente.

Dentre os mais conhecidos métodos de assassinato sobrenatural encontra-se o ritual dos ossos apontados [{13}](#) dos aborígenes australianos. Os antigos fazendeiros que colonizaram o subcontinente australiano impressionaram-se com a mortalidade instantânea promovida pelos métodos secretos dos feiticeiros aborígenes, os *mulunguwas*. Essa extraordinária forma de execução já existia há milhares de anos e continua a ser usada hoje em dia. As armas utilizadas, os ossos da morte dos rituais, ou *kundela*, são normalmente os fêmures de lagartos gigantes, cangurus ou casuares, [{14}](#) mas algumas são feitas de madeira. Seu aspecto e o material empregado variam de tribo para tribo. De um modo geral, os *kundela* são bem pequenos, com cerca de 16 a 23cm de comprimento, apontados em uma extremidade e polidos de forma arredondada e lisa. Eles são endurecidos em fogo de carvão, e a extremidade sem corte é revestida com cabelo humano e carregada com a energia física do *mulunguwa*. Quando a arma estiver pronta, ela é entregue aos *kurdaichitas*, os assassinos ritualistas da tribo. Essas figuras aterrorizantes vestem-se com pêlos de canguru, que fixam sobre suas peles com sangue humano, podendo ainda trajar máscaras de penas de avestruz, o que torna sua aparência ainda mais estranha.

Operando como uma equipe de assassinos da máfia, em grupos de dois ou três, os *kurdaichitas* são incansáveis e dificilmente desistem da caçada de uma pessoa condenada. Quando eles finalmente encurralam sua vítima, aproximam-se dela a mais ou menos 4,5m, com um dos integrantes carregando o osso preparado. Apontando-o como uma pistola, ele impele o *kundela* em direção ao condenado, enquanto os outros entoam cânticos penetrantes. Assim que a lança mental atinge sua vítima, eles vão embora, sabendo que a morte sobrevirá, o que equivale ao coração da vítima ser trespassado por um golpe de lança real.

Os relatos a respeito das pessoas que sofreram as agonias dos efeitos *pós-kundela* constituem uma leitura desagradável. Um antigo antropólogo europeu, o doutor Herbert Basedow, escreveu sobre um homem que ele soube ter sido amaldiçoado e que chegou ao seu fim com uma fisionomia lastimável:

Sua bochechas perderam a cor e seus olhos adquiriram um aspecto vítreo, enquanto a expressão de seu rosto distorceu-se horivelmente. ...Quando ele tentava emitir um som, este se prendia em sua garganta, e o que se via era espuma em sua boca. Em um determinado momento, seu corpo começou a estremecer, e os músculos se contorceram involuntariamente. ...Logo em seguida, ele caiu no chão debatendo-se em

Para esse homem descrito por Basedow, a morte chegou como um alívio.

Muitos psicólogos acreditam que essas são conseqüências do medo extremo, mecanismo que regula a produção de adrenalina no corpo, reduzindo dessa forma o suprimento de sangue dos músculos e constringindo os pequenos vasos sanguíneos durante o processo. De acordo com as suposições dos médicos, tal medo intenso desencadearia um desastroso ciclo de redução da pressão sanguínea e da circulação que, se não fosse interrompido, seria fatal.

Dessa forma, partindo-se do pressuposto de que a própria vítima acredita que a mágica mortal é inevitável e que sua comunidade compartilha dessa mesma crença, não é difícil entender por que as maldições dos aborígenes australianos obtêm efeitos devastadores. Especialistas ocidentais afirmam que o ritual dos ossos é, efetivamente, mais uma forma de suicídio psicossomático do que um assassinato psíquico.

Alguns incidentes registrados neste século insinuam que os métodos de eliminação dos aborígenes africanos não são necessariamente irreversíveis, enquanto outros simplesmente reforçam o terrível poder dos ossos.

Em 1919, o doutor S. M. Lambert trabalhava para a divisão de saúde internacional da Fundação Rockefeller na remota missão de Mona, ao norte de Queensland.^{15} Em um relatório publicado muitos anos mais tarde, o doutor Lambert chegou à conclusão de que o método de assassinato por meio de ossos não produzia vestígios de ferimentos ou uma *causa mortis* aceitável. De início, ele refutou todos os relatos de assassinatos invisíveis mas, no outono de 1919, depois de um de seus auxiliares missionários, um nativo convertido de nome Rob, tornar-se o objeto de uma maldição lançada por um curandeiro local, Nebo, o doutor Lambert mudou de idéia rapidamente. Logo após o osso ser apontado para Rob, este caiu seriamente adoecido e muito fraco, embora um exame feito por Lambert não tenha registrado sinal de febre ou identificado sintomas de doenças conhecidas. Argumentar com o homem não surtiu efeito. Vendo a vida de Rob esvaír-se minuto a minuto, ele foi ver o curandeiro e ameaçou-o com o corte do fornecimento de alimentos à sua tribo. Relutante, Nebo concordou em visitar Rob e dizer-lhe umas palavras mágicas que o libertassem do efeito do poder dos ossos. Na manhã seguinte, o missionário estava completamente recuperado e na plenitude de sua força física.

Algumas vezes, contudo, o ritual dos ossos exige sua vítima, a despeito da intervenção da medicina dos homens brancos. Em 1953, o aborígene Kinjika, que provocou a ira de sua tribo e foi punido através da maldição dos ossos, foi transferido de Arnhem Land, sua terra natal, para o norte. Kinjika não fora ferido ou envenenado e aparentemente não sofria de nenhuma doença conhecida, mas os médicos de Darwin logo perceberam que ele estava morrendo e pensaram que o medo da maldição era a causa. Entretanto, ninguém no moderno hospital era capaz de ajudá-lo, e nada dito pelos psiquiatras pôde convencer o homem de que ele viveria mais que seus presumidos poucos dias. O nativo de fato sobreviveu por mais 72 horas, expirando durante uma agonia de convulsões. A autópsia do cadáver de Kinjika não revelou ferimentos ou vestígios de envenenamento.

Três anos mais tarde, em meados de abril de 1956, esse mesmo hospital recebeu mais um paciente aborígene de Arnhem Land, de nome Lya Wulumu, que adoeceu de forma semelhante ao anterior. Nos vários exames, dentre eles o de raios X, testes sanguíneos e punções espinhais, nada de anormal foi

detectado. Os médicos que cuidavam do paciente não acharam, além do próprio ritual dos ossos, nenhuma explicação para a sua condição de deterioração. De acordo com um especialista que cuidou desse doente, parecia que sua vida escorria lentamente para fora de seu corpo, como a areia de uma ampulheta passa do vaso superior para o inferior. Os psiquiatras tentaram a hipnose com o objetivo de reforçar, no paciente, a convicção de que ele poderia superar a maldição; no entanto, como a sua força vital diminuía, ele foi colocado em um pulmão artificial. Mais uma vez os esforços dos médicos foram inúteis. No terceiro dia após sua admissão, Lya Wulumu faleceu em meio a um ataque de convulsões, contrações e vômito, tornando-se mais um testemunho da eficácia dos famosos ossos da morte dos aborígenes.

A incrível história dos elefantes anfíbios

Como a maior criatura terrestre, não é de admirar que o elefante seja o ponto alto entre as atrações principais dos zoológicos e reservas florestais por todo o mundo. Mas o seu tamanho não é a única razão da popularidade inesgotável desse animal. Ele só é agressivo quando está em perigo, além de possuir muitas características admiráveis: crianças e adultos maravilham-se diante da sua sensibilidade gentil, que usa sua tromba para pegar das mãos de um humano um pedaço de bolo ou uma fruta.

Sabe-se há muito tempo que o elefante está entre os mais inteligentes dos mamíferos, mas descobriu-se recentemente que esses animais possuem a notável capacidade de emitir, por meio da vibração dos ossos de sua fronte, sinais infra-sônicos, abaixo do espectro de audição dos humanos. Esses sinais, semelhantes aos produzidos pelas baleias, podem se propagar a grandes distâncias e conduzir uma série de mensagens. Dessa forma, uma elefanta-mãe é capaz de chamar o seu filhote ou avisar outros membros de seu grupo de um perigo iminente sem dar sinais externos de alarme.

A comparação entre os ruídos infra-sônicos emitidos pelos elefantes e os sons complexos cantados pelas baleias demonstra uma coincidência, pois o elefante é obviamente um mamífero terrestre, e nenhum zoólogo até hoje pensou em levantar com seriedade a questão de o elefante contemporâneo ter evoluído de uma espécie marinha. Apesar de espantoso, há fortes indícios de que os elefantes às vezes entram na água, não com objetivo simples de chafurdar em um lago ou atravessar um rio, mas seguramente para nadar em mar aberto, chegando a transpor grandes distâncias nessas ocasiões. Por soar um tanto improvável essa possibilidade, alguns especialistas em vida selvagem simplesmente zombavam à simples sugestão de animais anfíbios com presas, mas, para os misteriólogos preparados para reconhecer o valor dos fatos evidentes, o argumento a favor da crença nos elefantes anfíbios é muito forte hoje.

O primeiro indício real de um elefante marinho foi relatado por uma testemunha de uma fazenda sul-africana na costa de Natal nas proximidades de Margate. Na manhã de novembro de 1920, Hugh Balance observava o oceano quando avistou um movimento violento e tumultuado nas águas, cerca de quatrocentos metros da praia. Depois de ir correndo buscar o seu binóculo, Balance pôde divisar o que parecia ser uma luta entre duas orcas e uma terceira criatura que algumas vezes emergia. Conforme a batalha se desenrolava, mais e mais pessoas se aglomeravam junto ao fazendeiro, que então já era capaz de identificar, secretamente e com segurança, a espécie a que pertencia o terceiro animal.

Os demais presentes ficaram pasmos quando Balance afirmou que se tratava de um elefante, mas, ao olharem pelo binóculo, não lhes restou mais do que confirmar a opinião do homem.

De acordo com um relato completo do incidente publicado posteriormente em um jornal sul-africano local, a incomum luta próxima à praia continuou por algum tempo até que as baleias partiram, deixando a outra criatura sem vida a flutuar na superfície. Durante a noite, o cadáver, bastante mutilado, foi levado pela maré até uma praia nas proximidades de Tragedy Hill, onde foi examinado, tendo sido concluído com certeza que possuía uma forma elefantina, com tromba e presas. Os despojos continuaram no local, sendo enfim arrastados por uma parelha de bois até o mar, e a maré vazante os fez desaparecer.

Quando o relato completo do incidente de Natal foi publicado no jornal londrino *Daily Mail*, um especialista do zoológico de Regent Park afirmou por escrito que a história não passava de uma troça. No entanto, muitos leitores que haviam retornado das colônias mandaram cartas em que contavam ter avistado elefantes nadando em estuários e imensos deltas de rios, e inclusive um exilado na Nova Zelândia declarou que a carcaça de um elefante encalhara em uma praia em Queensland, na Austrália, na segunda metade do século passado. Também é justo dizer que pouquíssimas pessoas conhecedoras dos hábitos dos elefantes estavam preparadas para sustentar que esses quadrúpedes tão pesados pudessem nadar em águas profundas durante períodos muito longos. Mas desde então nosso século vem produzindo muitos outros exemplos semelhantes.

Em 1930, a carcaça de um pequeno animal elefantino com uma tromba comprida encalhou na ilha de Glacier, no Alaska e, em 1944, o cadáver sem cabeça do que parecia um elefante macho adulto foi encontrado na baía de Machrihanish, na região ocidental de Kintyre, na Escócia. Como nenhuma dessas localidades se encontrava próxima aos habitat naturais dos elefantes indianos ou africanos, não é difícil imaginar a perplexidade de que foram tomadas essas pessoas que depararam com tais despojos.

Em 1955, mais dois elefantes — presumivelmente da variação indiana — encalharam em uma praia nas proximidades de Wellington, na Nova Zelândia, enquanto, nesse mesmo ano, outro animal foi encontrado na preamar perto de Sen Zu Mura, na costa japonesa de Oshima. Dezesseis anos depois, em março de 1971, o oceano transportou o corpo de outro elefante até a Inglaterra. Ele encalhou na baía de Widemouth, não muito longe de Bude, em Cornwall. Alguns meses mais tarde, a tripulação da traineira *Ampula*, pescando no mar do Norte, na área do porto de Grimsby, surpreendeu-se ao encontrar um elefante africano de uma tonelada em sua rede em meio a bacalhaus e arenques.

É difícil imaginar como esses mamíferos de regiões exóticas encontraram uma forma de transpor oceanos e chegar a locais distando milhares de quilômetros de seus habitats naturais, mas o fenômeno em si é inquestionável. Teriam eles morrido em uma praia e sido levados pela maré? Ou caído em rios e se afogado, sendo arrastados pelas fortes correntezas até o mar aberto? Será que fugiram do cativeiro e se lançaram ao mar de navios que os transportavam para zoológicos? Não há nenhuma prova a favor dessa hipótese e muito menos para as anteriores.

Há indícios de que tais elefantes passaram muito de seu tempo no mar vivos. Conquanto a pele de um elefante seja muito espessa, a ação do sal deveria ter decomposto os cadáveres antes que eles pudessem ser levados de seus ambientes de origem e chegar aos locais de clima extremo ao norte e ao sul onde os exemplares anteriores foram encontrados. No entanto, as carcaças desses elefantes apareceram, com nenhuma exceção, em estado de quase perfeita conservação. O problema é que a solução alternativa (de que elefantes podem nadar em mar aberto) é, para muitos especialistas, cem vezes mais incrível. Os zoólogos, de sua parte, nem cogitam a possibilidade de discutir essa idéia.

Então, em 1976, para jogar mais lenha na fogueira desse mistério, uma inglesa que assinava simplesmente ‘Mary F.’ enviou duas fotografias extraordinárias acompanhando uma carta de explicação a um jornal local de Cornwall. Ela declarava que as fotografias retratavam uma ‘serpente marinha’ avistada por ela na costa de Trefusis Point na foz do rio Fal, mas de fato elas pareciam mostrar claramente o perfil da cabeça de um elefante, com a tromba emergindo sobre as ondas. Na verdade, ‘Mary F.’ escrevera em sua carta que a criatura possuía forma, porte e gestos bastante elefantinos; ainda assim, a testemunha, por alguma razão, não chegou à conclusão óbvia. For mais incrível que parecesse a sua história, muitos habitantes do local recordaram que, cinco anos antes, um elefante morto encalhara na costa próximo a Bude e, dessa forma, estavam mais suscetíveis, diferentemente dos demais britânicos, a

acreditar na história da mulher e aceitar como genuínas as fotografias.

Podia um elefante nadar pelos oceanos ao redor do mundo apenas para divertir-se e finalmente encalhar em uma praia no sul da Inglaterra? Isso não parece verossímil, mas a mulher pseudônima afirmou com certeza que o ser que ela avistara no mar estava vivo.

Como finalmente aconteceu, comprovou-se que os elefantes são capazes de nadar em águas de grande profundidade em alto-mar por muitos quilômetros. A edição de agosto de 1979 da revista *New Scientist* continha uma fotografia tirada há alguns meses pelo almirante R. Kadirgama, que retratava uma espécie de elefante local nadando a aproximadamente 2km da costa de Sri Lanka. Com sua tromba acenando fora d'água e suas patas submersas produzindo um movimento contínuo, o elefante claramente não passava por dificuldades. E assim, defrontando-se finalmente com aquela prova inquestionável, os céticos zoólogos em todo o mundo foram forçados a engolir o que disseram e aceitar que os elefantes eventualmente nadam em mar aberto. Quando, em 1982, a tripulação de um barco de pesca de Aberdeen{16} ‘pescou’ um elefante no mar do Norte, a mais ou menos sessenta quilômetros da costa dessa cidade, nenhum dos estudiosos do zoológico ficou especialmente surpreso. Por outro lado, para a meia dúzia de escoceses a bordo da traineira, a palavra ‘surpresa’ não foi suficiente.

1921

Pegadas na neve

Nos primeiros meses de 1921 uma expedição de montanhistas britânicos tentava escalar a traiçoeira face norte do monte Everest, quando, à altura de 5,2 mil metros, eles foram surpreendidos por três enormes figuras andando no paredão à sua frente. Embora não se tratasse de seres humanos, foi impossível fazer uma identificação mais precisa e, ao atingirem o seu objetivo, os exploradores viram que o único vestígio deixado pelas criaturas eram pegadas simiescas na neve. Bastante espaçadas e bem maiores que as produzidas pelas botas para escalada dos montanhistas, as marcas exibiam três grandes artelhos e um polegar lateral ainda maior. Uma delas foi medida, descobrindo-se que tinha cerca de 33cm de comprimento por 46 de largura, muito embora, por causa do derretimento rápido da neve, não fosse possível determinar com precisão absoluta o tamanho real da pegada.

Emudecidos pela visão e pelos rastros encontrados, o líder da expedição, o tenente-coronel Charles Kenneth Howard-Bury, ficou impressionado ao saber pelos seus guias *sherpas*^{17} que aquelas criaturas quiméricas eram bem conhecidas pela população local, que as chamava de *yeh-teh*, ou seja, ‘homens monstros’.

Os *sherpas* classificavam os animais como basicamente humanos no que dizia respeito à face, com cabeças pontudas, braços longos pendendo abaixo dos joelhos e cobertos de pêlos marrom-avermelhados. Relacionavam-se somente uns com os outros, e viviam nas florestas, indo somente aventurar-se nos domínios das neves eternas. Criaturas tímidas por natureza, os *yetis* eram considerados inofensivos pelos nepaleses, embora houvesse histórias a respeito de furtos de comida praticados por eles nas aldeias, de raptos de iaques^{18} e de, eventualmente, em ocasiões muito raras, ataques a humanos.

Não levou muito tempo para que o oficial britânico percebesse o significado de tal descoberta. Essas criaturas pertenciam não somente a uma espécie desconhecida como também diferiam de todas as formas de vida conhecidas pelos zoólogos.

Quando o tenente-coronel Charles Kenneth Howard-Bury retornou da cordilheira do Himalaia e relatou em detalhes o que viu aos jornalistas, houve um aumento de interesse já existente pelo assunto. Em poucos meses, notícias sobre o ‘Abominável Homem das Neves’ espalharam-se pelo mundo, e a lenda dos homens-monstros nepaleses era conhecida pelos leitores de jornais em todo lugar. Os zoólogos logo se dividiram no que se refere à questão de ser ou não possível que uma espécie de monstros de aparência humana vivesse em uma das mais remotas regiões do planeta. Mas a maioria foi absolutamente contrária à idéia de sua existência. Embora Charles Darwin tenha pressuposto, em sua Teoria da Evolução, que ainda podia existir um ‘elo perdido’ em alguma imensa região montanhosa não explorada da Ásia central da ex-URSS, poucas pessoas levaram essa idéia a sério. E era tido como certo que todos os animais do mundo já haviam sido descobertos e catalogados, parecia inacreditável que uma criatura tão impressionante pudesse permanecer oculta por tanto tempo.

Mas os indícios da existência dos *yetis* continuaram a se acumular no decorrer deste século. Em 1925, o fotógrafo grego N. A. Tombasi relatou a aparição de um *homem-monstro* coberto de pêlos

marrom-avermelhados, que caminhava na vertical e, por vezes, parava para colher raízes de arbustos de rododendro{19} nas montanhas de Sikkim. Ao perceber que estava sendo observada, a criatura desaparecia rapidamente, mas Tombasi afirma haver encontrado rastros na neve diferentes dos de um ser humano ou de qualquer espécie animal conhecida.

Embora as duas décadas seguintes presenciassem uma total ausência de relatos sobre *yetis*, uma expedição britânica de reconhecimento foi ao Everest com a missão de avaliar rotas para uma tentativa de escalada no ano seguinte e encontrou mais rastros a 5.486m, que seguiam caminho ao longo dos limites da geleira de Menlung. De acordo com o líder da expedição, Eric Shipton, as trilhas, que se estendiam por, no máximo, 1,6km, certamente não eram obra humana. Na verdade, uma criatura bípede extremamente pesada, capaz de dar passos largos, parecia ser a responsável.

Montanhista experiente que já escalara várias montanhas em todo o mundo, Shipton era uma testemunha suficientemente confiável, e suas fotografias dos rastros frescos, que evidentemente mostravam os rastros de um grande mamífero, reiniciaram a controvérsia a respeito da existência dos *yetis*. Na opinião do montanhista, as trilhas foram feitas provavelmente na noite anterior à sua descoberta, pois não havia borrões em suas bordas, que mostrassem marcas de artelhos bem-definidas. Shipton achava que a criatura que as produziu era com certeza um bípede de grande porte e, como a forma dos rastros diferia consideravelmente das pegadas dos ursos, era quase certo que elas se originavam de uma criatura desconhecida.

Outros discordaram. Alguns céticos afirmaram imediatamente que a neve derretida freqüentemente aumenta os rastros pequenos e bem-definidos, transformando-os em outros maiores e que, em vista disso, os rastros fotografados por Shipton podiam perfeitamente ter sido produzidos por um macaco do tipo *langar*, uma espécie conhecida por habitar quase sempre locais de grande altitude. A fim de testar a teoria, o professor W. Tschernetzsky, da Universidade de Queen Mary, em Londres, realizou uma análise cuidadosa de um modelo reconstruído dos rastros encontrados por Shipton e comparou-os aos de ursos, macacos e de homens primitivos. Nenhum deles era semelhante.

Por um curto período, o argumento a favor da crença na existência dos *yetis* mostrou-se intocável; porém, no começo da década de 1960, essa posição foi vencida pelo ponto de vista dos céticos. Várias expedições financiadas pelos jornais britânicos e lideradas por experientes equipes de montanhistas britânicos não foram capazes de encontrar os homens da neve ou mesmo rastros deles. Descobriu-se com embaraço que um presumível escalpo de *yeti* consistia na verdade em pedaços de pele de cabra aglomerados, formando uma peça de couro mais consistente. Sir Edmund Hillary, que recebeu o título de Cavaleiro pela conquista do Everest em 1953, organizou sua malograda expedição de busca aos *yetis* em 1960 e retornou convicto de que as histórias sobre esse animal não passavam de contos de fadas fascinantes, criados a partir de uma superstição local e sustentados pela mídia ocidental.

E assim, exatamente no momento em que o argumento a favor da existência da criatura começava a cair por terra, o número de aparições testemunhadas por ocidentais cresceu.

Em 1970, o cidadão galês Don Whillans, membro de uma equipe que escalava o Annapurna, foi alertado pelo seu *sherpa da* aproximação de um *yeti*. Ele deu meia-volta a tempo de ver a criatura desaparecer atrás de um canteiro elevado e descobriu então vários rastros frescos na neve mole. Naquele mesmo dia, Whillans viu à distância novamente a criatura, ou uma outra da mesma espécie, andando de forma simiesca; ele observou-a durante algum tempo enquanto ela caminhou por aproximadamente seiscentos metros até desaparecer atrás das sombras de algumas rochas. De início descrente na lenda dos

yetis, Whillans passou então a ter a certeza de que o animal que avistara não pertencia a uma espécie conhecida de urso ou macaco. Em 1975, enquanto caminhava aos pés do Everest, o andarilho polonês Janusz Tomaszczuck teve um encontro dramático. Contrariando o comportamento tímido dos *yetis* presenciados anteriormente pelos ocidentais, Tomaszczuck viu avançar ameaçadoramente sobre si uma criatura que só recuou por causa dos seus gritos de terror.

Somando-se às aparições reais, os últimos vinte anos foram o palco dos exemplos mais significativos de rastros claramente definidos respaldados por provas fotográficas convincentes ao extremo. Em 1978, lorde Hunt, um renomado montanhista britânico e líder da primeira expedição de escalada do Everest bem-sucedida, fotografou pegadas enormes medindo 35cm de comprimento por 18 de largura encontradas em uma vala à margem da maior montanha do mundo. Hunt, que vira anteriormente rastros semelhantes em várias ocasiões e que ouvira os ganidos lamentosos, muito agudos, das criaturas cortando o ar silencioso da cordilheira do Himalaia, acredita piamente que não há outra explicação senão a da existência de uma espécie ainda não identificada.

No ano seguinte, 1979, outra expedição britânica encontrou pegadas frescas no vale Hinken e ouviu chamados animais durante noites seguidas. O líder da equipe, John Edwards, tirou uma série de fotografias bem nítidas dos rastros, o que, na opinião de alguns especialistas, constituiu a mais forte prova até então da existência do abominável homem das neves.

Ainda hoje a dúvida em relação à existência do legendário homem monstro do Himalaia persiste em aberto. Os *sherpas*, que fazem uma distinção muito tênue entre o mundo metafísico e a realidade objetiva, acreditam que os *yetis* podem se tornar invisíveis e somente reaparecer quando quiserem. Se isso fosse verdade, seria fácil explicar por que o mundo ainda está esperando por uma foto convincente da criatura em seu habitat natural ou encarcerada e classificada. Sem dúvida, a breve história do abominável homem das neves encontra-se enredada em uma teia de fantasia, lendas e, mais recentemente, em apelo comercial.

As expedições em busca da criatura trouxeram muitas divisas ao Nepal, um dos países mais pobres do mundo, onde hotéis modernos nas cidades aos pés da cordilheira do Himalaia são batizados com nomes relacionados aos *yetis*.

Os céticos podem continuar zombando, mas o fato é que as pegadas foram encontradas e, o que é mais importante, fotografadas em várias ocasiões; excrementos foram analisados e as aparições presenciadas por testemunhas incontestáveis, dentre elas vários montanhistas ocidentais, continuam a ser relatadas. Esses indícios podem não ser conclusivos, mas será que se pode ignorá-los?

Agressores invisíveis no West End {20} londrino

Para muitas pessoas, a possibilidade de ser atacada repentinamente por um assaltante desconhecido é um dos grandes pesadelos da vida moderna e, por causa do aumento da incidência desse tipo de crime, trata-se de um medo justificável.

No final do século XX, roubos à mão armada, assaltos e espancamentos sem motivo são freqüentemente o assunto dos jornais. Junto à disposição crescente dos criminosos de recorrer a barbaridades, tensões raciais, depravação social e uso abusivo do álcool e das drogas, os assaltos vêm corroendo como um câncer os alicerces das nossas cidades, causando desordem civil, distúrbios e uma onda crescente de gangues de rua com aspirações niilistas. Com tal cena de crise ao fundo, *serial killers*{21} vagam como sementes do mal ao vento da revolta social, assassinando e mutilando indivíduos aleatoriamente, com o objetivo de satisfazer seu senso distorcido de realização pessoal.

Quando ataques ferozes e insensíveis são perpetrados sem aviso prévio, a polícia se depara com a luta penosa de condenar os responsáveis. A única constante nesses casos é que, sempre que ocorre um crime violento, pressupõe-se que os criminosos e as vítimas sejam humanos, mas, como veremos neste breve capítulo, mesmo essa aparentemente óbvia suposição pode eventualmente estar errada. A natureza de algumas agressões físicas é tão bizarra que até os mais modernos e sofisticados métodos de detecção de crimes não oferecem qualquer chance de descobrir os criminosos.

No dia 16 de abril de 1922, de manhã bem cedo, um homem foi levado ao Hospital Charing Cross de Londres sangrando em profusão por causa de uma punhalada no pescoço. Coisas desse tipo acontecendo no West End de Londres era algo raro naqueles dias, especialmente em plena luz do dia, e os médicos que tratavam de seus ferimentos ficaram alarmados. Mas esse acontecimento era um crime de natureza muito diferente daqueles a que os médicos estavam acostumados, porque tratava-se de uma agressão sem agressor.

Quando recobrou os sentidos, o homem ferido, um escriturário que ia para o trabalho, declarou à polícia que ninguém estivera próximo o bastante dele para golpeá-lo e que muito menos havia saltado sobre ele. Ele estava absolutamente certo disso. Os médicos acharam que a vítima podia ter-se enganado, até que uma testemunha do episódio, ocorrido em uma transversal da rua Coventry, no West End de Londres, confirmou o estranho relato da vítima. Ainda assim, esse testemunho era a única prova do acontecimento, e os policiais acabariam sendo perdoados por rejeitar a natureza aparentemente sobrenatural do crime. Entretanto, sucederam-se novos acontecimentos.

Duas horas depois de o escriturário ser internado, outro homem com ferimentos de faca entrou cambaleante no Hospital Charing Cross, falando de um agressor invisível. Finalmente, ainda naquela tarde, uma terceira vítima do esfaqueador-fantasma foi atendida pelos médicos do Charing Cross. Um inquérito policial completo foi aberto, acabando por descobrir que todos os ataques aconteceram no mesmo local — uma certa transversal da rua Coventry. A exceção disso, a polícia foi incapaz de encontrar uma solução e, quando uma matéria completa sobre esses crimes bizarros foi publicada no

Daily Express, um porta-voz da polícia foi citado como tendo afirmado que os ferimentos produzidos naqueles homens desafiavam qualquer explicação racional. Dentre tudo isso, o mais embaraçoso foi ter vazado a informação de que a última das três vítimas fora golpeada nas costas abaixo da omoplata esquerda — a despeito de o seu casaco não apresentar sinais de perfuração.

Os misteriosos incidentes ocorridos em plena luz do dia, em 16 de abril de 1922, lembraram as circunstâncias estranhas da morte da inglesa Lavinia Farrar vinte e quatro anos antes. Descoberta em uma piscina de sangue no chão da cozinha de sua casa em Cambridgeshire em março de 1901, Farrar foi apunhalada no coração várias vezes. Ainda assim, seu vestido permanecera incrivelmente intacto. Seria possível que ela tivesse forças para vestir-se depois de se apunhalar? Perguntaram-se os detetives. Era improvável, pois tinha 72 anos de idade e sofria de cegueira e paralisia. Seu assassino, humano ou não, jamais foi identificado.

Outra vítima cujos ferimentos exibem a marca de um assassinato incomum foi o fazendeiro inglês Charles Walton. O trabalhador agrícola foi encontrado morto na tarde de 14 de fevereiro de 1945 em uma área campestre em Meon Hill, perto de Lower Quinton, em Warwickshire. Para os que o encontraram, ficou imediatamente claro que ele fora assassinado com um forcado: havia golpes profundos em seu peito e garganta que formavam uma cruz. O homem não tinha inimigos, nada havia sido roubado e nem a maneira horrível como morrera afastava definitivamente a hipótese de suicídio; sendo assim, o mistério de sua morte manteve-se fora do alcance até mesmo da sagacidade dos detetives da Scotland Yard, incapazes de encontrar uma solução. Alguns moradores do local afirmaram que poderia haver bruxaria envolvida, e outros atentaram para o fato de que o cadáver de Walton foi encontrado em um lugar famoso por ser assombrado por figuras espectrais, uma delas freqüentemente vista — de acordo com o folclore da região — carregando um grande forcado.

Era de conhecimento público que os detetives londrinos consideravam toda essa história mera superstição. Mas, no íntimo, eles mesmos se questionavam, se de fato não teria ocorrido um assassinato sobrenatural, depois de seus próprios homens terem avistado a forma fantasmagórica.

Se você acha as histórias que acabamos de narrar difíceis de *engolir* deve dar uma folheada nas páginas escritas por Charles Fort, o famoso cronista dos fatos incomuns. Lá você encontrará uma listagem de casos de cortadores de gargantas e estranguladores invisíveis e, até mesmo, na China, um relato sobre a antiga praga das machadinhas demoníacas de cortar fumo em rolo! Como Fort escrevia no início deste século, a maioria dos seus exemplos são da era vitoriana. Além disso, um levantamento contemporâneo dos jornais daquela época em todo o mundo mostra que tais acontecimentos são passíveis de ocorrer hoje em dia, como no passado. Na verdade, a correlação de tempo e espaço entre algumas mortes, cuja causa permanece desconhecida, faz com que nos perguntemos se essas forças invisíveis não estão se utilizando hoje de métodos mais sutis para eliminar seres humanos.

No período de uma hora do dia 7 de julho de 1988, dois jovens índios canadenses, Alexander Eagle e Charles Brian Able, caíram mortos subitamente enquanto caminhavam juntos pelas escadarias da subestação hídrica principal da rua Cecil, em Toronto. Embora o aspecto dos dois homens fosse normal, ambos haviam sofrido um colapso circulatório completo. Além disso, após três meses de exames toxicológicos forenses buscando algum tipo de veneno ou elemento químico, drogas ou álcool, os especialistas não conseguiram encontrar a *causa mortis* dos homens. Em outubro do mesmo ano, o *Toronto Star* publicou matéria sobre o estorpecimento da polícia local em face da descoberta de um índio de trinta anos de idade inconsciente nas escadarias das mesmas instalações. Levado a um hospital, o homem não resistiu, falecendo naquele mesmo dia, e os médicos não foram capazes de atestar a razão de

sua morte.

Estariam as mortes dessas pessoas relacionadas apenas por meio de um subterfúgio cruel do destino ou haveria uma força sinistra em ação? E, se a segunda possibilidade for verdadeira, qual é a mente que a dirige?

1923

A maldição do menino-rei

A descoberta da tumba de Tutankamon foi, sem dúvida, o fato arqueológico do século. Pela primeira vez na História, uma tumba real do antigo Egito foi vista em todo o seu magnífico esplendor, completa e intacta. Entretanto, o sentimento mundial a respeito da tumba logo seria substituído pelas histórias a respeito de sua maldição.

A expedição que encontrou o derradeiro local de descanso do menino-rei foi liderada por dois ingleses — lorde Carnarvon e Howard Carter — que estiveram na pista do faraó por mais de 15 anos. Carnarvon era um arqueólogo amador que financiou a expedição com seus próprios recursos. Carter, por outro lado, era um profissional dedicado e altamente reconhecido no campo da egiptologia. Juntos, buscaram o mais importante dos prêmios; juntos, lamentariam seu sucesso. Nenhum deles jamais poderia alegar que não conhecia a maldição: em agosto de 1922, Carnarvon recebeu uma advertência do conde Louis Hamon, famoso místico e clarividente. Hamon afirmava que recebera uma mensagem misteriosa através de seu guia espiritual. A mensagem, psicografada por Hamon em estado de transe, dizia: “Lorde Carnarvon, não entre na tumba. A desobediência irá colocá-lo em risco. Se persistir, adoecerá. Em seguida, morrerá.” No entanto, seu colega, um homem que não era dado a crenças supersticiosas, achou por bem comunicar esse fato ao seu sócio na aventura. Quando lhe foi pedido um conselho, Carter disse a ele que aquilo não era assunto para homens com boa saúde mental. Desse modo, descartando todos os pensamentos de inales “sobrenaturais, Carnarvon deu prosseguimento aos seus planos. Quando matérias sobre as advertências do conde Hamon chegaram às páginas dos jornais, ao mesmo tempo em que os arqueólogos partiam para o Egito, histórias de um destino de destruição passaram a ocupar a imaginação do público em todo o planeta.

Por mais de dois meses, nada foi descoberto no vale dos Reis, e parecia bastante provável que mais uma expedição estivesse à beira do fracasso. Mas em uma certa manhã, uma equipe de trabalhadores locais dirigida por Carter encontrou uma escadaria que descia areia abaixo e que, ao ser escavada, revelou a entrada da tumba. Sem perceber a princípio, os exploradores depararam-se com mais uma advertência, pois, sobre a entrada da tumba, havia uma inscrição que, decifrada mais tarde por especialistas do Museu do Cairo, dizia: “A morte sobrevirá àqueles que perturbarem o sono dos faraós. Essas pessoas adoecerão, sua respiração cessará.”

Depois de conhecer o significado da inscrição, a equipe de trabalho de Carter ficou atemorizada e recusou-se a prosseguir. Levou algum tempo até conseguir-se o número necessário de homens que quisessem continuar a escavação, o que só foi possível oferecendo-se a eles quantias elevadas. Entrementes, Carter ignorou a advertência e comunicou a incrível notícia ao seu sócio, que retornara brevemente à sua casa em Hampshire para desvencilhar-se de alguns afazeres burocráticos. A escavação terminou em meados de fevereiro de 1923, e na manhã do dia 16 daquele mês a tumba foi finalmente aberta. Howard Carter e o lorde Carnarvon foram os primeiros a entrar, seguidos por distintos arqueólogos de todo o mundo, todos atraídos por aquele acontecimento inigualável, (‘orno se poderá ver, eles não se desapontaram. A tumba do *menino-rei* era composta de quatro ambientes — duas antecâmaras, a câmara sepulcral e um compartimento do tesouro, ocupado por pilhas de riquezas

fabulosas. A tampa do sarcófago do faraó foi erguida, de modo que se pôde ver o interior do compartimento, de ouro sólido. Os arqueólogos ficaram pasmos. Aquele era evidentemente o maior achado de todos os tempos, seu valor histórico excedia qualquer expectativa. Para Carnarvon e Carter, foi o momento mais importante de suas vidas, a conclusão de sua longa busca.

As histórias do ouro e das jóias ocultas foram divulgadas em todo o mundo, enquanto a menção da inscrição sobre a entrada da tumba foi relegada a segundo plano, e a lembrança da maldição se perdeu na memória. Contudo, não foi por muito tempo. Em 6 de abril de 1923, apenas oito semanas após seu momento de triunfo supremo, o Quinto Conde de Carnarvon faleceu subitamente. Sua passagem do plano mortal foi atribuída à picada de um mosquito infectado que, por sua vez, provocou nele um forte ataque de pneumonia. Seria a maldição a funcionar? indagaram os jornais. Parecia perfeitamente possível, pois, coincidentemente, havia na máscara mortuária dourada de Tutankamon uma marca na bochecha exatamente no mesmo ponto onde o aristocrata inglês foi picado mortalmente pelo inseto. Além do mais, o falecimento do conde foi acompanhado por uma série de acontecimentos estranhos, não só no Egito mas também na Inglaterra. Para começar, uma visão fenomênica, um certo ‘homem selvagem’, foi vista várias vezes correndo nu em torno da propriedade de Carnarvon em Hampshire durante a primeira semana do mês de abril. E o que é mais estranho, a hora da morte de Carnarvon em um hotel no Cairo coincidiu com um inesperado blecaute que assolou toda a cidade com uma escuridão medonha. Entrementes, precisamente na mesma hora na Inglaterra, o cachorro de estimação do conde uivou de forma penosa e morreu.

O falecimento inesperado de lorde Carnarvon foi o início auspicioso da maldição do menino-rei, pois levou um dos dois homens mais responsáveis pela conspiração da tumba. Entretanto, Carter não morrera ainda, mas um dos amigos mais chegados ao aristocrata, George Gould, que não conseguiu chegar a tempo para o funeral, foi ao Cairo no mês seguinte para prestar suas últimas homenagens diante do túmulo de Carnarvon. Enquanto esteve no Egito, Gould visitou outro sítio sepulcral: a tumba de Tutankamon. Seis horas depois, ele sofreu um colapso e entrou em coma e, para espanto dos médicos, faleceu no dia seguinte. Não foi encontrada nenhuma razão para a sua doença. O segundo mistério fez delirar a imprensa marrom e, conforme foram morrendo, um a um, os outros membros da expedição, os jornalistas iam agradecendo a toque de caixa contábil. Em seis anos, 12 dos 22 membros presentes à abertura da tumba pereceram. Dentre eles estavam a mulher de Carnarvon, também vitimada pela picada peçonhenta de um inseto; o meio-irmão do conde, que se suicidou; o professor Newberry, que abriu o sarcófago real e poucos meses depois morreu por causa de uma doença cardíaca; e o professor Derry, que dirigiu a autópsia dos restos mortais mumificados do faraó e que concluiu que ele fora provavelmente assassinado. Quando Arthur Wheighall, que escreveu um livro sobre a maldição, faleceu em 1930, apenas dois representantes do grupo original que testemunhara a abertura da tumba ainda estavam vivos. Um deles era Howard Carter, que morreu nove anos depois. O outro, o inglês Richard Adamson, viveu bastante, muito embora tenha havido algumas situações trágicas em sua vida. Após denunciar a lendária maldição de Tutankamon como supersticiosa em uma emissora de rádio na década de 1930, o inglês voltou para casa e descobriu que sua esposa morrera repentinamente. Dez anos mais tarde, Adamson escreveu um artigo defendendo esse mesmo ponto de vista cético; no dia em que foi publicado, seu filho quebrou a espinha em um acidente aéreo. Finalmente, quando ele concordou em aparecer em uma emissora britânica independente com o objetivo de “demolir definitivamente o mito da maldição”, o táxi de Adamson sofreu um acidente quase fatal na hora do *rush* em Londres.

Como Richard Adamson, a maioria dos especialistas em egiptologia são céticos em relação à possibilidade de haver realmente uma maldição, preferindo chamar de coincidência aquela seqüência de

mortes bizarras. Mas a sua incredulidade em nada contribuiu para salvá-los.

Na primeira metade da década de 1960, Mohammed Ibrahim, diretor do Museu de Antiguidades do Cairo e responsável pelos tesouros de Tutankamon, zombou da maldição, afirmando que se tratava de invenção desprezível. Mas, em 1966, ao receber de seus superiores a ordem de fazer os preparativos para uma exposição em Paris, ele teve um forte pressentimento. O diretor do museu contou a um amigo que fora advertido em um sonho a impedir que os tesouros saíssem do seu país. Mohammed Ibrahim fez o seu dever e desafiou a ameaça. A exposição parisiense correu conforme planejado, mas, duas semanas depois de ela ser inaugurada no Louvre, o diretor do museu morreu em um acidente automobilístico nas cercanias da cidade do Cairo. Uma vez mais a maldição clamara por vingança.

O sucessor de Ibrahim foi o doutor Gamal Mehrez, também uma famosa autoridade em egiptologia. Como o interesse na maldição foi revivido, Mehrez empenhou-se em enfatizar sua descrença nesse assunto. Na idade de cinquenta anos, ele era, como afirmou, uma prova viva da não-existência da maldição, pois vinha trabalhando com as antiguidades por toda a sua vida adulta. Tragicamente, contudo, a história estava por repetir-se. Em 1972, o doutor Mehrez foi, como o seu antecessor, encarregado da tarefa de transferir o tesouro de Tutankamon para Londres, a fim de ser exibido no Museu Britânico. Ele concordou, a despeito de receber uma nota anônima bastante estranha advertindo-o de que certamente morreria se desse prosseguimento à sua tarefa. Na noite em que os preparativos para o transporte das relíquias da tumba foram terminados, Gamal Mehrez foi encontrado morto em seu escritório. Uma autópsia mostrou que ele sofrera um colapso circulatório fulminante.

Os arqueólogos são de um modo geral pessoas desprovidas de romantismo e, se você mencionar a maldição de Tutankamon, irá receber como resposta uma tirada sarcástica. Mas para aqueles poucos e célebres profissionais que entraram na câmara mortuária do faraó naquele dia fatídico do mês de fevereiro de 1923, a lenda fez-se cumprir como verdade.

Fotografias de fantasmas

É desapontador (embora talvez não tão surpreendente, já que em geral os fantasmas chegam sem avisar) que, 160 anos depois da invenção do processo fotográfico, os *cameramen*{22} tenham raramente podido registrar provas irrefutáveis da vida do homem após a morte através dos ‘olhos’ de seus instrumentos de trabalho. Há provas de que equipamentos defeituosos, problemas de identificação e alta ou baixa exposições são, em muitas ocasiões, os responsáveis pelas fotografias ditas misteriosas. Além do mais, da mesma forma que médiuns impostores têm contribuído imensamente para denegrir a causa do espiritualismo, brincadeiras ‘fantasmográficas’ vêm causando danos consideráveis ao argumento geral em favor da crença em fantasmas. Nas mãos certas, a câmera *é capaz de mentir*, e muitas fotografias consideradas inexplicáveis pelos que acreditam apaixonadamente na vida após a morte têm sido acusadas de falsificações baratas.

Entretanto, a história da fotografia metapsíquica não se resume a um inimaginável catálogo de fraudes, tolices e invenções, como se referiu certa vez um crítico famoso. Algumas das imagens parecem realmente retratar chocantes indícios dessa sobrevivência à morte. Dentre elas, com certeza os exemplos mais interessantes são aqueles em que vultos ou imagens de rostos aparecem em fotos de família tiradas em ocasiões normais, em situações onde o fotógrafo não percebeu nada de estranho no momento em que a fotografia foi feita. Durante o século XX, houve muitos exemplos de formas fantasmagóricas que apareceram espontaneamente em negativos revelados.

No verão de 1925, um retrato de *lady* Palmer durante um feriado, tirado por uma pessoa que a acompanhava durante uma visita à basílica de Domnesy, na França, mostrava claramente dois padres ao fundo. Os fantasmas estavam vestidos em trajes que não eram usados pelos padres locais há mais de setenta anos, e a mulher afirmou insistentemente que não havia mais ninguém na capela.

Outro exemplo de ‘fantasmografia’ foi a foto tirada pelo reverendo Kenneth Lord na sua própria igreja paroquial, a de Nealy Hall, em Ripou,{23} onde um instantâneo em plano direto do interior da igreja retratou distintamente a forma de um fantasma encapuzado. Lord insistiu no fato de que não havia ninguém no visor de sua máquina quando apertou o botão, e a forma era por demais humana para se pensar que fosse uma sombra ou uma ilusão ótica.

Imagens sobrenaturais continuam surgindo com uma crescente regularidade. No outono de 1990, durante um feriado na região austríaca do Tirol, o inglês George Todd tirou várias fotografias de seu grupo de amigos durante uma refeição no hotel em que estavam hospedados. Quando o filme foi revelado em Scunthorpe, sua cidade natal, ele ficou impressionado ao ver um convidado extra à mesa. A misteriosa forma feminina, levemente fora de foco, mas sem dúvida sorrindo, parecia flutuar na frente dos outros presentes, e o fato de que se podiam ver claramente dois copos de cerveja na frente da mulher eliminava a possibilidade de que a fotografia fosse apenas uma sobreposição de outro instantâneo do feriado à foto de Todd.

Uma fotografia igualmente estranha foi publicada em um suplemento de domingo britânico no mês de outubro de 1991. Tirada na área comercial de Covent Garden em Londres no *reveillon* do ano anterior

pela família Webb, a fotografia retratava não somente a filha de três anos do casal como também a figura fantasmagórica de uma pequena estudante trajando preto que pairava ao redor. A forma da menina, aparentemente sem pernas, achava-se encoberta em parte por outros objetos, que mostravam exatamente a sua posição e condição física perfeitamente enquadradas nos limites tridimensionais da fotografia. Ao ser cuidadosamente estudada por Vernom Harrison, o então presidente da Royal Photographic Society e especialista mundialmente famoso em falsificações, a fotografia foi classificada como genuína, acima de qualquer suspeita.

Entretanto, talvez o exemplo mais famoso de fotografia de fantasmas tenha sido produzido em 1924. Ele continua a ser também o mais convincente, não somente por causa da qualidade da imagem produzida, mas porque as aspirações envolvidas foram testemunhadas pelos fotógrafos e por muitas outras pessoas, todas membros da tripulação de um navio. No dia 2 de dezembro de 1924, o petroleiro de bandeira americana *SS Watertown* navegava na direção sul através do canal do Panamá, tendo zarpado de San Pedro, Califórnia, quando ocorreu a tragédia. Um vazamento de gasolina asfixiou fatalmente dois marinheiros que trabalhavam em um compartimento dentro do casco do navio. Dois dias depois, as vítimas foram sepultadas no mar, e o navio prosseguiu em sua viagem.

Na manhã seguinte, algo muito estranho foi observado pelo primeiro piloto do navio. Olhando de binóculo, o oficial pôde avistar claramente os rostos de dois homens subindo e descendo nas ondas na região de estibordo do *Watertown*. Com um tamanho exagerado — cerca de 1,8m de largura —, eles aparentemente acompanhavam o petroleiro. Alertado a respeito dessa anormalidade, o capitão do navio, Keith Tracy, ordenou que a embarcação se aproximasse das aparições. Logo ficou claro que nas formas flutuantes podiam ser vistos com certeza os rostos dos dois marinheiros mortos entregues às ondas no dia anterior. Para profundo desconforto da tripulação aterrorizada, as aparições continuaram a ser vistas ao lado do navio por vários dias; somente quando o navio entrou na zona do canal nas proximidades de Balboa é que elas desapareceram. Se os testemunhos da tripulação do *SS Watertown* constituíssem o único indício desse curioso acontecimento, poderíamos dizer então que se tratou de uma extraordinária e deslumbrante aparição fantasmagórica. Entretanto, eles não foram os únicos. O capitão Tracy trazia uma câmera fotográfica e usou um filme inteiro tirando fotos das aparições aquáticas. Várias delas mostram claramente os rostos de James Courteney e Micheal Meehan na superfície do mar. Todos os demais que viram essas fotografias, tanto oficiais como as pessoas que os empregavam e também os amigos e parentes que sofreram com a morte dos marinheiros, concordaram mais tarde que as fotos sem dúvida retratam as fisionomias dos dois homens do mar.

O tormento cruel de Eleonore Zugun

Há poucos séculos, todos acreditavam no Diabo. Na Idade Média, tinha-se como verdade universal que Lúcifer era um ser real, senhor do Reino das Profundezas, servido por um exército de espíritos cujo objetivo era destruir a Criação de Deus. Cristo denominou-os de demônios e purificou os possuídos por eles através do poder do Espírito Santo. São Paulo advertiu os primeiros cristãos de que a batalha final entre a humanidade e seus antigos inimigos — ‘as forças sobre-humanas do mal no firmamento’ — estava por começar. A crença na existência objetiva de forças do mal não era, contudo, uma particularidade do mundo cristão. O fundamento dessa superstição tem suas raízes na maioria dos mitos e lendas das outras grandes correntes mundiais de fé. A tradição islâmica, por exemplo, sustenta que os demônios, ou *djinn*, foram criados a partir da substância primordial, antes de o Homem habitar a Terra, e que esses mesmos espíritos continuarão a existir depois do fim do Homem.

A crença judaica nos demônios, ou *D’Bukkiem*, acha-se inscrita na cabala. Os textos budistas e hindus falam de entidades semelhantes que atormentam suas vítimas humanas, da mesma forma que as culturas helenística e mesopotâmica. A sociedade moderna se considera sofisticada demais para acreditar em um fetiche desse tipo e, atualmente, os clérigos preferem julgar-se suficientemente esclarecidos a ponto de desprezar essas superstições absurdas.

Ainda assim, se há uma tendência a abraçar novos terrores entre os atuais sistemas de crenças do mundo, os antigos inimigos da humanidade não parecem ter desaparecido de todo. Por mais incrível que seja para a maioria das pessoas, nos últimos cem anos tem surgido uma infinidade de exemplos de eventos estranhos que, em circunstância alguma, podem ser explicados, a não ser que admitamos a possibilidade de uma causa diabólica.

Em fevereiro de 1925, Eleonore Zugun, uma camponesa de 12 anos que vivia no povoado de Taipa, na região norte da Romênia, foi aparentemente possuída por uma entidade que sua avó idosa não hesitou em identificar como o Diabo. Na presença de Eleonore, pequenos objetos começavam a saltar e a flutuar pelo ar; choviam pedras no telhado de sua casa; as janelas despedaçavam-se sem nenhuma razão aparente e a atmosfera dos ambientes fechados onde ela entrava tornava-se fria como gelo. Quando seus pais levaram-na a um padre exorcista, a cerimônia não foi suficiente para fazer parar aqueles violentos distúrbios. Observadores declararam, abismados, ter visto pesadas peças da mobília girarem de forma bizarra, e várias testemunhas sentiram a intensidade de fortes golpes de ar sobre suas cabeças. Mas, sem dúvida, o ato mais maligno estava reservado à jovem Eleonore. O torturador invisível atacava a menina diariamente, surgindo arranhões e marcas de pancadas em seu rosto, pescoço e braços. Em uma certa ocasião, suas mãos ficaram roxas, surgindo mais de 25 feridas nelas. Com seus pais desamparados e enlouquecidos de preocupação, a garota foi acolhida por um mosteiro local, mas, como as atividades extraordinárias continuaram, ela foi diagnosticada como histérica e internada em um asilo para lunáticos.

De início, os médicos e os psiquiatras presumiram que os estranhos machucados que apareciam regularmente na pele da garota resultavam de ferimentos provocados por ela mesma, ainda que uma observação cuidadosa mostrasse o contrário. Como se acumulavam indícios da legitimidade do

fenômeno, a história começou a atrair consideravelmente o interesse de jornais, chamando a atenção de investigadores paranormais por toda a Europa.

No final do outono de 1925, o investigador metapsíquico inglês Harry Price realizou uma série de estudos a respeito do caso da jovem romena. Após seu primeiro encontro com a menina em Viena, as anotações de Price descreveram com clareza a influência do espírito sobre sua vítima.

Nos primeiros minutos do período de observação preliminar, Eleonore emitiu um breve e lancinante grito de dor, depois do qual profundas marcas de dentes apareceram na parte com mais carne do seu antebraço, um pouco acima do pulso... que juntas formavam uma figura elíptica. Se o leitor morder seu antebraço nesse local, conseguirá uma representação exata do que vimos.

Outro investigador inglês que visitou Eleonore Zugun e se convenceu da genuinidade do fenômeno foi o coronel W. W. Hardwick. Do relato de suas observações constam as seguintes linhas:

Eleonore estava amarrando uma caixa quando soltou um suspiro e levou a mão direita ao pulso esquerdo — pôde-se ver distintamente que havia marcas de dentes em seu pulso; em seguida apareceram sinais semelhantes a arranhões em seu antebraço esquerdo, transformando-se, dentro de três ou quatro minutos, em inchações inflamatórias brancas, que desapareceram lentamente. A garota estava sob observação estrita e não poderia tê-las produzido através de expedientes normais.

Devido às atividades de seu indesejável perseguidor, a garota romena tornou-se uma causa célebre dentre aqueles que entraram no mundo metapsíquico e, acompanhada pela condessa vienense Zo Wassilko-Serecki, que se tornou sua amiga, viajou a muitas cidades européias, dentre elas Londres, Paris e Munique, para demonstrar publicamente o fenômeno diante de cientistas, jornalistas e especialistas médicos.

Embora permanecesse algo de duvidoso quanto à autenticidade do mal que a afligia, Eleonore nunca foi vista tentando causar as marcas em si mesma, parecendo bastante improvável que, dado o número de testemunhas céticas que investigaram o caso, os machucados, feridas e inchações estranhas que regularmente apareciam em seu corpo pudessem ter sido produzidos por agentes não necessariamente sobrenaturais. Alguns suspeitavam que um espírito tenha se ligado à sua aura metapsíquica, enquanto outros acreditavam que somente um emissário do Diabo poderia agir de forma tão cruel. Hoje, muitos parapsicólogos poderiam afirmar que distúrbios emocionais na mente jovem de uma garota atravessando a puberdade fossem os verdadeiros responsáveis pelos terríveis ataques que a molestaram, sendo por certo interessante o fato de que os ferimentos em seu corpo pararam de aparecer nos primeiros meses de 1926, quando Eleonore menstruou pela primeira vez.

Qualquer que seja a verdadeira explicação, permanece o fato de que o caso de Eleonore Zugun continua a ser um dos exemplos mais convincentes entre todos os fenômenos paranormais ocorridos neste século.

1926

Estranhos sinais e milagres

Desde os primeiros dias de sua infância na pequena comunidade de Konnersreuth, na Bavária, Therese Neumann era considerada uma criança santa. Ela nunca perdia uma missa e sempre rezava suas orações de maneira respeitosa, ajoelhando-se diante do crucifixo em seu quarto de dormir ou da imagem de Nossa Senhora ao lado da cama de sua mãe. Os vizinhos acharam que Deus estava submetendo a fé religiosa da família Neumann a um teste quando, aos vinte anos, Therese foi acometida por uma misteriosa doença de caráter histérico, que a fazia ficar de cama, cega e paralisada. De fato, a ordenação apenas fortaleceu seu amor a Deus, e, seis meses mais tarde, na Sexta-feira da Paixão de 1926, poucos entre os que conheciam Therese Neumann duvidavam de que ela fora verdadeiramente tocada pelo espírito de Nosso Senhor.

Após presenciar uma aparição manifesta de sua homônima, a santa menina Therese de Lisieux, Neumann curou-se súbita e milagrosamente de sua enfermidade e tornou-se apta a ter novamente uma vida normal. Uma vida normal com exceção de uma seqüela curiosa: dali em diante, em todas as sextas-feiras de sua vida, Therese Neumann exibiu o milagre dos estigmas, uma réplica dos ferimentos físicos sofridos por Cristo durante sua crucificação. Nesses períodos de 24 horas, ela entrava em transe e revivia toda a cena no monte Calvário, seguindo os passos do filho de Deus e observando de perto o processo da crucificação até, inclusive, o momento da morte do Messias.

As pessoas que presenciaram o êxtase de Therese afirmaram tê-la visto verter lágrimas de sangue e sustentaram que realmente profundos ferimentos e perfurações se abriam involuntariamente em suas mãos, pés e fronte. Os que suspeitavam de fraude logo se convenceram de que nenhum ferimento auto-infligido poderia ter causado as perfurações tão profundas que apareceram em sua carne e feito verter em seguida tão copiosamente o seu sangue.

Quando Therese Neumann faleceu, em 1962, seu fenômeno já havia sido investigado por uma série de grupos interessados, dentre eles místicos, médicos e jornalistas. Durante um período de 36 anos, ninguém ousou afirmar que havia outra causa que não fosse de origem sobrenatural, divina ou de alguma forma paranormal que se pudesse responsabilizar pelos evidentemente reais e visíveis ferimentos que surgiam em seu corpo toda sexta-feira.

Embora Therese Neumann continue a ser um dos mais famosos casos de surgimento dos estigmas cuja vida foi registrada, não constitui a única prova concreta da existência desse fenômeno. Quando o mais venerado 'estigmatista' da Itália, padre Pio, expirou em San Giovanni Rotonda, no sul da Itália, em 1968, ele já vinha sangrando constantemente nos pés e nas mãos durante mais de cinquenta anos. Os ferimentos apareceram pela primeira vez em 20 de setembro de 1918, três dias depois de padre Pio e seus confrades capuchinhos celebrarem a cerimônia dos estigmas de São Francisco. Os monges encontraram padre Pio caído inconsciente no chão de uma pequena capela esvaindo-se em sangue por cinco lugares: as palmas das mãos, as plantas dos pés e seu flanco esquerdo. Durante a metade do século que se seguiu, esses ferimentos não sararam e, embora não parassem de sangrar, jamais se infectaram.

Tratava-se da crença da assembléia de fiéis de padre Pio, crença no fato de que ele trazia em si as

chagas de Nosso Senhor, por causa de seu ardente amor a Deus e devoção à liturgia. Enquanto a interpretação do fenômeno se acha claramente baseada no fervor religioso, pode-se questionar se a atmosfera de intensa veneração e adulação não atuaram decisivamente em favor do aparecimento dos estigmas no clérigo. Na verdade, alguns psiquiatras defendem a teoria de que um *background* de devoção religiosa intensa, aliada a uma infância traumática, seja um fator presente em praticamente todos os casos de aparecimentos de estigmas ocorridos neste século.

Um exemplo que se adapta bem a tal categoria (muito embora esse caso tenha ocorrido entre batistas, e não católicos) é o de Cloretta Robinson, uma estudante negra de Oakland, Califórnia, que, poucas semanas antes da Páscoa de 1972, quando tinha dez anos de idade, começou a apresentar estigmas de aparência impressionante. Eles apareceram primeiramente durante uma aula de educação religiosa na escola, seguindo-se um inexplicável sangramento nos pés, no peito, na testa e, naturalmente, nas mãos da menina. A investigação subsequente realizada pelo psiquiatra Joseph E. Lifschutz confirmou que Cloretta era profundamente religiosa, sendo a bíblia praticamente a sua única leitura. Além do mais, se, por um lado, ela afirmava jamais ter ouvido falar do fenômeno dos estigmas antes do seu próprio sangramento se iniciar, por outro ela passou as semanas que antecederam a Páscoa lendo o livro *Crossroads*, de John Webster, uma obra altamente carregada sobre a crucificação. Na opinião de Lifschutz, era improvável que a menina houvesse provocado os machucados em si mesma, repetidamente, de forma a confundir os médicos que tratavam dela. E, segundo ele, era bem provável que o simples poder da força mental e emocional (conscientemente ou não) fosse a causa das impressionantes mudanças em seu estado físico. “Não era”, como ele escreveu, “mais possível opormo-nos ao poder das forças mental e emocional no controle da matéria física”.

Isso é, sem dúvida, uma verdade. Mas por que tão poucos devotos exibem essas marcas e o que exatamente é o processo por meio do qual eles são capazes de produzi-las, às vezes em questão de minutos? Há muitas questões inexplicadas nos fenômenos metafísicos do misticismo.

Previsão do futuro

Na opinião da maioria dos cientistas, a marcha do tempo é inexorável e inalterável. Em um mundo de muitas incertezas, podemos pelo menos ter a convicção de que ao dia se segue à noite, de que um ano é sucedido por outro. O presente se torna passado, o futuro se faz presente. Não se pode saber com certeza o que se encontrará depois da próxima esquina, pois ninguém é capaz de conhecer o que está por vir. Quase toda a experiência religiosa do Homem sustenta esse ponto de vista. Mas, em ocasiões muito raras, alguns homens e mulheres parecem ter voltado a dias ancestrais ou previsto o futuro. Esses momentos de *insight* extraordinário põem em dúvida muitas das certezas a respeito do movimento contínuo do tempo linear. Por essa razão, e também porque é impossível estudá-los em laboratório, a maioria dos cientistas considera essas histórias como liquidadas e destinar pouco tempo à criação de hipóteses sobre sua origem. Mas um seleto grupo de poucos escolheu o caminho oposto, visando a enunciar uma nova teoria do tempo que deveria abranger aberrações estranhas e misteriosas.

John William Dunne ficou famoso como um dos pioneiros em projeto de aviões — ele construiu o primeiro avião de guerra britânico. Mas é como escritor e teórico do tempo que ele é mais lembrado hoje em dia, sendo esse o campo em que ele despertou a atenção de estudiosos de mistérios de todas as partes do mundo. Embora Dunne fosse interessado em sonhos premonitórios e mantivesse um arquivo pessoal a respeito de suas próprias ‘revelações noturnas do futuro’ desde antes da virada do século, suas idéias foram publicadas apenas em 1927 no livro *An experiment with time*, que se pode afirmar ser, com justiça, a primeira tentativa genuína de exame do assunto da predição através de uma ótica de seriedade.

Os conceitos de Dunne — que ele denominou de ‘tempo em série’ — eram complicados e controversos, mas muitas pessoas não os consideravam de todo implausíveis. Basicamente, o autor imaginou uma mente humana consciente do que está fazendo e pensando em um determinado momento desconsiderando-se o passado e o futuro. Ao mesmo tempo, de acordo com as conjecturas de Dunne, a mente humana pode estar consciente do que está fazendo — consciente de si mesma — em qualquer momento especificado; além disso, ela precisa estar ciente de sua consciência de si mesma e daí por diante *ad infinitum*. Por isso, no modo de ver de Dunne, a mente humana tornou-se uma sala de espelhos intelectual. Caso essa hipótese fosse aceita, não seria difícil, segundo o autor, avançar um passo e admitir também que a maneira como a humanidade compreende o tempo pode ser equívoca, o que por sua vez nos sugere a possibilidade de que o senso temporal que percebemos nos momentos em que estamos acordados pode ser completamente diferente daquele que vivenciamos durante o sono.

Embora alguns elementos de seus sonhos freqüentemente se realizassem, eles eram em grande parte insignificantes até que, no final de 1916, quando trabalhava para o exército britânico, Dunne acordou de uma visão incrivelmente nítida na qual assistiu à explosão de uma fábrica de armamentos. Dois meses mais tarde, em janeiro de 1917, ocorreu uma gigantesca explosão em uma fábrica de bombas de Londres, que matou setenta trabalhadores e feriu mais de mil.

Logo depois, o então projetista de aviões teve outro sonho em que viu com clareza uma manchete de jornal ainda não publicada relatando o desaparecimento de quatro mil pessoas devido à erupção de

um vulcão no Extremo Oriente. Na semana seguinte, Dunne leu a mesma notícia durante o café da manhã. Diferia apenas por um detalhe: a estimativa de mortos era de quarenta mil, dez vezes o número previsto.

Embora J. W. Dunne não fosse a primeira pessoa a sonhar com o futuro, *An experiment with time* era, em 1927, o único relato publicado a respeito desse assunto escrito por uma pessoa com reputação científica. Ele marcou o início de uma série de estudos acerca da precognição que levaram os parapsicólogos a reavaliar o universo em que vivemos e o conceito de tempo linear no qual a maioria de nós acredita. Tais estudos ocupam-se em afirmar que as premonições de desastres acontecem com frequência maior do que a que é normalmente declarada e que um conhecimento prévio subconsciente de um perigo iminente poderia até ser um meio de defesa eficiente que todos nós possuímos.

Em 1966, o doutor J. C. Barker, um psiquiatra inglês de Shrewsbury, ocupou-se em determinar se acidentes graves atraíam um número desproporcionadamente maior de premonições. Tomando como seu objeto a tragédia na jazida de carvão de Aberfan, que vitimou fatalmente 144 pessoas em 21 de outubro daquele mesmo ano, Barker fez um apelo através da coluna científica do *Evening Standard* a todos os ‘espreitadores do destino’ para que entrassem em contato com ele. Mais de uma centena de cartas foi recebida, das quais 35 foram consideradas verossímeis, onde aqueles que previram o acontecimento contaram seus sonhos a outras pessoas antes de ocorrer o fato real. Os sonhos diferiam estilisticamente — uma mulher viu cerca de uma centena de cavalos descendo uma colina puxando carros fúnebres; alguns falaram de uma sensação de sufocação e de uma névoa negra surgindo diante de seus olhos; outros ouviram os gritos das crianças debatendo-se, mas seu conteúdo se referia à mesma história. Analisando os dados, o doutor Barker chegou à conclusão de que as premonições poderiam vir a ser utilizadas para advertir as pessoas de desastres iminentes e proporcionar um método prático de evitá-los.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, um parapsicologista norte-americano, o professor William Cox, reunia indícios com o objetivo de comprovar que certas pessoas já usavam essa notável faculdade metapsíquica, embora quase nenhuma delas estivesse consciente disso. Através de uma série de levantamentos estatísticos do número de passageiros de trens que se envolveram em acidentes, Cox descobriu que a proporção dos passageiros que, nos dias dos acidentes, viajavam nos trens ‘condenados’ pelo destino era invariavelmente menor que o normal de tais linhas nos outros dias. Dados relativos a mais de uma centena de acidentes ao longo de um período de seis anos apresentaram diferenças e variações estatísticas muito maiores, além, portanto, de qualquer explicação baseada no puro acaso. De fato, utilizando um computador, Cox chegou à conclusão de que a proporção entre esses conjuntos de valores que ocorriam coincidentemente era de um milhão para 1. O parapsicólogo concluiu que, conscientemente ou não, as pessoas eram capazes de prever problemas futuros e procurar alternativas a eles.

Para a maior parte dos cientistas, a idéia de que se pode ver o amanhã é um absurdo e, na verdade, um absurdo perigoso. “Se a predição for algo factível”, afirmou claramente um certo acadêmico agraciado com o prêmio Nobel, “então toda a estrutura teórica do universo estará comprometida”. Entretanto, como se acumulam indícios que demonstram que a mente humana é capaz de, sob circunstâncias especiais, agir como uma antena que capta os eventos futuros, então logo os bastiões do ceticismo absoluto apresentarão fissuras. Sem dúvida, o processo continuará até um determinado ponto, talvez a metade do próximo século, e a maioria dos cientistas acabará concordando com a profecia de Albert Einstein, de que “a separação entre o passado, o presente e o futuro equivale a uma mera ilusão”.

1928

Sombras do mal

As mais macabras manifestações paranormais forneceram uma prolífica série de argumentos para os roteiristas de Hollywood, e a popularidade dos filmes de horror não mostra sinais de estar diminuindo. Muitos dos grandes sucessos das telas baseiam-se direta ou indiretamente em relatos de fenômenos reais, sendo *O exorcista*, talvez, o exemplo mais notável, onde a criança acolhida por William Peter Blatty diferia do da criança original apenas pelo sexo, e em mais nada. Seria uma possessão real por entidades invisíveis a causa fundamental de tais fenômenos? Apesar de a maioria dos cientistas e psiquiatras unirem-se para desmentir a possibilidade de possessão por espíritos, há hoje em dia um número crescente de indícios que sustentam a teoria de que uma invasão da psique humana por outras mentes invisíveis é absolutamente viável. .

Um dos mais detalhados e por isso mesmo mais convincentes casos de possessão demoníaca remete-nos a uma mulher do meio-oeste norte-americano cujo nome, por motivos de segurança, jamais foi divulgado. Ela foi batizada na igreja católica e, a despeito de ter sido uma criança notadamente devota, no final da adolescência ‘Mary’ começou a ouvir estranhas vozes interiores, que lhe ordenavam que blasfemasse durante as missas e que cometesse atos imorais. Mary foi examinada por vários médicos que diagnosticaram histeria, mas a moça começou a manifestar sinais de possessão demoníaca à medida que ficava mais velha, e nada que os médicos fizessem parecia ajudar.

Então, em 1928, aos 42 anos de idade, a mulher relutantemente concordou em submeter-se a uma cerimônia de exorcismo em um convento franciscano em Earling, no estado norte-americano de Iowa. Ela foi informada de que a cerimônia seria dirigida por padre Theophilus Reisinger, um monge de sessenta anos, e pelo padre Joseph Steiger, um exorcista experiente. Embora esses dois homens já tivessem visto pessoas endemoniadas, nenhum estava preparado para o que se seguiu.

Um amplo quarto foi preparado para Mary e várias freiras colocaram-se à disposição dos dois padres. Mas, como se veria em seguida, mesmo a força de 12 pares de mãos não foi suficiente para conter a infeliz mulher. Na primeira manhã do ritual, Mary apresentou diversos sinais sobrenaturais, que os presentes reconheceram ser a marca inequívoca do Demônio. De sua boca eram emitidos uivos ensurdecedores que se assemelhavam ao ruído produzido por uma matilha de lobos, enquanto seu corpo se tornou horripelantemente contorcido em todas as articulações.

Enquanto o exorcismo continuou nos dias que se seguiram, imensas quantidades de excrementos e vômito se espalhavam pelo quarto, apesar de a vítima ter ingerido somente uma colherada de leite para se alimentar durante todo o dia anterior. De quando em vez, Mary vomitava várias outras substâncias, entre elas folhas de tabaco picadas e penas cheirando mal. Algumas das freiras ficaram tão chocadas que fugiram aterrorizadas, mas os padres trabalharam com determinação dia e noite até que finalmente vários demônios se revelaram e disseram seus nomes. Um deles se chamava Belzebu; outro era conhecido como Mainá, um espírito cuja danação foi causada, segundo afirmou ele, por ter assassinado quatro de seus próprios filhos quando vivia na Terra. Outro demônio, Judas, confessou que pretendia fazer Mary se suicidar. O que convenceu os padres de que tais criaturas eram reais e não fragmentos do subconsciente

de Mary foi o fato de que cada uma delas, incrivelmente, possuir informações que não eram de conhecimento de sua hospedeira.

Certo dia, o demônio de nome Belzebu contou, divertindo-se muito com aquilo, que o padre Steiger sofreria um acidente na sexta-feira seguinte. De fato, o carro do padre chocou-se com a grade de uma ponte que atravessava, no caminho da residência de um paroquiano enfermo. Steiger apenas feriu-se levemente, mas seu temor de que o demônio tivesse planejado o evento cresceu quando, ao chegar, sem ter contado a ninguém do acidente, o demônio foi capaz de descrever com precisão a cena da colisão, escarnecendo da má sorte do padre.

Apesar de identificados, os espíritos presentes no corpo de Mary mostravam-se bastante resistentes à expulsão, e a cerimônia solene foi repetida, durante duas semanas, sem se obter o menor sinal de sucesso. Exatamente no momento em que os padres chegavam à exaustão, o estado da mulher sofreu uma melhora súbita. Em 23 de dezembro, por volta das nove da noite, Mary se libertou da força de seus encostos e levitou até o teto. As irmãs do convento recuaram aterrorizadas diante do extraordinário ato de levitação, enquanto os padres Reisinger e Steiger aproveitaram o momento para forçar seus adversários a voltarem para o inferno; em poucos segundos, a mulher veio abaixo novamente, por fim livre de seus tormentos ocultos. Sentando-se na cama, ela abriu os olhos e sorriu em silêncio. “Pela misericórdia de Jesus”, disse ela, “louvado seja Jesus Cristo”.

Haverá alguma outra forma além da sobrenatural para explicar uma história tão impressionante como essa?

Para muitos médicos e psiquiatras, a possessão ainda é um diagnóstico que remonta à superstição medieval e que deve, portanto, ser desconsiderado em todos os casos. Tais céticos são sempre os primeiros a afirmar que enfermidades psicológicas graves, como a epilepsia, a histeria e a esquizofrenia, podem produzir os mesmos ataques convulsivos, rigidez muscular e boca espumante presentes em vários relatos ocorridos de possessão confirmada não só neste século como nos anteriores. Durante ataques desse tipo, o rosto do paciente em geral adquire um aspecto contraído, inchado e violentamente pálido, podendo haver estranhos ruídos guturais produzidos por espasmos repentinos dos músculos da garganta.

Os pacientes esquizofrênicos podem representar uma série de personalidades distintas, que agem de forma autônoma e demonstram evidente indiferença entre si, cada uma apresentando padrões de discurso idiossincráticos e lembranças particulares. Assim, dizem os céticos, quando observamos a incrível quantidade de fenômenos que podem ser explicados de forma natural, torna-se desnecessário tentar achar uma solução sobrenatural para o enigma da possessão.

Entretanto, isso é apenas a metade da história. Há muitas características que distinguem os possuídos dos mentalmente antecederam a cerimônia de exorcismo ocorreram 17 acidentes e que, depois dela, não aconteceu mais nenhum.

As opiniões do reverendo Donald Omand são comumente rejeitadas pela maioria das pessoas e rotuladas de superstição religiosa. Mas, na verdade, estabelecendo-se um paralelo entre as diversas singularidades e histórias relatadas durante este século, observa-se que o fenômeno de entidades demoníacas que forçam motoristas a se acidentar em determinados trechos de rodovias é anterior às atividades do exorcista anglicano. Também na Inglaterra, dessa vez na região rural de Devon, uma estrada que levava à quieta vila de Postbridge adquiriu a reputação de perigosa depois de uma seqüência de acidentes sérios e sem causa aparente, lá ocorridos em 1921.

Em março, um certo doutor Helby, médico que atendia na vizinhança de Dartmoor Prison, caiu de sua motocicleta e morreu por causa de uma fratura no pescoço; poucas semanas depois, um veículo motorizado precipitou-se em uma ribanceira coberta de grama, lançando para fora vários passageiros conforme ia descendo. O motorista do veículo contou que, ao perder o controle, sentiu mãos invisíveis puxando o volante. Em julho, dois homens em uma motocicleta recordam-se de ter passado por uma experiência semelhante ao descer pela mesma colina em Postbridge e, em 26 de agosto, um jovem oficial do Exército, também de motocicleta, feriu-se seriamente no mais fantástico de todos esses acidentes. Falando mais tarde sobre sua experiência, o oficial afirmou ter visto e sentido claramente um par de mãos cobertas de pêlos sobre as suas luvas de couro negro que o forçavam a dirigir seu carro para fora da estrada. Ele se considerou com sorte por ter sobrevivido e tinha certeza de que uma entidade sobrenatural tencionava destruí-lo. Talvez estivesse certo.

1930

A vila que desapareceu

A possibilidade de desaparecimento completo e permanente de seres humanos é um assunto que a maioria das pessoas prefere deixar de lado. Como vimos em alguns dos mistérios abordados nas páginas anteriores, houve certas ocorrências nas quais seres humanos reais, de carne e osso, desapareceram absolutamente — não no sentido metafórico, mas no literal. Não se sabe o que acontece com essas pessoas depois de seu desaparecimento, pois a verdadeira natureza da força que leva suas vidas se encontra evidentemente além da nossa compreensão. Redemoinhos metapsíquicos, vórtices inferiores, interrupções do tempo e portais entre dimensões: todos esses fenômenos foram mencionados em obras de paranormais, mas na verdade nenhuma dessas teorias parece satisfatória.

Os faroleiros desaparecidos da ilha de Flannan, o batalhão perdido da campanha de Gallipoli e o sumiço dos defensores de Nanking são apenas alguns entre os milhares de exemplos que apresentam o mínimo de sentido às nossas mentes racionalistas. Entretanto, talvez o mais fantástico entre todos esses casos contemporâneos seja o do desaparecimento de uma vila esquimó inteira, situada em sua terra natal, às margens do lago Anjikuni, em 1930. Até hoje, as autoridades canadenses não foram capazes de resolver esse enigma ou entrar em contato com membros ou descendentes daquela tribo. Era praticamente como se ela jamais houvesse existido.

O mistério surgiu em novembro de 1930, quando um caçador de peles valiosas de nome Joe Labelle entrou, caminhando pela neve, na familiar vila de barracas, completamente deserta. Apenas duas semanas antes, a última vez em que Labelle estivera lá, a vila era um assentamento agitado e cheio de vida. Agora, ao invés das amigáveis saudações de acolhimento, Labelle foi recebido por um silêncio sobrenatural. Sem encontrar viva alma, o caçador procurou desesperadamente por pistas que o levassem a explicar a situação. Absolutamente em vão. Os caiaques dos esquimós continuavam ancorados como de costume; suas casas guardavam os artigos essenciais dos habitantes da vila: seus tapetes e rifles. Nas fogueiras apagadas do acampamento, encontravam-se os familiares potes de cozido de carne de caribus {24} congelados, que consistiam no prato rotineiro da tribo. Tudo estava no lugar certo, com exceção das pessoas. Era como se a comunidade inteira de duas mil pessoas tivesse deixado subitamente as suas casas no meio de um dia normal. Mas havia outro detalhe diretamente relacionado à sua ausência: Labelle verificou, profundamente estarrecido, que não havia rastros no chão indicando que as pessoas saíram do acampamento.

Como afirmou mais tarde, tomado por um estranho e mórbido sentimento de terror que crescia em seu estômago, o velho caçador dirigiu-se ao escritório telegráfico do distrito mais próximo e alertou a Real Polícia Montada do Canadá. Os *mounties* {25} nunca haviam ouvido história parecida. Uma expedição foi imediatamente organizada a fim de investigar a vila, sendo também empreendida uma busca ao longo das margens do lago Anjikuni. Não foi possível localizar a tribo perdida, e a expedição só serviu para agravar o mistério. Ao chegar no acampamento deserto, os *mounties* canadenses encontraram duas gélidas provas que insinuavam definitivamente a possibilidade de que houvesse ocorrido um evento sobrenatural. Em primeiro lugar, descobriram que os esquimós não levaram os seus trenós puxados por cachorros, como Joe Labelle afirmou de início. Pelo contrário, as carcaças dos *huskies* foram

encontradas cobertas de neve acumulada pelo vento nas cercanias do acampamento. Eles morreram de inanição. Em segundo lugar — e em alguns aspectos o mais inacreditável —, foi a descoberta de que as sepulturas dos ancestrais da tribo haviam sido profanadas e os restos mortais, removidos.

Esses dois fatos deixaram as autoridades perplexas. Os esquimós não poderiam de maneira alguma ter viajado sem um dos seus meios de transporte típicos, os trenós ou os caiaques. E jamais deixariam seus fiéis servos caninos morrerem de uma forma tão lenta e dolorosa. Ainda assim, eles partiram, e os cachorros foram deixados à sorte. O segundo enigma — as sepulturas abertas — era o bastante para confundir etnólogos familiarizados com o comportamento da tribo, uma vez que a profanação de tumbas era desconhecida entre os esquimós. Além disso, o solo estava tão congelado que parecia petrificado e seria impossível escavá-lo à mão. Como afirmou um alto oficial *mouny* na ocasião: “Esse acontecimento é, de um modo geral, fisicamente improvável.”

Mais de meio século depois, esse veredicto ainda é verdadeiro.

O enigma de Teleka Ventui

Dentre todas as faculdades ocultas da mente humana, uma das mais estranhas é a manifestação da xenoglossia, fenômeno em que as pessoas subitamente vêm-se capazes, conscientemente ou em transe, de se comunicar por meio de línguas ou dialetos humanos conhecidos que jamais aprenderam. Muito embora os psiquiatras que tratam de esquizofrênicos já tenham há muito explicado como a mente humana é capaz de criar uma enorme variedade de personalidades alternativas que parecem agir como outras pessoas, é difícil entender de que forma os mais extraordinários casos de xenoglossia possam ter resultado de um cisma semelhante na consciência normal do sujeito envolvido. E, acima de tudo, adquirir proficiência em uma língua estrangeira é algo que requer muito treino e prática e envolve o uso de vocabulário, sintaxe e um sistema de regras gramaticais bastante diferente da língua materna do aprendiz. Quando se trata de uma língua estrangeira que não é utilizada há centenas ou mesmo milhares de anos, a possibilidade de haver uma explicação natural é ainda menor.

Provavelmente, o mais fantástico caso de xenoglossia a ocorrer neste século foi o de uma jovem inglesa de Blackpool que, em 1931, se tornou obscurecida — possuída intermitentemente — pela personalidade de Teleka Ventui, uma cidadã da Babilônia, cuja vida terrena ocorreu durante a 18ª dinastia do antigo Egito — aproximadamente em 1400 a.C. A menina, identificada pelo pseudônimo de Rosemary nos arquivos da Sociedade Britânica de Pesquisa Metapsíquica,^{26} possuía a capacidade de falar, durante os momentos de possessão, em um estranho dialeto que soava como se fosse muito antigo, sendo que essa singularidade levou seu psiquiatra, o doutor Frederick Wood, a anotar algumas de suas frases e enviá-las ao egiptólogo Howard Hulme. Para a surpresa de Wood, Hulme confirmou que tais frases não eram absolutamente sem sentido. Na verdade, o egiptólogo respondeu que aquelas expressões vocais demonstravam um notável grau de precisão gramatical e que continham muitos arcaísmos, termos populares característicos, elisões^{27} normais e figuras de linguagem comuns ao Egito pré-cristão. “Era”, afirmou, “evidente que a mente que controlava Rosemary devia possuir um conhecimento considerável da linguagem e dos costumes que caracterizavam o Egito no reinado do faraó Amenhop III”.

Em uma investigação mais minuciosa do enigma, Howard Hulme foi a Blackpool entrevistar ‘Teleka Ventui’ pela primeira vez. Ele preparou 12 perguntas a respeito de pequenos detalhes do dia-a-dia babilônico que exigiam respostas pormenorizadas — temas sobre os quais apenas ele e outros poucos historiadores em todo o mundo seriam capazes de discorrer com segurança. Em sua presença, a pequena menina do norte da Inglaterra foi capaz de fazer exatamente isso, em uma língua que não era ouvida fora dos círculos acadêmicos há milhares de anos. Durante noventa minutos, a menina também escreveu 66 frases corretas na antiga linguagem do hieróglifo. No final da entrevista, Hulme se convenceu de que realmente ouvira uma voz que vinha de um ponto além das areias do tempo.

Embora o caso de ‘Rosemary’ continue a ser o mais famoso e bem documentado, não é de maneira alguma o único exemplo de línguas mortas ecoando nas bocas de falantes contemporâneos ocorrido no século XX. Em 1930, um médico de Nova York chamado Marshall McDuffie descobriu que seus bebês gêmeos eram capazes de conversar em um idioma estranho. Ele pensou que fosse uma espécie de linguagem própria das crianças, até que um professor de línguas antigas convidado a visitar a sua casa

ouviu os filhos de McDuffie falarem e afirmou que se tratava do aramaico, o idioma corrente na época de Jesus Cristo.

Mais recentemente, os hipnotizadores especializados na regressão têm-se deparado com pacientes dotados de habilidades xenoglóssicas. Um norte-americano de 11 anos de idade estudado pelo doutor Morris Netherton, hipnotizador especializado em regressão a vivências passadas, era capaz de se expressar em um dialeto ancestral do Oriente Médio, enquanto, em Toronto, um psicólogo de trinta anos especializado em crianças fez uma regressão aos dias em que era um guerreiro viking, expressando-se a respeito de suas aventuras em *norsk*, idioma de que derivou o atual islandês. A mesma pessoa também recordou-se de ter vivido na Mesopotâmia por volta de 650 d.C. e foi capaz de escrever na linguagem de então. As amostras foram examinadas por especialistas em cultura do Oriente Médio de Washington, que confirmaram se tratar de *sessamid pavlavi*, uma forma não utilizada desde 651 d.C. e que não mantém relação alguma com o persa contemporâneo. O que não é de surpreender é o fato de que essas pessoas bem informadas sequer foram capazes de tentar explicar como um vocabulário do Oriente Médio, com suas regras gramaticais próprias, penetrou na mente de um psicólogo moderno.

Será que casos como esses resultam do envio dos pensamentos de mentes desencarnadas aos cérebros das pessoas vivas ou será que eles são uma forma de transmigração mental? Essa é uma questão a ser pesquisada. O que podemos afirmar com absoluta certeza é que nenhum dos modelos atuais da consciência humana tem a capacidade de dar conta deles satisfatoriamente.

O dinossauro do Cherbourg e outras serpentes do mar modernas

É fácil compreender por que o mar nos oferece tantos mistérios. Mais de 70% da superfície da Terra são cobertos por água, dos quais apenas 3% apresentam profundidades inferiores a cerca de sessenta metros. Como a luz não atinge profundidades além de algumas poucas centenas de metros, o fundo do mar permanece em grande parte incógnito, e a exploração submarina às regiões mais profundas é complicada e custosa. A vastidão desconhecida das grandes profundidades ainda está por revelar seus segredos, não sendo, dessa maneira, uma surpresa que muitos criptozoólogos {28} estejam convencidos de que possam existir criaturas gigantes não identificadas vivendo fora de nosso campo cognitivo. Neste século, várias pessoas afirmaram ter visto monstros oceânicos, como se pode confirmar no *Noticiário* do final deste livro. Entre tais relatos, encontram-se descrições de crocodilos gigantes, lontras imensas, enormes enguias, dragões chineses, girinos de tamanho espantoso, répteis com várias corcundas e diversos exemplos de formas de vida pré-históricas com pescoço alongado.

Enquanto tais relatos fascinam as pessoas comuns, muitos cientistas marinhos os encaram com sincero desprezo. Da mesma forma que os zoólogos especializados em mamíferos recusam a idéia da existência do Pé-grande e dos *yetis*, seus colegas marinhos simplesmente se recusam a sequer examinar a possibilidade de que uma espécie marinha desconhecida de grande porte possa ter escapado à detecção por tanto tempo. Devido à enormidade dos oceanos do nosso planeta, essa inabalável determinação de rejeitar vários testemunhos oculares de formas de vida estranhas atinge muitos estudiosos de mistérios com a acusação de estarem agindo de uma forma não científica. E mais importante do que isso, ela despreza certos indícios que não se pode efetivamente negar. Se, por um lado, é sempre possível duvidar de testemunhos oculares, torna-se difícil, por outro, argumentar contra a realidade de uma carcaça não identificada pesando várias toneladas.

Em 28 de fevereiro de 1932, habitantes da região ocidental de Cherbourg, na costa francesa do canal da Mancha, encontraram uma carcaça comprida e pesada encalhada na praia de Querqueville. Tinha o pescoço comprido e fino e a cabeça pequena, muito parecidos com os de um camelo, e duas enormes nadadeiras na parte dianteira de seu corpo, que media cerca de nove metros, não se parecendo com nada jamais visto pelos habitantes daquele local. A maioria das pessoas que vinha olhar a carcaça tinha a impressão inicial de que se tratava de um dinossauro remanescente. Na semana seguinte, o comandante de um navio da região, o *Tugboat 177*, declarou aos jornais que avistou a criatura no mar ainda viva nadando velozmente nas proximidades de Querqueville vários dias antes de ela encalhar na praia. Na ocasião, ele contou aos amigos que o animal possuía a cabeça de um camelo e o pescoço comprido.

Se esse fosse o único relato dando conta de uma carcaça anormal encontrada neste século seria possível admitir que essa história fosse uma brincadeira engenhosa. Entretanto, não é esse o caso.

Sete anos antes, em 1925, o corpo em decomposição de um enorme animal cujo pescoço media cerca de nove metros, com a cabeça imensa e o bico semelhante ao de um pato foi encontrado em uma

praia em Santa Cruz, na Califórnia. Embora alguns biólogos que examinaram o seu crânio tenham chegado à conclusão de que provavelmente se tratava dos restos de uma baleia com bico, extremamente rara do Pacífico norte, essa classificação mostrou-se muito pouco convincente. Durante o período natalino de 1941, duas estranhas carcaças encalharam em praias escocesas, sendo inicialmente identificadas pelos cientistas como restos em decomposição de enormes tubarões. Contudo, os habitantes do local permaneceram céticos e informaram a jornalistas que haviam avistado animais com pescoços compridos, caudas pontudas e corpo peludo, lembrando a textura da fibra do coco. Em janeiro de 1945, um monstro de aproximadamente 7,5m e com as mesmas características foi encontrado na baía de Thurso, próximo a Dounreay, na costa norte de Escócia. Um relato jornalístico da época dá conta que nenhum especialista foi capaz de classificar a criatura, cujo pescoço era longo e afilado e a cabeça, relativamente pequena, assemelhava-se à de um cisne.

No decorrer do século, carcaças de tamanho prodigioso continuaram a aparecer em praias de todo o mundo. No final de 1948, um animal em forma de água-viva sem olhos e provido de uma espessa epiderme encalhou em Dunk Island, em Queensland (Austrália). Afirma-se que pesava algumas toneladas. Em janeiro de 1950, uma criatura ainda maior com presas semelhantes às de uma morsa atraiu a atenção dos cidadãos locais para a praia de Attaca, no Egito. A criatura fora lançada à terra por causa de uma ventania que durou três dias no golfo de Suez. Biólogos que presenciaram o fenômeno ficaram estupefatos. Também em águas meridionais, outra carcaça estranha foi encontrada em uma praia em Tema, na costa ocidental da Tasmânia, em agosto de 1960. Com a forte maré cobrindo e descobrindo a carcaça várias vezes no período de um ano, a gigante massa de tecido animal pesando muitas toneladas esteve à disposição de numerosos especialistas para ser examinada, e mesmo assim não se chegou a nenhuma conclusão precisa quanto à sua identidade. Dez anos mais tarde, em 1970, uma serpente marinha de aproximadamente nove metros foi encontrada na praia de Scituate, em Massachusetts e, em abril de 1977, pescadores a bordo do navio japonês *Zuyo Maru* recolheram um monstro em decomposição enquanto trabalhavam na costa da Nova Zelândia no oceano Pacífico. Nessa ocasião, foram tiradas numerosas fotografias do corpo reptiliano de aproximadamente dez metros da criatura. Apesar de tanto os desenhos como as fotografias retratarem um ser com pescoço alongado, quatro nadadeiras e uma cauda fina, alguns especialistas concluíram que o achado atormentador nada mais era do que o cadáver extremamente decomposto de um tubarão gigante dos mares do Norte. Outros, contudo, continuaram a acreditar que deveria tratar-se de algo bem menos comum. Michihico Yano, executivo de uma companhia de pesca que esteve a bordo do *Zuyo Maru* naquela ocasião, insistiu que o animal recolhido do oceano Pacífico por sua companhia de pesca era realmente um plesiossauro, um réptil marinho extinto que habitava a Austrália oriental há cerca de cem milhões de anos. O professor Yoshinori Imaizumi, diretor geral do departamento de pesquisas animais do Museu de Ciência Nacional do Japão, deu respaldo à sua opinião afirmando categoricamente que, em sua opinião, “não se tratava dos restos de um peixe ou de qualquer outro mamífero, mas com certeza de um enorme réptil de dimensões pré-históricas”.

A possibilidade de que sauros marinhos ainda existam foi grandemente reforçada em junho de 1983 quando um colegial britânico de férias em uma estação de veraneio marinha na Gâmbia descobriu uma carcaça estranha trazida à praia pela maré. O adolescente Owen Burnham fez meticulosos desenhos da criatura, que media mais de 4,5 metros, antes de ela ser destrinchada pela população local, em busca de alimento. Quando especialistas em oceanografia da universidade de Cambridge viram esses desenhos, ‘o monstro da praia de Bungalow’, como ficou conhecido, foi identificado como um cronussauro ainda jovem, uma espécie que habitava as águas do Atlântico entre 136 milhões e 65 milhões de anos atrás. Apesar de haver possibilidade da existência de um fóssil sobrevivente ter acentuado o interesse, o testemunho de um adolescente naturalmente não constituía uma prova conclusiva de uma descoberta tão

importante. Por carecer de elementos que corroborassem de forma objetiva a história do garoto, os acadêmicos de Cambridge simplesmente deram os ombros e voltaram ao estudo das águas-vivas.

E assim a realidade das serpentes marinhas continua a ser um enigma. Não podemos afirmar com considerável certeza que elas existam, mas, ao mesmo tempo, aparições regulares de todo o mundo e, o que é mais significativo, o surgimento ocasional de cadáveres anormais encalhados em praias proporcionam fortes indícios de que há realmente gigantes no oceano. Talvez, um dia, uma criatura pré-histórica venha a emergir das profundezas do oceano e vá dar um passeiozinho pela Quinta Avenida, como fez o monstro animado de Ray Harryhausen no filme *The creature from 20,000 fathoms*. Entretanto, eu tenho as minhas dúvidas...

1933

Em busca de 'Nessie'

O lago Ness é, sem dúvida, um lugar que merece um mistério. Localizado em meio às *highlands*[{29}](#) escocesas, cercado por montanhas escarpadas que se elevam em paredes íngremes a cerca de seiscentos metros de suas margens, o Ness é um dos três grandes lagos que preenchem o Great Glen, uma imensa falha geológica que divide a região norte da Escócia do resto da Grã-Bretanha. Com uma superfície de aproximadamente 14 mil acres e depressões sombrias que chegam a mais ou menos 275m de profundidade, o lago Ness é o maior manancial de água fresca de toda a Grã-Bretanha e o terceiro maior da Europa. Mas, se por um lado é imponente, por outro é misterioso. Em suas águas escuras, quase opacas por causa da turfa lixiviada da região, acredita-se que vive uma criatura imensa; uma criatura cuja espécie se extinguiu há cem milhões de anos.

Embora o monstro do lago Ness seja com certeza o mais famoso fantasma animal da atualidade, cujas aparições se dão com regularidade maior que qualquer outro fenômeno, a lenda da criatura escocesa só veio ganhar as manchetes em 1933. Em 11 de maio daquele ano, um certo senhor Alexander Shaw e seu filho andavam por um gramado em Whitefield House quando encontraram rastros no chão que se estendiam por cerca de 450m, apresentando vestígios do que parecia ser a cauda de um animal, próximo à baía de Urquhart, na direção exatamente oposta a eles. Os dois homens tiveram a impressão de que um corpo longo e sinuoso parecia se estender à frente, enquanto atrás havia água espalhada como se por obra de uma longa cauda. Naquela mesma semana, houve outras testemunhas, a família Clement de Temple Pier, nas proximidades de Drumnadrochit. O senhor Thomas Clement classificou o que viu como um animal de cerca de 13m de comprimento com quatro nadadeiras, pescoço longo e afilado e corcovas pouco acentuadas. Em 27 de maio, a criatura apareceu novamente, dessa vez em Cherry Island, de onde a senhora Nora Simpson observou-a a uma distância de pouco mais de quarenta metros durante cerca de dez minutos antes que o animal imergisse. A descrição feita pela senhora Simpson correspondia à declarada pela família Clement.

O relato seguinte foi um tanto mais insólito. Na tarde de 22 de julho daquele mesmo ano, o senhor George Spicer, diretor de uma certa empresa londrina, dirigia, acompanhado por sua mulher, pela estrada às margens do lago Ness em direção a Foyers. Logo após passarem por Whitefield, um animal com pescoço longo e corpo enorme saiu da vegetação do declive à esquerda, atravessou a pista e desapareceu nas águas. As duas testemunhas recusaram-se terminantemente a aceitar a hipótese de uma ilusão de óptica ou de que o animal fosse na realidade de uma espécie conhecida, como um cavalo, por exemplo.

Logo apareceram outras pessoas afirmando ter visto a dita criatura em terra, e essas histórias, junto a inúmeros relatos de aparições no próprio lago, promoveram o assunto ao nível de notícia nacional. O representante parlamentar local da Câmara dos Comuns aventou a possibilidade de realizar-se uma investigação, e o Circo de Bertrand Mills ofereceu uma recompensa de vinte mil libras esterlinas a quem capturasse o animal e o trouxesse vivo. Em novembro, houve uma reviravolta no mistério depois de o senhor Hugh Gray, a partir de um ponto de observação privilegiado às margens do lago nas proximidades de Foyers, conseguiu filmar a criatura. O próprio Gray descreveu o objeto como um ser animado de dimensões consideráveis; técnicos da Kodak examinaram os negativos e asseguraram que não

foram falsificados. Praticamente um mês depois, em 12 de dezembro, uma equipe de filmagem de documentários trabalhando com produções escocesas gravaram em filme as imagens de um animal que passava pelas águas rasas em frente de Inverfaingig. Nadando a uma distância de cerca de noventa metros da câmera mais próxima, o monstro pôde ser visto deslocando-se para a direita, afastando-se ao passar e aparentemente desaparecendo ao sair do campo de visão da câmera. Apesar de estar com a maior parte do corpo coberta pela água, vê-se claramente um grande réptil cuja forma alongada do pescoço coincide com os claros e coerentes relatos feitos durante o ano.

Como sempre, os cientistas, em sua maioria, permaneceram céticos. Quando as cópias dos instantâneos de Hugh Gray foram mostradas a Graham Kerr, zoólogo e professor da Universidade de Glasgow, ele afirmou que as imagens não eram “convincentes enquanto representações de um ser vivo”, ao mesmo tempo em que outro especialista do Museu Britânico, J. R. Norman, achou que elas pareciam retratar “uma baleia-negra [\[30\]](#), uma espécie qualquer de tubarão ou apenas um mero naufrágio”. Vários cientistas asseguraram que os objetos escuros avistados na superfície do lago não passavam provavelmente de troncos de árvores apodrecidos levados à superfície pelos gases da decomposição natural, enquanto o diretor do aquário do Zoológico de Londres acreditava firmemente que “o caso do monstro do lago Ness merece consideração unicamente por constituir um impressionante exemplo de alucinação coletiva...”

Entretanto, embora a maior parte do meio científico tenha repudiado o monstro ‘Nessie’, garantindo tratar-se de um golpe aplicado na crédula opinião pública por charlatões e ansiosos editores de jornais, as aparições continuaram a ocorrer. Na ocasião em que Rupert Gould, um oficial reformado da Marinha, publicou sua investigação do mistério, em junho de 1934, já haviam ocorrido 47 aparições relatadas por um total de 69 testemunhas.

Nas décadas que se seguiram ao primeiro surto de aparições, o interesse na serpente-fantasma do lago Ness cresceu ao invés de diminuir. Com o passar dos anos, aumenta a ‘montanha’ de indícios consistentes originados de testemunhas e fotógrafos. O número total de aparições parece ultrapassar, como calculam alguns autores, as três mil. Além disso, durante a segunda metade deste século, tentativas sofisticadas com o objetivo de comprovar a existência do monstro serviram apenas para aumentar a suspeita de que houvesse algo de estranho sob as águas escuras do lago Ness.

Em 1969, a equipe de jornalismo de uma emissora de TV independente britânica, utilizando um sonar a fim de localizar objetos em movimento, conseguiu captar sinais, durante dois minutos, do que parecia ser um grande animal. No ano seguinte, 1970, um instrumento de sondagem desenvolvido pelo engenheiro Martin Klein detectou objetos em movimento submersos que excediam em até cinquenta vezes o tamanho dos maiores peixes conhecidos a habitar o lago. Em 1972, uma câmera submarina com iluminação estroboscópica condicionada a movimentos captados por sonar registrou a interessante imagem de um membro em forma de nadadeira que media aproximadamente 2,5m pertencente a uma criatura que não se podia ver inteira. Três anos depois, um dispositivo semelhante a um sonar por ativação, criado por Robert Rhines, um cidadão de Boston, especializado em caçar monstros, produziu fotos que aparentemente retratavam o pescoço longo e curvo e o dorso bulboso de um enorme réptil.

O ano de 1987 assistiu à realização da mais abrangente sondagem através de sonar no lago. Vinte e quatro barcos baixaram uma rede de sonar por varredura no lago durante o período de três dias, sondando ininterruptamente as suas profundezas. Em um ponto não muito distante do castelo de Urquhart, o registrador gráfico do sonar indicou que um corpo muito grande se movia lentamente 396 metros abaixo da superfície. Até os céticos engenheiros operadores de sonar que trabalhavam para a equipe de

caçadores de monstros tiveram de admitir que uma espécie desconhecida poderia perfeitamente ser a responsável por aqueles sinais anômalos.

Os indícios ainda se acumulam. Em julho de 1992, durante um ciclo de operações de mapeamento por sonar no fundo do lago, localizou-se um objeto aparentemente grande e denso, movendo-se a cerca de 15m abaixo da superfície. De acordo com o capitão do navio norueguês, que transportava o equipamento, não era concebível que tal sinal de sonar fosse originado por um cardume de peixes e, em sua opinião, era ainda menos provável que se tratasse de uma falsa leitura de eco. Duas semanas depois, alguns jornais britânicos publicaram uma fotografia colorida do pescoço alongado de um sauro emergindo das águas do lago Ness.

Embora a foto, tirada por um motorista da estrada que corre ao longo de Fort Augustus, fosse muito indistinta para constituir uma prova conclusiva da existência de uma criatura animada, especialistas dos laboratórios fotográficos da Kodak e da RAF [\[31\]](#) na Escócia aceitaram unanimemente que ela não havia sido retocada.

A casa inglesa dos horrores

A Grã-Bretanha é tradicionalmente considerada a pátria das casas mal-assombradas e também possui, em justa medida, algumas casas amaldiçoadas. Uma habitação que sempre trouxe a desgraça aos seus ocupantes é Kelvedon Hall, uma mansão do século XVI situada na região campestre de Essex, a mais ou menos cinquenta quilômetros a nordeste de Londres. A mansão, atualmente de propriedade de um antigo ministro do gabinete britânico, S.Ex^a. o senhor Paul Channon MP [\[32\]](#), iniciou a transmissão de uma herança de ruínas em 1934, quando foi transformada em uma escola-convento. Logo no primeiro ano, depois de as irmãs de São Miguel tomarem posse do edifício, ocorreu nele uma série de acidentes e incêndios inexplicáveis. Em seguida, durante o período escolar de verão daquele ano, uma cadeia de mortes trágicas sacudiu o estabelecimento. A primeira a morrer foi uma criança que contraiu infecção tetânica após um acidente no *playground*. Algumas semanas depois, outro aluno foi vitimado fatalmente por uma hemorragia cerebral. Os sofrimentos continuaram no período seguinte: em setembro, uma certa irmã Premauesi foi encontrada afogada no tanque da mansão; quinze dias depois, faleceu outra criança vitimada por ataque de pneumonia, contraída durante um período de tempo ameno. As freiras que dirigiam a escola rezaram muito para que sua sorte mudasse, mas o infortúnio ainda não havia terminado, pois, no final de outubro, a senhora Margareth Gallivan, pensionista na casa, sofreu um acidente fatal ao cair por uma das janelas do terceiro andar.

O inquérito judicial resultou em um veredicto favorável, mas as irmãs tinham certeza de que forças sinistras estavam envolvidas. Uma semana depois do acidente com a mulher, a madre superiora fechou a escola e tirou de lá suas irmãs. Ela foi citada no jornal local por acreditar que havia algo de ‘mau e terrível’ no lugar, somando-se o fato de que suas irmãs em Cristo sentiam o mesmo.

Nesse meio-tempo, um porta-voz da diocese local afirmou que a questão como um todo era ‘misteriosa ao último grau’, e um exorcista da igreja católica apostólica romana visitou a mansão antes de ser vendida em 1937 à família Channon. Evidentemente, o seu novo morador, sir Henry ‘Chips’ Channon MP, logo sentiu o mesmo vago mal-estar por causa de sua aquisição, pois pediu ao bispo da região de Brentwood que abençoasse a propriedade. Por um determinado período, pelo menos, a bênção deve ter funcionado, pois *sir* Henry, um membro da abastada dinastia dos Guinness, de banqueiros e cervejeiros, viveu até uma idade avançada. Entretanto, depois de Paul Channon herdar a cadeira de seu pai em Westminster e a sua propriedade rural, a maldição de Kelvedon Hall começou a manifestar-se novamente.

Em 1986, a filha de Channon, Olivia, foi encontrada à morte em seu apartamento de estudante em Oxford. A autópsia confirmou que ela ingerira um coquetel mortal de bebidas alcoólicas e heroína. No escândalo que se seguiu, Channon perdeu, além de sua filha, todas as chances de promoção no gabinete. Eventos subseqüentes mostraram que o efeito do azar estava se espalhando de forma muito ampla, invadindo a área das responsabilidades ministeriais de Paul Channon. Após ser nomeado secretário de estado dos transportes, o parlamentar de Essex foi perseguido por uma série de acidentes nunca vista envolvendo atividades de transporte em todo o Reino Unido, culminando com três acidentes ferroviários de grandes proporções no inverno de 1988-89. Com sua reputação política sendo questionada, Channon

resolveu utilizar-se de um debate parlamentar para tentar restaurar a confiabilidade do sistema de transportes público. Mas no exato momento em que o ministro subiu à Câmara dos Comuns para começar o seu discurso, mais dois trens chocaram-se em Glasgow, matando e ferindo mais de cinquenta pessoas.

Em julho, o infortúnio de Channon chegou ao auge quando, após a publicação de uma reportagem que criticava o seu desempenho no desenrolar do atentado terrorista a bomba ao 747 da Lockerbie, ele foi deposto sem cerimônias por Margareth Thatcher.

Embora Kelvedon Hall seja o melhor exemplo de uma casa malfadada, não é de maneira alguma o único. Outra residência particularmente azarada foi adquirida por uma viúva, a senhora Penelope Gallencault, na primavera de 1972. Situado às margens do Tâmsa, no pitoresco vilarejo de Bray em Berkshire, o lugar parecia, a princípio, bastante amigável, embora os amigos que lá passavam seus finais de semana afirmassem que não conseguiam dormir em seus quartos, os quais, segundo eles, tinham uma atmosfera assombrada e fria. A senhora Gallencault ficou desconsolada quando descobriu que o lugar fora utilizado nas filmagens de um filme de terror classe B feito por produtores britânicos. Ao que parecia, o verdadeiro terror estava por começar, pois, nos dois anos seguintes, a vida de Penelope Gallencault seria abatida por tragédias consecutivas. Na primeira ocasião, um vizinho foi encontrado morto no jardim, sendo que seu corpo só foi descoberto uma semana depois do seu falecimento. No mês seguinte, um dos gatos da senhora Gallencault foi inexplicavelmente encontrado com o pescoço quebrado. A seguir, ocorreu o incrível fato de os seus dois filhos se afogarem em acidentes diferentes no espaço de um mês. Primeiro, Charles foi encontrado na banheira da casa, enquanto seu irmão mais novo, Richard, escapou de seu cercadinho de recreação e caiu no rio que corria ao longo dos fundos da propriedade de sua mãe. Para a jovem viúva, o choque foi quase impossível de suportar, mas, ainda assim, o ciclo de horríveis coincidências estava longe de seu fim.

Exatamente no mesmo ponto em que a criança mais nova caiu mortalmente, apareceu o corpo de um homem uma semana depois. E, no ano seguinte, a horrível sucessão se completou quando, em 30 de setembro de 1973, um hóspede da senhora Gallencault inexplicavelmente caiu no rio e morreu.

Não é de surpreender que a mulher passasse a dizer que sua casa possuía uma aura de maldade, e o padre local, o reverendo Sebastian James, curador da igreja de São Miguel, em Bray, chegou a especular que o lugar devia ter sido utilizado na prática da magia negra em alguma época passada. A polícia achava-se igualmente perplexa, e um oficial mais antigo admitiu que os seus próprios homens sentiram uma indefinível atmosfera sinistra no lugar. Alguns detetives definitivamente se convenceram de que as mortes não eram uma simples série fantástica de acontecimentos isolados, embora não houvesse qualquer indício material que sustentasse essa hipótese. Na verdade, as forças da lei e da ordem estavam provavelmente desperdiçando o seu tempo, pois é de duvidar que o culpado — se é que houve uma — pudesse ter sido preso na cela de uma prisão.

1935

Caminhadas sobre o fogo

Entre as numerosas proezas sobre-humanas da mente sobre a matéria, com certeza uma das mais difíceis de entender é a incombustibilidade. Registros ancestrais mostram que a prática da caminhada sobre o fogo tornou-se comum em muitas partes da Ásia central e meridional por volta de 500 a.C. Durante os séculos, ela se expandiu para o ocidente até os países mediterrâneos, e, em outras regiões, culturas tribais na América do Norte e por toda a região do Pacífico desenvolveram os seus próprios rituais em que se caminhava sobre o fogo. Para os cientistas ocidentais que ouviram falar pela primeira vez dessas cerimônias, era difícil acreditar que homens, mulheres e às vezes até mesmo crianças pudessem caminhar sobre pedras escaldantes e cinzas em brasa, saindo ilesas, ainda que os relatos dos pioneiros brancos da colonização e dos missionários fossem numerosos para se descartar. E assim, ao longo deste século, acadêmicos e personalidades médicas vêm desesperadamente tentando encontrar uma explicação racional para esses fantásticos fenômenos.

Em 1901, o professor norte-americano S. P. Langley, do Smithsonian Institute, testemunhou sacerdotes nativos empenhados em uma cerimônia de caminhada sobre o fogo, no Taiti. Quando uma pedra rubra foi retirada do local da cerimônia para que se verificasse a sua temperatura, ela ferveu a água em um balde por mais de dez minutos, levando Langley a estimar a sua temperatura em cerca de 560°C. Em 1922, o bispo francês de Mysore, na Índia, monsenhor Despatures, assistiu a um místico muçulmano caminhar sobre o fogo no quintal do palácio de um marajá local. Extraordinariamente, de acordo com o relato do bispo, o místico foi capaz de transmitir aos membros da banda de música do marajá a sua incombustibilidade, e estes também caminharam descalços três a três sobre as chamas, sem nenhum sinal de ferimentos.

Ainda assim, muitas pessoas que não testemunharam o fenômeno se recusam a acreditar que tais coisas fossem possíveis, sendo da opinião de que alucinações coletivas por parte das testemunhas envolvidas podiam estar por trás do enigma. Então, no outono de 1935, quando o estudioso britânico da metapsíquica, Harry Price, anunciou que ia levar a cabo uma ampla investigação do mistério, atraiu considerável interesse. No início de setembro, um enorme fosso foi preparado no jardim de um membro da SRP, o senhor Alex Dribell, que residia em Carshalton, Surrey. Preenchida com sete toneladas de lenha, uma carga de carvão, 45 litros de parafina e cinquenta exemplares do *The Times*, ela foi cuidadosamente projetada para testar os poderes metapsíquicos do mais devotado dos místicos.

Tratava-se de um jovem indiano da província de Caxemira, chamado Kuda Bux, a quem se reputava a realização de proezas semelhantes em muitas ocasiões no seu subcontinente natal. Registrado em filme de 16mm para a posteridade e observado por uma falange de sábios professores da Universidade de Londres, Kuda, descalço, caminhou firme e compenetradamente por toda a extensão da superfície incandescente do fosso por várias vezes. Um médico presente confirmou que o fogo atingiu 1.400°C — temperatura acima do ponto de fusão do aço — mas um exame cuidadoso dos pés do indiano mostrou que não havia sequer uma bolha. Quando dois dos investigadores tentaram pôr seus pés descalços na borda mais afastada do fosso, tiveram de recolhê-los imediatamente, pois surgiram numerosas bolhas e sangramentos.

Os cientistas britânicos que testemunharam a caminhada sobre o fogo em Carshalton ficaram estupefatos e desorientados diante das evidentes contradições lógicas. Certamente o jovem cidadão de Caxemira que se submeteu a tal provação não era um embusteiro, pois não utilizou óleos ou loções para proteger as solas dos pés. Na verdade, seus pés foram lavados e secos por um médico antes do teste. Os investigadores ficaram intrigados ao notar que, a despeito das numerosas caminhadas sobre o fogo realizadas por Kuda Bux, as solas de seus pés não pareciam estar excessivamente calejadas ou cobertas por grossas camadas de pele. O rapaz também não parecia estar, nesse caso, em estado mental exaltado ou extático, comumente observados durante cerimônias religiosas em todas as partes do mundo. Na opinião de Henry Price, a única conclusão possível era a de que Kuda Bux provara a sua maestria sobre o fogo com calma confiança e uma caminhada sem pressa através da lenha e das cinzas a uma temperatura inimaginável.

Desde aquela tarde de outono em Surrey há sessenta anos, numerosas teorias naturais foram enunciadas a fim de explicar o fenômeno da incombustibilidade efetiva. Alguns cientistas afirmaram que a caminhada sobre o fogo é mais uma proeza ginástica do que um feito sobrenatural, pois as solas dos pés de quem atravessa a superfície de carvão nunca entram em contato direto com ele o tempo suficiente para produzir uma queimadura. Outros cientistas acreditam que o próprio suor dos pés da pessoa que está caminhando produziria um efeito de resfriamento, formando assim uma camada protetora entre a sua pele e a superfície em chamas. Ainda assim, essas idéias, perfeitas em teoria, permanecem longe de serem provadas na prática. E quando um grupo de cientistas alemães da Universidade de Tübingen tentou se unir a gregos que caminhavam sobre o fogo 110 festival anual de São Constantino em Langdahás, foram forçados a se retirar imediatamente com queimaduras de terceiro grau.

Dessa forma, as caminhadas sobre o fogo permanecem algo definitivamente além da compreensão da ciência do século XX. Apesar de desafiar todas as leis conhecidas da ciência médica e aparentemente estar além do limiar da dor que a espécie humana consegue suportar, permanece o fato de que todo ano homens e mulheres pisam com fé e confiança em superfícies de carvão em brasa e cinzas incandescentes. Tais demonstrações do poder absoluto da vontade do ser humano são comuns a budistas, hindus, cristãos e muçulmanos, podendo ser vistas em locais tão diversos quanto a China, Tibete, Índia, Japão, Filipinas, Ilhas Fiji, Maurício, Polinésia, América do Norte e uma série de países da Europa.

1936

A má sorte dos nazistas

Navios malfadados têm feito parte do folclore da navegação desde a época dos vikings. Quando os marinheiros de outrora precisavam contar com a sorte e com vento favorável, isso era de se esperar, mas muitos ainda se surpreendem ao descobrir que mesmo nos relativamente seguros transatlânticos de hoje persistem as histórias de navios com má sorte que continuam a gelar as espinhas dos marinheiros mais qualificados e experientes. Como a trágica história de um navio do século XX ainda está fresca em nossa memória, deveríamos pensar duas vezes antes de rir de seus temores.

A carreira desfavorecida pelos astros do cruzador pesado alemão *Scharnhorst*, lançado ao mar em outubro de 1936, é sem dúvida o exemplo mais recente de um corpo flutuante com má sorte. O curioso catálogo de desastres do navio de guerra nazista se iniciou antes mesmo de ele ser lançado ao mar, quando, por motivos nunca esclarecidas por completo, o *Scharnhorst* tombou dentro da doca quando somente metade dele estava pronta, esmagando sessenta operários e ferindo mais de 110 homens.

Em seu lançamento, no qual o próprio Adolf Hitler estava presente, ocorreu outra morte quando, inexplicavelmente, os cabos de 17,8 centímetros que o prendiam ao atracadouro se romperam, fazendo com que o *Scharnhorst* fosse de encontro a duas chatas, danificando-as seriamente. Um dos navios mais rápidos e poderosamente armados da frota do *Führer*, esperava-se do *Scharnhorst* que representasse uma peça-chave nos planos de dominar o mundo do ditador. Mas, na prática, a teoria foi outra.

Três anos mais tarde, no primeiro contato direto do navio com o inimigo — o bombardeio de Danzig —, uma pequena torre de artilharia de proa explodiu, matando nove homens e ferindo outros 12; no dia seguinte, houve uma pane no sistema de fornecimento de ar em outra peça de artilharia de proa do *Scharnhorst*, sufocando mais 12 vítimas. Esse navio de guerra, que viria ainda a ser abatido pelo inimigo em uma batalha, já havia levado a vida de mais de cem alemães dentre os que o construíram e tripularam.

Durante sua curta vida, o *Scharnhorst*, tomou parte de vários combates contra unidades da Marinha britânica mas, apesar do seu poder de fogo, não conseguiu afundar nenhum navio inimigo. Um ano depois de sua primeira ação de combate, o navio teve a incumbência de participar do bombardeio a Oslo. Logo no começo da batalha, o *Scharnhorst*, foi alvejado por uma venturosa bomba norueguesa, que danificou o seu mecanismo de direção, obrigando-o a retirar-se. ‘Arrastando-se’ para longe da luta, ele procurou a segurança no estuário do rio Elba, onde colidiu com um navio que fazia uma linha de passageiros, o *SS Bremer*, emborcando no Iodo e sendo finalmente eliminado por navios ingleses pouco tempo depois.

A carreira do navio foi, no mínimo, o antônimo de auspiciosa e, quando seu último acidente foi justificado por uma falha inexplicável de radar, a tripulação do *Scharnhorst* começou a falar abertamente em má sorte. Mas o pior estava por vir. Alguns meses mais tarde, por ocasião do retorno do cruzador pesado ao serviço, os vigilantes falharam, deixando de notar a presença de um barco de patrulha britânico que havia se aproximado durante as horas de escuridão. O comandante do navio inglês percebeu rapidamente o perigo que o barco alemão representava aos comboios mercantes no Atlântico norte e fez soar o alarme. Logo em seguida, um esquadrão de navios de guerra britânicos se aproximou de

sua inocente presa.

Tendo acabado de reabastecer suas turbinas e com poder de fogo infinitamente superior, o encouraçado nazista deveria naturalmente ter gelado os corações de seus perseguidores. Mas, em vez disso, o comandante do navio alemão decidiu fugir para se proteger. Ao cair da noite, o *Scharnhorst* foi desafortunadamente alvejado abaixo do nível da água e começou a perder potência. Então ele passou a ser como um patinho na mira e, assim, vários torpedos foram lançados em sua direção, abalroando-o a meia-nau. Seu depósito de munição pegou fogo, e o navio explodiu em chamas. Às 7h45, a menina dos olhos da Marinha de Hitler afundou nas ondas em um ponto qualquer a noroeste do Cabo Norte, na Noruega. Dos 1.460 homens a bordo do navio alemão, apenas 36 sobreviveram e todos menos dois deles caíram prisioneiros. O que foi incrível para esses dois marinheiros, mesmo depois de tudo o que aconteceu, a má sorte do *Scharnhorst* ainda não tinha se extinguido, pois, chegando ao litoral norueguês em uma balsa e acreditando ter escapado à captura, uma morte fantástica os aguardava. Ao tentar preparar uma bebida quente usando um aquecedor a óleo de emergência que conseguiram salvar do afundamento, o mecanismo explodiu em seus rostos, matando-os instantaneamente. E assim terminou a história da mais famosa embarcação com má sorte deste século.

1937

Mentes que se encontram

Em 12 de agosto de 1937, um aeroplano pilotado por um aviador russo pioneiro, Sigismund Levanevsky, decolou de Moscou com mais cinco tripulantes em um vôo sobre o Pólo Norte com destino a Fairbanks, no Alaska. Mas a missão de Levanevsky — testar a possibilidade de uma rota polar intercontinental com o objetivo de lançar uma nova linha comercial — estava condenada. Algumas horas após a partida de Moscou, o piloto entrou em contato pelo rádio a fim de informar que o motor a estibordo apresentava problemas e que o avião perdia rapidamente altitude. Quando sua voz desapareceu com um estalido indistinto, ficou claro que teriam de aterrissar na erma região polar; foi enviado imediatamente um hidravião de busca que sobrevoaria em ziguezague o oceano congelado para procurá-los. Entretanto, após 39 dias, a expedição retornou sem encontrar sinais da tripulação ou do aparelho.

Mesmo assim os russos não desistiram de suas esperanças e contrataram sir Hubert Wilkins, um intrépido explorador australiano, para continuar a busca por Levanevsky e sua tripulação. Uma aeronave Lockheed modelo 10E com tanques de combustível suplementares e instrumentos de navegação especiais para vôo noturno foi preparada em Nova York. Entretanto, um dia antes de sir Hubert Wilkins prosseguir com a busca, procurou-o um escritor um tanto excêntrico e de idade avançada de nome Harold Sherman, que lhe fez uma observação curiosa. “Se os homens estivessem vivos”, disse Sherman, “seria possível a eles transmitir informações telepaticamente, a despeito de sua latitude e longitude, de modo que um avião de resgate pudesse ser enviado imediatamente para apanhá-los em um local determinado?” Apesar de não ser completamente descrente da idéia de telepatia, Wilkins viu poucas perspectivas de obter algum resultado dessa maneira.

“Mas, e em cinqüenta ou cem anos?”, ponderou Sherman. Seria possível que mentes humanas fossem capazes de determinar o ponto onde tal resgate pudesse ser realizado? Wilkins admitiu que tal experiência poderia eventualmente ser realizada e deixou que Sherman o persuadissem a proceder a uma série de experimentos durante sua missão de resgate, a fim de verificar se a sua mente conseguia entrar em contato com a do americano em horas preestabelecidas, quando se concentrariam um no outro. Então, três noites por semana — segunda, quarta e sexta-feira — entre as 23:00 e a meia-noite, horário padrão oriental, o piloto revivia e avaliava os principais acontecimentos ocorridos na expedição naquele dia; enquanto isso, Sherman, sozinho em seu gabinete, deixaria a sua mente vagar e captar suas próprias impressões das experiências de Wilkins. Uma avaliação objetiva de sua veracidade deveria ser produzida pelo doutor Gardner Murphy, amigo de Sherman e diretor do departamento de psicologia da universidade de Columbia. Murphy recolheu e fez anotações às observações de Sherman, aperfeiçoando-as conforme o diário pessoal de sir Hubert que chegava para comparação.

Em conclusão, a longa missão do australiano mostrou-se repleto de aventuras emocionantes e quase desastrosas durante os sobrevôos e muitas aterrissagens nas superfícies irregulares dos vales fluviais do Ártico. Por milhares de quilômetros, Wilkins teve de voar às cegas em condições de quase-escuridão através de camadas de nuvens impenetráveis onde assomavam subitamente cumes de montanhas. Quase todo dia surgiam novos perigos, e ele várias vezes evitou habilmente a ocorrência de desastres. Ainda assim, o propósito final de sua missão não se cumpria: os destroços do avião e os

corpos dos russos jamais foram encontrados. Enquanto isso, no seu apartamento em Nova York, Harold Sherman ia recebendo uma fabulosa série de impressões mentais que em sua totalidade correspondia de forma muito próxima às atividades reais do explorador australiano, milhares de quilômetros ao norte. A precisão de algumas delas era realmente formidável. Por exemplo, em uma certa ocasião, as anotações de Sherman descreviam como ele vira Wilkins trajando um *smoking* preto e rodeado por várias outras pessoas em trajes militares e vestidos de noite. A visão pareceu impossível para Sherman, ainda que ele tenha se disciplinado a aceitar as impressões mais fantásticas. Meses depois, o relato do próprio Wilkins daquela data em que ele se encontrara, com o governador da província em Regina, e convidado a comparecer a um baile de oficiais, o governador em pessoa emprestou a Wilkins um *smoking* para a ocasião.

Como se pode esperar, algumas das sessões foram mais proveitosas do que outras, entretanto somente os mais céticos podem duvidar de que alguma forma desconhecida de transferência mental tenha sido a responsável. A progressão e os resultados completos do experimento de telepatia à longa distância foram cuidadosamente controlados pelo doutor Gardner Murphy e testemunhados por meio de documentos de garantia juramentados assinados por outros eminentes acadêmicos de Nova York. Sua influência surpreendeu as expectativas dos homens envolvidos. Embora eles tenham investido nos testes com a crença pessoal de que a comunicação entre mentes um dia viesse a tornar-se possível, nenhum deles desconfiava de que as ligações entre suas próprias mentes marcariam o início de uma modificação fundamental no pensamento científico no que diz respeito à existência de um novo tipo de energia mental.

Na década seguinte, cientistas trabalhando em diversos laboratórios de universidades norte-americanas, européias e na extinto União Soviética dedicaram horas infindáveis de pesquisas com estudantes, clarividentes e outros que afirmavam possuir poderes metapsíquicos com o objetivo de descobrir se existia realmente um fundamento científico para a idéia de telepatia. No início, muitos dos resultados foram espetaculares. Por exemplo, o professor norte-americano J. B. Rhine, trabalhando na universidade de Duke com um estudante de economia voluntário chamado Adam J. Linzmayer, descobriu que seu ajudante era capaz de descrever com precisão, nove vezes, os símbolos de cartas de baralho ocultas em uma série, um fato cuja probabilidade de acontecer é de 2.000.000/1. Submetido a uma série muito mais detalhada e extensa de testes, o mesmo indivíduo conseguiu atingir mais de duas vezes o que se podia esperar da simples obra do acaso. As centenas de horas de trabalho desperdiçadas de Rhine com indivíduos sem habilidades metapsíquicas deram-lhe a certeza de que a telepatia consistia em um dom possuído apenas por (ou pelo menos apenas desenvolvido em) muito poucas pessoas, ainda que, quando surge uma celebridade metapsíquica, isso parece provar de uma vez por todas a existência da transferência mental. Um notável estudante de nome Hubert Pearce adivinhou nada menos que nove cartas em seqüências padrão de 25; em uma delas, ele conseguiu 100% de acertos.

A despeito desses resultados impressionantes, J. B. Rhine enfrentou muita oposição por parte dos pesquisadores da linha científica tradicional, que se recusaram a aceitar que a percepção extra-sensorial [\[33\]](#) pudesse constituir um ramo científico válido. Essa hostilidade tardia manifestou-se de várias formas. Alguns afirmavam que os dados coletados por Rhine eram superficiais e que seus relatórios eram escritos em estilo sectário. Outros acusaram-no de não aplicar dispositivos de controle apropriadamente vigorosos e convincentes a seus objetos de estudo em laboratório. Alguém sem se identificar chegou mesmo a aludir que Rhine se uniu aos seus associados e estudantes com o objetivo de perpetrar uma fraude em grande escala. E desnecessário dizer que nenhuma dessas acusações jamais foi provada e que praticamente não há indícios que as sustentem. Mas o dano permaneceu. J. B. Rhine continuou a trabalhar obstinadamente até o dia de sua morte, em 1980.

Uma análise estatística das décadas de pesquisas na universidade de Duke sem dúvida confirma a probabilidade de que a percepção extra-sensorial realmente existe. Contudo, aos olhos da maioria dos colegas, as provas reunidas por Rhine não conseguem eliminar as dúvidas que subsistem nessa questão.

Sem dúvida, a busca de indícios incontestáveis continuará e talvez um dia triunfe ao fazer os céticos mudarem de ponto de vista. Contudo, como muitos pesquisadores trabalhando no campo da paranormalidade, não posso ajudar, mas me pergunto se a prova conclusiva da percepção extra-sensorial será tão difícil de se obter quanto a dos aviadores russos que *sir* Hubert Wilkins tentou encontrar no longínquo ano de 1937.

Três dedos de fogo

Como escrevi em um dos capítulos anteriores, cada ano do século XX foi palco de vários casos de combustão humana espontânea. Entretanto, em alguns períodos de 12 meses, houve mais que o normal, muito embora o porquê disso não esteja claro. Por exemplo, no ano de 1938, o jornalista norte-americano Frank Russel descobriu nada menos que 39 exemplos de mortes causadas pelo fogo, cujas circunstâncias pareciam reminiscências do clássico tipo CHE. [{34}](#)

Dentre os exemplos levantados por Russel incluíam-se os incêndios testemunhados mais bem documentados. Típica foi a morte de uma inglesa, a senhorita Phyllis Newcombe, que irrompeu em chamas durante um jantar dançante no Shire Hall de Chelmsford, em Essex, no dia 27 de agosto.

A senhorita Newcombe, que tinha 22 anos na noite de sua imolação, estava dançando com o seu noivo, Henry McAusland, quando, por volta da meia-noite, seu vestido explodiu em chamas. Houve um pânico muito grande e, quando se conseguiu aplacar o fogo por meio de uma toalha de mesa, a pobre menina já havia sido reduzida a pouco mais de um esqueleto carbonizado. Algum tempo depois, o magistrado-investigador do condado, o senhor L. F. Beccles, referiu-se ao acidente como o mais misterioso que jamais vira, mas, apesar disso, ele acreditava que uma ponta de cigarro deve ter sido a responsável pela ignição do vestido de baile, descartando o testemunho de algumas pessoas que afirmavam firmemente que foi Phyllis Newcombe que se incendiou, é não suas peças de roupa.

Outra morte inglesa que Russel descobriu foi a súbita combustão da senhora Mary Carpenter, que pereceu durante um final de semana em um barco na região lacustre de Norfolk [{35}](#) em 29 de julho. Diante de seu marido e filhos aterrorizados, ela foi engolfada por chamas e reduzida a um cadáver incinerado em mais ou menos dois minutos. A estrutura de madeira do barco, onde se encontrava na ocasião, permaneceu intacta, e os oficiais investigadores da brigada de incêndio de Norfolk admitiram não compreender como aconteceu a tragédia.

Entretanto, sem dúvida a morte mais curiosa pelo fogo descoberta por Russel aconteceu alguns meses antes, em 7 de março. Foi um dia em que a perseguição do fogo aparentemente destruiu, no mesmo período, três homens distantes centenas de quilômetros uns dos outros. O primeiro a morrer foi Willen Ten Bruik, um holandês de 18 anos que dirigia seu carro pela cidadezinha de Ubbergen, nas proximidades de Nijmegen. O segundo, um inglês de meia-idade de nome George Turner, que dirigia seu caminhão por uma estrada secundária no subúrbio de Chester. A terceira vítima do fogo, o marinheiro John Greeley, ocupava o leme do *SS Ulrich*, um navio mercante a vapor que ia em direção a Liverpool. O *Ulrich* distava aproximadamente 1.300 km de seu destino, quando as chamas sobrenaturais começaram a consumir o piloto; pesquisadores estimam que sua posição era exatamente equidistante às das outras vítimas. Em outras palavras, Greeley começou a arder quando seu navio atingiu o vértice de um enorme triângulo equilátero, formando as outras localidades os demais vértices de base. Por que tal fator de distância deveria ter importância para a força por detrás da combustão espontânea é algo que permanece obscuro, embora o fato dificilmente possa ser encarado como uma mera coincidência. Deve-se também mencionar que cada um dos homens achava-se envolvido em uma atividade marcadamente semelhante no

momento de sua morte — guiando um veículo —, embora mais uma vez seja difícil entender que importância possa ter isso.

Enquanto a pesquisa anterior à Segunda Guerra realizada por Russel foi de grande utilidade ao fortalecer a crença na combustão humana espontânea, o jornalista jamais produziu uma análise de seus dados a fim de aventar possíveis causas por trás do fenômeno. Bem depois, outros autores viriam a preencher essa lacuna. Em 1975, o escritor Livingstone Gearhart produziu seis gráficos mostrando como um período de atividade solar intensa durante 1938 se relacionava com diversos exemplos de combustão humana espontânea, mencionados no artigo de Frank Russel. Gearhart foi além ao afirmar que as médias globais de variação do campo magnético podem mostrar enormes quantidades de exposição e ondas durante tais períodos de alta atividade solar, considerando a possibilidade de que esses fenômenos pudessem coincidir com padrões geográficos de distribuição da CHE. Embora tenha falhado em provar seu argumento de maneira conclusiva, essa análise dos incêndios de 1938 foi a que provavelmente mais se aproximou do sentido que até então evocava o mais incompreensível horror. Mas mesmo Livingstone Gearhart não conseguiu nos oferecer uma explicação racional da razão pela qual três homens a centenas de quilômetros de distância um do outro tivessem de sofrer o mesmo destino em 7 de março. Como afirmou o jornalista que descobriu os mistérios, era como se “um ser galáctico de tamanho inimaginável tivesse espetado a Terra com um tridente... três dedos de fogo que só faziam arder a carne”.

Cães negros

Uma das criaturas mais comentadas quando se trata de fenômenos metapsíquicos é a do cão negro das regiões rurais da Inglaterra e do País de Gales. As lendas em torno desses cães acham-se arraigadas nas profundezas do folclore britânico, e são conhecidos por uma infinidade de nomes nas várias partes do país: Black Shuck, Shriker, Trash e Padfoot. As histórias a respeito desses cães sempre ocorrem nesta mesma cena: um indivíduo, caminhando sozinho à noite, nota a presença de um grande cão negro com olhos vermelhos brilhantes, que eventualmente interrompe o seu caminho ou vem correndo pela rua em sua direção. Às vezes o observador não percebe a natureza sobrenatural do cão até que ele desapareça diante de seus olhos, fenômeno que pode ocorrer de duas formas: ou o animal se desmaterializa, transformando-se em uma névoa e desaparecendo do campo de visão do observador como um fantasma, ou o animal explode subitamente produzindo um lampejo. Mas na maioria das vezes as criaturas são reconhecidas como sobrenaturais por causa do seu tamanho — freqüentemente são comparadas a bezerros —, de seus enormes olhos incandescentes ou simplesmente porque elas proporcionam à testemunha a percepção de uma aterrorizante sensação da maldade sobrenatural.

Nos séculos passados, os cães negros eram vistos como espíritos malévolos com forma canina, manifestações do desejo infernal pela destruição humana, havendo muitas lendas de cães negros que surgiam como agouros da morte em condados ingleses bem distantes entre si, tais como Lancashire, Yorkshire, Derbyshire, Suffolk e Norfolk. Essas narrativas seriam imortalizadas nos anais da história como fantasias ou alegorias, se não fosse a incrível freqüência e as numerosas testemunhas dos casos que continuam a ocorrer no século XX.

Um dos encontros mais bem descritos com um cão negro foi o do trabalhador rural Ernest Whiteland, que viu um enquanto caminhava de volta para casa, altas horas de uma noite do mês de agosto de 1939. Whiteland retornava para casa após visitar um amigo no povoado de Bungay, em Suffolk, e, tendo alcançado a metade de sua jornada para casa, ao longo da deserta estrada entre Maltings e Ditchingham Station, Whiteland avistou um enorme objeto negro com quatro patas vindo em sua direção. Observando-o atentamente em meio à escuridão, pensou a princípio que fosse um pequeno pônei das ilhas Shetland, mas conforme o objeto ia se aproximando, ele percebeu que se tratava de um imenso cão negro com pêlo hirsuto. Como não gostava muito de cães, Whiteland moveu-se para o centro da estrada, de modo que o animal pudesse passar com facilidade; quando eles se emparelharam, o cão simplesmente desapareceu. Perguntando-se se os seus sentidos teriam lhe pregado uma peça, Whiteland olhou à sua volta por alguns minutos procurando pelo cão até que finalmente um sentimento de medo invadiu-o de súbito, o que o fez prosseguir a sua andança a passos largos. Na manhã seguinte, ele soube que aquela região era famosa por ter sido assombrada pela aparição de um cão-fantasma conhecido na região como Black Shuck. Por ter acontecido tão próximo ao povoado de Bungay, a experiência de Ernest Whiteland é particularmente interessante, pois ocorrem precisamente naquela área as mais fantásticas aparições de cães negros. No domingo de 4 de agosto de 1577, de acordo com o relato de Abraham Felming, um ser monstruoso extraordinário apareceu durante a realização de um serviço religioso na igreja local. Claramente visível por toda a assembléia de fiéis aterrorizados, o monstro soltou apenas um uivo medonho antes de correr por entre os fiéis, ateando fogo a dois homens ajoelhados, rezando, que

acabaram morrendo. Quando o cão chegou ao final da igreja, desapareceu em um lampejo violento, e o piso de pedra do edifício ainda hoje ostenta as profundas marcas das unhas que se supõe ser do animal. Para as pessoas de épocas mais recentes, um relato fantástico desse tipo deve normalmente ser tratado com absoluto ceticismo. O que é de se entender. Mas antes de deixarmos que nossos preconceitos releguem a história ao plano da ficção, não podemos esquecer a notável coerência com a qual criaturas semelhantes assombram a Inglaterra do século XX. E, o que é ainda mais notável, as circunstâncias de muitas dessas aparições parecem reforçar, e não enfraquecer, as antigas lendas a respeito de cães negros pressagiando a morte.

Em julho de 1950, o autor Stephen Jenkins viu um cão gigante latindo e uivando em uma estrada, nas proximidades de sua fazenda, em Devon, um dia antes do falecimento de seu irmão. Uma criatura semelhante foi vista em 1928 por um estudante do Trinity College, em Dublin, que visitava a Inglaterra naquela ocasião. Aqui, a visão do cão aparentemente indicou a morte de seu pai irlandês, gravemente enfermo. Outros exemplos do século XX de cães negros vistos imediatamente antes de uma morte vêm de Buxton Lamas, em Norfolk, e na ilha de Man. No caso mais recente de um encontro fatal, em 1978, um casal avistou o espectro de um cão nas cercanias do povoado de Exford, em Somerset, e sua família foi então assediada pela morte e pelo infortúnio durante vários meses.

Uma leitura cuidadosa dos detalhes das diversas aparições reforça a natureza essencialmente sobrenatural do fenômeno. Um cão visto por uma menina em Bredon, em Worcestershire, durante a Segunda Guerra Mundial, tinha olhos semelhantes ao carvão em brasa, cujo interior reluzia, enquanto, em 1907, uma mulher de Somerset foi ameaçada por um cão de tamanho prodigioso, com “olhos em forma de discos enormes”, com que se deparou nas proximidades de Budsley Hill.

E improvável que as pessoas que vêem um cão negro se esqueçam dessa experiência. Um cão agourento avistado por um homem em Leeds, no ano de 1925, emitiu um vapor sulfuroso ao latir, enquanto uma criatura semelhante que avançou sobre uma mulher nesse mesmo ano em Norfolk possuía um “hálito quente de odor nocivo”. Em 1972, um cão negro do tamanho de um pônei apareceu em uma casa de fazenda em Dartmoor, causando danos estruturais nas paredes, telhado e circuitos elétricos do edifício e também aterrorizando seus ocupantes.

Os exemplos que acabamos de apresentar são apenas alguns entre centenas de outras aparições de cães negros registradas nos últimos noventa anos na Grã-Bretanha e elas não dão sinal de estar diminuindo, ainda que vários de nós há muito tenhamos deixado de acreditar na existência dessas criaturas sobrenaturais.

Segundo os relatos de certas testemunhas, é evidente até para o mais cético dos leitores que não pode ter havido confusões com espécies caninas normais em tais relatos, e seria errado imaginarmos que as únicas testemunhas a presenciar essas aparições foram caipiras imbecilizados ou outros tipos dispostos a acreditar em tais lendas. Podemos afirmar quase com certeza que os cães negros são normalmente vistos em áreas rurais tranquilas, especialmente em alamedas e terrenos de alguma forma relacionados a épocas ancestrais, e o fato de suas aparições ocorrerem durante as horas de escuridão, em locais isolados e mal iluminados, e diante de pessoas sozinhas, e não em grupos, torna plausível a possibilidade de alucinação. Se eles são ilusórios, por que tais visões permanecem tão coerentes? E por que os mesmos trechos de determinadas estradas e alguns terrenos de certas igrejas são assombrados com tanta persistência por essas criaturas fenomênicas, freqüentemente sendo vistas por indivíduos que não possuem conhecimento próprio da lenda que habita aqueles lugares?

A realidade evidente é que, embora esses *animais-fantasmas* não tenham lugar na lógica do nosso estilo de vida atual, há boas razões para começarmos a acreditar que eles são tão reais quanto você e eu.

1940

Min-Min e outras luzes-fantasmas

A intervalos regulares, durante este século, um fenômeno luminoso fantasmagórico assombrou Alexandria Station, uma área de aproximadamente 17 mil km quadrados no interior remoto, a sudoeste de Queensland, na Austrália. As curiosas figuras dançantes, conhecidas como Min-Min — nome recebido por causa de uma obra pública na cidade vizinha de Boulia —, jamais foram explicadas, mas o seu curioso comportamento vigilante levou muitas testemunhas australianas a afirmar que haviam sido seguidas ou mesmo caçadas.

Algumas pessoas acreditam que se tratava de atividades da morte terrestre. Outras acham que as luzes eram formas de vida alienígena ou mesmo pequenos óvnis. A ciência, que deveria oferecer-nos uma resposta, é incapaz de fazê-lo.

Um dos mais recentes relatos por escrito sobre as luzes Min-Min, que não foi de maneira alguma a primeira aparição a ser avistada, veio a público em março de 1940. Nele, a testemunha, um pecuarista que viajava de Boulia a Warena, avistou primeiramente um brilho estranho emanando de um cemitério. Assim que parou o seu veículo, notou uma luminosidade pairante transformar-se gradualmente em uma bola do tamanho de uma melancia e então mover-se em sua direção. Temendo por sua vida, o pecuarista disparou com seu carro de volta a Boulia, o mais próximo local civilizado, alegando que a luz o seguiu por todo o caminho até a cidade.

Desde a publicação desse relato, em 1940, esferas flutuantes vêm surpreendendo muitas das pessoas que viajam pelas longas estradas solitárias que entrecruzam a vasta extensão de Alexandria Station, deixando poucas chances para que haja dúvidas de que algo extremamente estranho costuma manifestar-se por ali. E as luzes Min-Min também não são de modo algum as únicas. Os misteriólogos descobriram várias regiões ao redor do mundo em que bolas luminosas, de um modo geral denominadas de ‘fogos-fátuos’, ‘luzes-fantasmas’ ou ‘luzes assombradas’, são vistas regularmente.

Essas luzes noturnas de baixa altitude não são de maneira alguma exatamente redondas; elas freqüentemente aparecem com a forma de chamas ou luzes de vela, que se acendem e se apagam, movendo-se a esmo como se quisessem fazer suas testemunhas segui-las.

Os exemplos mais famosos são provavelmente as variantes norte-americanas, as luzes de Saratoga e Marfa, no Texas, as luzes das montanhas Brown e as de Maco, na Carolina do Norte e, finalmente, as luzes assombradas de Hornet, no Missouri. Tais concentrações de aparições em áreas altamente definidas tendem a estabelecer a possibilidade de que os fenômenos fantasmagóricos sejam exemplos de iluminação esférica, e as descrições em todos os casos insinuam que tais globos luminosos não se acham carregados aos imensos níveis de energia elétrica que caracterizam as bolas luminosas. Não se sabe exatamente como essas formas fazem para emanar luz. Na Grã-Bretanha, as aparições ocasionais de luzes noturnas de baixa altitude foram documentadas desde tempos anteriores a Shakespeare e receberam todos os tipos de nomes, tais como Jack O’Lanterna, Luz Defunta ou Vela Defunta. Embora os supersticiosos acreditassem tratar-se de luzes carregadas por fantasmas de malfeitores assassinados ou executados, a explicação científica padrão era a combustão espontânea do gás metano expelido pelos solos pantanosos.

Infelizmente para os racionalistas, as tentativas de construção de pântanos artificiais e a ignição espontânea do metano que reproduziriam as características típicas apresentadas pelos fogos-fátuos não foram bem-sucedidas. Sem a intenção de se excederem, alguns naturalistas aventaram a possibilidade de que a luminosidade pudesse realmente resultar de fungos ou bactérias fosforescentes afixadas a penas de asas de corujas! Outras explicações naturais surgidas mais recentemente fazem referência a luzes produzidas por depósitos minerais radioativos, fenômenos elétricos semelhantes aos fogos-de-santelmo e a confusões envolvendo faróis de automóveis viajando à distância. Tais explicações simplórias podem perfeitamente ser as responsáveis por umas poucas aparições, mas, como nem todas elas ocorriam em solo pantanoso, em áreas habitadas por corujas ou nas proximidades de rodovias, tais teorias são falhas, porque não oferecem uma solução abrangente do enigma. Elas também não dão conta dos casos em que as luzes-fantasmas apresentaram propósitos inteligentes.

Em 16 de julho de 1952, dois patrulheiros norte-americanos que faziam a ronda a altas horas da noite em uma estrada deserta em Maryland foram surpreendidos por uma luz amarela que veio diretamente na sua direção. Quando os dois pararam o carro, a luz repetiu o seu movimento e ficou então pairando a cerca de seis metros à sua frente. Ao avançar lentamente com o carro, a luz recuou, ganhando velocidade conforme eles aceleravam em sua perseguição. Após um razoável período de perseguição, a luz pareceu desistir e passou a vagar pelo campo até desaparecer. Comportamentos semelhantes foram relatados por motoristas que viajavam ao longo do trecho de uma rodovia conhecida como Estrada das Luzes Assombradas [\[36\]](#), nas proximidades de Neosho, no Missouri, enquanto a *luz-fantasma* mais famosa da Carolina do Norte, em Maco, é muito comumente vista assombrando a área costeira e a estrada ferroviária onde o fantasma de um homem decapitado por um trem em 1868 também foi visto várias vezes. Em Arkansas, a luz de Girdon também possui uma história fantasmagórica, e a vítima foi dessa vez um capataz espancado até a morte em um ponto da ferrovia freqüentado pela luz. Nesse meio tempo, em Screven, na Geórgia, outra luz que pairava sobre uma ferrovia é comumente vista em um local onde um sinaleiro morreu por causa de um acidente de trem.

Embora dificilmente apresentem qualquer perigo, luzes brilhantes pairando no ar nas proximidades de um local, onde tenha ocorrido uma tragédia, oferecem a vaga possibilidade de que possa haver formas de vida em um patamar desconhecido pela ciência. Dependendo de seu ponto de vista, a idéia pode ser desafiadora ou sinistra.

Seguramente na Grã-Bretanha, onde os fogos-fátuos são ainda vistos com regularidade em muitas regiões do interior, o folclore mostra que as luzes tentam atrair pessoas a atoleiros e áreas com solo pantanoso. Tal comportamento é nitidamente anti-social, ainda que, por outro lado, surjam histórias interessantes de vários locais da Europa, mostrando que tais fenômenos eventualmente podem ser úteis. Em novembro de 1977, um casal que escalava o monte Snezka, o pico culminante da República Tcheca, perdeu-se e ficou em sérias dificuldades quando começou a nevar forte. Quando perceberam que sua situação estava se tornando cada vez mais grave, os dois montanhistas subitamente se confrontaram com um grande globo azul, que flutuava a vários metros do chão, emanando uma luz clara e quente. Apesar de bastante amedrontados, eles pareciam saber por instinto que aquele fenômeno surgira para guiá-los em segurança montanha abaixo e, mais tarde, de acordo com os testemunhos dos dois, foi exatamente o que aconteceu, ficando o globo a alguns passos à frente deles durante todo o caminho até os níveis de menor inclinação. Apenas quando as primeiras casas mais próximas da cidade entraram no campo de visão dos montanhistas, o globo se foi.

Fantasma incendiário no Meio-Oeste norte-americano

Seres humanos não são os únicos objetos que por vezes se incendiam sem motivo aparente. Piromaníacos invisíveis ou assombrações do fogo que provocam a combustão espontânea de objetos inanimados atacaram em muitas ocasiões durante este século. Dentre eles, dois exemplos do continente norte-americano ocorridos no ano de 1941 encontram-se entre os mais bem documentados.

No início de julho, William Hackler, proprietário de uma fazenda nas proximidades de Odon, no estado de Indiana, acordou no meio da noite sentindo cheiro de queimado. Hackler verificou a casa por inteiro, mas, como não encontrou nada de errado, voltou para a cama. Nada de estranho aconteceu durante vários dias até que em uma determinada manhã, súbita e inexplicavelmente, vários focos de incêndio irromperam por toda a casa.

A casa carecia de instalação elétrica e não havia fogo na cozinha e na lareira, fato que deixou o senhor Hackler bastante confuso. Ele avisou ao corpo de bombeiros e à polícia do incêndio, e os oficiais de ambas as corporações ofereceram-se como testemunhas. No relatório de uma companhia de seguros, organizado por um de seus representantes que visitou a fazenda, havia o comentário de que alguns dos focos eram tão estranhos que chegavam a comprometer a confiança das pessoas mais crédulas. Por exemplo, um calendário na parede transformou-se em uma nuvem de fumaça. Outro foco de incêndio começou em um macacão pendurado atrás de uma porta. Descobriu-se que um livro, tirado de uma gaveta, estava queimado por dentro, apesar de a capa encontrar-se em perfeitas condições. Como os focos de incêndio continuaram a ocorrer sem razão aparente durante as semanas que se seguiram, o problema ficou fora de controle.

William Hackler, levado ao desespero por esse visitante incendiário, decidiu demolir a casa.

Um fato muito semelhante à fantástica narrativa que acabamos de apresentar ocorreu em dezembro desse mesmo ano no Clube de Golfe Campestre de Dominion, [\[37\]](#) perto de Windsor, em Ontario. Nesse caso canadense, os focos de incêndio eram menores e mais localizados. Podiam-se ver chamas irrompendo espontaneamente em pedaços de papel, em toalhas de mesa e de mão e em cortinas. Quando o gerente tentou encontrar o número do telefone do corpo de bombeiros local, a agenda transformou-se em cinzas nas suas mãos.

Todos os 43 focos de incêndio foram detectados e extintos sem causar maiores danos. Talvez o mais incrível seja o fato de que pequenas chamas azuis saltitantes, que não deixavam marcas de queimado, foram vistas mais tarde lambendo materiais altamente combustíveis tais como cortinas e toalhas de mesa sem que estes se incendiassem.

O fenômeno da combustão espontânea em objetos inanimados continuou a se manifestar durante este século. No dia 7 de agosto de 1948, em uma outra fazenda, dessa vez ao sul de Macomb, no estado de Illinois, misteriosas marcas marrons chamuscadas foram encontradas ardendo nas paredes e no teto da casa todas as noites, durante sete dias. O comandante do corpo de bombeiros local, Fred Wilson, confirmou que surgiram mais de duzentos focos de incêndio e que eles se extinguiram logo após o seu

aparecimento. Mas em 14 de agosto havia tantos focos a controlar que a casa de campo acabou sendo destruída, junto com dois celeiros e outras construções menores ao seu redor. Igualmente atormentados foram os Van Reenans, de Plettenberg Bay, na África do Sul, vítimas de cerca de cem focos de incêndio que irromperam no período de três meses, iniciado em 5 de maio de 1975. Dentre os itens afetados estavam tapetes, brinquedos, cortinas, cadeiras e colchas e também as duas bíblias da família; apesar disso, curiosamente, a estrutura de madeira da casa permaneceu intacta.

Algumas assombrações piromaniacas já causaram problemas maiores, aterrorizando, em vez de somente uma casa, toda uma comunidade. No verão de 1983, a cidade carbonífera de Warncliff, na Virgínia Ocidental, foi palco de uma série de acontecimentos misteriosos, em que casas foram incendiadas por completo depois de serem encontradas chamas nos bocais elétricos. Entretanto, não se tratava simplesmente de focos de incêndio elétricos, pois o fenômeno continuou mesmo após a força principal ser desligada. Não se conseguiu nenhuma solução objetiva para os incêndios de Warncliff, e é improvável que os focos tenham sido obra de algum incendiário. Mais recentemente, em 1990, a cidadezinha montanhosa de San Gottardo, situada ao norte de Vicenza, na região setentrional da Itália, foi assolada por um piromaniaco-fantasma. Televisões, um carro, uma poltrona e uma barraca de plástico encontravam-se entre os itens em que irromperam chamas nas casas da estreita e sinuosa travessa de Via Calora. Uma série de quadros de fusíveis explodiram, mas os eletricitas que vieram examiná-los não encontraram nada de errado. Observando o fenômeno de um ponto de vista externo, muitas pessoas acharam que a cidadezinha fora vítima de um fenômeno de histeria coletiva. Entretanto, como os focos de incêndio continuaram, irrompendo chamas até nas casas dos prefeitos de San Gottardo, passou-se a suspeitar que uma força sobrenatural estivesse por trás de tudo aquilo. Ao mesmo tempo, dezenas de pessoas começaram a queixar-se de dores de cabeça, enjôos, gastrites e dermatites, mas os médicos não foram capazes de tratá-las.

Para concluir, todos esses acontecimentos — tanto os focos de incêndio como os mal-estares misteriosos — terminaram tão repentinamente quanto começaram, em abril de 1990, não deixando qualquer pista sobre a sua origem.

1942

O grande ataque de extraterrenos a Los Angeles

Na noite de 25 de fevereiro de 1942, menos de três meses depois de os Estados Unidos serem forçados a entrar na Segunda Guerra Mundial, uma grande formação de óvnis apareceu sobre a cidade de Los Angeles, na Costa Oeste. Suspeitando que aquilo pudesse ser o início de um ataque de surpresa no estilo de Pearl Harbour, desferido pelos japoneses, as defesas aéreas da cidade foram acionadas imediatamente. Em mais ou menos vinte minutos, 1,5 mil projéteis antiaéreos já haviam sido disparados em direção aos objetos, atingidos várias vezes. Mas incrivelmente nenhum deles foi derrubado, apesar de muitas casas e construções públicas serem duramente danificadas pelas cápsulas não deflagradas e de haver um total de seis vítimas fatais entre a população civil, atingidas por fragmentos de artilharia.

O dia seguinte foi completamente confuso. De manhã, ficou claro que não havia nenhuma frota invasora japonesa perto da costa, e testemunhas residentes no estado da Califórnia afirmaram que os objetos que apareceram no céu no dia anterior não eram os aviões inimigos conhecidos. Segundo tais relatos, um grande objeto arredondado manteve-se estacionário a uma altitude aproximada de trezentos metros, enquanto projéteis antiaéreos explodiam contra ele e ao seu redor. Um jornalista do *Herald Express* de Los Angeles tinha certeza absoluta de que muitos projéteis explodiram bem no meio da nave sem produzir qualquer efeito. O estranho objeto, que mais tarde prosseguiu despreocupadamente, sobrevoando as localidades ao longo do litoral, entre Santa Monica e Long Beach, finalmente desapareceu, deslocando-se de volta para o oceano. Embora voasse sempre a baixas velocidades, os poucos que o viram acreditaram se tratar de um dirigível (que, nesse caso, seria despedaçado pelo primeiro disparo que o atingisse). Então o que seria exatamente aquele grande objeto e os outros menores que o acompanhavam? Em toda a cidade de Los Angeles, as pessoas faziam essa mesma pergunta.

Era compreensível que oficiais militares de alta patente estivessem embaraçados e confusos por causa da aparição daqueles objetos e da mais que óbvia incapacidade de derrubá-los demonstrada por seus artilheiros. Após examinar as diversas possibilidades e por várias vezes não chegar a qualquer conclusão, eles perceberam que seria bem difícil tranquilizar a população de Los Angeles. Em vista disso, eles resolveram remover aquele acontecimento da história. No mês seguinte, o secretário da Marinha norte-americana, John Knox, fez uma declaração pública afirmando que de fato nenhum avião não identificado fora detectado sobre a Costa Oeste, em 26 de fevereiro, e que a barreira de artilharia antiaérea fora ativada devido a um alarme falso. Certamente atentos à necessidade de segurança nacional, a unidade de imprensa oficial aceitou essa explicação sem questioná-la.

Entretanto, a realidade foi outra na Califórnia. O pronunciamento serviu apenas para incendiar a opinião pública dos cidadãos de Los Angeles, e a mídia local não perdeu tempo em considerá-lo pura propaganda de guerra, incapaz de convencer alguém. Mas esses mesmos jornalistas viram-se frustrados após suas tentativas de investigar em detalhes o misterioso ataque-aéreo-que-jamais-aconteceu. É interessante lermos este comentário de um editorial do *Long Beach Independent*, feito na época: “Há uma misteriosa reticência a respeito desse caso e parece que algum censor está tentando encerrar as discussões sobre o assunto.” Não podemos afirmar com certeza que o *Independent*, estivesse certo. Um memorando secreto foi liberado ao público em 1974, graças à lei de liberdade de informação nos

Estados Unidos, [{38}](#) redigido pelo general George C. Marshall, chefe do estado-maior do presidente Franklin D. Roosevelt, datado de 26 de fevereiro de 1942, o que torna claro que objetos voadores não identificados foram positivamente vistos e que se atirou contra eles na noite do dia 25, embora o departamento de defesa não tivesse como explicar a natureza e a origem daqueles objetos voadores.

O memorando do general George C. Marshall é uma linha divisória para a história secreta do século XX, pois ele marca o início das tentativas oficiais de ocultação de atividade de óvnis nos céus do nosso planeta.

Trata-se de uma política que continua até hoje, segundo a qual governos em todo o mundo rotineiramente restringem o fluxo de informações ao público e firmemente negam que o estão fazendo.

Sobre a incorruptibilidade e outros fenômenos místicos

A questão de o espírito humano sobreviver ou não à morte continua entregue a uma especulação infinita, mas podemos afirmar com toda a certeza que o corpo humano é perecível. Será mesmo? A ciência da medicina já demonstrou, de maneira irrefutável, que, assim que ocorre a morte física, o corpo se deteriora rapidamente assim que exposto aos agentes biológicos da atmosfera. Dependendo de circunstâncias particulares, esse processo de decomposição natural pode levar de vários meses a alguns anos até reduzir o corpo humano ao seu esqueleto. Entretanto, nem todos os corpos se decompõem dessa forma. Apesar de parecer improvável (e inteiramente além da capacidade de explicação da ciência), alguns corpos humanos — geralmente os de personalidades religiosas veneradas — permanecem quase totalmente incorruptos após seus funerais. Embora o fenômeno não se restrinja inteiramente a homens e mulheres sagrados ligados à igreja católica, estes constituem os exemplos mais convincentes de que se tem notícia, provavelmente por causa do costume que tal religião preserva de exumar os restos mortais dos santos.

Um dos casos mais bem atestados de incorruptibilidade corporal é o de Catherine Laboure, uma francesa que morreu em Paris no ano de 1876. Enterrada em um caixão triplo na cripta de uma capela, o corpo de santa Catarina ficou sepultado por 67 anos até ser exumado em 21 de março de 1943, a fim de se preparar a sua beatificação. O cirurgião que testemunhou a exumação declarou, atordoado, que os braços e pernas da mulher encontravam-se perfeitamente flexíveis, com os músculos tão bem preservados que parecia que a morte se dera no dia anterior. Sua pele estava intacta e seu cabelo permanecera preso ao couro cabeludo. Os olhos continuavam nas órbitas e sua cor acinzentada era ainda evidente. Uma análise cirúrgica dos órgãos da santa demonstrou que eles se achavam em condições quase-perfeitas.

A santa francesa é apenas uma entre as numerosas figuras religiosas do cristianismo a serem exumadas e encontradas em perfeito estado neste século. Além dela, há os exemplos de santa Maria Assunta Paulota, são João Vianney, santa Paula Frassinetti e santa Bernadete Soubirous (a visionária de Lourdes). São Charbal Maklouf, cujos restos encontram-se no mosteiro de são Maro Annaya, no Líbano, é provavelmente o caso mais extraordinário de todos. Quando são Charbal morreu, ocorreu um fenômeno milagroso no qual uma luz brilhante envolveu seu túmulo durante 48 dias depois de seus funerais, no ano de 1899. Em sua primeira exumação, em 1937, o santo foi encontrado perfeitamente preservado, a despeito de fortes e freqüentes chuvas que fizeram seu corpo flutuar na lama.

O corpo foi sepultado novamente, permanecendo oculto durante 33 anos até 1950, quando peregrinos em visita ao relicário de são Charbal viram um vazamento no túmulo. Depois de uma segunda exumação, o corpo do santo mais uma vez foi encontrado incorrupto, flexível e com aparência de estar vivo, embora suas vestes estivessem muito sujas de sangue. Algo ainda mais extraordinário que jamais foi explicado satisfatoriamente era o fato de o corpo estar exsudando copiosamente uma substância viscosa e oleosa. Esse fluxo milagroso estranho continuou a partir de então, e a cada exumação anual uma camada com cerca de 15 cm do mesmo fluido misterioso é encontrada no caixão. Algumas pessoas acreditam que ele possui propriedades curativas.

Para os ateus — ou seja, as pessoas cujas mentes funcionam de maneira racional —, histórias desse tipo são uma leitura difícil. Reivindicadas como prova inequívoca da existência de Deus por alguns e relegadas como fraudes ingênuas por outros, os fenômenos metapsíquicos do misticismo mostram-nos, com algumas das mais inequívocas provas, que poderes muito estranhos agem por todo o universo, sobre os quais sabemos muito pouco. Sem dúvida, a existência de corpos perfeitamente preservados é hoje em dia um fato estabelecido. E, como tais exemplos não são comportados pelas leis físicas do universo conhecido, devemos necessariamente procurar uma explicação fora dessas leis.

Há inúmeros outros acontecimentos milagrosos que não causam menos perplexidade. Todo ano, durante 22 horas, o sangue seco em uma pequena garrafa existente na catedral de Nápoles liquefaz-se, transformando-se em uma substância vermelha fresca, que os católicos acreditam ser o sangue de São Januário, bispo de Benevento decapitado pelos romanos em 405 d. C. A transformação de sólido em líquido já foi testemunhada e confirmada por médicos e cientistas, bem como por adeptos da fé católica. Igualmente difícil de explicar eram as diversas ocasiões em que imagens e ícones tais como crucifixos e madonas choravam ou sangravam. Embora alguns desses exemplos tenham sido desmascarados como fraudulentos, está mais do que provado que outros eram verdadeiros.

Em 29 de agosto de 1953, uma grávida de nome Antonietta Januso que morava em Siracusa, na Sicília, notou que uma estátua de gesso da Virgem e de Seu Filho estava exsudando lágrimas. Notícias a respeito do milagre espalharam-se rapidamente e provocaram uma eclosão de histeria religiosa por toda a ilha. As autoridades locais da Igreja, um tanto embaraçadas pela publicidade envolvendo a história, decidiram verificar a sua veracidade. O fato foi que eles simplesmente não acreditavam na história da mulher, mas, quando amostras das lágrimas foram analisadas e ficou estabelecido que nada tinham que as diferísse de lágrimas humanas reais, a Igreja reconheceu oficialmente o milagre e erigiu um santuário, onde a imagem é venerada por peregrinos até hoje.

Como bonecas de plástico que choram são produzidas em massa hoje em dia em muitos países ocidentais, é claro que o homem possui a habilidade de produzir um ‘milagre’ desse tipo. Ainda assim, seria muito mais difícil engendrar tal farsa utilizando lágrimas humanas, e certamente a teoria da fraude torna-se inconcebível quando um ícone chora por um período superior a muitos anos, como freqüentemente ocorre. Podemos concluir que as imagens que sangram são muito mais difíceis de falsificar, ainda que não haja escassez destas. Em janeiro de 1971, um advogado que residia em Maropati, na Itália, descobriu que de uma imagem emoldurada de Nossa Senhora que ficava sobre a sua cama estava pingando sangue. O líquido vermelho vinha evidentemente de algum lugar atrás do vidro que a recobria, emanando dos olhos de Nossa Senhora e das mãos e pés de dois santos ajoelhados diante dela. Para assombro do advogado, o sangue não escorria pela parede até o chão, formando cruzeiros ou hemografias (imagens produzidas com sangue) no emboço branco acima da cama. No caso italiano, a autenticidade do fenômeno foi satisfatoriamente comprovada, e peritos forenses da polícia confirmaram que a substância vermelha era realmente sangue humano. Nesse caso, a sugestão de uma fraude era algo totalmente fora de questão, pois o sangue continuou a escorrer da pintura mesmo depois de ela ser guardada em segurança em quartéis policiais.

Milagres evidentes desse tipo são tão numerosos que se poderia facilmente escrever um livro a seu respeito. Como objetos inanimados são incapazes de chorar ou sangrar, não é preciso dizer que a origem de tais fenômenos deve ser de natureza sobrenatural. Talvez, por intermédio desses simples artifícios, Deus queira provar a Sua existência. Ainda assim, só nos resta a vontade de saber por que razão o Ser Supremo escolheria um método tão primitivo para se manifestar. Parece-nos claro que algo de estranho está acontecendo, e será mesmo uma obra do Divino?

Está mesmo provado?

Embora ocorram milhões de relatos de aparições de fantasmas a cada década, a maioria é altamente suspeita. Está provado que explicações ditas verdadeiras são muito fáceis de forjar. A vibração de algo que passa por uma porta e a faz fechar-se; uma corrente de ar soprando as páginas de um livro aberto; uma casa velha rangendo por causa da queda da temperatura à noite. De fato, os fantasmas que algumas testemunhas alegam ver são absolutamente, como se diz, ‘produto de sua imaginação’. Sem dúvida, alguns farsantes costumam inventar histórias desse tipo a fim de lucrar com elas ou de se divertir assustando as outras pessoas.

Entretanto, há muitas histórias que não podem ser descartadas facilmente, pois, para cada evento passível de ser atribuído a uma pessoa que estabeleceu uma correlação indevida a uma série de circunstâncias mundanas, existe um outro que parece indicar a presença genuína de forças desencarnadas. Mesmo se excluirmos todas as histórias contadas pelas crianças, por pessoas com disposição ao nervosismo ou à histeria ou pelos que afirmam possuir poderes metapsíquicos, ainda nos restará uma grande quantidade de casos inexplicáveis que não podemos deixar de lado. Será que nesses casos as almas dos mortos realmente retornam?

Uma categoria de espíritos cuja atividade constitui um forte argumento a favor da sobrevivência humana após a morte é aquela em que fantasmas retornam para oferecer provas de sua continuidade existencial a amigos ou familiares — provas que quem percebe não conhece a princípio.

Um exemplo disso foi o retorno de Owen Harrison, um jovem britânico residente na África do Sul, que viajou para a Europa a fim de defender sua pátria e acabou perdendo a vida na campanha italiana de 1944. Apesar de a sua família ter imigrado para a África do Sul há muito tempo, foi na casa de uma tia inglesa, a senhora Feakes, que residia em Kent, que o espírito de Harrison apareceu amortalhado em uma névoa dourada. Ele só falou uma vez antes de desaparecer, e foram estas suas palavras: “Conte à mamãe.” A senhora Feakes estava muito triste para relatar o ocorrido a quem quer que fosse e começou a duvidar de sua sanidade mental. Mas o fantasma de Owen era persistente e dias depois apareceu mais uma vez e fez o mesmo pedido, mencionando também o nome de uma moça, “Helen”. Antes de desaparecer, ele mostrou à sua tia uma flor azul exótica, de um tipo que ela jamais vira. Seria, segundo ele, um signo que sua mãe reconheceria. Depois da segunda manifestação, a senhora Feakes finalmente escreveu para a sua irmã na África do Sul contando em detalhes o fantástico encontro. A resposta da mãe de Owen convenceu-a de que a visão de seu sobrinho não fora produto de sua imaginação, pois, na carta, a mãe de Harris afirmava que a flor azul era na verdade uma orquídea rara, protegida, que seu filho, em uma certa ocasião, surrupiou de Table Mountain em seu último período de licença. Para evitar a possibilidade de ser multado, ele só mostrou a orquídea à mãe e à irmã. Quanto a Helen, tratava-se de uma prova ainda mais convincente, pois, apesar de ninguém na família estar informado a seu respeito na época, investigações subseqüentes revelaram que o jovem mantinha um relacionamento secreto com uma moça com aquele nome, tendo sido encontrada uma infinidade de cartas e poemas de amor dedicados a ela. Assim, para os aflitos pais do soldado morto, o argumento da vida após a morte fora devidamente provado como verdadeiro.

Encontros fantasmagóricos desse tipo são particularmente interessantes para os pesquisadores da metapsíquica, porque as informações reveladas são desconhecidas por aqueles que foram escolhidos para recebê-las. O fato de a senhora Feakes não estar consciente da relevância da mensagem de Owen Harrison e de não conhecer previamente os detalhes de sua vida torna o comunicado duplamente convincente e afasta a possibilidade de que a aparição tenha sido criada por uma ligação telepática entre a senhora Feakes e a sua irmã.

Indícios igualmente impressionantes que provam essa sobrevivência surgem em sessões espíritas. Dentre os que duvidam que a canalização seja possível encontram-se os investigadores, argumentando que os chamados guias não passam de fragmentos do próprio subconsciente do médium. Como teoria psicológica, ela certamente possui alguns atrativos, já que foi exaustivamente provado que a mente humana é capaz de criar novas identidades. Entretanto, essa explicação de um fenômeno espiritualista não leva em consideração os numerosos casos em que os médiuns conseguem chegar a informações de que jamais poderiam ter conhecimento.

Um caso típico é a comunicação feita a uma senhora inglesa, Elizabeth Dawson-Smith, no ano de 1921, através da mediunidade de Gladys Leonard. O espírito a retornar nessa ocasião foi o do filho da senhora Dawson-Smith, assassinado no ano anterior na flor da idade. A mensagem dizia respeito a uma velha carteira escondida pelo seu filho, que continha o recibo de uma enorme soma de dinheiro depositada em um escritório de compensação de débitos na Alemanha. A senhora Dawson-Smith sabia dessa transação, mas não conseguira localizar aquele pedaço de papel até então. Quando ela o encontrou no local indicado por Gladys Leonard, não lhe restou outra escolha senão aceitar de todo o coração que a mensagem viera de seu filho, pois ele era o único que sabia do paradeiro daquele documento.

Outro exemplo revelado pelo holandês Nils Jacobsen e incluído no livro *Life without death* prova como é difícil dar conta desses enigmas por meio do pensamento racionalista. Em 1928, o tio de Jacobsen foi atropelado por um caminhão. Sua cabeça foi esmagada contra uma parede, e ele morreu alguns dias depois no hospital sem recuperar a consciência. A família de Jacobsen sempre acreditou que o crânio fraturado fora a causa da morte, até que, muitos anos mais tarde, foi recebida uma mensagem mediúnica que oferecia uma versão diferente do ocorrido. Após descrever detalhadamente as circunstâncias do acidente, a alma recorrente do tio do autor afirmou que ele morreria de fato vitimado por ‘uma enfermidade óssea’. Isso parecia improvável, até que Nils Jacobsen verificou sua certidão de óbito. Segundo os registros do hospital, seu tio não morreria por causa de um dano cerebral, mas sim do embolismo resultante de um coágulo sanguíneo em seu fêmur — trombose dos ossos inferiores.

Como escreveu Jacobsen, tratava-se de um fato significativo de que ninguém em sua família tinha conhecimento, só descoberto pelo médium. Pessoalmente ele se convenceu, daquele momento em diante, que a personalidade humana não era aniquilada por ocasião da morte física.

1945

Terror no Triângulo

Desde que Charles Berlitz publicou sua sensacional obra sobre o Triângulo das Bermudas em meados da década de 1970, iniciou-se uma avalanche de livros, periódicos, artigos de revista e documentários de televisão sobre o assunto. Os céticos continuam a afirmar que não há qualquer mistério lá, já que o número de navios e aviões perdidos naquela área não é maior que o normal, do ponto de vista dos riscos naturais. As pessoas em geral respeitam o seu ponto de vista, ainda que alguns dos que imperturbavelmente tentam desmascará-lo sejam incapazes de negar que estranhos eventos inquestionavelmente aconteceram nas águas entre o estado norte-americano da Flórida, as Bermudas e o mar de Sargaço.

Por algum motivo, ocorreram diversos desaparecimentos de barcos e aviões comerciais durante dias de boas condições meteorológicas e depois de mensagens de rádio informando normalidade a bordo serem recebidas. E o mais estranho é que os desaparecimentos típicos no Triângulo das Bermudas jamais deixaram vestígios, botes ou coletes salva-vidas ou mesmo manchas de óleo nas vizinhanças das últimas posições conhecidas do navio ou avião em questão. Queiram ou não, há perguntas que precisam de respostas.

De todos os mistérios do Triângulo das Bermudas, nenhum é mais estranho que o desaparecimento da Esquadilha 19, um grupo de embarcações de treinamento naval que desapareceu durante um exercício de rotina logo após o término da Segunda Guerra Mundial.

Às duas da tarde, do dia 5 de dezembro de 1945, cinco torpedeiros Gruman Avenger decolaram da Base Naval de Fort Lauderdale, na Flórida. Os aviões, tripulados por três pessoas cada um, receberam as últimas verificações de vôo e foram reabastecidos antes de rumar para o que seria uma missão absolutamente pacífica: a realização de um treino em lançamentos de torpedos.

Quando a equipe de terra viu a formação decolar e sobrevoar o azul do Atlântico, ninguém poderia imaginar que seus colegas jamais voltariam. De início, a Esquadilha 19 seguiu sem problemas ao longo da rota programada, paralela à costa da Flórida. Tudo parecia estar certo, mas às 3h45min o operador da torre de Fort Lauderdale começou a receber uma série de mensagens assustadoras do líder da missão de treinamento, o tenente Charles Taylor. Em uma voz carregada tanto de medo como de estardalhaço, o comandante do grupo afirmava que seus instrumentos estavam ficando loucos — o que de fato ocorreu; além disso, os controles de todos os aviões pararam de funcionar ao mesmo tempo.

“Qual é a sua posição?”, perguntou o operador de rádio.

Taylor não era capaz de precisá-la. “Tudo”, disse ele, “parece estar errado. Estamos perdidos. Até o oceano está estranho”.

Alarmados por essa reviravolta incompreensível nos eventos, os operadores de rádio de Fort Lauderdale continuaram pedindo ao oficial que especificasse a sua posição, apesar de a voz de Taylor, com o passar dos minutos, ir ficando cada vez mais transtornada e confusa, e suas mensagens fazerem

cada vez menos sentido. De acordo com uma das versões do ocorrido, suas últimas palavras foram mais ou menos as seguintes: “Não venham nos procurar, pelo amor de Deus...” Depois disso, silêncio. Mas a Marinha foi procurá-los. Logo após a perda do contato pelo rádio, um hidravião Martin Mariner foi enviado à posição provável da Esquadilha 19, estimada pelo comandante da base. A Marinha sabia que, o que quer que houvesse acontecido àqueles homens, seus aviões já estariam sem combustível e que já teriam se precipitado no mar. Entretanto, a própria equipe de resgate foi a próxima vítima do Triângulo das Bermudas. Quando o hidravião chegou ao local especificado como a área de buscas, ele desapareceu das telas dos radares, sumindo para sempre com uma tripulação de 13 pessoas.

Para a Marinha dos Estados Unidos, a perda de seis aviões em um espaço de poucas horas representou um desastre sem precedentes em tempos de paz. O relatório final de um inquérito a respeito dos eventos de 5 de dezembro tinha cerca de quatrocentas páginas. O documento oficial relatava que a Esquadilha 19 caíra no mar devido à infeliz coincidência de uma série de fatores: mau tempo repentino, interferência elétrica e erro do piloto. Nele também constava a informação de que o líder da esquadilha, o tenente Charles Taylor, aparentemente entrou em pânico, ajudando assim a agravar a situação, comprometendo dessa maneira o equilíbrio psicológico de seus jovens e relativamente inexperientes comandados. Quanto à perda do hidravião Mariner, supôs-se que uma explosão o atingiu, apesar de não haver nenhum indício que sustentasse tal hipótese.

O inquérito oficial da Marinha satisfez a muitas pessoas, mas certamente não aos que estudaram os numerosos relatórios de anomalias eletromagnéticas peculiares naquela área. Trocando em miúdos, houve muitas perguntas que os comandantes da Marinha não souberam responder. Qual o motivo, por exemplo, de o tenente Charles Taylor não seguir pela costa da Flórida, uma vez que ela deveria estar plenamente visível? Por que não havia sinais do desastre ou corpos, apesar das extensas buscas que se seguiram ao desastre? Por que Taylor e os seus homens interromperam o contato pelo rádio tão subitamente? Desde 1945, a perda da Esquadilha 19 e do hidravião de busca e resgate entrou para o folclore do Triângulo das Bermudas, e uma série de autores apresentou teorias a respeito: óvnis, maldade sobrenatural, deslocamentos de tempo e redemoinhos metapsíquicos entre outras. Até mesmo o diretor hollywoodiano Steven Spielberg reconheceu esse acontecimento incluindo-o no filme *Contatos imediatos do terceiro grau*. Mas, apesar do interesse contínuo, ninguém parece estar próximo de resolver esse enigma.

Em 17 de maio de 1991, surgiu uma pista impressionante do mistério quando uma equipe de salvamento, que procurava tesouros na costa da Flórida, descobriu os destroços de cinco aviões a aproximadamente 230m de profundidade e a 16 km do litoral. Embora a última posição dos Avengers nunca houvesse sido determinada, a possibilidade de que cinco outros acidentes tão próximos tivessem ocorrido é bastante improvável. De uma só vez, as histórias de ‘vértices profundos’ e outros horrores paranormais foram postas de lado.

Entretanto, duas semanas mais tarde, a verdade veio à luz quando um grupo de consultores de salvamento estabelecido no Havaí identificou os ‘aviões’ como restos de um alvo flutuante utilizado na Segunda Guerra Mundial para bombardeamento com torpedos a baixa altitude.

E assim, o leito de descanso eterno da Esquadilha 19 permanece desconhecido até hoje. Não estamos nem um pouco perto de descobrir o verdadeiro destino dos aviadores norte-americanos que desapareceram dos céus sobre o Atlântico em 5 de dezembro de 1945 e muito menos sabemos algo sobre a força que os destruiu.

1946

Visitantes inoportunos

Poltergeists — os espíritos ímpios do reino paranormal — geralmente habitam uma casa por um curto intervalo de tempo e causam relativamente poucos danos ou aflição. Em nove entre cada dez casos, suas brincadeiras fantásticas visam claramente a enfurecer e exasperar os moradores, sem, no entanto, machucá-los. Mas, infelizmente, nem todas as manifestações desse fenômeno têm obedecido a tal padrão. Em alguns casos, as atividades dessas entidades invisíveis foram realmente más.

Em junho de 1946, um refugiado alemão de nome Schrey estabeleceu-se em um pequeno apartamento na cidadezinha bávara de Lauter. Embora não tivessem filhos, os Schrey adotaram, no ano anterior, duas meninas, cujos pais morreram durante a campanha de bombardeios dos Aliados, que assolou os últimos meses da Segunda Guerra Mundial. As órfãs adaptaram-se bem até que, logo após a sua mudança para Lauter, os Schrey começaram a notar que a personalidade da enteada mais velha, Edith, estava se modificando de forma alarmante.

Antes plácida e tímida, Edith tornou-se indomável e até maliciosa, tendo acessos de raiva tão violentos que seus padrastos passaram a preocupar-se com a sua sanidade mental. Logo ficou claro que a mudança na personalidade da menina era de origem sobrenatural. Quando terminava o verão e começava o outono, a criança entrava em um estado semelhante ao transe durante vários dias e, finalmente, seus estranhos humores coincidiam com a aparição anormal, em várias partes da casa, de montes de excrementos humanos e poças de urina que pareciam se materializar literalmente do nada.

Embora os Schrey tenham a princípio pressuposto que suas enteadas fossem as responsáveis pelo ocorrido, o persistente surgimento e a enorme quantidade de substâncias imundas colocavam de lado qualquer explicação natural.

A situação passou de ruim a péssima, quando a enteada mais jovem dos Schrey, Irma, entrou em um estado de transe letárgico semelhante ao de sua irmã adotada. Nessas ocasiões, vários itens domésticos, inclusive canetas, lâminas de barbear e até pesados arquivos de ferro foram encontrados despedaçados sem razão aparente. Comidas — tomates e outros vegetais, por exemplo — saíam voando de despensas fechadas, e uma máquina de escrever da Maria Schrey chegou a datilografar sozinha longas mensagens ora indecifráveis ora obscenas. Esse último fenômeno continuou mesmo depois de a máquina ser trancada em seu estojo.

A desordem transformou-se em violência quando as meninas começaram a ser atacadas por um instrumento cortante invisível, aparentemente uma tesoura cega.

Suas tranças foram cortadas, deixando-lhes o couro cabeludo ferido a sangrar, culminando com a necessidade de hospitalizar Irma após um ataque muito violento. Quando os médicos foram informados da história, o caso foi passado ao professor Hans Bender, parapsicólogo e fundador do Instituto de Áreas Limítrofes da Psicologia e da Saúde Mental da Universidade de Freiburg. Bender visitou a casa dos Schrey, a fim de entrevistá-los e saiu de lá convencido de que eles eram vítimas de genuínos *poltergeists*. Embora não fosse capaz de ajudar objetivamente a desafortunada família, contou-lhes acreditar que tal

provação terminaria quando as meninas atingissem a puberdade.

O professor Bender tinha razão. Quando as meninas chegaram à adolescência, os problemas na casa diminuíram durante algum tempo e finalmente cessaram por completo quando a mais velha fez 16 anos.

O professor Bender continuou a estudar o fenômeno dos *poltergeists* durante mais de quarenta anos. Em quase todos os casos, ele descobriu que as duas formas mais comuns de manifestações relatadas eram os sons percutidos — pancadas fortes ou breves, baques surdos, estrondos, estampidos — e a levitação enviesada e desordenada, e ainda outros movimentos, de objetos materiais. Era mais comum que essas duas categorias de fenômenos ocorressem juntas do que isoladamente. A mudança de posição de determinados objetos podia acontecer demasiadamente rápido para ser percebida ou de forma bastante lenta. Às vezes, muitos movimentos podiam ser realizados em um quarto sem os danos resultantes esperados. Bender chegou a deparar-se com casos em que objetos frágeis, inclusive copos, porcelana chinesa ou cristal eram atirados com força nas paredes e ainda assim permaneciam intactos. Ao mesmo tempo, era muito comum peças de louça de barro serem arremessadas e quebrarem-se, um fato que sugeria ao pesquisador que a inteligência por trás dos distúrbios podia estar fruindo o caos que provocava.

Mas, apesar de as atividades dos *poltergeists* causarem pânico freqüentemente nos domicílios que invadem, há apenas algumas décadas o professor Bender viu-se novamente face a face com outro espírito tão mau como o que assolou a casa da família Schrey, mencionada há pouco. Em novembro de 1980, doutores do instituto citado anteriormente na Universidade de Freiburg foram notificados da situação de uma jovem dona-de-casa espanhola, de nome Carla, que residia em Mulhouse, na região oriental da França. Tendo se tornado o foco de uma incrível e crescente atividade de *poltergeist*, a desafortunada mulher viu-se submetida a uma série de ataques brutais que culminaram com um entrecruzamento de cortes profundos, que se abriram involuntariamente em seus ombros e coxas. Carla também sofria regularmente da sensação de ser esmurrada selvagememente no estômago.

Embora os médicos franceses acreditassem inicialmente que os ferimentos da mulher tivessem sido auto-induzidos por histeria, o professor Bender e seus colegas logo se convenceram de que o fenômeno relatado era autêntico.

Em dezembro, uma equipe de investigação não apenas testemunhou o aparecimento espontâneo de marcas na pele de Carla como também viu outras atividades anômalas ocorrerem simultaneamente. Além do mais, durante sua estada na casa, os parapsicólogos alemães descobriram que o seu equipamento era, de quando em quando, sabotado e que seus filmes sofriam misteriosas superexposições. Os termômetros indicavam uma temperatura de cerca de 3°C em certos ambientes da casa durante a noite, quando o aquecimento estava desligado, enquanto a temperatura invernal do lado de fora era de aproximadamente — 34°C. Em uma certa ocasião, o mesmo equipamento sofisticado, programado para registrar a temperatura durante um período de 72 horas, revelou não somente enormes flutuações, como também linhas horizontais interrompidas na prova impressa, que significavam trechos em que foi tecnicamente impossível registrar a temperatura.

Embora, a princípio, um adepto da teoria da psicocinética espontânea recorrente, que sustenta que as manifestações de *poltergeist* resultam da emissão de energia metapsíquica da mente de um agente humano situado no centro dos distúrbios, o professor Bender passou a acreditar que alguma forma de força invisível autônoma se alojara na casa de Carla. Assim, junto com seus colegas, Bender deixou de

lado os conceitos paracientíficos e tentou estabelecer contato com o fantasma através da técnica do deslocamento do copo, uma variação da tábua *ouija*.^{39} Logo se fez contato com a entidade, que se chamava Henry. Ele chegou então a aparecer, geralmente em uma forma ameaçadora, atravessando paredes e portas fechadas.

Infelizmente, a identificação do fantasma de maneira alguma o fez mudar de idéia e decidir-se a ir embora do lugar. Em abril de 1981, Carla e seu marido, Thierry, desistiram da luta e se mudaram, deixando a casa vazia — isso se não contarmos com seu hóspede não convidado.

1947

Incidente em Roswell

Entre os mais controversos aspectos do enigma dos óvnis, encontra-se a alegação de que alguns discos voadores sofreram acidentes e foram recuperados sob condições de extremo sigilo. Especulações desse tipo têm sido desmentidas com veemência pelas autoridades militares, ainda que no passado um fluxo de informações houvesse emergido, sugerindo a existência de uma base factual para tais rumores. Pelo menos um dos casos de acidente com extraterrenos é tido hoje como incontestável.

Na noite de 2 de julho de 1947, um objeto brilhante em forma de disco foi visto sobrevoando o estado norte-americano do Novo México. No dia seguinte, destroços extremamente incomuns foram encontrados por um rancheiro chamado William Brazel, que passeava com o seu filho por sua propriedade em Roswell. O rancho estava situado a cerca de 112 km ao norte do local em que ocorreu a aparição do óvni, mas na direção da rota de vôo do veículo alienígena. Tendo percebido que os destroços não se originavam de um avião tradicional, Brazel não perdeu tempo em informar o ocorrido às autoridades. O xerife local repassou as informações à força aérea norte-americana, e dentro de poucas horas uma equipe de investigação do 509º Escritório de Inteligência de Grupo de Explosivos chegou ao local. Daí para a frente, uma cortina de sigilo cercou a descoberta, e as ruínas foram meticulosamente arrumadas e transferidas para a base aérea de Wright Field, em Dayton, no estado de Ohio. Nenhum civil tinha autorização de se aproximar do B-29 onde os destroços foram transportados. O pessoal de terra da força aérea norte-americana que pôde dar uma olhada na carga especial do avião recebeu ordens de não dizer sequer uma palavra à imprensa, e um comunicado oficial foi emitido explicando que os destroços misteriosos descobertos no terreno próximo a Roswell foram identificados como os restos de um dos novos balões meteorológicos da força aérea norte-americana, acompanhado da folha de estanho que lhe servia de alvo de radar. William Brazel, o rancheiro que encontrara o objeto acidentado, foi detido para averiguações e ficou incomunicável durante uma semana até que as especulações jornalísticas cessassem, sendo por fim liberado sem justificativas ou pedidos formais de desculpas. Quando uma matéria, sugerindo que um disco voador fora capturado, começou a ser transmitida pela imprensa radio-jornalística de Albuquerque, a força aérea norte-americana interferiu, a fim de impedir tal radiodifusão.

Quase meio século depois do acidente em Roswell, muitas pessoas acham impossível que um evento de importância crucial para o planeta Terra pudesse ter sido encoberto de uma forma tão bem-sucedida. Mas indícios que sustentam sua existência continuam a se acumular, tendo o acontecimento de Roswell, em 1947, se tornado um dos mais bem documentados e pesquisados na história da ovniologia. [\[40\]](#) Nos últimos 15 anos, dois autores americanos, Standon Freidman e William Moore, contataram mais de 160 testemunhas direta ou indiretamente associadas ao caso do Novo México, inclusive componentes da tripulação que transportou os destroços.

Entre todos os testemunhos colhidos, o mais importante é o do major Jesse Marcel, o oficial da Inteligência encarregado da primeira operação de recuperação. Refutando completamente a explicação oficial do balão, afirmou que o material manipulado por eles era “como nada que existisse na Terra”. Uma lâmina de metal era tão sólida que não pôde ser entalhada por um martelo de forja de 7,2 kg, apesar de sua notável leveza. O testemunho de Mareei não pôde ser facilmente desmentido, pois ele era um

veterano da Segunda Guerra Mundial que lutou na campanha de bombardeio estratégico, sendo promovido a tenente-coronel e finalmente ingressando no programa de armas especiais da força aérea norte-americana. Além do mais, sua descrição do acidente alienígena era muito parecida não somente com a das outras testemunhas — o rancheiro William Brazel por exemplo —, mas também coincidiu com os detalhes de informações vazadas a respeito de outras recuperações de discos voadores. Nos Estados Unidos, esses fatos ocorreram nas seguintes localidades: Paradise Valley (Arizona), 1947; Aztec (Novo México), 1948; Kingham (Arizona), 1953 e Novo México (1962). Mais casos ocorreram em outros países, tais como a França, a Alemanha, Porto Rico, África do Sul, Austrália, a extinta União Soviética e Spitzbergen (oceano Ártico). Se rejeitarmos os acontecimentos relativos ao incidente em Roswell e esses numerosos exemplos alegando que não dispõem de embasamento factual, devemos nos perguntar por que os governos do mundo não medem esforços para ocultá-los. Em março de 1975, o senador norte-americano Barry Goldwater foi proibido de visitar a base aérea de Wright-Patterson (ex-Wright Field) para examinar os escombros do que aconteceu em Roswell no ano de 1947. Ao perguntar por que negaram o seu pedido, o senador foi aparentemente informado de que o assunto não podia ser discutido com um representante do povo, mesmo sendo a pessoa um oficial superior legitimamente eleito. O incidente em Roswell, junto com todos os indícios de discos voadores acidentados, era um assunto classificado em um nível além do estritamente confidencial.

Desde aquela época, mais e mais detalhes vazaram gradualmente, todos apontando na direção da existência de uma cortina oficial de sigilo. Nos últimos anos antes de sua morte, em 1986, o professor Robert Saurbacher, um físico norte-americano que ocupava um posto de alto nível no Departamento de Defesa de seu país durante a década de 1950, quebrou o seu juramento de silêncio e descreveu, nos mínimos detalhes, como o governo dos Estados Unidos recuperou e guardou os destroços de várias espaçonaves extraterrenas acidentadas. Embora não diretamente envolvido no projeto de recuperação de óvnis, Saurbacher examinou o material recolhido em primeira mão. Ele afirmou que o casco metálico da nave era extremamente leve e duro, enquanto os painéis de instrumentos e outros sistemas de controle no interior dela eram revestidos de uma substância fina, em forma laminar. Laboratórios da força aérea norte-americana provaram que tais materiais eram capazes de resistir às tremendas pressões exercidas durante a aceleração e a desaceleração comuns aos vôos espaciais.

O conhecimento da existência dessas naves era, segundo Saurbacher, restrito a um pequeno grupo de indivíduos do *establishment* político-militar de segurança. Em suas próprias palavras, foi o assunto mais altamente classificado no governo dos Estados Unidos, ganhando até da bomba H.

As afirmações do professor Saurbacher foram ridicularizadas pelas agências oficiais, não havendo qualquer indício de que alguma medida indelicada houvesse sido tomada para restringir seu direito de expressão. Muitas pessoas acharam que as afirmações do professor eram por demais fantásticas para serem levadas a sério, mas outras, reconhecendo que Saurbacher não era o tipo de homem que recorresse a exageros e fantasias, acreditaram nele. Por que um homem que atingira o sucesso científico, acadêmico e empresarial resolveria comprometer a sua reputação inventando uma história tão estranha? Questionavam as pessoas. Não havia resposta para aquela pergunta, a não ser, é claro, que a história fosse verdadeira.

E é lógico que era.

1948

A última missão do tenente Mantell

Quando da famosa aparição de um disco voador testemunhada pelo piloto Kenneth Arnold, em junho de 1947, muitos oficiais de alto nível da força aérea norte-americana começaram a indagar se a presença alienígena que então se apresentava nos céus dos Estados Unidos algum dia se mostraria hostil.

Por volta de uma da tarde de 7 de janeiro de 1948, um oficial de serviço na torre de controle da base aérea de Godman Field, no estado norte-americano de Kentucky, recebeu uma chamada telefônica do superior da patrulha rodoviária estadual. O oficial de polícia pretendia esclarecer a veracidade de certos relatos que surgiram pela manhã a respeito de um enorme objeto brilhante com a forma de um disco, com o diâmetro aproximado de 150m. Ele queria saber se aquele objeto pertencia à base Godman. O oficial em serviço não achou graça e afirmou secamente que uma nave daquelas dimensões era uma impossibilidade física. Ele afirmou também que aquilo que os motoristas viram fora provavelmente o Sol ou alguma anomalia fantástica provocada pela refração da luz, desligando imediatamente.

Entretanto, o oficial mudou de idéia alguns minutos mais tarde, quando uma mensagem urgente de detecção de um fenômeno aéreo extraordinário foi recebida por um destacamento da guarda pessoal do exército nas proximidades da reserva federal de ouro de Fort Knox. Um disco maciço, diferente de tudo que já fora visto, sobrevoava então a área, segundo o relato. A ameaça estava se tornando séria, e o comandante da base de Godman, o coronel Guy Fix, ordenou que uma esquadrilha de caças Mustang P-51 decolasse. Em poucos minutos, eles estavam no ar e estabeleceram contato visual com o óvni, um disco de metal prateado de tamanho incomensurável, de acordo com um comentário através do rádio, feito pelo líder da esquadrilha, Thomas Mantell, veterano da Segunda Guerra Mundial.

Conforme os caças se aproximavam do objeto, que pairava a uma altura estimada de 6,7 mil metros, outros pilotos confirmaram a descrição feita por Mantell. “Parece um objeto metálico... bem à frente e levemente acima... posso ver fileiras de janelas... tem um anel e uma cúpula...” Escutando na torre de controle, o coronel Fix e seus colegas oficiais estavam incrédulos. Mas o assombro logo se transformou em horror. Com os Mustangs a apenas oitocentos metros de seu alvo, o monstro voador começou a subir, demonstrando uma incrível facilidade para manobrar. O tenente Mantell guiou seus homens na perseguição, mas exatamente quando estavam ganhando altura, aparentemente aconteceu algo de errado. O caça de Mantell inclinou-se lateralmente de forma gradual e desapareceu atrás de uma nuvem; simultaneamente, o seu rádio sumiu.

As buscas do avião do líder da esquadrilha começaram naquela mesma tarde. Os destroços estavam espalhados por uma área de aproximadamente 3,5 km, o que sugeria a possibilidade de uma explosão aérea. De acordo com fontes da força aérea norte-americana, o corpo de Mantell também foi encontrado, mas a nenhum civil — inclusive os pais do piloto morto — foi permitido vê-lo. Os três outros pilotos foram interrogados após o término da missão e instruídos a manter silêncio. Uma explicação oficial foi publicada no dia seguinte, afirmando que o tenente Thomas Mantell infelizmente faleceu “ao tentar voar até o planeta Vênus”. Provavelmente ele voou muito alto e desmaiou por falta de oxigênio. As histórias anteriores a respeito de discos voadores eram, segundo um oficial da força aérea

norte-americana, inteiramente sem fundamento e provavelmente resultavam de uma semelhante confusão com o distante planeta.

Para várias pessoas, a explicação oficial desafiava a lógica. Inúmeros civis testemunharam a lenta passagem do óvni sobre Kentucky e sabiam que o objeto que viram definitivamente não era Vênus. Outros acharam difícil acreditar que um piloto experiente, veterano da guerra do Pacífico, pudesse cometer um erro elementar como aquele. E os outros pilotos — por que não foram autorizados a dar as suas opiniões? O interesse muito difundido da opinião pública norte-americana em óvnis tornou difícil para a Aeronáutica utilizar uma história tão inconsistente para justificar a morte de um dos seus pilotos. Então, uma semana depois, eles mudaram a história, anunciando que o objeto avistado sobre o Fort Knox era o Skyhook, balão de reconhecimento, cuja superfície prateada refletia a luz do Sol.

Com o passar dos anos, podemos dizer com certeza que nenhuma dessas explicações é verdadeira e que nem mesmo a força aérea norte-americana acreditava nelas na ocasião. Em memorando, agora público, do Centro de Inteligência Técnica Aérea, o general N. F. Twining, do Comando Estratégico do Ar, referiu-se aos discos voadores como ‘naves interplanetárias’ e confirmou que a recente onda de aparições é indubitavelmente verdadeira. O relatório foi escrito no outono de 1948. Outra correspondência escrita no mesmo ano, dessa vez endereçada ao comandante supremo da força aérea norte-americana, colocava a questão de maneira mais categórica:

E posição deste comando que os assim denominados fenômenos dos discos voadores são algo real e não visionário... características operacionais tais como as altas taxas de ascensão; a manobrabilidade e a ação evasiva acionadas quando em contato com aeronaves humanas nos levam a crer que os objetos são controlados...

O general Twining sugeriu que todas as informações relacionadas ao fenômeno dos óvnis fossem tornadas públicas. Sua recomendação foi ignorada. Em vez de contar ao povo norte-americano a verdade, o governo e as forças armadas preferiram classificar tais fenômenos como segredos de Grau A e encarregaram o FBI e a CIA{41} de eliminarem sistematicamente todos indícios e produzirem, em vez disso, explicações claramente artificiais que deveriam ser utilizadas nos casos de aparições genuínas. Gases dos pântanos, aeronaves artificiais, efeitos óticos, fumaça de chaminés fabris, luzes estelares refletidas, pára-quedas, satélites, mísseis, vaga-lumes, estrelas cadentes, balões meteorológicos e o motivo mais favorito de todos — histeria de massas — foram empurrados um por um em um esforço de ridicularizar o fenômeno. Enquanto isso, vai crescendo a lista de pilotos mortos e de aviões desaparecidos. Thomas Mantell pode ter sido o primeiro piloto norte-americano a perder a sua vida em um confronto com um óvni, e não foi o último.

1949

A meio caminho do céu

É comum dizermos que ninguém pode saber com certeza como será o momento de sua morte, pois não há caminho de volta quando morremos. Entretanto, isso não corresponde à verdade.

Em novembro de 1949, Edmund Wilbourne, um jovem inglês que sofria de pleurisia, foi internado no Hospital de Crumpsal, em Manchester. Ele já se encontrava em estado crítico ao chegar, e as esperanças da sua recuperação diminuía rapidamente. Edmund Wilbourne faleceu naquela mesma noite — ou assim pensaram os médicos que cuidavam dele. Na verdade, e um fato desconhecido pela equipe do hospital, Willbourne ainda estava bem vivo: embora as suas funções aparentemente houvessem cessado, sua consciência simplesmente deixara o seu corpo. Ele permaneceu nesse estado por algum tempo. Flutuando em paz nas regiões acima de sua forma física inerte, o jovem observava, com curiosidade e desprendimento, as enfermeiras prepararem o seu corpo para os funerais, notando, com surpresa e repugnância, como o cadáver era depilado por uma enfermeira que usava uma navalha, procedimento hospitalar que ele desconhecia. Embora Wilbourne não conseguisse compreender a sua condição de estar ausente do corpo, não sentiu qualquer tipo de medo.

Os registros do hospital mostram que o inglês deve ter permanecido naquele estado extraordinário entre a vida e a morte por algumas horas. De fato, foi apenas depois de o seu corpo ser encaminhado ao necrotério do hospital que ele subitamente percebeu ter retornado à consciência. Não é de surpreender que o servente do necrotério tivesse um choque ao ver o ‘falecido’ Wilbourne subitamente sentar-se na maca e gritar por socorro. Nas semanas seguintes, o inglês recuperou-se completamente e ainda está vivo hoje em dia. Ele pendurou na parede o seu atestado de óbito, a fim de provar que não inventou aquilo tudo.

Para muitas pessoas, a história que acabamos de contar pode parecer inacreditável demais para ser levada a sério. Mas, se preferirmos chamar Wilbourne de mentiroso ou tachar de incompetentes os seus médicos, a verdade fantástica é que ele realmente esteve morto por mais de duas horas no ano de 1949.

Entretanto, as recordações que Edmund Wilbourne possui de ter morrido não são as únicas de que se tem notícias. Experiências de quase-morte (EQM) semelhantes foram relatadas por médicos em todo o mundo, com tanta insistência que os investigadores dos fenômenos paranormais se convenceram que tais histórias não consistiam em sonhos ou ilusões. Para falar a verdade, sua coerência absoluta aparentemente confirma a probabilidade de que todos nós somos capazes de passarmos por uma experiência desse tipo em um momento de crise terminal. Com o progresso da ciência médica, trazendo em seu bojo técnicas cada vez mais sofisticadas de ressuscitamento, a quantidade de pessoas que retorna à vida está crescendo, e alguns médicos têm abandonado a ortodoxia científica a fim de investigar o crescente número de indícios.

Em 1976, Raymond Moody, psiquiatra da Califórnia, publicou o livro *Life after life*, que documenta em detalhes impressionantes os casos de mais de cem pessoas que conseguiram escapar da morte temporária após acidentes ou durante uma cirurgia. Em sua pesquisa, Moody descobriu que quase

todas as pessoas que passaram por EQMs recordavam-se perfeitamente de ter saído de seus corpos; e como essas descrições tinham muito em comum entre si, ele formou a opinião de que a experiência da morte era profundamente semelhante para todos os seres humanos. Na introdução de *Life after life*, o psiquiatra desenvolveu o que considerava a experiência de morte arquetípica fundamentada nos 15 elementos mais comuns relatados com maior frequência.

De acordo com Moody, a EQM padrão começaria com um zumbido desconfortável percebido pelo *quase-morto*, que entraria em um túnel longo e escuro. Seguindo-se a esse processo, a consciência do indivíduo se vê fora do corpo. O observador desencarnado assiste então a visões de espíritos conhecidos, de pessoas que partiram antes dele para o reino da morte. Depois, o indivíduo é geralmente acometido de um indefinível sentimento de amor que emana das cercanias, um sentimento seguido por outra visão, dessa vez a de um Ser de Luz (descrito de várias maneiras), aparentemente uma entidade espiritual da esfera superior encarregada de guiá-lo — telepaticamente — a uma reflexão sobre suas realizações e fracassos durante a existência terrena. Uma revisão panorâmica e instantânea da vida é então apresentada ao indivíduo acometido de EQM. Em seguida, outros eventos podem suceder, mas os sujeitos sempre atingem um momento em que são solicitados a atravessar um limite simbólico ou um ponto a partir do qual não poderão mais voltar. Instintivamente, o viajante astral percebe que não é a hora certa e se dá conta de que deve retornar à vida terrena. Frequentemente desapontado por ter de deixar aquele mundo de beleza, amor e alegria, o indivíduo acometido de EQM volta à consciência encarnada em seu corpo.

Moody enfatiza, na introdução de seu livro, que não há duas EQMs iguais e que nenhuma das que estudou incorporava todas as fases descritas há pouco. Além disso, não há nenhum elemento aparentemente comum a todas as EQMs, embora algumas pessoas — em geral aquelas cuja morte clínica durou um longo intervalo de tempo — possuíssem memórias particularmente vividas que se aproximavam do padrão. Como regra geral, as pessoas que entravam profundamente no outro mundo eram exatamente aquelas que estiveram ‘mortas’ por mais tempo; as que simplesmente relatavam ter deixado seus corpos eram pacientes cujas funções vitais cessaram por um período de menos de dois minutos.

A pesquisa de Raymond Moody foi considerada muito controversa pela maioria dos médicos, mas, nos anos subsequentes, outros especialistas norte-americanos seguiram os seus passos e publicaram suas próprias análises a respeito de EQMs, tendendo invariavelmente a reforçar a conclusão do californiano. Além do mais, tais psicólogos salientaram que as recordações relatadas hoje em dia correspondem incrivelmente às descrições da experiência da morte mencionadas em textos clássicos da antiguidade, tais como o Livro Tibetano da Morte.

Atualmente, na última década do último século do milênio, muitas pessoas continuam a encarar a morte como a extinção final, o término derradeiro, o extremo definitivo. Mas elas podem estar enganadas. Se resolvermos dar alguma credibilidade às histórias de pessoas como Edmund Wilbourne, teremos certeza de que parte de nós — consciência, mente, alma etc. — não é simplesmente expirada quando as funções vitais do corpo cessam.

1950

O lendário Ogopogo

O término da última glaciação deixou espalhados no Canadá mais de cem mil lagos e, assim, não é de admirar que o segundo maior país do mundo tenha mais lendas de monstros lacustres que qualquer outro. Durante o século XX, foi feita uma série de relatos a respeito de uma dúzia de lagos e canais canadenses onde se acreditavam existirem criaturas semelhantes a plesiossauros em meio à fauna do continente norte-americano.

Há, por exemplo, o monstro Saskatchewan do lago Turtle, avistado pela primeira vez em 1924, e a besta negra alongada do lago Poningamook, descoberto em 1993. Manipogo, uma criatura que assombra os lagos Manitoba e Winnipegosis, que são unidos pelos estreitos de Grane, escondeu-se do Homem até o final da década de 1930 e ganhou atenção somente quando emergiu diante de um grupo de pessoas, que faziam piquenique em um recanto à beira do lago no parque de Manitoba em 1960. Com a cabeça achatada e parecida com a de uma cobra, a pele negra e três corcundas, imagens da criatura foram registradas em filme fotográfico e cinematográfico. ‘Champ’, a criatura que alguns afirmam habitar o lago Champlain, que corta o Canadá verticalmente, indo do estado de Vermont ao de Nova York, tem sido vista com tanta regularidade nos últimos cem anos que algumas pessoas pensaram seriamente em colocá-lo na lista das espécies ameaçadas dos Estados Unidos, enquanto ‘Caddy’, a serpente Marinha que aparentemente reside na costa da Colúmbia Britânica, foi mais vista que qualquer outro.

Mas nenhum desses répteis é tão famoso como aquele que assombra o lago Okanagan, na Colúmbia Britânica, um enorme corpo de água que abrange uma área de aproximadamente duzentos quilômetros quadrados.

Antes das incursões dos primeiros colonizadores europeus, há um século, as tribos indígenas *shushxvap* que acampavam perto do lago adoravam Naitaka, o espírito de um monstro que acreditavam viver nas profundezas escuras e proibidas. De acordo com uma história transmitida através de gerações, um chefe visitante certa vez não deu ouvidos às advertências a respeito do monstro, sendo devorado junto com a sua família ao tentar atravessar o lago em uma canoa.

Outras histórias sobre Naitaka foram representadas por meio de desenhos rudimentares em pedra. Eles mostram um animal com um pescoço longo, corpo enorme e quatro nadadeiras, características semelhantes às do monstro do lago Ness e de uma infinidade de serpentes lacustres em todo o mundo. As superstições indígenas a respeito do monstro de Okanagan parecem ter sido rapidamente transferidas aos antigos colonizadores europeus, embora o nome original do monstro fosse substituído por Ogopogo, tirado de uma música popular londrina. Não houve falta de aparições no final do século XIX e início do século XX e, em 1914, a carcaça apodrecida de um estranho animal foi encontrada em uma das margens do lago. Contudo, foi apenas depois de uma onda de aparições em 1950 que a maioria dos canadenses começou a levar a história a sério. Em 2 de julho, um ‘dinossauro nadador’ foi avistado por uma certa senhora Kray, acompanhada pela família Watson, de Montreal, com a qual viajava por Kelowna. A senhora Kray descreveu mais tarde a criatura como tendo:

Um corpo longo e sinuoso de aproximadamente nove metros de comprimento, com cerca de cinco ondulações separadas umas das outras por um espaço de sessenta centímetros, ficando parte das ondulações embaixo d'água.

Depois de nadar despreocupadamente em direção ao norte, o animal moveu-se com rapidez para longe através do lago na direção oposta, aparentemente em perseguição a um cardume de peixes, deixando um grande sulco para trás.

Como sempre acontece nos relatos sobre monstros lacustres, os homens de conhecimentos tradicionais partem sempre para as explicações naturais e cautelosas. A convicção pessoal dos membros da Federação dos Naturalistas da Colúmbia Britânica afirmava que uma ilusão ótica, causada por “uma onda estranha em meio às águas calmas sob condições especiais de iluminação”, levou as testemunhas a confundirem grandes sombras com criaturas submarinas vivas. Essa explicação absurda convenceu alguns canadenses, e os céticos medianos sentiram-se mais inclinados a acreditar em uma imagem menos criativa: a de que a pretensa testemunha havia simplesmente forjado o encontro. Entretanto, como se viu mais tarde, essas aparições iniciais consistiam apenas no começo de um mistério desafiador.

No mesmo mês, a senhora E. A. Campbell avistou uma criatura semelhante à anterior dos jardins de sua propriedade em Kelowna. De acordo com a descrição dada, a criatura veio à tona três vezes e então submergiu, não mais aparecendo. Semanas depois, em 12 de agosto, o reverendo W. S. Bean, pároco da igreja Anglicana de Penticton, viu Ogoopogo emergir de águas incrivelmente agitadas e deslocar-se para longe, deixando um grande sulco. Essa aparição ocorreu nas águas de Naramata e, um mês depois, o senhor Bruce Miller e sua esposa avistaram o monstro, enquanto contornavam o lago pela estrada às suas margens. Aproximando-se do meio-fio para poder observá-lo melhor, afirmaram que o monstro possuía um pescoço maleável e musculoso e que seu dorso movia-se sinuosamente. Embora esse tenha sido o último relato de uma aparição da criatura em 1950, o proprietário de um *trailer em Sunny Beach* colocou lenha na fogueira ao afirmar ter encontrado rastros de Ogoopogo na praia local. Embora não houvesse maneira de relacionar os rastros à criatura, era nitidamente óbvio que não haviam sido produzidos por nenhum animal conhecido.

Desde o extraordinário verão de 1950, a ‘Ogoopomania’ não deu sinais de diminuir. A pesquisadora Arlene Gaal, que investiga as aparições desde a metade da década de 1960, já reuniu mais de duzentos relatos. E o que é mais importante, no mesmo período, ela também prestou auxílio na divulgação de filmes fotográficos e cinematográficos feitos a partir das margens do lago que definitivamente mostram grandes objetos animados deslocando-se de forma semelhante ao movimento de uma serpente. Em agosto de 1968, por exemplo, o turista Art Folden capturou um réptil anormal com as suas lentes teleobjetivas a partir da Rodovia 97, um ponto de observação privilegiado que oferece uma vista excelente da superfície do lago. O filme amador de oito milímetros de Folden mostra um enorme objeto parcialmente submerso a uma distância de cerca de noventa metros da praia. Uma fila de pinheiros ao fundo serve para dar a definição à imagem e possibilita uma avaliação precisa das dimensões da criatura — da cabeça à cauda — aproximadamente 18m —, de sua circunferência, cônica em ambos os lados, e de sua velocidade prodigiosa. Quando Arlene Gaal viu o filme, fez com que fosse analisado por especialistas em fotografia e comparou-o a um esboço de agrimensura do local. Os especialistas reconheceram sua autenticidade, e Gaal declarou com firmeza que tal filme provava, de uma vez por todas, que uma forma de vida incomum habitava o lago Okanagan.

Mais indícios de monstros dos lagos canadenses, que não se pode tachar de fraudes ou alucinações, surgiram em 1977, quando uma equipe de três mergulhadores, utilizando um sofisticado equipamento de sonar, localizou um sinal de um corpo de 7,5m de comprimento durante dez dias no lago Poningamook. Câmeras automáticas capturaram uma vaga aparição de uma forma muito escura que passava sob o barco, mas infelizmente nenhum dos instantâneos constituíram claramente uma prova da identificação que se queria fazer. Examinadas uma a uma, não há sinal algum que ofereça uma prova concreta da existência de tais criaturas. Ainda assim, como acontece com tantos outros fenômenos, a enorme quantidade de relatos de testemunhas é impressionante. A não ser que duvidemos da visão e da honestidade de literalmente centenas de cidadãos canadenses, devemos admitir com certeza que algo de muito estranho se acha presente no lago Okanagan e em muitos outros.

Finalmente, há uma interessante relação geográfica que deve ser examinada. Pode tratar-se de uma grande coincidência que a concentração de aparições de monstros de pescoço comprido no Canadá — dentro das linhas isotérmicas de 10°C — corresponda a diversas aparições em outras partes do hemisfério Norte. Sem dúvida, a distribuição dessas criaturas segue um padrão definido, e uma linha pode ser traçada, unindo o Canadá a países como Irlanda, Escócia, Noruega, Suécia, Finlândia e partes da antiga União Soviética, lugares onde se podem encontrar monstros lacustres. Como insinuou o doutor Bernard Heuvelmans, um criptozoólogo: “Ninguém poderia desejar uma prova melhor de sua existência.”

Batalhas espectrais na Grã-Bretanha e na França

A história sobrenatural das ilhas britânicas tem se caracterizado pela aparição ocasional de exércitos-fantasmas marchando para algum lugar, batendo em retirada ou realmente envolvidos em batalhas ocorridas em séculos passados, quando eram mortais. Se, como acreditam alguns parapsicólogos, fortes agitações podem intensificar as aparições de atividades fantasmagóricas, eis uma boa justificativa para campos de batalha serem territórios extremamente promissores para os caçadores de fantasmas. Mas, na verdade, a maioria desses exemplos parece refletir a recordação de um lugar anterior, uma imagem persistente audiovisual impressa em uma substância etérea, e não propriamente as atividades de fenômenos de assombração. Em vez de testemunhar os movimentos de entidades ultra-físicas ou almas terrenas, os participantes desse estranho quadro parecem rever na íntegra eventos passados. Se os observadores retornam no tempo ou os envolvidos no conflito foram trazidos à atualidade, essa é uma questão destinada à especulação. Em todas as probabilidades, nenhum cenário é suficientemente preciso — pelo menos não de uma maneira que possa ser compreendida pelas mentes de hoje. Tudo de que podemos estar certos é que tais eventos realmente acontecem.

Antes do começo deste século, havia inúmeros relatos no Reino Unido a respeito de exércitos-fantasmas aparecendo para lutar novamente em guerras ancestrais. Dentre eles, as mais famosas foram as manifestações que se seguiram à batalha de Edge Hill, da Guerra Civil inglesa, ocorrida em 23 de outubro de 1642, nas planícies próximas de Kineton, em Warwickshire. Tantas histórias foram ouvidas a respeito de uma batalha-fantasma que era encenada novamente nos meses que se seguiram àquele conflito, que o rei Carlos enviou vários representantes ao local para verificar a veracidade das histórias. Os oficiais do rei testemunharam a cena pessoalmente e reconheceram muitos dos amigos falecidos no combate. Apesar de menos celebradas, outros campos de batalha que marcam eventos-chave na história sangrenta da Grã-Bretanha foram visitados por aparições. Dentre eles, encontram-se: Sedgemoor, em Somerset; Culloden, nas *Highlands*^[42] escocesas; e em Naseby, em Northamptonshire. Nesse último caso, o conflito foi encenado novamente anualmente no céu sobre o campo de batalha, durante um século, depois do acontecimento real, em 1645. Nos séculos XVIII e XIX, não houve poucos relatos a respeito de exércitos-fantasmas lutando novamente em batalhas ancestrais. A batalha, assistida muitas vezes por um grande número de pessoas, contava com um vasto exército de soldados e servos que marchava nas proximidades de Inveraray, na região escocesa de Strathclyde; uma tropa de cavalaria com carruagens e suporte de infantaria vista várias vezes em Souther Fell, no distrito galês de Cumbria, e uma frota de escaleres viking que, com aspecto fantasmal, atacaram e assassinaram um grupo de espíritos de monges em uma praia da ilha de Iona. Embora a data correta desse último acontecimento não possa ser especificada com certeza, parece representar um massacre que se acredita ter ocorrido em uma época por volta do século X.

Apesar de a crença na existência de fantasmas ser mais forte nos primeiros séculos de nossa história, não devemos permitir que nossos preconceitos e inclinações modernas a respeito de nossos ancestrais não nos deixem enxergar o fato provável de que esses eventos fantasmagóricos tenham ocorrido exatamente como os registros atuais informam. Esses relatos aconteceram por várias vezes no decorrer deste século. Ao dirigir para casa, em Letham (Tayside), a altas horas da noite, a senhora

Elizabeth Smith evitou milagrosamente um acidente quando o seu carro saiu da estrada coberta de gelo e caiu em um riacho. Forçada a abandoná-lo e caminhar 13 km até a sua casa, ela ficou impressionada ao ver um grupo de pessoas carregando tochas acesas vindo em sua direção. Eles não tomaram conhecimento dela e começaram a vasculhar o terreno à sua volta, aparentemente procurando por seus mortos. A senhora Smith, que continuou a observá-los, percebeu que havia corpos pelo chão, que eram revirados e examinados. Ela estima que a cena fantasmal durou cerca de vinte minutos, período em que ela pôde distinguir perfeitamente as aparências das pessoas. Mais tarde, falando sobre sua experiência a investigadores, ela descreveu os trajes dos homens como os de saxões ou de povos mais antigos. Na verdade, historiadores estabeleceram, de acordo com a sua descrição, que ela vira guerreiros pictos. Segundo eles, a cena que a senhora Smith testemunhou representava as conseqüências da batalha de Nachanesmere, que se deu em 685 d.C.

Essa visão ocorreu no final do inverno do ano de 1951. A mulher de Tayside foi simplesmente um dos muitos britânicos que inexplicavelmente se viram como testemunhas da repetição do passado violento de sua pátria. Dentre os locais que foram palco de tais acontecimentos encontram-se: Offham Hill, nas proximidades de Lewes, em East Sussex, onde ocorreu uma enorme batalha há setecentos anos; Marston Moor, em North Yorkshire, a cena de outra batalha da Guerra Civil; e Otterburn, em Northumberland, onde foi realizada uma batalha em agosto de 1938.

Talvez o exemplo mais famoso de batalha-fantasma do século XX ofereça a nós um caso bastante diferente dos mencionados anteriormente. Duas características principais distinguem-na das anteriores. Em primeiro lugar, em vez de reproduzir eventos que ocorreram há séculos ou milênios, ela evoca eventos que aconteceram na década passada. Em segundo lugar, algo talvez mais intrigante que o anterior, nada foi visto — apenas os sons da batalha foram testemunhados.

De manhã cedo, no dia 19 de agosto de 1942, uma enorme força de tropas aliadas, consistindo principalmente em comandos canadenses e britânicos, atacou o porto de Dieppe, na Normandia (França), então controlado pelos alemães. Mais do que visando a obter uma vitória de considerável importância estratégica, o ataque pretendia ser um ensaio em grande escala da decisiva invasão da Europa, que aconteceria dois anos mais tarde. Certamente os Aliados aprenderam muito sobre a topografia de Dieppe, mas pagaram um preço terrível por tal ato. Dos seis mil homens de elite que tomaram parte desse 'ensaio', quase quatro mil pereceram ou foram feridos na feroz batalha que durou apenas 4,5 horas.

Nove anos mais tarde, duas inglesas passando o final de semana em Puys, um povoado a alguns quilômetros a leste de Dieppe, foram acordadas no meio da noite pelo inconfundível som de armas de fogo pesadas. Aproximadamente às quatro horas da madrugada, as mulheres ouviram distintamente homens que choravam de dor, sons distantes de bombardeio ao fundo e o ronco da aviação que lançava cargas de profundidade. Esse curioso fenômeno durou cinquenta minutos. Ele foi seguido por um breve silêncio e então recomeçaram as explosões e os lançamentos de cargas de profundidade em um volume muito mais alto. As mulheres permaneceram despertas, ouvindo, assombradas, os sons que com certeza vinham do litoral na direção do porto francês. Os furiosos ruídos da batalha continuaram ininterruptamente até as seis horas, quando cessaram todos os distúrbios, que foram substituídos pelos sons naturais das ondas quebrando no cascalho da praia perto de seu hotel. Na manhã seguinte, 5 de agosto de 1951, as mulheres ficaram surpresas com o fato de nenhum dos outros hóspedes do hotel, e nem mesmo os seus proprietários, ter ouvido nada de estranho. Ainda assim, vários habitantes da região declararam ter passado por experiências semelhantes em noites de verão dos anos anteriores.

Quando retornaram à Inglaterra, enviaram um relato completo de sua experiência para a Sociedade

de Pesquisas Metapsíquicas (SPM), sediada em Londres. Após examinar os arquivos do Ministério da Guerra britânico a respeito daquele desastroso acontecimento, ficou claro para os pesquisadores da SPM que a hora em que se iniciou o fenômeno — por volta das quatro da madrugada — aproximava-se bastante das primeiras trocas de fogo entre os Aliados e os navios alemães ancorados longe da costa, em 19 de agosto de 1942. Além do mais, o impressionante aumento do volume que se iniciou por volta das cinco da madrugada do dia 5 de agosto de 1951 marcou o início do bombardeio de Dieppe pelos *destroyers* Aliados e pela primeira leva de bombardeios da RAF, que despejava a sua carga sobre as linhas de defesa dos alemães. Embora não fosse impossível que essas duas mulheres houvessem lido relatos sobre a batalha, e com base neles tivessem inventado a história, os investigadores da SPM ficaram satisfeitos com o fato de elas estarem contando a verdade e deram como quase certo que as duas passaram por uma verdadeira experiência metapsíquica.

Os céticos, como sempre, apresentaram uma solução diferente. Para aqueles que são da opinião que a idéia de batalhas-fantasmas não passa de uma besteira sem sentido, estava absolutamente claro que o que as mulheres haviam escutado não era nada mais que uma combinação de sons naturais. O bater das ondas no cascalho da praia, a linha aérea comercial ligando Londres a Paris que passava sobre aquela localidade e uma draga em operação no porto de Dieppe foram insinuadas como as responsáveis. As próprias mulheres negaram que poderiam ter sido enganadas por esses sons ou por uma combinação deles.

Reverendo a sua experiência, é difícil formular um julgamento claro de uma maneira ou de outra. Não sabemos como um evento pode ser aprisionado no tempo e no espaço com objetivo de ser repetido em uma data futura diante dos olhos e ouvidos de pessoas suficientemente sensíveis para percebê-lo. É interessante observarmos que nenhuma dessas mulheres jamais se interessou por fatos sobrenaturais ou alegou ter vivenciado uma experiência metapsíquica antes. Elas são testemunhas totalmente confiáveis. Ao mesmo tempo, não está além do terreno de probabilidades o fato de que elas possam simplesmente ter se enganado com o que ouviram. O que podemos afirmar com certeza, entretanto, é que não se pode relegar um relato sobre aparições de batalhas fantasmagóricas a meras alucinações visuais ou auditivas. A não ser que estejamos prontos a descartar o valor dos testemunhos humanos.

1952

À procura de Bridey Murphy

A segunda metade do século XX foi palco de um assustador crescimento da crença na reencarnação entre os ocidentais. Dados referentes à apuração de tendências de opinião pública oriundos de uma pesquisa realizada no Reino Unido entre 1969 e 1979 mostram uma alta entre 18 e 20 % entre os que confirmaram a sua crença, enquanto um aumento semelhante apurado na mesma década foi registrado nos Estados Unidos. A crença na reencarnação em meio aos votantes com menos de vinte anos de idade foi bem superior, de modo que é seguro pressupormos que, se a mesma pesquisa fosse realizada hoje em dia, ela mostraria a continuação de uma curva de crescimento. Na década de 1990, é totalmente aceitável que uma pessoa em cada três, nos dois lados do Atlântico, acredite na idéia de renascimento. O que faz essas estatísticas tão impressionantes é que as pesquisas semelhantes da década de 1940 mostravam que menos de três em cada cem ocidentais levavam a reencarnação a sério. Sendo assim, o que estará por trás dessa enorme mudança na maneira de pensar das pessoas? A resposta pode ser resumida em duas palavras: regressão hipnótica. As possibilidades abertas pela hipnose de regressão a vidas passadas chamaram a atenção pública pela primeira vez com o caso de Bridget (Bridey) Murphy, em 1952.

Virgínia Tighe, 29 anos de idade, casada com um empresário e mãe de três filhos, residente em Pueblo, no Colorado, recordou-se de sua vida anterior no século XIX na Irlanda hipnotizada por Morey Bernstein. Experiente em hipnose em caráter amador, com muitos anos de boa reputação, Bernstein já conduzira várias regressões a vidas passadas antes de ser apresentado a Tighe, em quem percebeu um grande potencial de regressão após a sua primeira sessão, que revelou com clareza uma infinidade de detalhes que Morey jamais vira.

Como se tornara uma prática corrente entre todos os pesquisadores que trabalhavam com a regressão a vidas passadas, Bernstein fez primeiramente Tighe regredir à sua infância e, só então, encorajou-a a retornar a algum lugar ou época antes de seu nascimento. Respondendo às perguntas com um sotaque irlandês carregado, recheado de gírias e coloquialismos que Bernstein desconhecia, a dona-de-casa de 29 anos de idade descreveu a sua infância anterior vividamente.

Ela cresceu, segundo afirmou, como a filha mais jovem de um advogado que vivia na cidade irlandesa de Cork. Nascida em 1798, viveu sessenta anos antes de morrer por causa de uma queda em que fraturou o quadril. Com o prosseguimento das sessões, Bernstein gradualmente aprendeu mais e mais sobre o passado da menina, inclusive todo o tipo de especificidades de que seria bem difícil alguém se lembrar — nomes, datas, lugares, eventos, lojas e estabelecimentos comerciais que ela afirmou existirem na cidade em que morava. Até mesmo canções, poemas e hábitos locais, tudo isso foi descrito em uma linguagem cheia de nuances. Bridey disse que se casou, aos vinte anos de idade, com Sean Brian Joseph McCarthy, também filho de um advogado. Mais tarde, a família mudou-se para Belfast, onde McCarthy lecionou na Universidade de Queen. Embora tenham se casado em uma igreja protestante, em Cork, o casal preferiu celebrar uma cerimônia católica na igreja de Santa Teresa, em Belfast, e a mulher regredida foi capaz de lembrar-se do religioso que ministrou o serviço, o padre John Joseph Gorman.

Durante o ano de 1952, Bernstein gravou em fita todas as sessões de hipnose, e aquele colóquio

extraordinário foi publicado em jornais dois anos depois. Aquilo imediatamente mexeu com a imaginação do público norte-americano e promoveu o assunto da reencarnação às primeiras páginas dos jornais do Ocidente pela primeira vez. O livro que Bernstein lançou em seguida, *The search for Bridey Murphy*, {43} tornou-se no mesmo instante um *best-seller* e foi, mais tarde, publicado em trinta países. Para a maioria das pessoas que o leram, os aspectos mais convincentes da história de Bridey são justamente os numerosos detalhes corriqueiros e a enorme quantidade de fatos e acontecimentos comuns contidos nas últimas horas da regressão. Os que acreditavam na história sentiam que Bridey realmente possuía conhecimento de fatos exclusivos da própria Irlanda e, no entanto, a história pessoal de Virgínia Tighe demonstra sem sombra de dúvida que ela jamais viajara para o estrangeiro desde o seu nascimento em Madison, no estado de Wisconsin, e não parecia manter qualquer tipo de relação com o povo ou a cultura irlandeses.

Como sempre, nem todos foram facilmente convencidos. Como os registros oficiais irlandeses eram posteriores a 1864 — por coincidência o ano da morte de Bridey Murphy —, viu-se que era impossível confirmar o seu nascimento, casamento ou falecimento a partir de certidões. Além disso, algumas de suas recordações foram submetidas a exames, pois se mostravam factualmente incorretas, e os céticos comentaram que as transcrições de seu discurso continham exemplos claros de falares comuns ao inglês norte-americano do século XX misturados ao antigo irlandês. Um jornal, o *Chicago American*, chegou a ir mais longe, acusando a dupla Bernstein-Tighe de fraude deliberada. Após verificar declaradamente o passado de Tighe, os jornalistas do *Chicago American* sustentaram que ela fora amiga de uma avó irlandesa de nome Bridey Corkell, que viveu em Chicago na mesma época que Tighe. Por algum tempo, as tentativas de desacreditar a pretensa reencarnação pareceram funcionar, mas quando tornou-se público que a senhora Corkell era a mãe de um dos editores do jornal de Chicago, a opinião pública vacilou. Questionou-se então a objetividade dos jornalistas céticos depois de se saber que o *Chicago American* fora sobrepujado pelo seu rival local, o *Chicago Daily News*, em uma disputa judicial pelos direitos de publicação do livro de Bernstein.

Reexaminando o caso de Bridey Murphy de um ponto de vista privilegiado pelo passar dos anos, é fácil compreender por que a história foi tão sensacional e também por que as tentativas por parte de seus detratores de desacreditar a hipótese de reencarnação foram malsucedidas. Em primeiro lugar, muitas das lembranças de Tighe induzidas por transe pareciam conter a inegável aura da verdade. Um mapa de Cork, datado de 1801, mostra a pequena área ocupada por moradias conhecidas como *The Meadows*, {44} onde Bridey supostamente cresceu, e ninguém que houvesse escutado as fitas com os seus próprios ouvidos seria capaz de não se surpreender e impressionar pelo divertido sotaque e pela fluência com que ela transportava o colorido local e o dia-a-dia da Irlanda do começo do século XIX. Na verdade, quando Tighe voltou à consciência, ficou impressionada com o que ouviu nas fitas e não foi capaz de explicar as informações contidas ali.

A inexistência de registros pessoais relativos à população da Irlanda anteriores ao ano de 1864 é um fato, no mínimo, irritante. Contudo, os nomes de lugares específicos que a dona-de-casa norte-americana dificilmente poderia conhecer foram confirmados como corretos e por isso constituem provas consistentes. Dentre eles, havia detalhes sobre as cidades irlandesas do século XIX, inclusive os nomes de lojas desconhecidas em ruas secundárias. Sabe-se, por exemplo, que a casa de campo na estrada de Dodley, em Belfast, onde Bridey aparentemente faleceu, realmente existiu, tanto quanto a vendinha familiar que ela freqüentava, a Farr and Carrigan.

Quatro décadas depois de Morey Bernstein fazer a regressão de sua celebrada paciente no

pequeno quarto de frente na sua casa em Pueblo, no Colorado, o ponto central do assunto — e sua importância para a nossa compreensão da natureza da vida e da morte — continua a ser uma questão intensamente debatida. Talvez trate-se de um caso de reencarnação, talvez não. Mas, em quarenta anos, ninguém foi capaz de apresentar uma explicação material convincente para o enigma de Bridey Murphy.

1953

Encontros mortais

No início da década de 1950, a ameaça em potencial atribuída aos objetos voadores não identificados estava se transformando em uma dura realidade. Em 1953, começaram a surgir, cada vez mais freqüentemente, relatos de pilotos civis a respeito de discos voadores que ameaçavam aviões comerciais. Nos céus dos Estados Unidos, vigiados com maior atenção pela força aérea norte-americana, predominavam tais atividades, mas, em conclusão, o primeiro vôo com fim trágico aconteceu longe do território norte-americano.

Em março de 1953, o piloto de um DC-6, que fazia a rota da ilha de Wake, no Pacífico, a Los Angeles, entrou em contato por rádio com o seu destino para avisar que estava sendo atacado por três globos brilhantes. Alguns segundos depois, o contato com o avião foi perdido e este desapareceu com seus vinte passageiros e a tripulação de cinco pessoas. Na primavera daquele mesmo ano, outro DC-6, dessa vez fazendo um vôo internacional, acidentou-se após informar sobre uma interferência provocada por luzes não identificadas. Testemunhas em terra confirmaram o envolvimento de óvnis no desastre. Novamente ninguém sobreviveu.

Em acontecimento ocorrido no início do verão, não ficou dúvidas de que uma situação provocada por discos voadores tivera um final sinistro. Em 24 de junho, um jato de combate F-4C decolou da base de Otis, no cabo Cod, com a missão de investigar um objeto indicado pelo radar do controle de terra. Quando o interceptador chegou perto de seu alvo — uma luz brilhante flutuando a leste, a uma altitude de aproximadamente quinhentos metros —, o capitão James Suggs preparou-se para o combate. Mas a batalha nem chegou a começar. No momento em que Suggs preparou seu canhão para atirar, o caça sofreu uma pane geral. Em alguns segundos, o avião iniciou um mergulho embicado na descendente, e Suggs mal teve tempo de utilizar o sistema de ejeção. Seu co-piloto, o tenente Robert Barkoff, teve menos sorte: foi morto instantaneamente quando o jato explodiu ao chocar-se com o solo. A razão da pane nos sistemas do avião continua a ser um mistério.

Não foi descoberta a causa do que ocorreu no cabo Cod, mas uma tragédia pior estava por vir. Em 25 de novembro, o tenente Felix Moncla e o oficial de radar Robert Wilson decolaram da base aérea de Kincross no seu caça F-89 a fim de interceptar um disco voador detectado pelo Comando de Defesa Aérea sobre a fronteira com o Canadá. O objeto, que apareceu nas telas dos radares como um sinal que se movimentava de forma errática, era na verdade uma grande espaçonave voando sobre o lago Superior a uma altitude de cerca de 2,4 mil metros. A descrição que Moncla fez do óvni, registrada por colegas oficiais em Kincross, foram as suas últimas palavras.

Segundos depois de estabelecido o contato visual com o óvni, este voou em direção ao jato em uma velocidade várias vezes maior que a do som. Em poucos momentos, os dois sinais nas telas dos radares tornaram-se um só, e as vozes da tripulação foram substituídas por uma sinistra crepitação de eletricidade estática. O fato é que os oficiais não foram mais encontrados. Uma junta de forças-tarefa norte-americanas e canadenses realizou uma busca no lago Superior, mas não chegou a descobrir nada. Nenhum destroço ou vestígios de combustível foram encontrados nas águas calmas do lago. Embora a

colisão em pleno ar seja a possibilidade mais provável, os operadores de radar de Kincross não foram capazes de pôr de lado a conjectura que os atormentava, de que os seus colegas norte-americanos pudessem ter sido raptados — capturados, através de algum dispositivo inimaginável, por criaturas cujo poderio tecnológico estaria muito à frente do que possuía a humanidade.

Quaisquer que fossem os temores íntimos dos oficiais iniciantes, os militares de alta patente logo tomaram providências para que aquele acontecimento fosse pouco divulgado pela imprensa. Ao passo que se considerou o caso da base Otis (pelo menos por parte da imprensa) uma falha normal da aeronave: o motivo dos desaparecimentos do avião da força aérea norte-americana sobre o lago Superior foi o fato de os operadores de radar terem confundido um hidroavião C-47 da real força aérea canadense com um óvni. Quando os canadenses, em um ato de desconsideração, negaram tivesse aparecido qualquer hidravião C-47 de patrulha nas vizinhanças, os norte-americanos mudaram a sua história para ‘condições atmosféricas incomuns’.

Por algum tempo, os jornais aceitaram essas explicações, mas com a perda de outros aviões da força aérea norte-americana nos 12 meses que se seguiram, começaram a surgir perguntas embaraçosas. Em 1º de julho de 1954, outro interceptador marítimo F-94, do mesmo tipo daquele desaparecido em junho de 1953, acidentou-se após avistar um disco voador sobre a base de Griffiths, no estado de Nova York. Embora na ocasião os tripulantes tenham se salvado por meio do mecanismo de ejeção, quatro civis em terra perderam as suas vidas:, e naturalmente esse acidente impeliu diversos jornais a aludir, de forma enigmática, que certos fatos concernentes a histórias de acidentes relacionados a discos voadores estavam sendo omitidos. Mas em vez de esclarecer os fatos ao público norte-americano, o governo e as forças armadas decidiram redobrar os seus esforços no sentido de esconder a verdade.

Em fevereiro de 1955, uma conferência foi organizada em Seattle, na qual oficiais da divisão de inteligência do serviço de transporte aéreo militar reuniram-se com os proprietários das principais companhias de aviação comercial norte-americanas. O único item da pauta eram os óvnis — ou, mais especificamente, a necessidade de controlar o fluxo de informações a respeito deles.

O resultado desse encontro secreto foi a extensão da censura no estilo militar, que obrigou as tripulações das empresas comerciais de aviação a guardar segredo estrito a respeito de todas as aparições de óvnis. Qualquer um que não mantivesse o nível de sigilo exigido estaria sujeito à pena de prisão por dez anos ou ao pagamento de uma multa de dez mil dólares. Essas medidas draconianas intimidaram os pilotos civis, que resolveram obedecê-las, e o resultado foi uma diminuição do número de relatos sobre óvnis na imprensa. Somente com a publicação de documentos secretos, resultante da promulgação da Lei de Liberdade de Informação dos Estados Unidos, [{45}](#) é que ficou claro: que a presença de alienígenas nos céus do nosso planeta não é apenas algo a se considerar real e comprovado na década de 1950, mas também um fato a ser temido pela sua alta periculosidade.

1954

Vida após a vida

Em 1954, Jasbir Lal Jat, um menino indiano de três anos de idade, nascido na pobre cidadezinha de Vehedi, aparentemente morreu de varíola. Depois de acamado por vários dias, ele parou de respirar e a temperatura de seu corpo caiu. Entretanto, na manhã seguinte, no dia de seu funeral, o corpo de Jasbir se moveu.

Mas esse não foi o único milagre dessa história absolutamente real. Pois logo ficou claro que a personalidade do garoto havia se modificado completamente.

Falando com um sotaque diferente e com gestualidade comum a idades mais avançadas, o menino afirmou que seu nome era Sobha Ram Tyagi, filho de uma família de brâmanes que, segundo ele, havia assumido o luto no exato momento da passagem de Jasbir Lal Jat. O corpo do menino vitimado pela varíola foi então ocupado pela alma de Sobha Ram, e não mais pela alma do menino da família de casta inferior.

Apesar do desprezo demonstrado por todas as pessoas à sua volta, o menino manteve firmemente a sua opinião, recusando-se a consumir a comida manipulada pela família da casta inferior de Jasbir, que ele considerava desprovida de higiene. A maioria das pessoas achava que o menino havia enlouquecido, até que um dia, por acaso, ele reconheceu, em uma pessoa que passava pela rua, uma tia de Sobha Tyagi. Segura do que dizia, a mulher confirmou sua identidade, e, segundo ela, a versão de que a morte do sobrinho Sobha Ram aconteceu por causa de um ferimento coincidiu com a do menino vivo. E o que é mais importante: ficou claro que as duas crianças expiraram praticamente na mesma hora. Finalmente, levaram Jasbir à cidade onde ele alegava ter passado a sua vida anterior e ele foi capaz de cumprimentar os parentes de Sobha Ram, lembrando-se de seus nomes. Todos concordaram que a descrição, feita pelo garoto da sua antiga cidade natal, era detalhada demais para ser produto de meras adivinhações.

A história que acabamos de contar, de maio de 1954, pode soar como uma obra de ficção, mas não é. O enigma indiano foi tirado dos arquivos do doutor Ian Stevenson, norte-americano, professor de psicologia, que dedicou os últimos quarenta anos de sua vida à reunião de provas de casos autênticos de recordações de vidas passadas espontâneas em crianças.

Em um caso típico dos estudados por Stevenson, uma criancinha que estava começando a andar costuma contar aos seus pais, e a quem mais quiser ouvir, que ela pode se lembrar de sua identidade anterior. As afirmações da criança a respeito de sua vida anterior são quase sempre acompanhadas por um comportamento estranho ao seu *background*, mas concorda com os elementos da alegada existência passada. De acordo com Stevenson, tais recordações podem crescer em intensidade entre as idades de dois e quatro anos, mas dificilmente continuam a ocorrer a partir dos cinco anos de idade, por motivos ainda desconhecidos. Trata-se de um padrão repetido independentemente da religião ou da formação cultural da criança.

Em muitos casos, as crianças não só descreveram com precisão pessoas, lugares e hábitos que jamais poderiam ter vivido; algumas chegaram a manifestar sinais fantásticos e alarmantes de suas

personalidades anteriores, tais como marcas de nascença correspondendo aos ferimentos sofridos no momento da morte; outras apresentam traços psicológicos peculiares incompatíveis com sua idade; por exemplo, apetite por prazeres de adultos, tais como o álcool, o tabaco ou as relações sexuais. Alguns têm dificuldade de se adaptar às suas novas identidades sexuais e mantêm o modo de vestir e os hábitos do sexo anterior. Em tais casos, é extremamente raro curar tais desordens de personalidade através da psiquiatria infantil tradicional.

Um dos mais impressionantes e espantosos exemplos surgidos nos últimos anos é o de Reena Gupta, de Nova Déhli, que tinha menos de dois anos de idade quando, em 1966, contou à sua avó que tivera um *gharada*, ou seja, um marido mau que a assassinara e que então definhava em uma penitenciária por causa de seu crime. Ninguém acreditou em Reena, mas, quando cresceu, ela jamais perdeu a convicção de que já vivera e morrera.

Conseqüentemente, ela sempre enfurecia a sua mãe quando, durante as compras nos mercados, procurava por rostos familiares do passado, esperando que alguém reconhecido reagisse favoravelmente. Finalmente, por acaso, um professor amigo da mãe de Reena chamado Vijendra ouviu uma trágica história a respeito de uma família de siques em que o marido assassinou sua jovem mulher, Gurdeep Singh. Percebendo que essa história lembrava muito os eventos de que Reena se recordava, Vijendra localizou a família e sua casa em um subúrbio da capital indiana. Lá chegando, soube que o *gharada* da moça morta estava na prisão cumprindo pena pelo assassinato de Gurdeep Singh. Embora relutantes a princípio, os Singh concordaram em encontrar Reena, que reconheceu a sua mãe e o seu pai imediatamente e sem a necessidade de apresentações.

Em presença de seus maravilhados pais, a juvenzinha recordou muitos eventos de sua infância, inclusive sobre a origem do apelido incomum que fora dado à irmã mais nova de Gurdeep. Mais tarde, ao ser levada a outros membros da antiga família, também foi capaz de reconhecê-los e, vários meses depois, quando adolescente, na década de 1970, ela aceitou posar para uma fotografia com o 'seu' suspeito e estupidificado marido.

Embora muitos exemplos de recordações de vidas passadas aconteçam em países do Oriente, eles não constituem absolutamente a maioria. Em 1981, Romy Crees, uma criancinha que estava começando a andar, nascida na cidade de Des Moines, em Iowa, contou aos seus pais que fora outrora um homem casado, chamado Joe Williams, morto há vários anos em um acidente de motocicleta, deixando a esposa, Sheila, e três filhos. A pequena Romy apelou para que lhe permitissem ver sua antiga família, que morava em Charles City, uma comunidade a cerca de 225 km de Des Moines. Católicos devotos e, por isso mesmo, descrentes da reencarnação, os pais de Romy achavam-se mais inclinados a acreditar que sua filha estivesse possuída pelo Diabo do que pelo espírito reencarnado de outra pessoa. Contudo, depois de uma tentativa malsucedida de exorcismo das lembranças da mente da menina, os Crees chamaram a doutora Hemendra Bannerjee, psiquiatra infantil.

Bannerjee rapidamente percebeu que o seu ceticismo inicial não tinha fundamento. Fizeram uma visita a Charles City, durante a qual a criancinha foi capaz de identificar vários lugares, apontando inclusive a sua antiga residência. Lá, a morte de Joe Williams em sua motocicleta foi confirmada por sua viúva Sheila, junto com muitos outros detalhes de seu relacionamento que dificilmente poderiam ter sido adivinhados por uma criança de dois anos de idade que vivia a 225 km de distância.

Os pais de Romy Crees não tiveram outra escolha senão relutantemente aceitar que a reencarnação era a explicação mais plausível para o caso. Como o doutor Stevenson, a doutora Bannerjee passou,

então, a rever os seus conhecimentos psiquiátricos, de modo a incluir neles a possibilidade de fatores oriundos de vidas passadas.

Embora esse caso desafie muitas das suposições fundamentais que sustentam os conceitos científicos e filosóficos da sociedade ocidental, as pesquisas contemporâneas acerca da reencarnação resistiram tanto ao passar do tempo como à hostilidade intelectual perpetrada por seus críticos profissionais. Agradando ou não aos céticos, permanece o fato de que um número considerável de crianças muito jovens de praticamente todos os países do mundo recordava vidas passadas e demonstrava um conhecimento de hábitos típicos de adultos impossível de ser explicado de maneira natural. Uma das crianças estudadas por Ian Stevenson, um libanês de cinco anos de idade, chamado Imad Elawor, fez 57 afirmações a serem verificadas a respeito de sua vida anterior, quando foi Ibrahim Bonhanzy, vitimado por tuberculose. Cinquenta e uma das afirmações eram absolutamente corretas, segundo o pesquisador.

A não ser que aceitemos que um psiquiatra norte-americano e seus colegas tenham coerente e conscientemente falsificado os seus registros, os indícios de tais complexas correlações interligadas não podem ser relegados a fantasias infantis ou meras coincidências. Logicamente, em uma análise objetiva, devemos aceitar que o fenômeno descoberto inicialmente por Ian Stevenson realmente lança extraordinárias possibilidades a respeito da natureza da existência humana.

As visitas de Kelly-Hopkinsville

O primeiro a notar algo de estranho foi Billy Ray Taylor, um rapaz de 21 anos de idade, filho de um fazendeiro que saiu de sua casa em Kelly, no estado norte-americano de Kentucky, por volta das sete da noite para pegar água em uma fonte. Ele viu um enorme óvni resplandecente liberando uma descarga colorida, como o arco-íris, descer e aterrissar no leito de um rio seco a mais ou menos um quilômetro de distância. Após correr de volta a casa da fazenda em um estado de grande excitação, Billy Ray contou a sua história, que foi devidamente ridicularizada. Mas a alegria da família durou pouco, pois aproximadamente uma hora depois, os Taylor foram postos em alerta pelos furiosos latidos de seu cão de guarda e, quando eles abriram a porta da frente, o cachorro entrou estrepitosamente na casa, aterrorizado.

Armados com uma espingarda de caça de calibre 20 e um rifle de calibre 22, dois dos homens da casa saíram e se depararam com a causa de todo o alarme: uma criatura medindo 1,2m de altura, de cabeça grande e arredondada, com enormes olhos amarelos luminosos e longos braços com garras nas extremidades andando pelo quintal. A princípio, paralisados pelo temor e a incredulidade, os homens recuperaram-se antes de o alienígena chegar muito perto e atiraram nele com as suas armas. A criatura saltou para trás e foi procurar abrigo nas árvores, gritando de dor.

Entretanto, ela não estava sozinha. Quando os homens ousaram prosseguir, voltaram a ver uma outra criatura semelhante no telhado, que foi abatida a tiros. Um terceiro alienígena, empoleirado em uma árvore, também foi aparentemente alvejado, e os dois fazendeiros viram-no correr, ferido, de uma forma desajeitadamente acrobática. Quando mais uma criatura apareceu em um dos lados da casa, Billy Ray disparou com as duas armas à queima-roupa. Uivando medonhamente, a criatura bateu em retirada, desaparecendo nos arbustos com as demais.

Gasta a munição, os dois voltaram para a casa a fim de recarregar as suas armas, mas, persuadidos por seus familiares a não mais enfrentarem os visitantes, eles fecharam os ferrolhos de todas as portas, apagaram as luzes e simplesmente passaram a observar os alienígenas rodeando a casa. Por algum tempo, eles foram deixados em paz, mas, quando ficou claro que as criaturas estavam novamente tentando entrar na casa, as crianças ficaram histéricas. Então, finalmente, por volta das 11 da noite, os homens da família Taylor saíram novamente da casa atirando, dando cobertura a suas mulheres e crianças, que correram até os dois carros da família e saíram em disparada para a delegacia de polícia mais próxima, em Hopkinsville. Alguns momentos depois, os dois homens seguiram-nos em uma *pick-up*. Embora nunca tenha ouvido nada remotamente parecido com aquilo, o chefe de polícia local, Russell Greenwell, compreendeu a aflição da família e, por saber que se tratava de pessoas que jamais abandonariam suas casas sem um motivo muito forte, decidiu investigar o caso.

Mas quando a polícia examinou a área em volta da casa dos Taylor, encontrou apenas buracos de balas e nenhum sinal do óvni ou das criaturas. Greenwell, confuso, voltou a Hopkinsville a fim de tranquilizar a família, afirmando que aparentemente não havia mais perigo. Mas o xerife estava enganado. Nas primeiras horas da madrugada, quando os Taylors retornaram à sua casa, a anciã da família, Glennie Lankfford, levantou da cama gritando depois de ver uma das criaturas observando-a atentamente pela

janela de seu quarto.

Alertado por seus gritos, seu filho Elmer atirou na criatura através da janela, que caiu no chão e fugiu correndo. Depois disso, durante toda a madrugada, as criaturas reapareceram, por várias vezes, sendo possível repeli-las apenas por meio das armas de fogo da família Taylor. Às 5:15, um pouco antes do amanhecer, elas finalmente desapareceram.

Para o desconcertado clã dos Taylor, esse não foi absolutamente o final da história. Durante várias semanas, ocorreu à sua fazenda uma aglomeração de repórteres de diversos estados que souberam do acontecimento. Projetada à ribalta da atenção pública, a família, que era o centro da controvérsia, foi fotografada, entrevistada e, por fim, levada ao ridículo pela imprensa. Tão grande foi a humilhação, que eles se perguntaram se o tratamento que lhes fora dispensado pela imprensa não seria pior que o seu encontro inicial com os alienígenas.

Os jornalistas rejeitaram a história dos Taylor, e as manchetes principais perguntavam por que a família foi tão ousada a ponto de desperdiçar o tempo da polícia em uma invenção tão implausível. Alguns jornalistas acusaram a família de tentar ganhar dinheiro aproveitando a mania dos discos voadores, que naquela época arrebatara a atenção do público norte-americano. Outros repórteres retrataram a família como um bando de caipiras iletrados por demais subdesenvolvidos mentalmente para diferenciar um fruto de amarelo [\[46\]](#) em movimento de um marciano. Diversos editoriais insinuaram que os Taylor deviam ter ficado ‘de porre’ em um dia de lua cheia.

As alegações da família Taylor não receberam sustentação pelo fato de que até mesmo os ovniologistas experientes acostumados a discos voadores já haviam se convencido de que era impossível aceitar os detalhes de sua história. Imaginar cidadãos de uma civilização avançada visitando a Terra é uma coisa, mas a possibilidade de alienígenas altamente desenvolvidos escolherem aterrissar na propriedade de uma família caipira e mal-educada do Kentucky é algo totalmente diferente.

Então, o que aconteceu realmente na noite de 21 de agosto? A teoria da farsa jamais poderá ser posta de lado, apesar de ser necessário ressaltar que a família de Kelly em momento algum recebeu sequer um *penny* pela sua história, vendo-se envolvida em uma controvérsia pelos jornalistas e por curiosos durante meses. E se, por um lado, é absolutamente correto afirmarmos que não foi encontrada qualquer prova física que indicasse uma aterrissagem — não havendo nenhum corpo ou vestígio de sangue alienígena deixado nas proximidades da casa que confirmasse os tiros de carabina que supostamente acertaram os extraterrenos —, por outro, é preciso relatarmos que algo muito estranho sobrevoou o veículo de investigação dos policiais naquela mesma noite.

Somando-se à história dos Taylor, diversos outros relatos comparáveis de entidades não humanas surgiram em outras regiões dos Estados Unidos naquele mesmo ano. Em março, um homem que dirigia um caminhão sobre uma ponte nas proximidades de Branch Hill, em Ohio, declarou ter visto três pequenas criaturas ajoelhadas à margem da estrada. Ele parou o seu veículo e saiu para investigar, no que caiu inconsciente vitimado pelo raio brilhante de uma arma de uma das criaturas. Interessante é o fato de que as suas recordações da aparência física do alienígena coincidiam com as da família de Kentucky. Em 3 de julho, outra motorista, a senhora Margaret Simmonds, quase atropelou algumas pequenas criaturas que atravessavam uma rodovia nas proximidades de Stockton, na Geórgia. Ao desviar delas, a senhora Simmonds teve a oportunidade de vê-las de perto e perceber que não eram nem humanas nem espécimes de terráqueos selvagens. Uma vez mais, retratos feitos por artistas plásticos a partir da descrição fornecida pela senhora Simmonds guardavam uma semelhança muito grande com as entidades

supostamente vistas pela família Taylor.

Os encontros relatados por testemunhas em Ohio e na Geórgia podem ou não estar ligados ao cerco empreendido em Kelly. Como nenhum óvni foi realmente visto aterrissar, não se pode nem mesmo afirmar que tais acontecimentos tenham contado com uma participação extraterrena. Mas é válido informarmos que os Taylor não foram os únicos norte-americanos a passar pela experiência de se defrontar com visitantes estranhos no ano de 1955.

Além do mais, ao avaliar as dimensões da credibilidade global dessa história, não devemos esquecer-nos de que houve ao todo 11 testemunhas com idade entre sete e setenta anos, inclusive oito adultos com mais de vinte anos, dos quais todos viram as criaturas e descreveram-nas, de forma coerente, como seres que não guardam a menor semelhança com qualquer espécie terráquea. E possível que tantas pessoas possam ter sido acometidas de alucinações ao mesmo tempo? No mínimo, parece improvável.

O chefe de polícia Russell Greenwell fez o seguinte comentário mais tarde: “Algo aterrorizou aquelas pessoas, uma coisa além da sua compreensão.” E, nos quarenta anos que se passaram desde esse contato imediato de terceiro grau, nenhum dos membros da família de Kentucky se retratou de suas versões originais dos fatos; entretanto, retratando-se, ficariam aliviados da ridicularização pública a que foram expostos.

1956

O dia em que choveu peixe

Em um dia claro e quente de maio do ano de 1956, peixes vivos precipitaram-se do céu em uma fazenda em Chilatchi, próximo de Uniontown, no estado norte-americano do Alabama. Testemunhas disseram ter visto os peixes precipitarem-se de uma certa nuvem que se formou a partir de um movimento espiralado “vindo do nada”. Quando começou a chover sobre uma área de aproximadamente sessenta metros quadrados, então a nuvem estranha perdeu sua tonalidade escura passando a quase-branca e foi aí que peixes de três tipos — bagres, gorazes e percas — despencaram do céu. Como estavam vivos e se debatendo, podia-se deduzir que eles não estiveram no céu por muito tempo, mas nenhuma das pessoas que os viu foi capaz de explicar aquela tempestade que durou cerca de 15 minutos.

Embora os peixes pertencessem a espécies do local e houvesse um riacho em que pululavam a cerca de três quilômetros dali, não houvera qualquer furacão ou tornado [\[47\]](#) nas últimas semanas, de modo que era difícil imaginar como aqueles peixes teriam sido erguidos ao céu e transportados até onde caíram. Como disse uma testemunha: “Foi a coisa mais estranha que eu já vi.”

Certamente estranha, mas seria errado defini-la de forma superlativa. Precipitações de peixes constituem um fenômeno observado em todas as partes do mundo. Os primeiros relatos a respeito dessas precipitações surgiram desordenadamente em revistas e até mesmo em sensatos e ajuizados periódicos científicos que publicaram reportagens sobre chuvas de granizo de arenques, nevascas de lulas e tornados de trutas.

Durante este século, houve ocorrências semelhantes nos Estados Unidos, inclusive casos de dilúvio em Boston (Massachusetts), Thomasville (Alabama) e em Wichita (Kansas). Na manhã de 19 de dezembro de 1984, peixes caíram do céu em grande quantidade na auto-estrada de Santa Monica, nas proximidades de Cranshaw Boulevard, Los Angeles, causando um caos no trânsito. No ano seguinte, em maio de 1985, outra enorme quantidade de peixes caiu no quintal do imigrante hispânico Louis Castorino, de Fort Worth, Texas. Castorino admitiu depois que ficou muito assustado com a experiência, cuja origem ele diz ser certamente sobrenatural.

Precipitações de peixes são tão comuns em alguns países, como a Índia e a Austrália, que os jornais locais praticamente já não as noticiam mais. Um naturalista australiano, Gilbert Whitley, chegou a publicar uma histórica lista de não menos que cinquenta precipitações de peixes antipodais em 1972. O material de Whitley continha relatos sobre riachos de barrigudinhos em Cressey, Victoria, camarões perto de Singleton, New South Wales, percas pigméias em Hayfield, Victoria, e uma espécie de peixe de água doce não identificada, que foi encontrado em um subúrbio de Brisbane.

Apesar de tais precipitações de peixes serem menos comuns na Grã-Bretanha, há notícias de várias relatos confiáveis. O mês de agosto de 1914 viu chover enguias na área de Hendon, em Sunderland, enquanto, naquele mesmo mês em 1948, o senhor Ian Patey, de Hayling Island, foi surpreendido por uma chuvarada de arenques durante uma partida de golfe. Caranguejos e moluscos encontram-se entre os vários tipos de crustáceos presentes nas estranhas precipitações que assolam a Grã-Bretanha.

Será que existe alguma outra explicação para esses eventos que não seja a sobrenatural? Certas pessoas acreditam que sim. Na opinião da maioria dos meteorologistas, as precipitações de peixes não podem ser consideradas uma fantasia e a única explicação para elas não é necessariamente de natureza sobrenatural. Tais especialistas acreditam que um furacão ou uma tromba-d'água suguem os peixes dos grandes corpos d'água como um aspirador de pó e levam-nos às alturas, carregando-os através de uma curta distância e finalmente largando-os. Essa versão dos fatos poderia com certeza esclarecer alguns casos, ainda que ninguém jamais tenha testemunhado um furacão elevando criaturas marinhas dessa maneira. E ainda mais difícil imaginar como o vento seria capaz de selecionar uma só espécie e como nenhum resíduo marinho, tal como areia ou algas, é lançado com as criaturas. Não há registros que sustentem que a água da chuva fosse salgada nos locais onde houve precipitação de espécies marinhas e, ao mesmo tempo que a teoria da tromba d'água pode consistir em uma explicação aceitável para o fato de os tipos de peixes que se precipitam serem justamente os que habitam os corpos d'água das cercanias, ela não dá conta dos casos em que ocorrem precipitações de peixes a quilômetros do litoral ou nos quais as espécies em questão pertencem a uma variedade que habita águas profundas.

Talvez a mais fantástica de todas as precipitações de peixes foi a dádiva que caiu do céu exatamente em uma embarcação aberta com cerca de cinco metros, pertencente a três pescadores de uma pequenina ilha no arquipélago de Kiribati, no Pacífico, em 4 de abril de 1986. Com o barco danificado durante uma tempestade, os três ocupantes sobreviveram por 119 dias à deriva até serem resgatados a cerca de novecentos quilômetros do ponto onde sua embarcação foi avariada. Durante aquele período, eles sobreviveram caçando tubarões com as próprias mãos, esmurrando-os até a morte e comendo-os crus. Em uma noite próxima ao final daquela provação, desesperados e enjoados do gosto repetitivo da carne de tubarão, os três homens rezavam a Deus rogando a Ele que lhes concedesse outro tipo de comida, quando, subitamente, algo caiu em sua embarcação. Os três homens descobriram que se tratava de um peixe de cor negra extremamente raro e delicioso, que nunca se aproximava da superfície e que era conhecido por habitar águas muito profundas. Quando foram resgatados, os homens relataram sua história extraordinária a biólogos marinhos, causando-lhes estupefação, e estes confirmaram que aquela variedade especial de peixe costumava viver em profundidades inferiores a cerca de duzentos metros, o que simplesmente colocava de lado a possibilidade mais óbvia — de que um pássaro que estivesse passando tivesse largado o peixe. Seria uma resposta às orações dos três homens? As pessoas deveriam pensar duas vezes antes de evocar a mão de Deus; mas haverá alguma outra explicação que faça mais sentido?

No todo, precipitações de peixes poderiam ser mais bem resumidas pelas palavras de Winston Churchill — um mistério disfarçado de enigma. [{48}](#)

Sexo em um disco voador

A maior parte dos encontros entre humanos e alienígenas consiste em contatos imediatos de primeiro grau — ou seja, a aparição de óvnis no céu. Um tipo menos comum é o contato imediato de segundo grau, em que são vistos discos voadores aterrissados e seus ocupantes. Os contatos imediatos de terceiro grau — aqueles em que seres humanos são levados a bordo de uma espaçonave alienígena — são os menos comuns de todos. Mas tais exemplos, que representam apenas uma pequena parcela de todos os relatos, são os mais difíceis de explicar por meio de especulações terrenas. O número de pessoas que alega ter sido aduzida [{49}](#) por alienígenas aumentou assustadoramente nos últimos 15 anos, por razões que permanecem obscuras, mas histórias sobre esse assunto vêm sendo contadas há mais de trinta anos pelos envolvidos.

Na noite de 14 de outubro de 1957, o agricultor brasileiro Antônio Villas Boas viu uma luz branca estranha flutuando próximo ao solo em uma das extremidades do terreno que estava arando com o seu trator. Quando se aproximou da luz, ela começou a se mover para longe e, apesar de todos os esforços que fez para pegá-la, ela escapou.

Na noite seguinte, a luz mais uma vez aterrissou em frente à máquina de Villas Boas. Bem de perto, o agricultor percebeu que a luz estava iluminando uma cúpula rotativa metálica apoiada em pés semelhantes a telescópios e que mudava de cor do verde para o vermelho. Pressentindo o perigo, Antônio saltou de seu trator e tentou fugir, mas foi arrastado para trás por três pequenos entes ‘trajando uniformes justos de cor cinza e capacetes que cobria seus rostos. Ele foi levado para dentro da máquina e, uma vez lá, foi forçado a despir-se, sendo então coberto por um líquido transparente antes de começar uma espécie de exame médico.

O que ocorreu depois, se é que é verdade, superou todos os contatos imediatos entre seres humanos e alienígenas. Levado para outro compartimento da nave, o agricultor foi apresentado a uma fêmea alienígena nua que ele descreveu mais tarde como ‘bela, mas de um tipo diferente de todas as outras mulheres que eu conheci’. Seus cabelos eram brancos e chegavam até a metade das costas, tinha os malarres salientes, feições um tanto angulosas e olhos largos e ligeiramente inclinados.

Villas Boas definiu o seu corpo como extremamente belo, com seios empinados e bem definidos, cintura estreita e sem barriga, quadris largos e nádegas avantajadas. Embora, evidentemente, ela não fosse uma mulher, o agricultor ficou excitado e, em poucos minutos, estava mantendo relações sexuais com aquele ser, em um momento de paixão interplanetária que só era conspurcado pelos grunhidos animais que saíam de sua boca.

Quando o seu abraço terminou, a fêmea apontou para a sua barriga e, a seguir, para o céu, autorizando então os outros alienígenas a escoltarem o seu atordoado amante para fora da espaçonave. Com a certeza absoluta de que ninguém acreditaria em sua história, Antônio Villas Boas nada disse a respeito daquele acontecimento, mesmo para a sua família ou amigos íntimos. Entretanto, nas semanas seguintes, quando ele começou a ser acometido de uma série de sintomas físicos desagradáveis — entre eles fortes dores de cabeça, ardência e lacrimejamento nos olhos, vertigens e a erupção de diversas

lesões em seu corpo —, ele mudou de idéia. Após relatar sua história inacreditável a médicos de um hospital local, Villas Boas foi finalmente transportado para o Rio de Janeiro, onde foi examinado e interrogado.

O homem encarregado da investigação, o doutor Álvaro Fontes, concluiu que o seu paciente fora totalmente sincero em seu relato, comentando ainda que os sintomas físicos apresentados indicavam o envenenamento por radiação ou a simples exposição a ela, embora tal possibilidade não fosse confirmada com total precisão por exames.

Devido à natureza fantástica de sua narrativa, poucas pessoas, entre elas os mais renomados ovniologistas, acharam possível acreditar no alegado encontro de Antônio Villas Boas. Entretanto, nos últimos trinta anos, numerosas outras abduções deram origem a histórias semelhantes por meio de hipnose de regressão. Exames médicos, especialmente operações incluindo extração de sangue, óvulos ou espermatozoides têm se tornado lugares-comuns em tais contatos. Dispomos hoje de diversos exemplos de seres humanos que foram forçados a manter relações sexuais com alienígenas. Embora essas histórias sejam ultrajantes, as marcas físicas que freqüentemente aparecem nos corpos das pessoas abduzidas convergem com os seus relatos.

Em outros casos, mulheres abduzidas sofreram colapsos nervosos ou passaram o resto de suas vidas aterrorizadas com a possibilidade de a experiência repetir-se. Os perfis psicológicos de tais mulheres, traçados por um experiente psiquiatra, mostram que o seu comportamento subsequente corresponde de uma forma impressionante ao das vítimas de estupros normais: perda de auto-estima, desconfiança em relação ao próprio corpo, aversão à própria sexualidade física e hesitação no momento de acreditar nos outros. Nos Estados Unidos, sabe-se pelo menos de três casos de pessoas que cometeram suicídio depois de abduções.

É difícil adivinharmos o que os alienígenas pretendem realmente aprender de nossa civilização através desses métodos brutais de inseminação artificial ou operações de recuperação de ovário forçadas, mas muitos ovniologistas estão convencidos de que os ocupantes dos óvnis abduzem seres humanos com regularidade a fim de realizar algum programa de fertilização cruzada e de que as próprias vítimas das abduções foram os ‘porquinhos da índia’ utilizados nas experiências dos extraterrestres no campo da manipulação genética. Seria isso?

Houve uma época em que o fenômeno da abdução era descartado por quase todos os pesquisadores sérios. Mas esses dias já se passaram há muito tempo. Seguindo-se à alegada abdução do agricultor brasileiro nos 35 anos que nos separam do que ocorreu com ele, histórias basicamente iguais foram apresentadas por muitas pessoas, o que é demais para que as descartemos como fantasias. Da mesma forma que Antônio Villas Boas, tais pessoas não tiveram escolha a não ser submeter-se à vontade de seus abdutores. Como aconteceu com Antônio, eles não puderam reclamar ou recusar-se a participar. Contudo o que existe de mais importante no nível dos indícios é o fato de que as descrições feitas por eles dos extraterrenos que violaram os seus corpos correspondiam à que o brasileiro fez em 1957.

A caráter de registro, Antônio Villas Boas faleceu recentemente afirmando até o derradeiro momento de sua morte que a sua história era verdadeira.

1958

Felinos-fantasmas em New South Wales

Embora a maioria das criaturas sobre a face da Terra já tenham sido caçadas, capturadas, dissecadas e bem documentadas antes do início deste século, algumas surpresas aconteceram depois de 1900. O maior macaco do mundo, o gorila das montanhas, permaneceu desconhecido até 1901; o lagarto de maior massa do planeta, o dragão de Komodo, só foi descoberto em 1912. E o que é incrível, uma determinada espécie de gazela, a *biltis*, foi encontrada em Kato no ano de 1986. Naturalmente deve haver outros mais a serem descobertos. Vastas extensões de florestas, montanhas, desertos e regiões polares ainda esperam pelos homens, tendo sido mapeadas apenas por fotografias aéreas. Em tais lugares, é alto o potencial de serem feitas novas descobertas.

Contudo, enquanto aceitam a lógica desse argumento, o que a maioria dos estudiosos da natureza menos quer é se defrontar com as possibilidades reais; quanto às criaturas estranhas aparecerem em lugares inesperados, eles tendem a ignorar quaisquer indícios delas. Nos Estados Unidos, por exemplo, é difícil encontrar especialistas com disposição para lidar com a possibilidade de que crocodilos e jacarés pudessem ser encontrados habitando os climas mais frios dos estados mais ao norte daquele país, a despeito do fato de que muitos espécimes desses répteis foram descobertos nesses estados, vivos ou mortos. As mesmas criaturas que você pensa habitarem apenas os rios de águas quentes, brejos e pântanos do extremo sul foram, no passado, vistos, capturados ou alvejados em locais tão distantes entre si como a Califórnia, Colorado, Connecticut, Delaware, Illinois, Indiana, Kansas, Massachusetts, Nova York, Ohio, Oklahoma e Washington. Como, em primeiro lugar, tais criaturas foram capazes de chegar até esses lugares e de que maneira sobreviveram a temperaturas bem abaixo das proporcionadas pelo seu hábitat natural é uma questão que continua sem resposta.

Naturalmente, como os estados em questão possuem zonas litorâneas e são interligados por numerosas vias fluviais, é aparentemente aceitável que os animais tenham nadado em direção ao norte. Mas, quando criaturas deslocadas são encontradas em ilhas ou subcontinentes sem conexão com as áreas que elas habitam normalmente, o tipo de explicação que acabamos de apresentar não é suficiente. Os felinos-fantasmas da Austrália são um bom exemplo disso.

Totalmente desprovida de felinos de grandes proporções e tendo-se separado das outras massas continentais há cinquenta milhões de anos, a Austrália seria aparentemente o último lugar do mundo onde alguém esperaria encontrar criaturas grandes, felinos escondendo-se do Homem. Mas na segunda metade deste século começaram a surgir vários indícios sugerindo que grandes gatos de uma espécie desconhecida podiam muito bem habitar o subcontinente. Como eles chegaram lá e por que as caçadas àqueles animais têm se mostrado inúteis é algo que ainda não está claro. Entretanto, surgem relatos com tanta frequência que é simplesmente ilógico questionar a probabilidade de que algum grande gato esteja já solta.

No ano de 1958, a cidade de Emmaville, em New South Wales, tornou-se o centro de uma fantástica série de eventos e encontros envolvendo felinos de enormes proporções da cor do azeviche. [\[50\]](#) Conhecidos a partir de então como ‘as panteras de Emmaville’, o fenômeno começou a receber uma

ampla cobertura da imprensa, depois que um empresário de Sydney, Wallace E. Lewis, viu o animal bem de perto em outubro, definindo-o como muitas vezes maior e mais feroz que o maior felino nativo do subcontinente. A notoriedade da pantera cresceu e muitas aparições coincidiram com o abate indiscriminado de ovelhas e outros animais de fazenda, inclusive vacas. Em uma certa ocasião, 340 ovelhas do fazendeiro Clive Berry foram massacradas por um estranho carnívoro em sua propriedade de 4,6 mil acres na localidade de Pretty Gully, a oeste de Uralla. Descartando totalmente a possibilidade de que aquilo fosse obra de um dingó [\[51\]](#) ou de um cão domesticado, Berry comentou que a forma de matar deixava entrever que se tratava de um felino excepcionalmente grande. Quando John Godley, um fazendeiro da vizinhança que também perdera ovelhas, fez um molde de gesso dos rastros da criatura e enviou-o ao Taronga Park Trust para identificação formal, ele recebeu a resposta de que eles correspondiam aos de um tigre. A comunidade do local ofereceu altas recompensas para aquele que capturasse a criatura, mas ninguém jamais conseguiu. E assim os ataques de felinos continuaram em New South Wales ao longo da década de 1960.

A quantidade de relatos deixava poucas dúvidas de que uma criatura muito estranha estivesse envolvida. Em 1966, em uma fazenda de propriedade de Samuel Kight, a cerca de cinco quilômetros de Nowra, um enorme animal semelhante a uma pantera negra foi encurralado por dois imensos cães de guarda. Ao defender-se, o felino foi capaz de despedaçar seus inimigos caninos antes de escapar pela vegetação das redondezas.

Em 1969, vários ataques a turistas nas proximidades de Emmaville resultaram em uma perseguição generalizada, empreendida por nada menos que cinquenta atiradores com rifles, sem que, no entanto, nada fosse encontrado.

No início da década seguinte, aparições de criaturas com forma pantérica começaram a acontecer em outras regiões do subcontinente. No mês de setembro de 1972, o fazendeiro George Moir, de Kulja, na região ocidental da Austrália, encontrou diversos de seus porcos mortos cora os seus corações arrancados e suas gargantas dilaceradas; no dia seguinte, o mesmo homem ficou impressionado ao testemunhar o pânico de um grupo de ovelhas acuadas por dois enormes gatos negros ao estilo de cães, que em seguida fugiram tranqüilamente. Caçados por Moir e pelo guarda florestal da região, Don Noble, em seus jipes, os gatos foram capazes de superar a velocidade dos veículos motorizados e finalmente escaparam. George Moir soube mais tarde que dois fazendeiros vizinhos haviam perdido mais de 14 de seus porcos na semana anterior, com todas as mortes no mesmo estilo característico e ofensivo. No decorrer daquele ano, as pessoas que residiam na região declararam ter ouvido uivos de arrepiar nas noites em que os estranhos visitantes noturnos chegavam para atacar os animais.

Esses visitantes inoportunos foram vistos por tantas pessoas, que começaram a receber a mesma atenção por parte da imprensa que os casos de New South Wales. A junta de proteção à agricultura do estado insistiu que as assim chamadas ‘panteras de Kulja’ provavelmente não eram felinas, não passando de cães-cangurus negros. Mas, apesar de um cachorro ter sido morto, as aparições da pantera continuaram, junto com as violências contra os animais domésticos das fazendas, e assim poucas pessoas do local continuaram a levar em consideração a explicação oficial.

Da metade até o final da década de 1970, relatos a respeito das panteras australianas intensificaram-se de forma espantosa, sendo que uma série de artigos foi publicada com fotografias feitas por testemunhas que aparentemente provavam, além de qualquer dúvida, que enormes criaturas felinas com pelagem de cor negra realmente existiam na selvas australianas. Aqueles fazendeiros, que continuaram a sofrer os ataques mutilantes, passaram a acreditar que as criaturas possuíam a habilidade

de aparecer e desaparecer intencionalmente, havendo alguns relatos a respeito de panteras que atravessaram paredes com facilidade fantasmal, explodiram em pleno ar produzindo enormes clarões e se mostraram imunes a armas de fogo. Como, nas décadas que se seguiram, as numerosas caçadas empreendidas por atiradores armados com rifles não surtiram efeito algum, o ministro do interior [\[52\]](#) no parlamento australiano, o senhor James McKinnon, foi levado a admitir que somente uma criatura fantasmagórica poderia ser a responsável pelas carnificinas ocorridas em algumas localidades em New South Wales e na região ocidental da Austrália. Houve quem questionasse as palavras utilizadas pelo ministro, mas não se podia duvidar de que a ameaça existia — a grande quantidade de animais sacrificada constituía provas irrefutáveis.

Em 1981, o jornalista David O'Reilly elaborou um documento incontestável a favor da existência das criaturas, concentrando-se na pequena área de Perth, na Austrália ocidental. O livro de O'Reilly, *Savage Shadow*, contém diversos relatos e histórias de testemunhas cuidadosa e diligentemente documentados, assim como dados suplementares sobre indícios materiais, dentre eles: rastros e amostras de pelagem identificados como pertencentes a felinos, fezes características dos felinos carnívoros e descrições e fotografias de matanças perpetradas por esses animais que carregavam o inconfundível sinal do comportamento felino. O livro evidencia com perfeição que alguns zoólogos anteriormente céticos não estavam mais dispostos a aceitar a teoria de que as aparições em vários locais nos últimos 25 anos eram simplesmente o produto do folclore popular. Mas, por outro lado, eles também não eram capazes de oferecer uma solução satisfatória do mistério. A possibilidade de que uma linhagem de gatos domésticos anormalmente feroz tenha se desenvolvido era algo que nem valia a pena cogitar, pois sua raça jamais atingiria o tamanho necessário que lhe possibilitasse atacar ovelhas e cangurus. Outra possibilidade — de que a criatura pudesse ser uma espécie até então desconhecida pertencente aos eutérios carnívoros — era, no mínimo, muito menos provável, já que as feras somente começaram a aparecer na segunda metade do século XX. Se elas existissem antes, teriam sido descobertas na ocasião. Uma terceira teoria, de que as criaturas eram na verdade pumas que escaparam do cativeiro ou que descendiam de criaturas libertadas no passado, é, à primeira vista, a que nos parece a mais plausível. Entretanto, não se sabe de nenhum animal desse tipo mantido em cativeiro naquele país, e muito menos de algum que tenha escapado. E, como existem registros de entrada e de saída de todos os animais que são transportados através do estados da Austrália, a possibilidade de evasão sem notificação oficial é extremamente pequena.

Considerando-se o todo, devido às numerosas contradições apresentadas por esses enigmas, não é de surpreender que tantos australianos ainda prefiram duvidar de histórias de grandes gatos vagando pelo interior do país. Várias investigações foram realizadas até hoje com o objetivo de rastrear as criaturas por meio de equipamentos de sondagem de alta tecnologia, poderosas câmeras fotográficas com dispositivos de aproximação (*zoom*), sistemas de observação por meio de raios infravermelhos, armadilhas sofisticadas e também, o que não se pode deixar de lado, com as atividades de caçadores armados com rifles de alta velocidade de disparo. Mas os felinos australianos continuam a agir de forma ardilosa, sendo que nenhum deles jamais foi capturado, vivo ou morto. Apesar de todas as improbabilidades, permanece o fato de que alguma espécie de animal misterioso realmente existe na Austrália. Ela apenas prefere não ser descoberta.

1959

Vozes do além

Em uma noite do final do verão de 1959, Friedrich Jurgenson, um produtor de cinema sueco, decidiu gravar o canto dos pássaros que visitavam o jardim de sua casa de campo, em Molvo, perto de Estocolmo. Experiente observador dos pássaros, habilidade que desenvolvia em suas horas vagas, Jurgenson fizera várias gravações desse tipo em outras ocasiões. Dessa vez, no entanto, a gravação ficou bem diferente, pois, quando o sueco a ouviu, percebeu o ruído de uma voz masculina misturada aos sons naturais. Claramente audível, o homem parecia estar dando uma palestra, ironicamente a respeito de ornitologia; e o que é mais interessante, a língua em que se expressava não era o sueco, mas o norueguês.

Como estava certo de que ninguém estivera no jardim durante a gravação, Friedrich Jurgenson convenceu-se de que a voz deveria ter sido acrescentada de maneira sobrenatural. Com a imaginação estimulada, ele começou a fazer experiências com um rádio alterando a frequência na faixa dos comprimentos de onda tradicionais. Depois de algum tempo, para seu assombro, ele começou a ouvir mensagens misturadas às músicas transmitidas pelas estações de rádio locais.

Embora tivesse de se concentrar muito para distinguir as vozes que iam e vinham do tráfego normal de sons das demais transmissões de rádio, sua paciência foi recompensada com resultados positivos em quase todas as ocasiões. De início, as vozes anômalas pronunciavam apenas palavras isoladas, mas logo Jurgenson começou a captar frases inteiras nas quais as vozes davam explicações sobre a realidade do além-túmulo, referindo-se por vezes diretamente a ela ou às questões levantadas; e, em outras ocasiões, até mesmo discutindo o além-túmulo e as experiências de gravação entre si.

Finalmente, em dezembro, o sueco recebeu uma mensagem que evidentemente só poderia ter partido de alguém já morto. A certeza de Jurgenson era fácil de explicar: ele reconheceu a voz como a de sua mãe falecida.

O interesse se transformou em obsessão e, durante muitos meses, Jurgenson gravou aqueles sinais espirituais. Ele chegou a reunir mais de cem vozes, muitas das quais se identificavam como pessoas mortas. Ele se convenceu de que havia descoberto um segredo de importância fundamental para a humanidade, mas, quando finalmente anunciou os resultados de suas pesquisas, estes foram menosprezados e ridicularizados pela maioria dos cientistas. O Fenômeno da Vozes Eletrônicas (FVE), como ficou conhecido, é desde então uma fonte de controvérsias. Alguns parapsicólogos defenderam a sua excentricidade; outros afirmam que a única coisa de incomum em tal fenômeno é que muitas pessoas ditas sensitivas em outros aspectos deveriam considerar a possibilidade de gastar um pouco de tempo com ele.

Há certamente muitas pessoas que repetiram as experiências de Jurgenson. Em 1965, o professor Hans Bender, um dos diretores da Universidade de Freiburg, empreendeu, por seis meses, testes a esse respeito, que, em suas próprias palavras, aparentemente confirmavam que, “sob condições e circunstâncias diferentes, uma fita de gravação virgem, após passar por um cabeçote de gravação em um ambiente silencioso, captou e gravou mensagens inaudíveis pelo ouvido humano, registradas como impulsos oscilográficos visíveis”.

Seis anos depois, em março de 1971, um escritor paranormal britânico de nome Peter Bander persuadiu o seu editor Colin Smythe a empreender uma série de testes de FVE nos estúdios da Pye Records, em Londres. Utilizando o método dos diodos de Jurgenson, Bander recebeu mensagens de sua mãe falecida, cuja análise de padrão de voz provou ser genuína. Bastante intrigado com a história de Bander, Smythe promoveu uma demonstração, assistida por dois engenheiros de gravação experientes da Pye, que garantiram que nenhum sinal estranho poderia interferir no processo de gravação.

A sessão foi realizada em 24 de março de 1971, tendo durado 18 minutos. Durante o exercício, o diodo {53} piscou constantemente, a despeito de os engenheiros da Pye não conseguirem ouvir nada pelos microfones. A execução da gravação foi bastante diferente. Mais de duzentas vozes haviam sido gravadas, 27 das quais foram compreendidas por todos no estúdio. Uma testemunha presente, o presidente da editora onde trabalhava Smythe, *sir* Robert Meyer, chegou a reconhecer a voz de um velho amigo, o pianista Artur Schnabel. Mais tarde, Roy Prichet, engenheiro-chefe de gravação da Pye, que supervisionou o teste, definiu as vozes como “assombrosas”. Com um conjunto de quatro gravadores sincronizados e protegidos por instrumentos sofisticados capazes de bloquear as aberrações nas captações oriundas dos transmissores de alta ou baixa frequência dos radioamadores, Prichet sabia que a possibilidade de interferência tradicional seria nula. Aquelas vozes eram, como ele disse, “vozes do nada”.

Três dias depois, uma segunda experiência foi realizada por Smythe nas instalações da Enfield na *Belling and Lee* utilizando um laboratório com anteparos a frequências de rádio, que filtrava qualquer forma de radiação eletromagnética. Na supervisão dos procedimentos estava, dessa vez, Peter Hale, o principal especialista britânico em supressões de som por anteparo eletrônico, com a assistência do professor Ralph Lovelock, um físico renomado. Novamente as vozes foram recebidas. Hale admitiu que elas só poderiam ter sido produzidas de uma forma que “não pode ser explicada em termos físicos normais”. Ralph Lovelock concordou, acrescentando o seguinte: “Elas se encontram além de qualquer explicação.”

O processo de investigação continuou. Em 1980, o grupo de pesquisadores norte-americano Metascience divulgou gravações que continham várias horas de comunicação com os mortos por meio de um dispositivo que batizaram de *Spiricom*. Depois disso, provavelmente a mais impressionante de todas as demonstrações ocorreu em janeiro de 1983, quando o engenheiro alemão Hans Otto König apresentou o seu assim denominado ‘gerador’, em um encontro da Associação de FVE alemã, em Falder, um subúrbio de Frankfurt. Diferentemente de outros pesquisadores que trabalhavam naquele campo, König conseguiu construir uma máquina por meio da qual os vivos podiam conversar diretamente com os mortos e receber respostas compreensíveis. Até o mais cético dos jornalistas presentes à conferência ficou confuso diante da evidente realidade do que ouviu. Para seu assombro, muitos dos presentes reconheceram as inconfundíveis vozes de amigos e parentes falecidos, havendo ainda contribuições de pelo menos dois antigos pesquisadores de FVE que já haviam migrado para o além. Somente Hans Otto König, que já ouvira as vozes várias vezes na solidão de seu laboratório, permaneceu sentado em face da extraordinária demonstração.

O impacto pleno das pesquisas sobre o FVE ainda está por ser sentido. A grande maioria da população não tem a menor noção da existência de tal fenômeno, e a maior parte dos cientistas da corrente tradicional evita completamente o assunto, conscientes de que a comprovação definitiva do FVE poderia virar de cabeça para baixo o sistema de crenças preestabelecido. Mas não é por isso que o fenômeno se perderá, continuando as pesquisas em meio aos entusiastas nos dois lados do Atlântico. As vozes registradas pela primeira vez por Friedrich Jurgenson em 1959 podem vir a convencer-nos no

futuro de que a morte em si é um processo de transição, e não de aniquilamento.

Aparições de monstros na ilha esmeralda

Os irlandeses adoram uma boa narrativa e nunca ficam mais felizes do que quando se trata de uma história sobrenatural. Quem, afinal de contas, não ouviu falar dessas duas personagens do folclore irlandês, o *leprechaun* [\[54\]](#) e a *wailing banshee*? [\[55\]](#) No entanto, o mais popular dos misteriosos seres que vagam pelo interior da Irlanda não é qualquer dessas, mas um grupo de estranhas criaturas aquáticas, em geral conhecidas como *piast*, *peist*, ou *ollpheist*. Como as lendas dos homenzinhos, histórias sobre monstros aquáticos remontam a uma época há muito passada. O ciclo feniano das sagas irlandesas conta como Lough Berg (o Lago Vermelho) recebeu seu nome após um acontecimento em que o herói Finn aniquilou um monstro que devorara vários de seus seguidores. A biografia do século VII de S. Mochua de Balla descreve uma fera semelhante que devorou um nadador que pretendia atravessar o rio Shannon. E ainda em uma outra história, S. Colman de Dromore supostamente salvou a vida de uma menina ameaçada por um horrível animal que aparecera em Lough Ree.

Por toda a Idade Média e mais à frente na história nunca houve carência de relatos de aparições em locais como Lough Mask, Lough Graney e Lough Bran, um pequeno mas belo lago na nascente do rio Blackwater. Contudo, poucas pessoas intelectualizadas do século XX levaram em consideração a possibilidade de que nas profundezas dos maiores cursos d'água da Irlanda pudessem esconder-se criaturas de espécies desconhecidas. Mesmo quando vários indivíduos que moravam às margens do Lough Ree afirmaram ter visto uma criatura alongada em forma de cobra nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, a maioria das pessoas simplesmente continuou zombando de sua credulidade supersticiosa. Entretanto, quando no ano de 1960 ocorreu uma série de aparições testemunhadas por pessoas dignas de crédito, até mesmo os céticos mudaram de idéia.

Na noite do dia 18 de maio de 1960, três clérigos de Dublin estavam pescando nas proximidades de Holly Point, em Lough Ree. Os padres Mathew Burke, Daniel Murray e Richard Quingley já haviam visitado a área várias vezes antes e conheciam perfeitamente o lago. Até aquela ocasião, eles jamais haviam levado a sério as histórias de monstros, considerando-as nada mais que uma fantasiosa tradição; sendo assim, eles ficaram assombrados quando, naquela noite morna de verão, as calmas águas do lago foram agitadas por uma espécie de animal que eles jamais haviam visto. Nadando a uma distância de aproximadamente noventa metros deles, via-se que seu corpo era serpentiforme e com corcundas, e ele se debatia, parecendo um laço, e a sua cabeça se erguia acima da superfície a vários metros, achatada como a de Píton [\[56\]](#) apesar de incrivelmente grande.

Eles não conseguiram estimar o tamanho exato da criatura, pois não a viram inteira, embora achassem que o comprimento total das duas partes visíveis, a segunda das quais parecia ser um corpo enorme e redondo, provavelmente impulsionado por nadadeiras, deveria medir cerca de cinco metros. Escrevendo sobre a sua experiência, um dos padres, Mathew Burke, contou que a criatura

ia cruzando o lago de uma forma bem descansada, aparentemente despreocupada com a nossa presença.

Observamos a criatura deslocar-se pela superfície durante uns dois ou três minutos na direção nordeste. Ela ia em direção à margem, mas submergiu gradualmente e desapareceu por completo.

No dia seguinte, os três religiosos relataram o seu encontro a jornalistas e depois apresentaram um relatório completo da experiência ao Irish Inland Fisheries Trust. Diferentemente dos outros tantos relatos sobre o monstro aquático de Lough Ree e os de outros lugares, a aparição de 18 de maio era difícil de ridicularizar. Para início de conversa, não era razoável pressupor que três padres preparariam deliberadamente uma brincadeira desse tipo, e parecia igualmente improvável que a sua visita relativamente próxima ao monstro pudesse tratar-se de uma ilusão ótica. Nas semanas que se seguiram, especialistas céticos insinuaram diversas alternativas naturais: de que a criatura era na verdade um minissubmarino russo; uma fila de lontras ou umas três ou quatro grandes enguias apanhadas pela mesma armadilha, cujas furiosas contorções e puxões provocaram a agitação da água. Mas nenhuma dessas possibilidades era particularmente plausível, e quando vários outros relatos de aparições semelhantes começaram a surgir nos meses seguintes, reforçou-se a convicção crescente entre irlandeses de que havia realmente algo misterioso naquele lago.

Em agosto, dois pescadores de lúcius, {57} Patrick Ganley e Joseph Quingley, de Inishturk, capturaram algo extremamente grande em sua rede, que escapou antes de eles poderem arrastá-lo para bordo. Ganley mencionou mais tarde que a criatura quase capturada deveria ser mais forte do que um cavalo para poder romper uma malha tão pesada. Eles também alegaram na ocasião que a criatura rebocou o seu barco por cerca de 25 a 35m. Isso aconteceu a uma distância de mais ou menos vinte metros da margem do lago, cerca de oitocentos metros do local onde os clérigos avistaram o monstro meses antes.

Após a publicação do relato do acontecimento de agosto, alguns turistas escreveram a um jornal irlandês, alegando também terem sido arrastados através do lago pela linha de pescar, durante um feriado em 1958, e o proprietário de um barco com camarotes afirmou que sua embarcação abalroara um objeto imenso que se movia no talvegue, {58} em um ponto onde a água era aparentemente muito funda. Em resposta a essa história, o lago foi dragado bem no local em que o capitão estimara ter ocorrido o acidente, mas nada foi encontrado.

Conforme as notícias sobre Lough Ree foram se espalhando, o interesse pelo fenômeno dos monstros aquáticos da Irlanda cresceu e, sem dúvida, teve como resultado, em parte, o surgimento de inúmeros relatos a respeito de criaturas semelhantes, oriundos de todo o país. Um grande número desses relatos era fruto de imaginações estimuladas e da confusão que as pessoas faziam com toras e troncos ou outros objetos flutuando na superfície de rios e lagos, mas outros só podiam ser explicados com naturalidade, se a pessoa preferisse acreditar que a testemunha estava mentindo.

No dia 1º de maio de 1968, um empreiteiro de nome James Cooney dirigia com um amigo, Michael McNulty, ao longo de Glendarry Loch, situado na ilha de Archill, na costa da Irlanda. Seus faróis iluminaram um animal com forma de dinossauro bastante peculiar, com o pescoço comprido como o de um cisne, que cruzou a estrada diante de seu furgão e desapareceu na mata cerrada. Aproximadamente seis semanas antes de acontecer tal fato, Gay Denver, vim aprendiz de carpinteiro de 16 anos, ia de bicicleta para casa quando viu uma criatura semelhante que se movia desajeitadamente na turfa aglomerada, próximo a um bosque nas cercanias de Glendarry Loch. Em outra ocasião, no primeiro domingo de junho, um empresário de Dundalk e dois ‘caronas’ estavam entre as diversas pessoas que

avistaram um lagarto com pescoço de aproximadamente sete metros de comprimento em uma praia daquele mesmo lago.

Os céticos regularmente afirmam que as histórias irlandesas sobre monstros são provavelmente inventadas pelas pessoas da região para atrair turistas. No caso de Glendarry Loch, que é uma localidade razoavelmente acessível, pode haver algo de verdade em tal alegação. Entretanto, os lagos supostamente habitados por monstros da Irlanda são, na sua maioria, extremamente isolados, e poucos turistas, senão nenhum, teriam disposição de empreender uma árdua jornada até as remotas florestas para encontrá-los. Além do mais, mesmo que o fizessem, descobririam que a maior parte é de localidades sem a menor graça e que muitos não são muito maiores que charcos pantanosos. Esse último detalhe abre uma grande objeção à existência do *piast* irlandês, ou seja, que os lagos famosos por serem habitados por monstros são pequenos demais para ocultar ou mesmo proporcionar alimentação para uma grande criatura aquática. E o que talvez seja o mais importante, quando se tentou realizar buscas nesses pequenos corpos d'água, o que pode ser feito com bastante eficácia, nada foi encontrado.

Em 1968, uma série de métodos, inclusive redes, dispositivos para atordoar peixes, mergulhadores submarinos ou mesmo cargas de explosivos plásticos foram utilizados nas tentativas de capturar uma criatura com corcundas medindo quatro metros de comprimento vista por várias pessoas em Lough Fadda, em Connaught, um lago de apenas 120 por 70 metros. Investigações descobriram que a população de peixes do lago era normal, mas nenhum monstro apareceu.

Logo depois disso, a mesma equipe de pesquisadores, liderada pelo professor Roy McCall, repetiu o processo em Lough Nahooin, em County Galway, onde uma enorme criatura em forma de enguia apareceu no dia 22 de fevereiro daquele mesmo ano diante do fazendeiro Stephen Coyne. Naquela ocasião, rastreadores de eco e equipamento de dragagem foram também utilizados, além das técnicas empregadas em Lough Fadda, mas novamente a busca deu em nada. O professor McCall concluiu divertidamente que o animal deve ter fugido para o mar por um córrego raso, mas a hipótese sobre a existência da criatura em si continuou a suscitar muitas dúvidas.

Sendo assim, o que realmente se esconde por trás da secular tradição irlandesa do monstro aquático? A lógica nos diz que não é possível que eles existam; relatos contemporâneos afirmam o contrário. Para aqueles que pesquisam os registros dos fenômenos sem explicação, esta é uma escolha familiar.

1961

Vôo para o esquecimento

Desde que os objetos não identificados foram vistos pela primeira vez nos céus do nosso planeta, têm havido numerosos casos de aeronaves terrestres, sejam militares ou civis, que desaparecem ou se acidentam ao entrarem supostamente em contato com espaçonaves alienígenas. Ocasionalmente tais acontecimentos dão origem a manchetes sensacionalistas, mas na maioria das vezes eles são ocultados da opinião pública através da censura à imprensa das notícias a respeito da perda do avião envolvido, substituindo-se as verdadeiras razões por causas naturais. Às vezes, no entanto, os efeitos da interferência alienígena são mais fantásticos do que a própria destruição de homens e equipamentos. Um exemplo disso foi o último vôo de um Antonov, modelo AN-2P, a serviço do sistema postal da antiga União Soviética, que decolou do campo aéreo de Sverdlovsk com destino a Kurgan, com sete pessoas a bordo, em fevereiro de 1961. De acordo com um relatório produzido no Instituto de Aviação de Moscou e corroborado por oficiais da embaixada soviética em Londres, que foram entrevistados pelo pesquisador britânico, de óvnis, Derek Mansell, em janeiro de 1965, os extraordinários detalhes do encontro foram os seguintes:

O avião desapareceu das telas de radar em um ponto que distava de 130 a 160 km de Sverdlovsk, logo após o piloto ter se comunicado com o controle de terra e dito que estava sendo seguido por um objeto arredondado. Após infrutíferas tentativas de reatar o contato com o avião, iniciaram-se as buscas, em que se utilizaram helicópteros e tropas de terra; a aeronave foi encontrada em uma clareira, no meio de uma floresta muito densa, em algumas horas. Para espanto dos resgatadores, ela estava em perfeitas condições, mas a tripulação desaparecera — nem sinal dos tripulantes. O avião não havia apenas pousado, pois evidentemente não era possível um Antonov AN-2P aterrissar em uma clareira tão pequena sem chocar-se com as árvores que a circundavam. Nenhuma marca, rastros de pneus ou humanos foram encontrados no local, mas uma área circular claramente definida de trinta metros de diâmetro com a vegetação chamuscada e o solo um tanto rebaixado foi descoberta a cerca de cem metros do local onde estava o avião. Resumindo o conteúdo do relatório, os investigadores do Instituto de Aviação de Moscou não foram capazes de apresentar nem mesmo conjecturas a respeito do destino dos sete homens que decolaram do campo aéreo de Sverdlovsk naquele dia fatídico. E como eles jamais regressaram, a história ficou por isso mesmo.

Apesar do rotineiro silêncio oficial, agora é claro que a tripulação do avião postal russo se encontra entre os inúmeros aviadores humanos a sofrer nas mãos de alienígenas. Outras pessoas, por sua vez, escaparam por pouco. Em novembro de 1979, um vôo *charter* [\[59\]](#) com 109 turistas alemães e austríacos com destino às ilhas Canárias foi assediado por dois objetos voadores não identificados ao sobrevoar a Espanha. Logo dois caças Mirage franceses vieram em seu auxílio, e os discos fugiram após o estrondo dos disparos dos aviões. Tendo de fazer uma aterrissagem imprevista em Valência, o capitão Javier Lerdo-Tajeda narrou o contato imediato aos oficiais assombrados. Sanchez Tehran, Ministro do Transporte e da Comunicação espanhol, prestou depoimento atestando a veracidade desse fantástico episódio.

Os passageiros e a tripulação do vôo *charter* espanhol escaparam por sorte. Um pouco antes,

naquele mesmo ano, cinco empresários árabes viajando a bordo de um jatinho Lear particular, de Atenas, com destino a Jidá, tiveram menos sorte. Logo após o piloto relatar que uma nave de forma estranha acompanhava o jato, este desapareceu das telas de radar que controlavam o deserto do Saara.

Quando foi encontrado, a fuselagem do avião encontrava-se intacta, não havendo qualquer sinal de fuzilaria; os corpos dos homens haviam sido reduzidos a montinhos de um pó fino. Examinando-se amostras desses restos no hospital londrino de St. Thomas, o osteólogo e professor Michael Day teve a certeza de que nenhuma circunstância natural — nem animais selvagens nem as extremas temperaturas do deserto — poderia ter produzido aquela extraordinária mudança na estrutura óssea dos restos encontrados. Na opinião de Day, uma força capaz de contrariar as leis da ciência foi a responsável.

Outra provável vítima da ação de alienígenas foi Frederick Valentich, um piloto australiano que desapareceu na noite de 27 de outubro de 1978 enquanto voava, com o seu monomotor Cessna, de Melbourne a King Island, no Pacífico. Valentich voava há cerca de 15 minutos quando entrou em contato com Melbourne e comunicou que avistara quatro luzes alaranjadas brilhantes. Durante os dois minutos que se seguiram, as telas de radar em Melbourne registraram a aproximação do óvni e, finalmente, viu-se o momento da fusão dos dois pontos exibidos na tela. Quando isso aconteceu, perdeu-se o contato com Valentich. Na manhã seguinte, aviões de resgate vasculharam a área de Bass Straits, onde o Cessna presumivelmente caíra, mas nada foi encontrado.

Nas semanas que se seguiram ao desaparecimento do Cessna, o Bureau Australiano de Segurança Aérea tentou abafar os rumores de que houvera a participação de óvnis no acidente, muito embora seis outros relatos de luzes estranhas tenham sido arquivados naquele mesmo dia. Quando alguns repórteres tentaram reaver a gravação das últimas palavras de Valentich, lhes foi informado que a fita fora apagada. O que os jornalistas descobriram, no entanto, foi que a última posição relatada pelo piloto do Cessna já fora assolada por enigmas no passado. Por volta de 1920, luzes estranhas no céu acompanharam o cruzador *SS Amelia* e também o navio de busca enviado para encontrá-lo. Relatos sobre formas voadoras estranhas continuaram pelas três décadas que se seguiram, um período que presenciou o desaparecimento de não menos que 17 aviões em circunstâncias tão misteriosas quanto as que envolveram o último vôo de Valentich.

Os acontecimentos descritos acima podem simplesmente representar a ponta de um *iceberg muito* maior. Dezenas de aviões acidentam-se ou desaparecem todo ano, e freqüentemente a razão de sua perda permanece um mistério. Essas tragédias podem ou não estar relacionadas a atividades de óvnis, mas podemos afirmar com certeza absoluta que onde quer que uma conexão com discos voadores se torne *aparente* a tendência é que as provas desapareçam.

No início da década de 1960, uma equipe de distintos cientistas, astrônomos e ex-militares auto-intitulada NICAP (Comitê de Investigações Nacional de Fenômenos Aéreos) [{60}](#) publicou um documento de 184 páginas intitulado *The UFO Evidence*, [{61}](#) onde afirma inequivocamente que os *óvnis* são perigosos e acusa alguns órgãos governamentais norte-americanos de falsificar provas deliberadamente. Logo após essa publicação, o experiente oficial da força aérea norte-americana, capitão Edward J. Ruppelt, ex-superior do Centro de Inteligência Técnica da Força Aérea Norte-Americana, admitiu que recebera ordens da CIA para que ridicularizasse os relatos das aparições e fizesse cair em descrédito as testemunhas de acidentes aeronáuticos suspeitos. Uma declaração ainda mais reveladora veio do general Benjamin Chidlaw, ex-oficial comandante do Comando de Defesa Aérea: “A força aérea norte-americana perdeu muitos homens e aparelhos nas tentativas de interceptar os *óvnis*.” Chidlaw também revelou que era prática comum dos serviços de inteligência esconder detalhes

de tais acontecimentos.

Com a divulgação de mais de quarenta mil páginas de provas concretas sobre a ameaça da existência dos óvnis, proporcionada pela promulgação da Lei de Liberdade de Informação nos Estados Unidos, reunidas por organizações como a força aérea norte-americana, a CIA e o FBI, não pode haver mais alguma dúvida de que o governo dos Estados Unidos foi apenas um entre os vários Estados ocidentais a suprimir as provas da existência dos discos voadores, a incomodar as testemunhas e a freqüentemente recorrer a métodos incompatíveis com sociedades livres a fim de manter um determinado nível de sigilo. A política oficial de negação da existência dos óvnis continua em atividade hoje em dia, e cidadãos respeitáveis que se vêm em contato próximo com presenças alienígenas podem muito bem acabar sendo acusados de mentirosos, insanos, alucinados ou incompetentes. Casamentos ainda são rompidos, carreiras são arruinadas, e reputações conspurcadas.

Os métodos de intimidação podem variar da ação legal à violência física direta, dependendo da estratégia oficial empregada. Até então essas táticas vêm funcionando, e a grande maioria das pessoas continua a achar que os óvnis são um tipo de confusão de objetos comuns como estrelas, balões meteorológicos e aeronaves terrenas com invenções fantásticas de pessoas embotadas do ponto de vista cerebral que querem chamar a atenção.

Nesse meio tempo, a carnificina em nossos céus continua intocável.

Os pumas de Surrey e feras de Exmoor

Em um país com as dimensões da Grã-Bretanha, que é uma das áreas mais densamente povoadas de nosso planeta, é muito difícil, senão impossível, imaginar como criaturas enormes possam continuar desconhecidas. No entanto, a não ser que desprezemos o valor do testemunho humano, veríamos que é provável que a insinuação acima seja verdadeira.

Durante a era moderna, e particularmente a partir da década de 1960, um grande número de aparições foi relatado em muitas regiões do Reino Unido — aparições que mencionam a possibilidade de existirem diversas espécies de felinos selvagens, diferentes de qualquer tipo de felino britânico. Nesses relatos, de certa forma incoerentes, animais misteriosos são definidos como pumas, *cheetas*, panteras, leões, lincês etc. E deve-se enfatizar que, para cada relato fidedigno, existem por volta de dez outros tão inverossímeis que nem o mais dedicado dos estudiosos de mistério chega a se ocupar deles. Ainda assim, mesmo que examinemos essas histórias de forma cuidadosa, fica claro que deve haver algum elemento verídico no fundo do enigma. E essa verdade é estarrecedora.

A primeira onda de aparições de grandes felinos na Grã-Bretanha a chamar amplamente a atenção da mídia foi desencadeada por um animal de membros anteriores e posteriores longos e a aparência de uma *cheeta*, com a cauda torcida que foi vista em uma auto-estrada nas proximidades de Shooters Hill, em Woolwich, um distrito no subúrbio de Londres, na noite de 18 de julho de 1962. Quando algumas pessoas se aproximaram da criatura, ela fugiu para a floresta das cercanias e, apesar de muitas outras aparições e de uma patrulha de policiais bem armados vasculhar a área no dia seguinte, o animal conseguiu escapar — em uma das ocasiões saltou sobre a capota de um dos carros de polícia que o perseguia. Inexplicavelmente, a *cheeta* de Shooters Hill não foi mais vista depois de 19 de julho, mas, quatro dias depois, na manhã de 23 de julho, oficiais da região central de Wessex Water Bord relataram a aparição de um grande felino que caçava um coelho na reserva florestal de Heathy, em Surrey. Foi a primeira aparição de um animal que passou a ser conhecido como o Puma de Surrey.

Nos meses seguintes, durante o inverno extremamente severo de 1962-63, uma série de animais felinos fez visitas noturnas às fazendas entre Crindall e Ewshott, na fronteira com Hampshire, devorando galinhas e aterrorizando os cães. Dezoito meses depois, em 30 de agosto de 1964, um boi frisão [\[62\]](#) de aproximadamente duzentos quilos foi encontrado mutilado nas proximidades de Cranleigh; na semana seguinte, encontrou-se a carcaça de um bezerro, que fora aparentemente arrastada por vários campos. Pegadas ao redor dos animais mortos davam a entender que um felino semelhante a um puma esteve presente, apesar de os rastros serem na verdade três vezes maiores que os de um puma adulto. Ele foi intitulado o Monstro de Munstead, por causa de uma cidadezinha homônima; suas aparições que continuaram ocorrendo durante o outono de 1964 confirmaram o seu porte avantajado. O pandemônio causado pelo puma atingiu o seu ápice quando um gamo montanhês foi encontrado morto, com o pescoço quebrado e ferimentos por todo o corpo, semelhantes aos da matança de Cranleigh. A polícia, de sua parte, permaneceu cética até que dois de seus oficiais avistaram a fera nas proximidades do memorial a Thomas Grey, em Stoke Poges, no dia 12 de novembro. Depois do crepúsculo, os habitantes dos condados do interior sofriam novamente os horrores dos gritos e rugidos medonhos que acompanhavam

as atividades do inoportuno predador notívago.

Pouco aconteceu no ano de 1965, mas as aparições se intensificaram em 1966. Em um dos mais impressionantes contatos, a polícia e vários cidadãos assistiram, durante vinte minutos, a um grande felino destroçar um coelho nos campos próximos a Worplesdon. A seguir, no início de agosto, um ex-fotógrafo da polícia, chamado simplesmente Ian, conseguiu tirar uma foto da criatura em posição de descanso em um campo naquela mesma área. Para muitas pessoas, provas incontestáveis da existência da criatura foram conseguidas quando Victor Manton, curador do zoológico de Whipsnade, reuniu pêlos encontrados em uma cerca de arame farpado, que foram analisados e declarados bastante semelhantes aos da ponta da cauda de um puma. Mas, apesar de várias caçadas policiais, nenhum animal foi capturado e, quando a força policial de Surrey finalmente encerrou as suas investigações em meados de agosto de 1967, após reunir não menos de 362 relatos de aparições, muitas pessoas de outros condados ainda se recusavam a acreditar que o Puma de Surrey houvesse realmente existido.

Durante a década de 1970, surgiram muitos relatos sobre felinos de outras partes do Reino Unido, embora em cada um desses casos o grau de mistério fosse menor e, talvez por causa disso, menos convincente. Mas, na década de 1980, aconteceu outro caso altamente significativo, dessa vez situado na vasta área entre Dartmoor e Exmoor, na região ocidental da Inglaterra.

A ‘Fera de Exmoor’, como ficou conhecida, atraiu pela primeira vez a atenção da mídia depois do desaparecimento inexplicável de vários carneiros da fazenda Drewstone, em South Molton, durante a primavera de 1982, coincidindo com rumores de que uma criatura pantérica fora vista na área. As buscas não revelaram nada, e o alvoroço diminuiu. Mas, no ano seguinte, ao iniciar-se a época de acasalamento dos carneiros, fazendeiros da área perderam quantidades assombrosas de ovelhas, como no caso da fazenda Drewstone, onde mais de trinta pereceram. Vários cães suspeitos das matanças foram executados, mas os ataques não pararam.

Fazendeiros horrorizados descobriram que a fera abatia as suas presas de forma incomum e cruel, esmagando o crânio do carneiro e depois estripando a carne pelo pescoço, deixando o esqueleto praticamente intacto. Nenhuma raça de cão conhecida agiria dessa maneira. A polícia estava confusa; em maio, as perdas haviam se tornado tão sérias que os fuzileiros navais baseados em Lympstone foram trazidos com o seu equipamento de buscas por infravermelho. Às 5h30min do dia 4 de maio, um franco-atirador do corpo de fuzileiros navais, John Holden, avistou um grande quadrúpede negro atravessando uma ferrovia, mas ele evitou as suas balas. A criatura não foi mais vista e, no início de junho, o exército encerrou as suas tentativas, admitindo-se derrotado e confuso com aquele comportamento praticamente sobrenatural.

Nos anos seguintes, os relatos sobre atividades de felinos-fantasmas em pastagens de Dartmoor e Exmoor diminuíram consideravelmente. Ao mesmo tempo, a descoberta de várias matanças de animais ao estilo canino de ovelhas e gamos por toda a região previsivelmente levou os céticos a alegar que um bando de grandes cães fora o responsável pelas atrocidades. Mas a fera retornou. Em janeiro de 1987, nove enormes pegadas foram encontradas nas proximidades de Bideford pelo pesquisador Trevor Beer. Essa área tornou-se o centro das aparições dois meses depois e, em agosto, em Bank Holiday, um grande felino negro pertencente a uma espécie não-britânica foi fotografado por Beer e três outras testemunhas. Uma das fotografias foi então mostrada em uma reportagem sobre a vida selvagem, exibida pela BBC e, para muitas pessoas, esses indícios recentes pareciam mostrar de forma conclusiva que um felino misterioso realmente existia. Mas, se fosse verdade, de onde ele teria vindo?

Dentre aqueles que levaram a sério as histórias sobre misteriosos felinos na Grã-Bretanha, surgiram muitas teorias naturais. Alguns zoólogos afirmaram que as feras deveriam ser híbridos extremamente grandes resultantes de uma combinação de animais selvagens domesticados e gatos selvagens britânicos. Outros preferiram acreditar que as aparições envolviam espécimes estrangeiros de várias naturezas que, de alguma forma, fugiram do cativeiro de zoológicos, coleções particulares, circos etc. Embora aparentemente essa segunda teoria ofereça a resposta mais lógica, as ocorrências crônicas dessas aparições não se seguiram a notícias de fugas de criaturas desse tipo. Muitos especialistas insistem que as mortes aparentemente inexplicáveis de um grande número de carneiros e ovelhas na primavera são realmente responsabilidade de grandes cães e não de felinos-fantasmas, mas essa explicação absolutamente não justifica os inúmeros relatos de aparições de criaturas semelhantes que coincidiram com as mortes em alto grau. Ao considerar o fenômeno como um todo, a importância desse último ponto dificilmente pode ser subestimada.

Em Surrey, as várias centenas de relatos sobre pumas em meados da década de 1960 foram finalmente consideradas pela polícia como o resultado de alucinações, histeria ou confusões, a despeito da confiabilidade das testemunhas e da freqüente presença de indícios materiais, tais como fezes, rastros e as sanguinolentas carcaças, semidevoradas, de animais domésticos e de gamos selvagens. Mesmo em meio àqueles que definitivamente aceitam os indícios, muitos continuam a preferir a explicação tradicional dos relatos de grandes felinos — de que o puma ou a pantera escaparam do cativeiro —, a despeito da inexistência de registros de fugas. Mas a pura verdade é que nenhuma explicação natural chega perto da elucidação dos fatos, sejam os de Surrey ou os de Devon. Cães danados não podem ter causado a série de mutilações provocadas nas carcaças encontradas nos condados do interior da Inglaterra — na verdade, nenhum animal conhecido poderia tê-lo feito. Também não é razoável que uma fera apenas pudesse ter percorrido as distâncias consideráveis que separavam os ataques ocorridos em uma mesma noite em Devon, Exmoor e Dartmoor. Se, por um lado, é possível, apesar de improvável, que grandes felinos semelhantes aos regularmente vistos pela Grã-Bretanha possam ter escapado de coleções particulares sem que isso tenha sido percebido, é francamente inconcebível que pudessem ter vivido ocultos no interior da Grã-Bretanha durante muito tempo. Em todo caso, nenhuma das numerosas caçadas conseguiu localizar sequer um dos predadores, vivo ou morto. Como conclusão, permanece o fato de que a completa estranheza dos ataques a animais domésticos relatados e a incrível capacidade desses animais de aparecer e desaparecer ao seu bel-prazer nos leva definitivamente à conclusão de que a existência desses animais está ligada a uma dimensão além do nosso universo físico.

1963

A história se repete

Poucos discordariam de que as coincidências proporcionam um assunto para conversação fascinante e interminável. Todos têm uma experiência fantástica para contar, e até o mais trivial dos exemplos pode às vezes fazer-nos parar e perguntar a nós mesmos se alguma força desconhecida se acha por trás das cenas do cotidiano. Mesmo assim, os ocidentais que pensam de uma forma mais moderna, quando pressionados a discutir o assunto, zombam da idéia de que o acaso possa, por si mesmo, exercer uma influência direta sobre os seres humanos. Vivemos em um mundo de certezas científicas e valores materialistas, onde as forças invisíveis e sobrenaturais da irracionalidade não têm espaço. Mas, como já testemunhamos claramente, algumas coincidências, particularmente as sinistras, trazem em si uma série de conexões do acaso tão notáveis que nos restam poucas alternativas além de aceitar a assustadora probabilidade de que o universo físico como o conhecemos seja o sujeito de um padrão subjacente ou estrutura além da nossa compreensão.

Em geral, tal seqüência de eventos abrange mortes acidentais. Entretanto, curiosamente, alguns assassinatos parecem possuir os vínculos mais peculiares entre si. O mais famoso assassinato político do século XX consiste provavelmente no mais impressionante exemplo que se poderia encontrar. Os vínculos relativos às vidas e às mortes das vítimas e matadores envolvidos nos assassinatos dos presidentes norte-americanos Lincoln e Kennedy persistem como um testamento definitivo da repetição indefinida das coincidências. Para os historiadores, foram as suas realizações nas funções que exerciam que transformaram as mortes desses dois estadistas em fatos significativos; para os estudiosos do inexplicável, foram os detalhes concernentes aos seus últimos momentos na Terra.

Abraham Lincoln, emancipador dos escravos e líder do movimento dos confederados, foi alvejado na cabeça por trás, à queima-roupa, enquanto assistia a uma peça no Ford's Theatre, na cidade de Washington. Seu assassino, John Wilkes Booth, usou uma pistola no crime, ocorrido em 1865, poucos dias depois do final da Guerra Civil norte-americana. John F. Kennedy, presidente democrata e paladino da legislação de direitos civis, foi alvejado na cabeça enquanto desfilava em carro aberto por uma avenida de Dallas, no Texas. Seu assassino, Lee Harvey Oswald, escolheu como arma um poderoso rifle com mira telescópica. A data, todos sabem, foi novembro de 1963. Então, quais seriam as supostamente estranhas conexões entre os dois crimes? Ambos aconteceram em uma sexta-feira, mas essa é uma coincidência menor, tanto como o fato de ambos os assassinos serem sulistas.

O que há de mais interessante são as datas de nascimento dos dois assassinos, pois Lee Harvey Oswald nasceu exatamente cem anos depois do assassinato de Lincoln. O espaço de tempo de um século, em si algo não muito significativo, recorre com nefasta regularidade nas histórias das vidas de outros homens envolvidos naquele drama. É interessante observar, por exemplo, que John Kennedy foi eleito para uma função no congresso exatamente cem anos depois de o seu ilustre antecessor e que suas respectivas eleições para o cargo de presidente também ocorreram com a margem de um século. Tanto Lincoln como Kennedy foram sucedidos por sulistas com o nome Johnson, e as suas datas de nascimento também eram separadas por exatamente cem anos: Andrew Johnson nasceu em 1808; Lyndon Johnson, em 1908.

Houve também outras coincidências de nomes entre os dois assassinos. O sobrenome do secretário particular de JFK era Lincoln; o secretário de Abe Lincoln tinha o nome cristão de John. Lincoln morreu no Ford's Theatre em Washington, enquanto Kennedy estava em um automóvel produzido pela empresa Ford no dia de sua morte. E o que é mais irônico: a limusine em que o presidente Kennedy morreu era do modelo Lincoln Continental. Talvez devêssemos ser perdoados por não redefinir o nosso ponto de vista quanto ao universo sobre esse indício específico, mas não terminam aí os funestos paralelos entre os dois acontecimentos. É conveniente recordarmos que nem Booth nem Oswald viveram para ser julgados; o que é menos conhecido é a semelhança entre as maneiras que os dois escolheram para fugir da justiça. Booth, depois de cometer o terrível feito no teatro, fugiu, indo encontrar o seu fim em um armazém. Oswald, por outro lado, que conseguiu a sua salvação por intermédio da janela de um armazém, fugiu para um teatro antes de ser capturado.

Talvez o mais intrigante entre todos os paralelos presidenciais diga respeito às primeiras indicações públicas em favor da nomeação de Lincoln. Em uma carta publicada na *Cincinnati Gazette*, em 6 de novembro de 1858, surgiu um apelo a Lincoln pare que ele concorresse, junto a um colega — relegado então ao ostracismo —, candidato a vice-presidente, o então secretário de Marinha. Querem saber o nome do secretário? John Kennedy.

No início da década de 1950, duas das mais respeitadas mentes do nosso século, o ganhador do prêmio Nobel, Wolfgang Pauli, e o famoso psicólogo, Carl Gustav Jung, uniram as suas forças para produzir um conceito de coincidência de ampla abrangência que eles denominaram de sincronicidade. Na opinião desses homens, correlações aparentes de tempo, espaço e circunstâncias eram provas da existência de um campo de força que jazia onipresente na base do substrato de nossas vidas diárias, tentando impor a sua própria forma de disciplina sobre a confusão geral dos eventos do dia-a-dia. Tal força, se é que realmente existe, poderia muito bem explicar os vínculos fantásticos entre os assassinatos de Lincoln e Kennedy. Ela também poderia pôr em perspectiva a má sorte que parece seguir a família Kennedy.

Quando se fala da maldição de Kennedy, pensa-se normalmente nos tiros de Jack e Bobby. Entretanto, ainda mais estranho é o aparente vínculo concernente aos modos de viajar. O irmão e a irmã mais velhos do presidente morreram em explosões de aviões em pleno ar na década de 1940, e, naturalmente, o próprio JFK morreu viajando. Seu irmão mais jovem, Edward, quase morreu em um outro acidente em que vários militantes do partido democrata pereceram; Edward, mais uma vez, chegou muito perto da morte quando o seu carro caiu da ponte Chappaquiddick e afundou, quando morreu afogada a sua companheira, Mary-Jo Kopechne, fato que arranhou profundamente a sua reputação. Em 1969, ao concorrer à indicação pelo partido democrata, Bobby Kennedy falou dos infortúnios como de uma realidade tangível: “Boa sorte é algo que você constrói, e má sorte é algo que você enfrenta.” Duas semanas depois, Bobby foi assassinado. Embora nesse crime não tenha havido a presença de nenhum veículo motorizado, a má sorte da família retornou na forma de uma vingança poucos dias mais tarde, quando o trem que transportava o caixão do estadista atropelou alguns manifestantes, cortando um homem pela metade.

Durante a década de 1970, a geração seguinte dos Kennedy foi assolada pelas drogas, escândalos ou severos problemas de saúde; houve também uma série de acidentes automobilísticos. Em um deles, Pam Kelly, neta do patriarca da família, Joseph Kennedy, perdeu a vida. Em outro, um carro dirigido por Bobby Kennedy Jr. atropelou e matou um menino camponês mexicano em uma viagem à América Central. Em 1976, David, outro filho do falecido senador Bobby Kennedy Jr., foi apunhalado por um traficante de drogas no banheiro público de uma estação de trem, sendo encontrado morto, dois anos depois, no quarto

de um hotel em Palm Beach, em uma viagem de férias à Flórida.

A má sorte — que determinadas pessoas preferem chamar de maldição — que perseguiu a família Kennedy na segunda metade deste século não mostra sinais de extinguir-se, só restando às pessoas a alternativa de sentir pena daqueles que carregam esse nome. Como muitas dúvidas envolvem a atuação de Lee Harvey Oswald no assassinato do presidente Kennedy, é absolutamente admissível que haja uma verdadeira sincronicidade ao redor dos dois assassinatos. Mas, mesmo que Oswald não tivesse participado da tragédia de 1963, é extraordinário que o destino tenha escolhido como bode expiatório do crime um homem tão adequado do ponto de vista histórico.

Água, água por todos os lados

Às vezes uma ocorrência paranormal pode ser tão estranha, que aqueles que se vêem envolvidos nesses dramas aparentemente implausíveis quase se esquecem de seus pressupostos, em uma tentativa de compreender aquilo que não faz sentido. Quando isso ocorre no lar, é ainda mais difícil terminar com o fenômeno.

Em um dia do final de outubro de 1964, a família Martin, de Methuen, em Massachusetts, notou o aparecimento de um sinal de umidade na parede onde ficava o sofá. Os Martin ficaram intrigados com o fato, pois o tempo não estava tão frio para os canos congelarem e estourarem. No dia seguinte, quando o vazamento havia se transformado em uma verdadeira inundação, eles perceberam que algo absolutamente estranho estava acontecendo. O senhor Francis Martin estava assistindo a um jogo de futebol americano quando ouviu o som de um estouro. O ruído foi sucedido por um súbito esguicho de água que explodiu da parte úmida da parede. Em seguida, muitas outras fontes estranhas começaram a surgir de diversos pontos nas paredes e no teto da sala. Aqueles fantásticos jorros duraram por cerca de vinte segundos. Finalmente, era tão grande a quantidade de água que enlameava o chão, que a família se viu forçada a mudar-se para a casa da mãe da senhora Martin, a vários quilômetros de distância. Isso, entretanto, não resolveu o problema, pois, para horror da família, os *gremlins* [{63}](#) aquáticos perseguiram-nos e, dentro de pouco tempo, em quase todos os cômodos do seu novo refúgio havia uma enxurrada semelhante.

A companhia de águas e esgotos foi chamada para investigar o problema, e os sistemas hídricos de ambas as casas foram checados quanto a vazamentos em canos. Naturalmente, nenhum foi encontrado.

Estava bem claro para os Martin que algumas pessoas escolheriam simplesmente não acreditar em sua história, em vez de tentar entendê-la. Mas, depois de os funcionários da companhia de águas e esgotos verificarem os enormes e anômalos jatos d'água que fluíam continuamente através do emboço das paredes, ninguém em seu juízo perfeito os chamaria de mentirosos. Mesmo quando o registro principal de água foi cortado em um ponto externo da casa e as suas tubulações foram drenadas, não houve diminuição nos jatos, torrentes e inundações que assolavam a pobre família Martin.

Frank Martin levou a família de volta para a sua casa em Methuen. Novamente o *gremlin* aquático afluiu, ainda que suas atividades fossem menos intensas; após algumas semanas, os fenômenos anômalos finalmente terminaram.

Embora o espírito das águas que invadiu a casa daquela família da Nova Inglaterra, em 1964, nunca representasse qualquer tipo de perigo real, podemos imaginar em que estado ficaram os nervos da família Martin. O desconforto de ver-se no centro de uma seqüência de um estranho acontecimento foi agravado pelo fracasso total dos chamados especialistas que tentaram explicar o mistério. Mas, naturalmente, só se concluiu isso: não era possível que toda aquela água continuasse a fluir do emboço seco das paredes sem que houvesse qualquer fonte real. Com certeza, o fenômeno hídrico tinha uma origem sobrenatural, por isso estava além da competência da companhia de águas e esgotos realizar uma investigação.

Embora não tenhamos compreendido ainda como e por que tais fluxos e escoamentos fantásticos se manifestam, uma investigação dos fenômenos do século XX desvela uma infinidade de outros fenômenos envolvendo uma série de líquidos diferentes. Em agosto de 1985, Jean-Marc Belmer, motorista de caminhão, e sua esposa, Lucy, redecoraram a sua casa na localidade de St. Quentin, em Picardy, França. No mês de janeiro seguinte, gotículas começaram a aparecer pelas paredes e tapetes da sala de estar dos Belmers. O fenômeno cessou depois de um dia, mas, no início de fevereiro, as manchas apareceram mais uma vez, em número cada vez maior. O casal ficou temeroso e quando, em uma manhã, eles acordaram e encontraram seus travesseiros e cobertas repletos das mesmas manchas, abandonaram a casa e foram para a residência dos pais de Jean-Marc. Na semana seguinte, peritos forenses da polícia chamados para investigar a ocorrência ficaram estarecidos quando descobriram que a casa estava totalmente coberta por uma substância solidificada, que eles prontamente reconheceram como sangue. Análises subseqüentes mostraram tratar-se de sangue humano mas, como nenhuma vítima que proporcionasse uma fonte imediata disponível foi descoberta, a investigação policial jamais chegou a qualquer conclusão.

Dois anos depois, em setembro de 1987, outra casa sangrenta ocupou as manchetes dos jornais, dessa vez nos Estados Unidos. Minnie Clyde Winston, uma adolescente de 17 anos, residente em Fountain Drive, na Geórgia, foi acordada às 23h30min por um ruído que parecia a princípio ser o de uma torneira aberta. Mas, ao investigar o barulho, ela descobriu sangue jorrando, como se viesse de um *sprinkler*, {64} das paredes e teto da cozinha, sala de estar, quarto de dormir, *hall e* porão. Junto com o seu marido, William, Clyde, que vivia há mais de vinte anos naquela casa de seis cômodos antes dessas estranhas ocorrências, confirmou que o local não tinha reputação de ser assombrado. Nem os antigos moradores falaram de algum acontecimento desse tipo no passado.

Talvez o mais estranho de todos os fluxos anômalos seja um acontecido no início deste século. Em agosto de 1919, petróleo cru começou a vazar das paredes e do teto da sede paroquial de Swanton Novers, Inglaterra. A princípio, partiu-se do pressuposto de que a casa jazia sobre uma reserva natural de petróleo, mas quando o líquido negro e espesso deu lugar a uma substância menos viscosa, imediatamente identificada como gasolina refinada, a busca por uma explicação natural foi deixada de lado. Pesados jorros de diversos líquidos, dentre eles água salgada, álcool metilado e óleo de sândalo continuaram nas semanas seguintes e então a variedade aumentou, de modo que a quantidade de jorros também cresceu.

Um oficial que foi ao local investigar o ocorrido afirma ter recolhido dois galões de líquido em quatro horas, deixando apenas um balde sob um dos muitos derramamentos. Quando a situação ficou fora de controle, o ocupante da sede paroquial, o reverendo Hugh Guy, foi obrigado a fazer a mudança da sua mobília para outra casa. Por um período, a sede paroquial ficou vazia, mas, no início do ano seguinte, os estranhos fluxos secaram e nunca mais se repetiram.

O homem que tirava retratos com a mente

Nos últimos quarenta anos pudemos assistir a numerosas demonstrações de psicocinética (PC) — a habilidade que a mente humana possui de agir sobre a matéria. Colheres, chaves, moedas e muitos outros tipos de objetos de metal foram entortados, esmagados ou quebrados em duas partes por meio da influência da PC. Relógios que não funcionavam, caixinhas de música e toda sorte de equipamentos mecânicos defeituosos voltaram a funcionar por causa da aplicação da energia metapsíquica. Objetos materiais, inclusive, em algumas ocasiões, peças de mobiliário muito pesadas, foram vistos movendo-se ou mesmo levitando quando observados pelo olhar atento de um iniciado na telecinética. Mas certamente os mais fantásticos poderes mentais dos humanos foram demonstrados pelo “fotógrafo de pensamentos” norte-americano, Ted Serios, durante o período de quatro anos que começou em 1965.

Ex-fuzileiro naval e mensageiro do Hotel Hilton de Chicago, Serios era um candidato incomum aos poderes sobrenaturais. Na verdade, na época de sua admissão, ele estava mais interessado no seu consumo regular de cerveja e cigarros do que em provar ou não o papel da mente regendo a matéria, exibindo seus notáveis poderes apenas como curiosidades em festas. Mas depois de um trabalho de persuasão, ele desistiu dos seus ‘showzinhos’ e assentiu em ser cientificamente orientado; a partir de então, começou a realizar o seu maior truque paranormal: produzir imagens mentais sobre filmes fotográficos virgens. No laboratório do doutor Jule Eisenbud, de Denver, no Colorado, Serios apontava a câmera em direção à sua face e produzia, através do simples pensamento, uma série de fotografias dos objetos distantes em que ele estava pensando. Muitos desses objetos eram, principalmente pela facilidade de reconhecimento, imagens de construções famosas na Europa. Na prática, a técnica era infantilmente simples: mas a energia mental de Serios deixou os cientistas atordoados desde então.

Mesmo aqueles que a princípio adotaram uma postura cética, logo tiveram de admitir que se tratava de um genuíno mistério. Como as experiências haviam sido conduzidas utilizando-se uma câmera instantânea Polaroid, que não somente produzia fotografias ao toque de um botão como também eliminava as suspeitas de truques de laboratório, o fato de que imagens anômalas apareciam dificilmente poderia ser contestado. As fotografias produzidas às vezes eram de locais extremamente conhecidos, tais como a Piazza de San Marco, em Veneza, ou a abadia de Westminster, em Londres. Em outras ocasiões, quando Serios não conseguia realizar os seus feitos mentais, as fotos revelavam-se totalmente brancas ou negras, como se tivessem sido tiradas em um quarto escuro ou contra luz brilhante. Apenas em ocasiões muito raras, uma imagem natural era produzida — *close-ups* de Ted Serios contorcidos em uma imagem de concentração intensa.

Nem todas as sessões ocorreram no laboratório do doutor Eisenbud. Os poderes de seu fotógrafo de pensamentos também foram demonstrados ao vivo diante de audiências em teatros para palestras e em estúdios de TV. Nesses casos, as câmeras, trazidas por pessoal estranho, eram preparadas e carregadas com o filme e então seladas e marcadas, para evitar possíveis fraudes. Os investigadores escolhiam então um objeto específico para ele, geralmente uma paisagem bem conhecida. Em nove entre cada dez casos, o produto final era assustadoramente preciso, embora algumas fotos exibissem cenas inteiramente sem relação com o objeto, ainda que por vezes contivessem um vínculo extraordinário ligando-os. Por

exemplo, o fotógrafo de pensamentos certa vez produziu uma série inteira de fotos da fachada de uma loja que ele jamais vira. Investigações subseqüentes localizaram a loja em Central City, no Colorado, embora o nome do estabelecimento fosse, na foto de Serios, The Old Gold Store, porém este fora substituído por The Old Wells Fargo Office. E o que é mais extraordinário, fotos do mesmo objeto que Serios tirou mais tarde exibiam uma seqüência de letras que continha os dois nomes. Em outra ocasião, naquele mesmo ano, a fotografia metapsíquica de parte de um edifício que ele não conheceu, muitos anos mais tarde foi identificado como pertencente à divisão aérea da Real Polícia Montada do Canadá. Nessa foto, a palavra ‘Canadian’ {65} estava escrita de forma errada, embora no edifício aparecesse corretamente grafada.

Para aqueles que preferem não acreditar nos incríveis feitos do fotógrafo de pensamentos, a explicação mais simples era a de que Serios agia como um trapaceiro, tirando fotografias ‘da manga’ em vez de usar poderes sobrenaturais. Em 1966, depois de Serios aparecer na TV e assombrar milhões de pessoas nos Estados Unidos, uma equipe de investigadores da revista *Popular Photography* afirmou ter conseguido resultados semelhantes utilizando um equipamento óptico simples que, ao ser posicionado com uma fotografia microfilmada em frente à câmera, produzia uma imitação passável de uma das fotografias de Serios. Entretanto, até mesmo os céticos foram forçados a admitir que tal técnica só poderia funcionar quando uma fonte predeterminada da fotografia — um cartão-postal, um instantâneo qualquer ou a ilustração de um livro — estivesse disponível. Este evidentemente não era o caso na maioria dos exemplos induzidos pela mente de Serios. Além do mais, Serios sempre foi muito condescendente em permitir ser revistado antes do começo de cada sessão, sendo que jamais foi encontrado qualquer sinal de trucagem que ele pretendesse utilizar.

Se Serios houvesse possuído o poder de dar continuidade à sua estranha carreira de fotografia dos pensamentos por mais algum tempo, sem dúvida as suas realizações metapsíquicas chegariam a ponto de representar um testemunho definitivo dos poderes inexplicáveis da mente humana.

Infelizmente, contudo, sua fama crescente não compensou a sua perda de liberdade, resultando no aumento do consumo de álcool. Ao longo de 1967, o comportamento de Serios foi ficando cada vez mais imprevisível e arrogante, e ele atacava verbalmente todos aqueles que duvidavam de suas habilidades excepcionais. Até mesmo o doutor Jule Eisenbud, que se tornou um amigo pessoal dele, não foi capaz de controlar o seu gênio caprichoso, e as experiências eram freqüentemente interrompidas pelo hábito insuportável que Serios possuía de sair no momento que quisesse. A paciência era a única que perdia com aquilo, pois, conforme aumentava o consumo de álcool por parte do metapsíquico, seus poderes diminuía. Tudo o que Ted Serios pôde conseguir hoje foi a fotografia de seu próprio rosto, sendo que o seu último sucesso, produzido há cerca de vinte anos, foi mais do que apropriado: mostrava um par de cortinas baixadas.

1966

Óvnis e faltas de energia

Um dos efeitos mais freqüentemente relatados de óvnis voando a baixa altitude é a regular coincidência com malfuncionamentos nos sistemas de energia na terra. Os veículos motorizados próximos a espaçonaves alienígenas são propensos a pararem de funcionar, e a iluminação pública geralmente se apaga; em certas ocasiões, acontecem blecautes em quarteirões inteiros.

O ano de 1966 presenciou um dos casos mais significativos quando, na primavera, o comando de controle em terra da força aérea norte-americana em uma base de mísseis balísticos intercontinentais em Great Falls (Montaria) experimentou uma pane completa de energia, imediatamente após o pessoal em vôo relatar ter avistado três óvnis aterrissando nas proximidades do perímetro da base. Os integrantes das equipes que se ocupavam dos mísseis, baseadas no centro de controle, entreolharam-se espantados quando os seus painéis de instrumentos indicaram uma falha que afetava simultaneamente dez mísseis. Na verdade, os sistemas de direção e controle haviam sofrido uma perda total de energia. Isso significava que efetivamente os mísseis não poderiam ser lançados e que a maior parte do arsenal nuclear dos Estados Unidos estava temporariamente impotente por causa de interferência alienígena. Somente após os óvnis partirem é que a situação da base de lançamentos de Montaria se normalizou.

Como sempre, o Pentágono relutou em liberar informações sobre um evento tão desconcertante; os superiores ordenaram a seus subordinados que jamais comentassem o ocorrido. Somente após a liberação de documentos secretos, propiciada pela promulgação da Lei de Liberdade de Informação dos Estados Unidos, é que o acontecimento de 1966, em Great Falls, se tornou conhecido. A liberação de outros documentos provavelmente também indicariam que a história que acabamos de contar seria simplesmente a primeira em uma corrente de incursões semelhantes por parte de veículos alienígenas em bases de comando aéreo estratégicas na década de 1960, entre elas encontravam-se várias outras instalações estratégicas de mísseis nucleares, baseadas em terra, no meio-oeste norte-americano. Por exemplo, parece que um acontecimento quase idêntico ocorreu durante a semana iniciada no dia 20 de março de 1967, quando um radar da base da força aérea norte-americana de Maelstrom, Montaria, confirmou a presença de uma espaçonave alienígena pairando nas proximidades ao mesmo tempo em que todo o sistema de mísseis da base ficou inoperante.

Mais recentemente, várias intrusões por parte de objetos voadores não identificados nas cercanias de áreas de armazenamento de armas nucleares na base de Kirkland, Novo México, da força aérea norte-americana, no verão de 1980, coincidiram com as interferências de rádio nos radares e com as faltas de luz que deixaram os radares inoperantes.

De acordo com o vazamento de um memorando a respeito de uma investigação especial da força aérea norte-americana, sofisticados monitores de freqüências de rádio determinaram, por análise vetorial, que a interferência de rádio fora produzida em uma região nas proximidades da área de armazenamento de armas de Manzano, próximo ao Coyote Canyon. Nesse exato momento, em 13 de agosto de 1980, os policiais de segurança da força aérea norte-americana em serviço na área de armazenamento de armas relataram ter visto uma luz não identificada sobrevoando o Coyote Canyon antes

de aterrizar. Guardas de segurança se aproximaram da espaçonave pousada, que definiram como um disco metálico. Entretanto, antes que pudessem entrar, o veículo decolou em direção vertical em uma velocidade espantosa.

Extremamente preocupantes devem ter soado essas incursões aos ouvidos das forças armadas dos Estados Unidos, e o militar de mais alta patente do Pentágono deve ter ficado aliviado pelo fato de as defesas de seu país não terem sido alvo de perseguição dos alienígenas.

Nas primeiras horas do dia 1º de julho de 1977, o pessoal da base gigante da OTAN em Aviano, nordeste da Itália, ficou impressionado ao avistar uma enorme luz particularmente brilhante, que em um dado momento estacionou em pleno ar, pairando a cerca de cem metros acima do campo. Testemunhada por muitos militares, ela foi definida como algo parecido com um pião giratório com uma abóbada na seção superior. Mudando alternadamente de cor, de verde para vermelho, o objeto permaneceu sobre a base durante cerca de uma hora, período durante o qual houve um blecaute geral em um raio de oito quilômetros.

Em 12 de setembro de 1979, foi a vez de uma base militar chinesa situada entre Xuginglong e Huaihua, na província de Hunan, sofrer uma falta de energia. O disco brilhante apareceu e começou a emitir uma corrente vertical de raios brancos durante menos de um minuto, mas só depois de 15 minutos é que voltou a energia da base e das áreas vizinhas de habitações civis.

No dia 1º de junho de 1982, dois óvnis semelhantes sobrevoaram uma base de lançamentos espaciais em Baiknout, na extinta União Soviética. Nessa ocorrência, não somente a energia elétrica de todo o estabelecimento foi cortada como também severos danos foram encontrados na estrutura mecânica da base. Os engenheiros que investigaram a cena no dia seguinte descobriram que as torres de lançamento de foguetes haviam sido dobradas e que as seções unidas aos pórticos {66} por soldagem presas às fuselagens dos foguetes foram feitas em pedaços, enquanto em um complexo de casas nas vizinhanças as janelas de vidro estouraram, causando ferimentos em vários moradores. A consequência direta desse contato é que a base espacial soviética paralisou as suas atividades durante duas semanas.

Com o crescente número de indícios de que os óvnis possuem a capacidade de drenar ou interromper o fluxo de energia elétrica de alguma maneira desconhecida; não se sabe ainda se isso ocorre deliberadamente ou por acidente, muitos ovniologistas, dentre eles os mais reconhecidos representantes de órgãos governamentais, foram da opinião de que um grande número de faltas de energia, nas mais diversas localidades, em vários países, pode ter sido provocado de uma forma semelhante. Durante as audições no Congresso norte-americano, perante o Comitê Interno de Ciência e Astronáutica, o doutor James MacDonald, um físico estudioso da atmosfera com um histórico de muitas atividades em conjunto com a NASA, expressou a sua intuição de que o grande blecaute no nordeste dos Estados Unidos, ocorrido em 9 de novembro de 1965, poderia estar relacionado ao extraordinariamente grande número de relatos de óvnis, que surgiram em toda a Nova Inglaterra por ocasião da falta de energia. Na opinião de MacDonald, a perturbadora série de coincidências “merecia muito mais atenção do que a que vinha recebendo”.

O ano de 1965 foi um ano extremamente importante para as aparições de óvnis por todos os Estados Unidos. Na Grã-Bretanha, 1981 foi o ano comparável ao de 1965 nos Estados Unidos. Pode ou não ser coincidência que o maior blecaute da Grã-Bretanha em mais de vinte anos tenha ocorrido no dia 5 de agosto de 1981, provocando o caos em muitas cidades do sul da Inglaterra e do País de Gales. Em uma ocorrência sem precedentes, duas linhas de força falharam com uma diferença de poucos minutos em

acontecimentos — segundo fontes oficiais — isolados. Engenheiros elétricos do Conselho de Produção de Eletricidade Central Inglês (CEGB) [\[67\]](#) ficaram estarecidos, e um porta-voz oficial foi forçado a admitir ao povo britânico, em uma coletiva de imprensa, realizada no dia seguinte na CEGB, que o órgão jamais vira algo do gênero. Nas palavras do próprio representante, a probabilidade de dois transmissores de eletricidade falharem era ‘nula’. Além do mais, mesmo depois de encerrado o acontecimento, a empresa não tinha a menor idéia do que causou a falha. Como a rede estava operando abaixo de sua capacidade máxima, com muitas fábricas fechadas por ser um feriado, e o consumo doméstico estar bem abaixo da média, por causa do dia quente de verão, com boa parte das noites clara, uma onda de demanda não poderia ter sobrecarregado o sistema. No entanto, algo interferiu no abastecimento de energia e, como resultado, as pessoas que habitavam os condados de Kent, Surrey, Berkshire, Hampshire, partes de Gloucestershire, todo o condado de West e a maior parte da região sul do País de Gales ficaram sem energia durante duas horas. Como não pode ser alegado com certeza absoluta que os óvnis tenham sido os responsáveis diretos pelos blecautes, é algo muito significativo recordarmos que a maioria das aparições relatadas nos sete dias anteriores a 5 de agosto ocorreram nas mesmas áreas afetadas e que a noite anterior, de 4 de agosto, foi palco de vários relatos de óvnis na Holanda, onde houve uma pane simultânea em duas linhas de força, mergulhando uma grande parte da Grã-Bretanha em uma imprevista escuridão.

Embora não saibamos ainda como e por que os óvnis afetam os principais suprimentos de eletricidade, o estabelecimento da relação de causalidade não superou ainda as dúvidas razoáveis. O fato é significativo porque ele praticamente comprova a existência objetiva do fenômeno. A histeria de massa, as brincadeiras e as alucinações dificilmente poderiam ser responsáveis pelos blecautes ocorridos.

1967

Uma horrível colheita

No dia 9 de setembro de 1967, a situação dos óvnis nos Estados Unidos tomou um rumo pavoroso. Um rancheiro que residia nas proximidades de Alamosa, vale de St. Louis, na região sul do Colorado, ficou horrorizado ao encontrar, certa manhã, a sua potranca de três anos, Lady, em uma condição assustadora. O animal não fora apenas morto, mas a sua cabeça se achava completamente desprovida de toda carne e músculos, e seu cérebro, órgãos e coluna haviam desaparecido. E o que é inacreditável, havia poucos sinais de sangue naquela cena, e nenhuma pegada ou marcas de pneus podiam ser encontradas na vizinhança. O que *foi* descoberto, contudo, era muito mais estarrecedor. Quinze marcas circulares de descargas que explodiram aparentemente sobre o solo, próximo ao corpo de Lady, junto a um círculo de mais ou menos noventa centímetros de diâmetro, formado por seis buracos no chão, cada um a mais ou menos dez centímetros do outro e todos com dez centímetros de profundidade. Os representantes do serviço de guarda-florestal foram inteligentes o suficiente para utilizar um contador Geiger e registrar alguns indícios incontestáveis de radioatividade, tanto em volta das marcas de exaustores quanto da carcaça mutilada do animal.

Embora a morte de um animal dificilmente seja considerada um fato relevante, a natureza fantástica dessa imolação foi transformada em manchetes jornalísticas, e as autoridades logo começaram a investigar a ocorrência. Dez dias depois da descoberta, os restos de Lady foram examinados pelo doutor John Altshuler, professor assistente e clínico nas áreas de medicina e patologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Colorado. Altshuler ficou profundamente chocado com as mutilações, não por causa de seu aspecto violento, mas porque pareciam ter sido feitas de maneira inexplicável. Todos os cortes no corpo do animal foram feitos por meio de incisões regulares, havendo um sinal de coloração mais escura que sugeria a possibilidade de que a carne tenha sido aberta e cauterizada através de alguma técnica utilizando raio térmico cirúrgico. Apesar de hoje existir essa tecnologia de laser cirúrgico, não havia nada do gênero em 1967. Entretanto, o fato mais perturbador de todos era, para Altshuler, a inexplicável ausência de sangue. Como escreveria mais tarde, “quem quer que tenha feito os cortes conseguiu remover o coração do animal, os pulmões e a tireóide, deixando o seu mediastino completamente seco”. Como isso foi feito era algo que estava além da compreensão do patologista.

Embora o caso de Alamosa tenha sido o primeiro a atrair a atenção pública em âmbito nacional nos Estados Unidos, muitos indícios que estão sendo revelados hoje dão a entender que a morte de Lady foi precedida de um número substancial de outros casos de mutilação naquele país. O que se acha além de qualquer dúvida é que muitos milhares de exemplos comparáveis foram relatados desde então. Cerca de 90% desses casos envolvem gado domesticado, ou seja, cavalos, ovelhas, cabras e outros animais, inclusive as espécies criadas em casa — especialmente cães — foram encontradas mutiladas. Na maioria dos casos, os órgãos sexuais foram removidos dos animais, geralmente extraídos com precisão imaculada, sem deixar sinais de sangue. Apesar de haver uma série de explicações que não se achem relacionadas a alienígenas, incluindo aí as atividades de predadores e a realização de rituais de sacrifício em cultos satânicos, a participação de óvnis é um ponto que não se contesta mais atualmente.

Em fevereiro de 1968, oficiais do Projeto Livro Azul, que reunia as informações coligidas pela

própria força aérea norte-americana a respeito de óvnis, investigaram um fazendeiro que vivia a cerca de cinquenta quilômetros ao norte de Kansas City, no Missouri. O homem, cujo nome não é citado no Projeto Livro Azul, aparentemente avistou um objeto iluminado que ele estimou medir mais ou menos trinta metros de diâmetro pairando a sete ou oito metros do solo. A aparição do objeto, que ocorreu aproximadamente às 3h20min, foi seguida pela descoberta, na manhã seguinte, de uma perda inexplicável de cabeças do rebanho do fazendeiro.

Sete anos depois, no início de 1975, um delegado-xerife do condado de Coyrrel investigou a mutilação de um bezerro perto da enseada de Copperas, no Texas, seguindo-se uma inundação de relatos sobre óvnis na área. Os oficiais da lei descobriram que os órgãos genitais de várias vacas haviam sido removidos sem que se deixasse sequer uma gota de sangue e, em todos os casos, marcas peculiares foram encontradas próximo às carcaças, com a forma de círculos concêntricos que penetravam no solo duro.

No ano seguinte, Gabriel Valdez, da polícia estadual do Novo México, notou rastros semelhantes na terra em um rancho de propriedade de Manuel Gomez, nas proximidades de Dulce, no mesmo estado. Nesse caso, a mutilação se abatera sobre uma vaca negra de três anos de idade, com face branca, cuja orelha esquerda, língua, úberes e reto foram removidos por meio do que parecia ser definido como um instrumento cortante preciso. Entre algumas marcas anômalas encontradas próximo ao animal, incluíam-se vários rastros tripodes em forma triangular e uma área circular de vegetação chamuscada onde jazia a carcaça do animal. Testes confirmaram que os níveis de radiação eram mais de duas vezes maiores que os normais. Outra mutilação assombrosa ocorrida no mesmo rancho dois anos mais tarde dizia respeito à descoberta de uma carcaça de um touro da raça Hereford Charolais em 24 de abril de 1978. Uma análise desse fato mostrou que o reto e os órgãos sexuais do animal haviam sido removidos por instrumentos de corte bastante precisos e que a causa da sua morte fora provavelmente a exposição a uma alta dose de radiação.

Compreensivelmente, os fazendeiros dos Estados Unidos passaram a sentir-se mais ameaçados por causa desses ataques às suas criações. Mas infelizmente eles não têm como se defender e, nos últimos 25 anos, o fenômeno cresceu e se expandiu, e há relatos de novos exemplos dos estados de Nebraska, Arkansas, Montana, Wyoming, Idaho e Novo México.

Hoje, é perfeitamente aceitável, menos para os mais resistentes opositores, a idéia de haver realmente alienígenas vindo em óvnis visitar o nosso planeta para colher amostras genéticas de certas espécies mamíferas. O que não sabemos ainda é o porquê disso.

1968

Submarinos que não retornaram das profundezas

Durante a primeira metade deste século, as viagens de submarino eram uma tarefa decididamente arriscada. Antes do início das hostilidades de 1939, navios submarinos haviam sido perdidos por causa de acidentes ou malfuncionamento, em todos os anos, a partir da data de sua invenção e, deixando de lado os que foram afundados por ataques de inimigos, mais de cem outros desapareceram durante a Segunda Guerra Mundial. Na segunda metade do século, contudo, a tecnologia dos submersíveis desenvolveu-se enormemente e, como resultado, apenas 12 submarinos naufragaram desde 1945. Essa é a boa notícia. A má notícia é que a maioria desses desastres mais recentes parece ter causas sobrenaturais além da compreensão do gênero humano — forças alienígenas à espreita sob a superfície dos oceanos.

O ano de 1968 nos oferece três dos mais claros exemplos disso. Lançado ao mar em dezembro de 1959, o *US Scorpion* era um submarino monstruoso, de três mil toneladas, impulsionado por um reator nuclear refrigerado a água. Motivo de orgulho da Marinha norte-americana, o navio funcionou sem falhas em seus exercícios navais, tendo sido reconhecido como um dos mais confiáveis de todos os submarinos da Marinha. Em fevereiro de 1967, após oito anos de serviço, o *US Scorpion* foi reformado e, em seguida, passou com sucesso por uma série de avaliações em caráter de revisão antes de ser integrado à frota mediterrânea da Marinha norte-americana, em março de 1968.

Ele permaneceu em serviço ativo até maio, quando, junto com a sua tripulação de 99 pessoas, foi escalado para fazer uma viagem de retorno a Norfolk. A viagem deveria ser de rotina, mas, no dia 25 de maio, ao passarem por um ponto a cerca de 450 km das Ilhas dos Açores, o *US Scorpion* transmitiu um sinal de avanço padrão, que seria o último contato de sua existência. Nos dias seguintes, todos os esforços feitos para restabelecer o contato por rádio com o submarino foram infrutíferos.

A princípio, supôs-se que algum empecilho técnico, e não um desastre, fosse o responsável, mas, depois de algum tempo, o *US Scorpion* não chegou a Norfolk; ele foi então declarado perdido, sendo iniciada uma série de buscas. As esperanças foram desaparecendo conforme se passavam as semanas, e nenhum vestígio dele era encontrado. O *US Scorpion* foi declarado oficial e irreversivelmente perdido no final do mês de junho.

Seguindo-se ao anúncio oficial da perda do navio, especulações em meio à imprensa norte-americana davam conta de que a Marinha possuía gravações que continham mensagens verbais secretas do *US Scorpion*, comunicações que relatavam o fato de ele estar envolvido em uma perseguição a um alvo anômalo, que se deslocava em uma velocidade muito acima da de qualquer navio terrestre.

A Marinha recusou-se a comentar tais rumores, mas, ao mesmo tempo, tentava insinuar um suposto envolvimento russo na tragédia. Quando, em agosto de 1966, o navio de busca *Mizar* alegou ter fotografado e identificado positivamente o casco avariado do *US Scorpion* no leito do oceano, em uma profundidade de aproximadamente três mil metros, a cerca de setecentos quilômetros das Ilhas dos Açores, a Marinha recusou-se a confirmar ou desmentir a alegação de que já haviam localizado os restos do submarino antes. As especulações por parte da imprensa foram incentivadas quando, no tribunal de inquérito, vários segmentos dos indícios encontrados pela Marinha foram rotulados de sigilosos e jamais

divulgados, o que indica claramente que o debate público sobre o assunto não era bem-vindo pelo Pentágono. No final das audiências, não se havia chegado a qualquer conclusão sólida quanto à razão do fim do navio, embora a Marinha não negue o fato de que estava satisfeita ao chegar à conclusão de que uma combinação de erro humano e malfuncionamento mecânico foi a provável culpada pela tragédia. Qualquer insinuação à interferência alienígena e ao sinal anômalo que fora supostamente registrado em uma mensagem final do submarino foi posta de lado.

Se a viagem da *US Scorpion* fosse a única história peculiar a ocorrer no ano de 1968, ainda assim valeria a pena incluí-la em um livro sobre os grandes mistérios do século. Mas, na verdade, o submarino norte-americano foi a terceira embarcação desse tipo a desaparecer em circunstâncias muito parecidas — os outros dois sumiram naquele mesmo ano, 48 horas depois do *US Scorpion*.

Na tarde de 26 de janeiro de 1968, o submarino israelense *Dakkar*, tripulado por 65 pessoas, entrou em contato com a sua base e destino, Haifa, para relatar que ele estava dentro do cronograma de viagem e que chegaria logo e em segurança. O navio sofrera uma operação de reconstrução e modificação total no porto inglês de Portsmouth e retornava a Israel pelo Mediterrâneo. O *Dakkar* jamais chegou ao seu destino, e aquela mensagem foi o seu último contato. Uma busca envolvendo trinta navios e dezenas de aviões de cinco nações nada encontrou, e um tribunal de inquérito naval israelense não foi capaz de chegar a alguma conclusão incontestável a respeito da perda do navio. Já na noite de 26 de janeiro de 1968, a tripulação de um navio de pesca de nacionalidade grega e cipriota, que trabalhava a cerca de setenta quilômetros a noroeste do último local de onde o *Dakkar* emitiu o seu último comunicado, alegou ter visto um grande objeto de forma oval brilhante deslocando-se silenciosamente sob a superfície do mar a estibordo do navio. Certamente aquilo não era um submarino ou um enorme ser marinho; os pescadores estavam convencidos de que o objeto avistado estava relacionado de alguma forma ao desaparecimento do submarino israelita, cuja sorte eles só vieram a conhecer mais tarde.

O desaparecimento do *Dakkar* com toda a sua tripulação era apenas a primeira parte da tragédia dupla que — a não ser que a hipótese de interferência alienígena seja aceita — até hoje continua a não fazer sentido. Pois precisamente na mesma hora, em um outro ponto do Mediterrâneo, 1,8 mil km a ocidente, o submarino francês *Minerva* estava prestes a desaparecer, enquanto tomava parte de um exercício de combate.

O submarino navegava a apenas 12 metros de profundidade quando, às 8:00 da manhã do dia 27 de janeiro, ele entrou em contato com um avião da força aérea francesa, que sobrevoava o local, informando que ia submergir um pouco mais a fim de verificar um sinal estranho acusado pelo sonar que o estava seguindo há alguns minutos. Nunca mais se ouviu falar daquele submersível francês da classe *Daphne*. Junto com os 49 tripulantes, presume-se que ele afundou em águas de 2,4 mil metros de profundidade. Quase nada foi dito a respeito do sinal de sonar peculiar que o submarino estava seguindo.

A perda de dois submarinos sem causa aparente em um período de menos de 48 horas ultrapassa a possibilidade de coincidência. O fato de poder haver uma relação de causalidade entre os dois desastres e o afundamento do *US Scorpion* passou pela cabeça de muitos profissionais da navegação. Devido aos indícios circunstanciais, a idéia de uma relação era totalmente lógica — o único problema era que a conexão parecia envolver algo de que pouco se sabe ainda: interferência de forças desconhecidas; forças que, pelo menos oficialmente, os governos e organizações militares do mundo ainda não querem reconhecer.

1969

Telefonemas dos mortos

A idéia de que os espíritos podem nos telefonar, e às vezes o fazem, parece simplesmente a coisa mais tola que você já ouviu. No entanto, a não ser que uma quantidade muito grande de pessoas esteja mentindo ou sendo vítima das mais incríveis brincadeiras, essa estranha possibilidade deve ser encarada com seriedade.

Em 1969, o músico de *rock* Karl Uphoff recebeu um telefonema desse tipo da avó que havia falecido dois dias antes. O rapaz tinha 18 anos na época, e durante toda a sua infância os dois haviam sido muito unidos. Quando, na época da adolescência de Uphoff, a velha senhora tornou-se surda, adquiriu o hábito de telefonar para ele na casa dos amigos, ligando para todos os números e repetindo, bem alto, a mesma frase: “O Karl está? Diga a ele para vir para casa agora.” Em seguida, repetia a pergunta várias vezes, sem aguardar uma resposta (que de qualquer maneira não iria conseguir ouvir), e passava para o número seguinte da lista. No início, aborrecidos com esse comportamento inusitado, os pais dos amigos de Karl chegaram a reclamar algumas vezes, mas quando a situação era esclarecida, encaravam tudo de forma bem-humorada.

Embora Karl tenha continuado muito amigo da avó até o final de sua vida, jamais poderia imaginar que ela procuraria fazer contato depois da morte. O rapaz não tinha qualquer interesse especial pelo espiritualismo, e nenhum dos membros de sua família havia participado de uma sessão. No entanto, parecia bem claro que a falecida estava determinada a fazer com que a sua sobrevivência à morte fosse comunicada ao neto favorito, escolhendo como canal a rede convencional de telecomunicações, em vez de algum tipo de vidente.

Dois dias após a morte da avó, Karl decidiu fazer uma visita repentina ao amigo Peter D’Alessio, que vivia com os pais em Mont Clair, no estado de Nova Jersey. A tarde já terminava, e os dois rapazes conversavam no porão, quando o telefone tocou no andar superior. Ambos escutaram a voz da senhora D’Alessio tornando-se gradativamente impaciente ao telefone. Logo em seguida, ela gritou para que Karl subisse: “Há uma senhora na linha dizendo que é sua avó e chamando você. Ela fica repetindo isso sem parar. Será que você pode atender? Não estou conseguindo conversar com ela.” Tremendo de emoção e medo, Karl Uphoff subiu rapidamente a escada, mas quando alcançou o telefone, a pessoa que chamara já havia desligado.

Já em casa, naquela mesma noite, o rapaz recebeu uma série de telefonemas. Em todas as ocasiões, a ligação caiu no momento em que ele atendeu. Embora nem os seus pais nem a família D’Alessio pudessem acreditar que a velha senhora morta tivesse realmente feito contato através de um meio de comunicação tão corriqueiro quanto um telefone, o próprio Uphoff permaneceu convicto de que as chamadas não foram uma brincadeira.

Se a história do futuro músico fosse um caso isolado, seria difícil considerá-la seriamente. Porém, o século XX presenciou tantos episódios semelhantes, que as chamadas telefônicas de espíritos não podem ser simplesmente descartadas e tidas como fantasias da imaginação de pessoas que sofreram a perda de um ente querido. Durante o ano de 1971, por exemplo, as irmãs MacConnell, de Tucson, no

Arizona, conversaram por mais de trinta minutos com uma velha amiga, a senhora Enid Johnson. Várias horas após sua morte na Handmaker Jewish Nursing Home, uma casa de repouso em Nova York. Só depois as duas mulheres ficaram sabendo que haviam falado com alguém que já morrera. Seis anos depois, uma jovem chamada Mary Meredith recebeu uma chamada telefônica em sua casa em Oklahoma. A ligação era da prima Shirley, que estava morando no estado do Kentucky. O acontecimento em si não trazia nada de excepcional, já que as duas se comunicavam com frequência por telefone. A única diferença, nessa ocasião, era o fato de que, alguns minutos antes, Mary Meredith abrira uma carta que relatava justamente a morte inesperada da prima.

Outro caso em que um espírito demonstrou sua sobrevivência à morte por via telefônica foi o ocorrido com Christopher Evans. Em outubro de 1987, Evans morreu instantaneamente quando um avião a jato sem piloto espatifou-se contra o hotel Ramada Inn, em Indianápolis, onde ele trabalhava como recepcionista. Na cidade, todos ficaram logo sabendo do desastre por causa do ruído provocado pelo impacto, e da nuvem de fumaça que se elevou no horizonte. Quando os pais de Evans ouviram, no noticiário local de uma rádio, que o Ramada Inn fora atingido, naturalmente temeram pela segurança do filho. Mas, logo em seguida, sua preocupação foi aliviada, pois o telefone tocou, e eles ouviram a voz tão familiar do rapaz dizendo que estava bem, e que eles não se preocupassem. Porém, como o filho não voltasse para casa, a apreensão dos Evans foi crescendo, e ao se dirigirem para o hotel, um cenário de devastação total, já encontraram o corpo coberto com um lençol branco. O corpo de Christopher fora recuperado, esmagado e carbonizado, praticamente irreconhecível, e os membros da equipe de resgate confirmaram que, sem dúvida alguma, ele morrera instantaneamente, soterrado sob os destroços flamejantes.

Não havia qualquer possibilidade de que Christopher Evans tivesse feito a ligação telefônica na qual transmitiu a mensagem tão nitidamente ouvida por seus pais. Ele estava bem? Talvez, mas não em seu corpo material.

1970

Aparições do Pé-grande em Washington

No final da tarde de 19 de agosto de 1970, a senhora Louise Baxter, da cidade de Skamania, Washington, dirigia seu carro na região do parque Beacon Rock quando um dos pneus furou. Mal a senhora Baxter terminou de trocá-lo, sentiu-se invadida pela estranha sensação de estar sendo observada. Era uma intuição correta, embora seu observador fosse bem diferente de tudo que ela pudesse imaginar. Olhando na direção do bosque ao longo da estrada, ela ficou atônita ao ver o rosto enorme de uma criatura de cor escura, aspecto sujo e desgrenhado, com grandes dentes brancos, bem retos, e largas narinas, semelhantes às de um macaco. Como era de se esperar, a mulher gritou horrorizada, pulou para dentro do carro, e partiu em desespero. Olhou para trás pelo espelho retrovisor apenas uma vez, e foi quando viu que a criatura, de pé, e já na estrada, tinha uma altura que ela estimava em cerca de três metros. “Era simplesmente gigantesco”, lembrou. “Uma coisa grande, parecida com um macaco. Sem dúvida alguma, era um Pé-grande”, concluiu.

Ainda que na opinião da senhora Baxter a experiência tenha sido aterrorizante, o encontro por ela descrito não tinha nada de extraordinário para os habitantes do estado de Washington. Pois durante todo este século, e mesmo antes, foram registrados numerosos relatos a respeito de uma criatura que parece ser o mais esquivo primata do mundo, o Pé-grande ou *Sasquatch*, um homem-fera que muitos estudiosos acreditam habitar as densas florestas da costa noroeste do Pacífico. Essas gigantes cascas peludas, mais altas do que um homem, e pesando bem mais de 180 kg, podem ser, a exemplo do Abominável Homem das Neves do Himalaia, uma reversão aos tempos pré-históricos. Ou podem ser algo bem diferente também. Assombrações talvez, ou, quem sabe, seres alienígenas. Os antropólogos conservadores tendem a considerar tais aparições como produtos do folclore urbano, mas sua ocorrência regular em épocas modernas e diferentes locais, espalhados por mais de uma dúzia de estados ao norte dos Estados Unidos e no Canadá, torna difícil descartar a hipótese de que essas ancestrais criaturas tenham sobrevivido nas remotas regiões de florestas que constituem seu hábitat.

Evidências muito fortes podem ser obtidas nas numerosas pegadas que foram descobertas, fotografadas e copiadas em moldes de gesso durante o século passado. Embora muitos vestígios do Pé-grande tenham sido realmente produzidos por impostores, não se pode, de forma generalizadora, encarar como falsas todas as estranhas pistas encontradas. Isso por um motivo simples: até agora já foram identificadas as marcas de mais de três mil pegadas, localizadas algumas vezes a quilômetros de distância umas das outras, nos cantos mais remotos. Que alguém fosse consumir seu tempo no trabalho exaustivo de criar esse tipo de fraude, é algo que não se pode acreditar.

Durante as duas últimas décadas, as pegadas do Pé-grande foram cuidadosamente examinadas em várias das mais famosas universidades públicas norte-americanas, bem como em laboratórios do Canadá. Foi constatado que a pegada típica de um adulto apresenta geralmente quarenta centímetros de comprimento por 15 de largura, e não possui uma curvatura saliente. Ao mesmo tempo, a protuberância dupla verificada em todos os casos indica uma adaptação evolucionária destinada a suportar um peso considerável. A profundidade das impressões sugere um animal bípede com peso superior a 140 kg, e algumas vezes ainda maior. Como as marcas não demonstram a existência de garras, fica eliminada a

possibilidade de que as impressões tenham sido feitas por ursos, enquanto outros detalhes anatômicos (como evidências de sulcos dérmicos nas solas dos pés, juntamente com sinais de desgaste e marcas de poros), que dificilmente poderiam ser reproduzidos de modo artificial, vêm diminuir ainda mais a possibilidade de fraude.

Durante várias décadas, encontros com Pés-grandes, como o narrado pela senhora Baxter, foram tratados com descrédito e ironia pela maioria dos zoólogos americanos, apesar da evidência fornecida pelos rastros. O desprezo dos cétricos, no entanto, foi, de certa forma, perturbado quando, em 1967, um caçador chamado Roger Patterson conseguiu fazer um filme curto, porém aparentemente conclusivo, no qual uma fêmea Pé-grande adulta aparece passeando tranqüila às margens de um riacho em Bluff Creek, norte da Califórnia. A existência de alguns troncos de árvores caídos no cenário da filmagem facilitou uma estimativa bastante precisa da altura da criatura e de suas dimensões físicas em geral. Uma análise detalhada do filme, feita por especialistas nos departamentos de biofísica de várias universidades em Londres, Nova York e Moscou, veio indicar que a criatura mostrada no filme tinha cerca de dois metros de altura, ombros e quadris bem mais largos do que o padrão humano, e apresentava uma passada superior a um metro — longa demais para se tratar de uma passada humana. Não seria impossível que a figura no filme fosse na verdade um homem alto, de constituição pesada, usando enchimentos e vestindo uma fantasia, mas os especialistas consideraram que, para um impostor, seria extremamente difícil imitar os passos largos e os movimentos livres dos braços vistos na filmagem, estando tão sobrecarregado. Na verdade, de acordo com três importantes cientistas russos, a criatura apresentava “movimentos naturais, sem as inibições que se poderia observar em uma imitação”. Alguns traços particulares da sua aparência — a face achatada, a testa retraída, o sulco supra-orbitário proeminente, a ausência de pescoço e as pernas ligeiramente arcadas ao caminhar — indicavam que o parente mais próximo do Pé-grande norte-americano seria o *Pithecanthropus erectus*, uma criatura parecida com o macaco, considerada extinta há milhares de anos.

Seja lá o que for, a imagem capturada pelo filme de Bluff Creek nada tem a ver com um urso. Essa é uma observação importante, uma vez que pode enfraquecer a objeção mais freqüentemente levantada pelos cétricos, segundo a qual, as testemunhas de aparições de Pés-grandes estariam de fato confundindo uma das espécies naturais mais comuns da América do Norte — o urso pardo. Na verdade, tal explicação para as aparições regulares dos Pés-grandes não passa de um insulto à inteligência e à capacidade de visão da maioria dos americanos que as testemunharam.

À medida que o século XX se aproxima do seu final, aqueles que acreditam na existência do homem selvagem nativo das florestas norte-americanas apontam as evidências que se acumulam, proporcionadas por um número cada vez maior de aparições em estados tão distantes quanto a Flórida, o Tennessee, o Alabama, a Carolina do Norte, Washington, Iowa, e nas amplas extensões de terras da região noroeste, onde a lenda do *Sasquatch* se originou entre os indígenas. Já os cétricos afirmam (com certa razão) que, uma vez que nem ossos nem corpos foram encontrados, as evidências permanecem muito frágeis.

Sem dúvida, o mistério ainda precisa ser esclarecido, mas baseando-me no fato de que os relatos de encontros com Pés-grandes atingem atualmente a casa dos milhares, e um número elevado de pegadas estranhas foi verificado, estou inclinado a acreditar que um primata bípede gigante realmente habita as florestas da costa noroeste do Pacífico.

1971

Os rostos de Belmez

Em uma famosa entrevista dada à revista *Scientific American* em 1920, o inventor Thomas Alva Edison apresentou um argumento lógico para que pudesse acreditar no contato com os mortos:

Se a nossa personalidade sobrevive, é absolutamente lógico e científico considerar que ela retém memória, inteligência, conhecimento, e outras habilidades... assim sendo, se a nossa personalidade continua a existir após o que chamamos morte, é razoável concluir que aqueles que deixam esse mundo, e sobrevivem, gostariam de comunicar tal fato àqueles que ficaram aqui.

Um dos maiores gênios científicos da época moderna, Thomas Edison jamais realizou sua ambição de criar um equipamento suficientemente sofisticado para captar as vibrações dos domínios espirituais, porém ele estava certo ao considerar que os mortos desejam mostrar que permaneceram vivos. Durante todo o século, os mortos escolheram várias maneiras de fazê-lo, na maior parte das vezes em nível mental, através da mediunidade e de incursões dos espíritos, mas também, em outras oportunidades, marcando diretamente sua presença no mundo físico. Os exemplos desse último caso estão entre os mais impressionantes.

Em uma manhã quente e ensolarada de agosto de 1971, a senhora Maria Gomez Pereira residente em Belmez de la Morelada, um vilarejo perto de Córdoba, no sul da Espanha, descobriu ao acordar que a estranha imagem de um rosto humano surgira durante a noite sobre os ladrilhos do piso de sua cozinha. Embora a visão daquele rosto não a deixasse assustada, a senhora Pereira ficou apavorada quando um grande número de visitantes veio observar a aparição. Foi então que decidiu livrar-se dela. Após uma tentativa fracassada de eliminar a figura usando escova e detergente, a senhora pediu ao filho Miguel que quebrasse todo o chão da cozinha com uma picareta e fizesse um piso novo. A obra foi logo executada, mas a vida dos Pereira mal tinha voltado ao normal quando outras faces, ainda mais nítidas, começaram a aparecer espontaneamente no cimento fresco. Entre elas, a de um homem de meia-idade, cuja identidade foi reconhecida pelos moradores mais antigos de Belmez como sendo a de um habitante do vilarejo, falecido há muitos anos. Os moradores antigos tinham certeza de que o corpo fora enterrado em um cemitério abandonado sobre o qual erguia-se então a casa da senhora Pereira.

Inevitavelmente, o fenômeno ocorrido em Belmez atraiu o interesse da comunidade científica especializada em ocorrências paranormais. Um dos especialistas, German de Argumosa, analisou o concreto e confirmou a ausência de qualquer pigmento ou corante conhecido, e concluiu que só era possível uma explicação através da paranormalidade. Em novembro de 1971 as imagens foram cuidadosamente recortadas do piso e colocadas atrás de um painel de vidro. Após sua remoção, o piso foi cavado e, vários metros abaixo, foram encontrados alguns ossos humanos, o que reforçou a possibilidade de que a casa fora realmente construída na área de um cemitério. Além disso, antigas fotografias pareciam dar crédito à opinião da população de que eram os rostos dos enterrados que

estavam impressos na cozinha da família Pereira. A partir daquela época ninguém mais em Belmez duvidou da existência do Além.

Quando imagens humanas anormais manifestam-se repentinamente em locais inesperados, não chega a surpreender o fato de que elas sejam consideradas milagres, ou evidências da sobrevivência do espírito. Em 1897, no País de Gales, morreu John Vaughan, deão da catedral de Llandaff. Duas semanas depois que o seu corpo descansou, uma mancha úmida que havia na parede do lado oeste da catedral, onde o funeral fora realizado, transformou-se em um desenho muito semelhante ao rosto do clérigo morto, com as iniciais “J.V.” nitidamente inscritas embaixo.

Segundo registros da época, o estranho acontecimento de Gales ficou aparente apenas por alguns dias, porém um fenômeno mais duradouro ocorreu na catedral de Christchurch, em Oxford, Inglaterra, duas décadas mais tarde. No verão de 1923 a figura bem delineada de um conhecido religioso, o deão Henry Liddell, tornou-se visível no gesso branco da parede, bem próximo da placa que fora afixada em sua memória, por ocasião de sua morte, em 1898. De acordo com um homem que conheceu o deão, a imagem apresentava uma “semelhança profunda e inquestionável, como se tivesse sido desenhada pelas mãos de um grande artista”. Por volta de 1926, um pesquisador parece ter descoberto outros rostos próximos daquele, e foi informado de que, no século anterior, outras figuras humanas surgiram em diferentes pontos do edifício. Por que motivo a catedral de Christchurch foi especialmente abençoada com o dom de criar tais imagens estampadas é algo que não está esclarecido. No entanto, alguns parentes do sacerdote associam a aparição com uma cerimônia de casamento que havia sido realizada recentemente na catedral, pondo fim a uma longa rixa existente no clã dos Liddell.

Seja o que for que causou o fenômeno de Oxford, a ocorrência foi mais duradoura que o caso da imagem do deão de Gales. Em 1931, o rosto de deão Liddell ainda estava “maravilhosamente nítido”, segundo a senhora Hewat McKenzie, presidente da British Society for Psychical Research (Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas). No ano seguinte, quando um novo altar foi erguido, encobrindo completamente a parede, a imagem ainda estava lá. Se permanece até hoje, ninguém sabe.

1972

Os aeronautas que se recusavam a morrer

Quando uma única pessoa alega ter visto um espírito, é possível que esteja sofrendo de alucinações. Quando o mesmo espírito é visto por várias testemunhas, essa possibilidade fica bem reduzida. Quando as testemunhas são contadas às dezenas, não se pode mais falar de alucinação.

Na noite de 29 de dezembro de 1972, o jato Tristar L-1011 da Eastern Airlines, que seguia para Miami, precipitou-se sobre os pântanos da Flórida, provocando a morte de 101 passageiros e de toda a tripulação. Duas semanas antes, uma aeromoça que servia regularmente na rota Nova York-Miami contara aos colegas que, no mês anterior, durante um período de licença, acordara subitamente uma noite com uma espécie de visão: um jato L-1011 sobrevoava os pântanos de Everglades em direção a Miami, quando se espatifou nas águas escuras. Durante a visão, que durou apenas alguns segundos, ela pôde ouvir claramente os gritos dos feridos e dos passageiros que se afogavam.

Naturalmente, a aeromoça ficou muito nervosa, e concluiu que, em breve, teria naquela rota o seu último vôo. Ao contar o pesadelo aos colegas, estava realmente convencida de que o terrível acidente ocorreria próximo a Nova York, dali a um mês.

Embora as pessoas que trabalham como tripulantes de aviões acabem se habituando aos riscos diários dos vôos, no fundo de suas mentes permanece um sentimento vago: o medo de que algum dia alguma coisa possa dar errado. Cientes disso, os companheiros atribuíram a reação da moça muito mais a um desgaste nervoso do que a uma premonição. Conversando com ela, argumentaram que embora muitos sonhos se tornem realidade, nem sempre isso ocorre. Assim, a vidente, cuja identidade jamais foi revelada pela American Society for Psychical Research (Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas), retornou à rotina normal de trabalho, esperando ansiosa que nada acontecesse. Várias viagens foram realizadas sem qualquer incidente até o dia 29 de dezembro quando, ao ser escalada para o vôo 401, a aeromoça percebeu que a sensação de fatalidade retornara. Porém, para seu alívio, ocorreu uma alteração de última hora na equipe daquele vôo, e ela foi dispensada do serviço. Dessa maneira, quando o avião caiu ao se aproximar de Miami, a pessoa que havia prenunciado o acidente não estava entre as vítimas.

Fosse esse o único mistério envolvendo o jato americano, já teríamos motivos suficientes para incluir o caso em nosso livro. No entanto, uma série de acontecimentos ainda mais extraordinários veio a ocorrer depois. Durante a primavera de 1973, estranhas histórias começaram a circular entre os tripulantes da Eastern Airlines. Segundo tais histórias, figuras espectrais, usando o uniforme dos funcionários de bordo, materializavam-se no interior das aeronaves que faziam a mesma rota do fatídico L-1011. Os diretores da empresa, temendo uma publicidade negativa, recomendaram às equipes de vôo que mantivessem silêncio com relação às aparições, mas os boatos continuaram se espalhando.

Finalmente, a imprensa foi acionada, e os administradores da Eastern Airlines viram-se obrigados a encarar o fenômeno com seriedade. Começaram então a entrevistar os funcionários que haviam testemunhado as ocorrências. As aparições foram descritas como formas sólidas e tridimensionais, com aspecto de figuras vivas, mas que permaneciam caladas, impassivelmente sentadas na cadeira do piloto.

Em todas as aparições os espectros foram identificados como sendo o capitão Robert Loft, e o engenheiro de vôo Don Repo, dois homens que perderam a vida no vôo 401. A identificação foi confirmada até mesmo por passageiros que compararam suas visões com fotografias fornecidas pela empresa aérea. Nada era capaz de convencer essas testemunhas de que haviam sido vítimas de alucinações. Indiferentes àqueles que as chamavam de mentirosos, as pessoas pareciam convictas de que os espíritos estavam realmente presentes no avião.

No entanto, era compreensível que a atitude dos que não viram nada fosse diferente. Se já é difícil acreditar em histórias de fantasmas assombrando castelos antigos e cemitérios abandonados, aceitar que espíritos pudessem aparecer a uma altitude de oito quilômetros, no conforto do ar-condicionado de uma cabina de avião a jato era praticamente impossível. Mas uma das pessoas que realmente acreditou no ocorrido foi o jornalista e escritor John G. Fuller, cuja investigação do fenômeno foi transformada posteriormente em livro, o *best-seller The ghosts of flight 401 (Os fantasmas do vôo 401)*. Embora perfeitamente ciente de que as histórias do folclore urbano acabam sendo vistas como fatos reais, Fuller ficou intrigado com a consistência dos depoimentos sobre as aparições dos espíritos. Esses depoimentos faziam sempre referência à companhia Eastern Airlines ou a um dos jatos L-1011 tão usados por essa empresa. Pesquisando as ocorrências mais profundamente, Fuller descobriu um detalhe que havia escapado aos outros investigadores: as aparições não aconteciam apenas nos aviões que operavam na mesma rota do jato acidentado; elas se manifestavam com mais frequência naquelas aeronaves Tristar que foram equipadas com peças recuperadas do desastre com o vôo 401. O escritor concluiu então que não haviam sido transferidas apenas as peças do avião, mas também componentes de energia psíquica — a força vital de dois seres humanos.

Com a ajuda de três pilotos da Eastern Airlines que também eram espiritualistas e dotados de poderes mediúnicos, bem como de um técnico do departamento de aviação que conhecera tanto Repo quanto Loft em vida, Fuller organizou uma sessão espírita destinada a manter contato com os dois mortos. No seu livro, o autor explica como esse encontro foi importante para que os aeronautas, ambos ateus, entendessem a situação em que se encontravam, e pudessem finalmente viajar em direção a planos mais elevados de existência, aquelas outras vidas que os espiritualistas acreditam destinadas aos homens após a morte física. Segundo Fuller, ao compreenderem que havia um lugar melhor aguardando por eles, os fantasmas de Loft e Repo não subiram mais a bordo dos aviões Tristar.

A Eastern Airlines, por seu turno, ordenou a remoção e destruição de rádios, ventiladores, assentos, painéis e outros equipamentos que haviam sido recuperados da aeronave acidentada. De acordo com os registros da companhia, depois que o último componente reaproveitado foi retirado da frota de jatos Tristar, não se soube de mais qualquer aparição.

1973

A aldeia amaldiçoada

Como pudemos verificar quando nos referimos ao ano de 1919, o sentimento concentrado de ódio, aliado à realização de rituais mágicos, já funcionou muitas vezes como uma arma psíquica letal. Enquanto alguns poucos médicos afirmam acreditar no poder de esconjuros ou maldições, muitos psicólogos admitem que o próprio medo de ser atingido por uma praga pode provocar uma deterioração física capaz de levar à morte. A possibilidade de que uma pessoa morra de medo, literalmente falando, é bem maior naquelas sociedades nas quais a crença em maldições é generalizada. Quem habita os confins da Austrália, as regiões do Haiti onde se pratica o vodu, ou vive em comunidades errantes de ciganos pela Europa e Ásia está muito mais propenso a sofrer o efeito maligno de uma maldição do que, por exemplo, um ocidental típico, que encara o assunto com desprezo. Essa teoria psicológica bastante simples convenceu muitas pessoas nas sociedades ocidentais de que o poder dos esconjuros é um mito. Mas será que a explicação se aplica a todos os casos?

A existência de moléstias psicossomáticas já foi comprovada, e qualquer um que tenha estudado os poderes especiais de determinados indivíduos não duvida de que a mente humana é capaz de controlar de forma significativa os processos físicos. Mas essa tese é insuficiente como explicação abrangente para a aparente eficácia das maldições. Algumas pessoas amaldiçoadas não acreditam no sobrenatural e, mesmo assim, morrem. Outras acabam vitimadas, ainda que não tivessem consciência da praga que lhes foi rogada. Mas o problema mais sério com a teoria psicológica é, sem dúvida, o fato de que nem todas as maldições matam suas vítimas através de doenças. Quando vidas são eliminadas por meios violentos ou acidentes, a hipótese do ‘medo da morte’ não pode servir como explicação.

Dois exemplos extraordinários desse tipo de maldição ocorreram durante ataques de profundo rancor experimentados por dois praticantes de magia negra deste século. O mais famoso bruxo inglês foi Aleister Crowley, chamado de ‘Fera Terrível’, que afirmava ter vendido sua alma ao diabo aos 14 anos de idade. Considerado nos jornais populares dos anos vinte e trinta como o homem mais cruel do mundo, Crowley na verdade não passava de uma figura ridícula, cujos pretensos excessos eram fantásticos demais para serem levados a sério. Mas, independentemente disso, Aleister Crowley realmente possuía alguns poderes autênticos, tendo amaldiçoado várias pessoas com aparente sucesso. Uma de suas vítimas foi um médico clínico, o doutor William Brown Thompson, que enfureceu o velho bruxo quando se recusou a prescrever a morfina de que ele necessitava para alimentar o vício. Em represália, Crowley lançou sobre o médico uma maldição, prometendo levá-lo consigo no dia em que morresse. E assim foi: quando Aleister Crowley desceu ao inferno no primeiro dia do mês de dezembro de 1947, o doutor Thompson sofreu um ferimento fatal na cabeça.

Outro adepto do satanismo que possuía o dom da profecia foi o norte-americano Anton Le Vay. Assessor técnico do filme *O bebê de Rosemary*, Le Vay fundou, em meados da década de 1960, uma estranha seita religiosa para o culto do anticristo. Logo que a seita foi instituída, a atriz Jayne Mansfield interessou-se em participar. No início, Le Vay ficou radiante com a propaganda que ela iria lhe proporcionar, mas logo as coisas começaram a funcionar mal. Segundo se conta, depois de uma violenta discussão, Le Vay pegou uma fotografia da discípula e a amaldiçoou, desenhando uma linha vermelha ao

redor do seu pescoço. Quinze dias depois, a atriz faleceu em um acidente de carro em Los Angeles. Quando o corpo foi retirado do automóvel, constatou-se que ela fora decapitada.

As imprecizações geralmente envolvem uma relação entre apenas duas pessoas: quem lança a maldição e quem é amaldiçoado. Porém, a mais estranha história desse tipo ocorrida nos últimos anos envolveu uma comunidade inteira e o rancor de toda uma nação. A maldição que caiu sobre a aldeia de pescadores de Fosdyke, em Lincolnshire, durante o período de um ano (de 1973 a 1974), foi responsável pela morte de 15 pessoas, e parece ter sido ativada por uma forma de ódio coletivo dirigido a todos os habitantes do local, e não apenas a determinados indivíduos.

Um filme sobre a vida da pequena comunidade, transmitido pela televisão inglesa em 1973, desencadeou todo o processo. Nesse filme, um documentário sobre a pesca de focas, foram apresentadas entrevistas com moradores do vilarejo, intercaladas com cenas bastante desagradáveis que mostravam os animais sendo golpeados até a morte. Em uma dessas entrevistas, Len Linehan, um dos habitantes da aldeia, descreveu em detalhes como ele, juntamente com outros pescadores, abatera cerca de trezentos filhotes de foca no ano anterior. Como o povo inglês tem grande amor pelos animais; era de se esperar que a apresentação do programa fosse seguida de uma enxurrada de protestos. Enquanto milhares de cartas foram enviadas à emissora de televisão, algumas dúzias chegaram às mãos de membros da comunidade de pescadores. Entre essas, várias continham ameaças de morte e pragas. O ódio provocado pelo documentário chegou em um nível tal, que os moradores de Lincolnshire passaram a ter a sensação de que eram nacionalmente amaldiçoados. Para Len Linehan, de 64 anos, a pressão tornou-se insuportável. Nove dias após a transmissão televisiva, ele se matou com um tiro na cabeça.

Se os moradores do vilarejo acreditavam que a maldição cessaria com a morte de Linehan, estavam profundamente enganados. Seu suicídio foi na verdade o início de uma série de eventos macabros que ocorreram no local. Três semanas depois que Linehan acabou com a própria vida, seu neto foi morto em um acidente rodoviário e, no dia seguinte, o sobrinho morreu sufocado. Outras mortes ocorreram na comunidade nos dois meses seguintes. Outros dois homens faleceram em acidentes de estrada, e mais sete por causas supostamente naturais. A mais misteriosa ocorrência foi o afogamento de Colin Runnals, um pescador de focas cujo corpo foi encontrado emborcado em um dique bem raso. Todos sabiam que Runnals era um excelente nadador.

Quando um clima de histeria começou a dominar a aldeia, recorreu-se ao auxílio religioso para acabar com a maldição. O reverendo Canon Henry Cooper, que era então capelão do arcebispo de Canterbury, fez uma visita a Fosdyke, e procurou acalmar a população, garantindo que as forças do mal não seriam capazes de prevalecer sobre o poder superior de Deus. Ainda assim, outras mortes continuaram a perseguir os indefesos pescadores de focas, até que a maldição chegou ao fim, precisamente um ano e um dia depois do programa transmitido pela televisão. Os habitantes de Fosdyke podem atualmente dormir tranquilos. Mas, no vilarejo, nenhuma pessoa que viveu aquela época será capaz de esquecer os terríveis 366 dias durante os quais os pescadores de Fosdyke foram o foco do ódio de toda uma nação.

1974

Profecia pela televisão e outros casos de vidência

Para a senhora Lesley Brennan, uma dona-de-casa inglesa de Grimsby, Linconshire, o dia primeiro de junho de 1974, um sábado, começou como outro qualquer. Ao voltar das compras pela manhã, ela preparou um almoço rápido, e instalou-se diante da televisão a fim de assistir ao seu programa esportivo favorito. Mas, em vez da programação normal, a tela mostrava as cenas terríveis de uma tragédia, enquanto a voz do repórter narrava com detalhes a explosão de uma indústria química em Flixborough naquela manhã, um acidente que provocara morte e ferimentos em dezenas de trabalhadores. Como a cidade de Flixborough situava-se a apenas uns trinta quilômetros dali, era natural que a senhora Brennan mencionasse o acidente a dois amigos, Janice e Peter East, que a visitaram no início da tarde. Nenhum dos dois escutara o noticiário e, naturalmente, ficaram consternados.

Os amigos da senhora Brennan resolveram ficar para o chá, e os três assistiram juntos ao primeiro jornal da noite, que apresentava novamente as cenas impressionantes da tragédia: 24 pessoas haviam morrido e mais de uma centena de construções nas vizinhanças da fábrica foram danificadas. Tudo isso a senhora Brennan e os East sabiam que iriam ouvir. Mas, para sua surpresa, o apresentador do jornal informou que o acidente ocorrera no final da tarde, várias horas depois que Janice e Peter ficaram sabendo dos fatos pela senhora Brennan. Um telefonema para a emissora confirmou que as explosões na fábrica haviam começado às 16h50min, e nenhum noticiário especial fora ao ar no meio do dia.

O tipo de profecia feito pela senhora Brennan — através da televisão — é extremamente incomum, pois geralmente esse dom se manifesta em sonhos e visões. Mas sua importância, do ponto de vista dos estudiosos, reside no fato de que a previsão foi comunicada a outras pessoas antes que a tragédia realmente ocorresse, o que elimina a possibilidade de que a senhora Brennan fosse apenas mais um profeta do dia seguinte.

Sem dúvida alguma, certas premonições são apenas histórias imaginadas por pessoas que anseiam serem reconhecidas publicamente como portadoras de dotes psíquicos especiais. Isso não significa, porém, que a maioria dos casos de premonição seja pura farsa. Uma grande parte dos chamados profetas é formada realmente por observadores involuntários de acontecimentos que estão além do seu entendimento e controle; pessoas que não apenas antevêm os fatos, mas também compartilham a dor, a angústia e o sofrimento das próprias vítimas das tragédias. Tais premonições de desastres, ocorram elas em sonhos ou durante estados de vigília, são visões muito rápidas que acontecem sem qualquer sinal prévio ou razão aparente.

Para os indivíduos que não têm qualquer ligação cora a ocorrência real, as visões quase sempre são um transtorno. O receio de cair no ridículo é muito comum entre os videntes, exatamente como ocorre com muitas pessoas que vêem fantasmas ou óvnis mas preferem conservar silêncio a fim de não serem consideradas loucas. Assim, muitos indivíduos que têm premonições preferem manter para si suas experiências, ou as revelam apenas àqueles em que confiam plenamente.

E claro que existem exceções à regra. Em 1979, David Booth, de Cincinnati, sonhou durante sete noites consecutivas que um avião DC-10 caíra em um aeroporto dos Estados Unidos. Booth levou tão a

sério sua visão, que não parou de perturbar as companhias aéreas até encontrar quem lhe desse atenção. Foi atendido por Paul Williams, funcionário do Departamento de Aviação. Inicialmente muito cauteloso, Williams ficou impressionado com a precisão de detalhes das imagens mentais de Booth, e convenceu-se de sua integridade. No entanto, como nem Williams nem seus superiores podiam adotar qualquer providência prática para evitar o que fora previsto — a não ser impedir que todos os DC-10 voassem — a única coisa que puderam fazer foi rezar para que nada acontecesse.

Booth despediu-se contrariado, e continuou com seus pesadelos. Três dias depois, a visão tornou-se realidade quando um jato da Pan-Am caiu em chamas no aeroporto de Chicago. Foram 270 óbitos, o maior índice da história da aviação norte-americana. Ao ver as fotografias do avião acidentado, David Booth teve certeza de que se tratava do avião que aparecia nas suas visões. Ficou terrivelmente chocado, mas sua provação acabou, e ele nunca mais teve aquele sonho.

Embora a maioria dos vaticinadores tenha vivido a experiência apenas uma vez, alguns são tão prolíficos que fazem das profecias um meio de vida. E o caso do cabeleireiro Joseph Delouise. Até o dia em que começou a explorar seu dom de prever o futuro, Delouise era um cidadão comum. Mas durante a década de 1960, ele demonstrou, em várias ocasiões, que sua mente era uma espécie de antena capaz de prever futuras tragédias de forma certa. No dia 25 de novembro de 1967, Delouise apareceu na televisão descrevendo um sonho no qual previa a destruição de uma ponte. Três semanas depois, no dia 16 de dezembro, a Silver Bridge, uma ponte sobre o rio Ohio, em Point Pleasant, no estado da Virgínia Ocidental, desmoronou em função de problemas estruturais que até então não tinham sido detectados. Sessenta e quatro pessoas morreram. Menos de dois meses depois, em 8 de janeiro de 1968, Delouise previu que durante a primavera iriam ocorrer sérios tumultos em Chicago, sua cidade natal. No dia 7 de abril, o governador de Illinois foi obrigado a enviar tropas federais para controlar os distúrbios de rua na capital do estado. No dia 15 de dezembro do mesmo ano, Delouise antecipou que um importante político iria se envolver em um acidente grave, que resultaria na morte por afogamento de uma mulher. No dia 18 de julho de 1969 Mary-Jo Kopechne morreu quando o carro do senador Edward Kennedy caiu de uma ponte em Chappaquiddick.

Mas a profecia mais surpreendente de Joseph Delouise foi feita em 21 de maio de 1969 diante da câmeras de televisão. Nessa ocasião o vidente garantiu que, antes do final do ano, um acidente aeronáutico iria matar 79 pessoas, sendo que o número 330 iria, de alguma maneira, estar envolvido. Às 15h30min (3.30 da tarde) de 9 de setembro um DC-9 da Allegheny Airlines chocou-se com um avião particular perto de Indianápolis. Setenta e oito pessoas que estavam a bordo do jato, entre passageiros e tripulação, foram mortas instantaneamente, e a morte do piloto da outra aeronave elevou o saldo da tragédia a 79 vítimas fatais, exatamente como Delouise havia previsto quatro meses antes.

O diretor, Dick Donner, ficou seriamente ferido em um acidente automobilístico ocorrido no local das filmagens, enquanto o diretor de efeitos especiais, John Richardson, feriu-se em outro acidente automobilístico no qual um passageiro morreu. No acidente de maior gravidade, dois *doublés* se machucaram e um tratador morreu, atacado por um leão enfurecido, durante filmagens realizadas em um parque de animais selvagens. Quando o filme foi finalizado, a maior parte do elenco e da equipe técnica declarava-se convicta de que suas desventuras podiam ser atribuídas ao próprio tema da história. John Richardson, que havia escapado do desastre de automóvel, estava particularmente convencido disso, uma vez que seu acidente ocorrera próximo a uma pequena cidade alemã chamada Ommen.

Como devemos considerar esses fatos? Evidências de que há uma força oculta conduzindo os acontecimentos diários da nossa vida? Azar, simplesmente? Deixo que o leitor tire suas próprias conclusões.

1976

Pterodáctilos sobrevoam o Texas

Estima-se que os últimos dinossauros tenham sido extintos há 65 milhões de anos; no entanto, de tempos em tempos, em algum canto remoto do globo, surge uma história que faz pensar na possibilidade de que alguns deles tenham sobrevivido. Um grande número de ocorrências envolve monstros lacustres ou répteis marinhos. O monstro do lago Ness, Ogoopogo, e o famoso Issie do Japão são muito parecidos com o plesiossauro, um animal marinho de pescoço longo, desaparecido há setenta milhões de anos, enquanto Champ, a criatura que assombra o lago Champlain, entre o Canadá e os Estados Unidos, vem sendo ‘identificado’ pelos pesquisadores como um *zooglodon*, uma espécie primitiva de baleia, com o aspecto de cobra, que se acreditava estar extinta simplesmente há vinte milhões de anos. Uma vez que todas essas criaturas têm aparecido com frequência ao longo do século para milhares de testemunhas, somente com uma atitude de extremo ceticismo poderíamos descartar de todo a possibilidade da sobrevivência dos dinossauros.

A aparição de espécimens não marinhos é bem menos comum, e a sobrevivência de tais criaturas é uma possibilidade no mínimo forçada. Mokole Mbenibe, um tipo de brontossauro que algumas pessoas garantem habitar os pântanos de Likouala, na República do Congo, é um dos lendários dinossauros da África Central cuja existência real ainda não foi comprovada. Caçado pelo capitão Freiherr von Stein du Lausnitz, que comandou uma expedição ao distrito de Likouala, em 1913, e, décadas depois, também por uma equipe americana liderada por Joy Mackal e James Powell, o Mokole Mbembe manteve-se esquivo, embora seja necessário considerar que a área do seu hábitat natural apresenta uma selva tão densa que a existência de qualquer criatura pouco conhecida ali só pode ser mesmo uma incógnita.

A idéia mais controvertida de todas é a de que répteis voadores da família dos pterodáctilos podem estar atualmente vivos na América do Norte. Trata-se de uma teoria à primeira vista tão ridícula, que chegamos a pensar que jamais poderia ser proposta por uma pessoa mentalmente sã. No entanto, os relatos de aparecimento dessas criaturas são numerosos, e os depoimentos das testemunhas tão impressionantes que, mais uma vez, a realidade parece caminhar além do impossível.

Nos primeiros meses de 1976, algo estranho e aterrorizante invadiu o vale do Rio Grande. O primeiro a constatar a existência de algum problema foi o fazendeiro Joe Suarez, que encontrou algumas cabras mortas no curral de sua casa em Raymondville. Não havia pegadas ao redor dos corpos destroçados dos animais, e a polícia não soube explicar como elas haviam sido mortas. As pistas obtidas não faziam sentido. Na noite do ataque, o próprio Joe fora acordado pelo estranho ruído de asas que batiam sobre sua casa. O que quer que fosse, segundo o fazendeiro, se tratava de algo com dimensões superiores a qualquer pássaro da região. Pela descrição que Joe Suarez forneceu à polícia, a criatura tinha mesmo proporções gigantescas. Os policiais, compreensivelmente, consideraram o caso das cabras mortas misterioso demais, e procuraram tranqüilizar o fazendeiro afirmando que o monstro que atacara os animais certamente não apareceria de novo. Mas ele apareceu, e com espírito de vingança. Vários dias depois, em 14 de janeiro, Armando Grimaldo fumava um cigarro, sentado no quintal da casa de sua sogra, quando uma criatura que parecia ‘saída do inferno’ veio descendo sobre ele. Com asas de cerca de três metros, coberto de penas marrons bem escuras, dentes pontudos, bico comprido e enormes olhos

vermelhos, a criatura voadora tentou agarrar Grimaldo e arrastá-lo para os ares. Quando as pessoas que estavam no interior da casa ouviram seus gritos, saíram rapidamente e ainda puderam ver o animal escapar voando. Gravemente ferido e em estado de choque, o rapaz foi levado para o Wallacey County Hospital. Como tantas outras pessoas que se vêem face a face com o inexplicável, Armando Grimaldo e sua família tornaram-se alvo das zombarias e hostilidades da maior parte dos texanos que não acreditavam em toda aquela história. Mas as semanas foram passando, e outras aparições ocorreram. No dia 31 de janeiro, perto de Brownsville, alguma coisa muito grande chocou-se contra o *trailer de* Alverico Guajardo. Quando saiu do veículo para verificar o que havia acontecido, Guajardo deparou-se com algo que mais tarde descreveu como sendo “de outro planeta”. Uma criatura de bico comprido e asas parecidas com as de um morcego pulou em sua direção emitindo um grunhido terrível. Guajardo voltou correndo para o *trailer* e, pela janela, viu a ave desaparecer, voando na escuridão.

O mês seguinte transcorreu tranqüilo até o dia 24, quando três professoras que se dirigiam para o trabalho, perto de San Antonio, presenciaram o vôo lento de um réptil gigantesco, cujas asas tinham de cinquenta a setenta centímetros de envergadura. Uma das professoras, Patrícia Bryant, relatando posteriormente sua experiência, contou que pôde ver o esqueleto da criatura através das asas recobertas de pele, que eram utilizadas mais para planar. Ao estudarem depois algumas ilustrações de dinossauros em uma enciclopédia, as professoras identificaram a estranha criatura como sendo o *pteranodon*, um tipo de lagarto voador extinto há 150 milhões de anos.

As três moças não foram as únicas pessoas que viram o dinossauro voador naquele dia. Outros motoristas também fizeram depoimentos nos quais afirmam que a sombra da criatura voando sobre os carros encobriu toda a estrada. Em outro local, viajantes declararam que haviam visto algo semelhante rondando uma manada de bois. Mas quando a história começou a ganhar credibilidade, o réptil alado parou de aparecer. A criatura não foi mais vista durante seis anos, até que na tarde de 14 de setembro de 1982, o motorista de ambulância James Thompson deparou-se com ela quando viajava em uma auto-estrada perto de Los Fresnos, próximo da fronteira com o México. Descrevendo o que vira aos repórteres de um jornal da região, o *Valley Morning Star*, Thompson disse que o animal não apresentava penas, mas um couro áspero e cinzento; tinha cerca de três metros de comprimento, uma protuberância na parte posterior da cabeça, e uma espécie de bolsa perto da garganta. Na entrevista, Thompson referiu-se à criatura como um tipo de pterodáctilo.

Será que histórias como essas devem ser levadas a sério? A resposta mais lógica seria uma negativa. Mas negar é uma atitude que nada explica por que tais histórias continuam aparecendo. Considerando-se todos os detalhes contidos nas descrições de James Thompson e Patrícia Bryant, não podemos admitir que as testemunhas tenham confundido dinossauros com aviões ou pássaros. Também não é fácil imaginar o motivo que as levaria a inventar tudo isso. Mas se dinossauros voadores existem realmente no continente americano, por que não são vistos com mais frequência? O aspecto mais intrigante desse mistério é o fato de que, seja qual for o lado pelo qual o abordamos, encontramos uma série de contradições.

Em 1977, após a primeira onda de aparições de pterodáctilos no Texas, a International Society of Criptozoology, uma organização que investiga relatos de aparições de animais desconhecidos ou extintos, manifestou oficialmente a opinião de que aquelas criaturas realmente sobreviveram, abrigadas nas grandes altitudes da Sierra Madre mexicana, uma das regiões menos exploradas do continente. Não há dúvida de que criaturas enormes do tipo do lagarto voador já existiram no estado do Texas. Em 1972 os restos do esqueleto de um pterodáctilo com asas de um metro e meio de envergadura foi retirado de uma rocha do Parque Nacional de Big Bend. Apesar desse fato comprovado, é difícil acreditar que os animais

tenham sobrevivido até os dias de hoje praticamente despercebidos, descontando-se umas duas dúzias de testemunhas identificadas nos últimos vinte anos.

Sem dúvida alguma, trata-se de um enigma, ainda que os céticos o ignorem solenemente. Estou convencido de que o mistério persistirá até o dia em que um lagarto voador for abatido ou capturado.

1977

0 misterioso Morgawr

Tratando-se de pessoas que vivem em uma ilha, é natural que os britânicos relatem tantas aparições de monstros marinhos. O pesquisador Bernard Heuvelmans, que reuniu detalhes referentes a aparições de serpentes marinhas em artigos de jornais e revistas do inundo inteiro, descobriu que dois terços dos relatos anteriores a 1900 são de fontes britânicas. Durante o século XX, os encontros continuaram ocorrendo nas águas que costeiam as ilhas. Mas ainda que cada região tenha muitas histórias para contar, a parte sudoeste da península da Inglaterra é de longe o trecho de litoral que acumula o maior número de casos — quase todos ocorridos no seu ponto mais extremo, o condado da Cornualha. Durante várias décadas as histórias foram atribuídas à prodigiosa imaginação do povo, com seus mitos e lendas sempre muito pitorescos. Porém, nas duas últimas décadas, o aparecimento persistente de uma criatura em particular, conhecida como Morgawr (nome derivado do dialeto local, e que significa ‘gigante do mar’), fez com que alguns pesquisadores encarassem seriamente a possibilidade de que uma criatura estranha realmente habite a costa ocidental da Inglaterra.

A onda de ocorrências relacionadas com o Morgawr parece ter sido iniciada em setembro de 1975, quando duas mulheres de Falmouth, as senhoras Scott e Riley, observaram uma criatura de pescoço comprido, corcova, com chifres pontiagudos, e o dorso coberto de cerdas, que abocanhava um congro gigante em um local próximo a Pendennis Point. Mas foi apenas dois anos depois que as ocorrências tornaram-se freqüentes. Em janeiro, um dentista chamado Duncan Viner viu uma criatura de pescoço comprido, que ele estimava ter uns 1.2m de comprimento, nadando nas águas de Rosemullion Head. Na mesma tarde, uma criatura semelhante foi avistada por pescadores na foz do rio Helford. Quatro meses depois, em meados de maio, dois banqueiros de Londres que pescavam nas pedras em um local próximo de Parsons Beach também viram um animal assim a uma distância de menos de cem metros. Segundo testemunharam, a criatura esteve visível por cerca de dez segundos e olhou diretamente para eles antes de submergir. Em seguida, em junho de 1977, a visão da cabeça e do pescoço de um Morgawr aterrorizou a tripulação de um pequeno barco pesqueiro na costa rochosa de Lizard Point, no extremo sul do território britânico. Uma das testemunhas, George Vinnecombe, um pescador com mais de quarenta anos de experiência nas águas da Cornualha, e bastante familiarizado com todos os espécimes da fauna marinha da região, inclusive as baleias, declarou-se incapaz de definir que animal era aquele. O dorso da criatura, escuro e brilhante, tinha uns sete metros de comprimento e apresentava três corcovas. Como ficou visível durante algum tempo, George pôde estimar seu peso em várias toneladas. Quando a criatura ergueu a cabeça à altura de cerca de um metro acima da água, o pescador observou que esta parte do corpo não era muito grande, assemelhando-se à cabeça de uma foca, embora com olhos proporcionalmente maiores.

Encontros como esse, incluindo detalhadas descrições de experientes homens do mar, eram bem mais convincentes do que as histórias vagas e inconsistentes das décadas anteriores. Assim, em pleno verão, como esse fosse o tema de todas as rodas de conversa na Cornualha, e dezenas de novos relatos surgissem a cada dia através dos veranistas, um redator da revista *Cornish Life*, Dave Clark, decidiu conduzir pessoalmente uma investigação dos fatos. Um dos informantes com os quais ele conversou foi o extravagante Anthony ‘Doc’ Sheils, um morador da região que se auto-declarava bruxo. Sheils garantia

que era capaz de evocar o Morgawr das profundezas do mar, usando antigas fórmulas mágicas. Embora Clark estivesse muito cético quanto às habilidades de Sheils, sentia-se também curioso com relação a toda a história, e resolveu acompanhar o bruxo até Parson Beach, onde se dera a mais recente aparição do estranho monstro marinho. Lá, Sheils proferiu várias rezas e ergueu os braços, enquanto o jornalista tirava fotografias. Durante a cerimônia, nada foi visto, mas quando os homens se preparavam para voltar, notaram uma pequena cabeça elevando-se das águas a cerca de noventa metros da costa. Primeiro, Clark pensou que fosse uma foca, mas quando o animal se aproximou, percebeu que o pescoço era bem mais comprido, e o corpo, bastante volumoso, atingia uns 18m de comprimento. Os dois tiraram várias fotografias da criatura antes que ela submergisse, mas na agitação do seu entusiasmo, o jornalista danificou a máquina fotográfica, que, porém, funcionou muito bem, e foram feitas muitas fotos nas quais era possível ver a cabeça e o pescoço do Morgawr.

Essas não foram as únicas fotos da criatura tiradas em 1977. No início do outono, outro jornal, o *Falmouth Packet*, publicou fotografias muito nítidas de um gigante marinho que havia perseguido uma traineira no rio Penryn. Para azar das testemunhas, a aparição ocorrera alguns meses antes, exatamente no dia primeiro de abril. De qualquer forma, parece que havia realmente alguma coisa estranha percorrendo as águas daquela região, uma vez que um animal semelhante foi visto pela tripulação de um petroleiro a vários quilômetros de distância no mesmo dia.

À medida que os relatos foram se acumulando, as explicações ‘naturais’ para o mistério foram sendo descartadas, inclusive troncos de árvores, emaranhados de algas, barcos virados, baleias e medusas. A explicação favorita porém, como sempre ocorre nesses casos, era de que se tratava de um embuste perpetrado por pessoas inescrupulosas e candidamente aceito pelos crédulos. No entanto, as descrições do Morgawr datadas do ano de 1977 podem ser relacionadas com outras aparições interessantes, ainda que menos freqüentes, ocorridas em épocas anteriores nas águas da Cornualha. Em 1876, por exemplo, uma serpente marinha foi capturada viva na baía Gerrans, a leste de Falmouth, e levada até a praia, onde foi exibida antes de ser devolvida ao mar. Cinquenta anos mais tarde, dois pescadores que navegavam em uma traineira a uns cinco quilômetros ao sul de Falmouth capturaram em suas redes um animal igualmente extraordinário que acabou escapulindo. Já em 1933, uma carcaça não identificada apareceu em Mount’s Bay. Como todas as pessoas que testemunharam esses fatos viram as criaturas de perto, vivas ou mortas, não podemos deixar de concluir que um animal misterioso realmente habita as águas da costa da Cornualha.

Na década de 1980 ocorreram pelo menos duas aparições do Morgawr. Em 20 de fevereiro, um universitário de Londres chamado Geoff Watson avistou um objeto um pouco distante da costa, na área de Helford Passage, e conseguiu tirar algumas fotos usando uma teleobjetiva. Watson, que, se diga de passagem, era entusiasmado por monstros misteriosos, declarou-se convencido de que o animal que vira nadando era muito comprido e tinha corcova. Mas quando as fotografias foram reveladas, concluiu-se que não estavam suficientemente nítidas para servirem como evidência.

Cinco anos depois, o Morgawr foi visto novamente, desta vez por Sheila Bird, escritora, e historiadora, juntamente com seu irmão, o cientista Eric Bird, que morava na Austrália. Os dois descansavam no alto de uma escarpa a oeste de Porthscatho, no dia 10 de julho de 1985, quando uma enorme criatura cinza de pescoço comprido e corcova proeminente surgiu em meio às ondas, bem perto da costa. Estimando que o animal tivesse um pouco mais de sete metros de comprimento, as duas testemunhas o observaram estarecidas, enquanto ele deslizava graciosamente na água, bem diante delas, antes de submergir de novo. Para Sheila Bird, escritora dedicada a temas da região, e uma pessoa que fora sempre cética em relação às histórias do Morgawr, a experiência foi revolucionária. Nunca mais ela

duvidou das antigas lendas do gigante marinho da Cornualha.

1978

Pesadelo no Cáucaso

Durante a maior parte deste século os relâmpagos-bola ou bolas de fogo foram um tema que os cientistas preferiam evitar. Uma vez que não é possível conceber como a energia eletromagnética possa se confinar em formas esféricas e movimentar-se livremente, os físicos não consideram confiáveis os depoimentos a esse respeito. Mas atualmente, após centenas de ocorrências relatadas no mundo inteiro durante os últimos trinta anos — algumas vezes até pelos próprios cientistas —, não se pode mais negar a existência desse fenômeno tão misterioso quanto assustador. Descritas geralmente como esferas luminosas de cerca de quarenta centímetros de diâmetro, essas bolas de luz de alta energia podem se apresentar na cor amarela, vermelha, branco-azulado, ou verde. Às vezes emitem um zumbido ou um ruído sibilante, e ao desaparecerem ou explodirem deixam o odor inconfundível do enxofre. Embora na imaginação popular esses relâmpagos estejam associados a tempestades, a confusão envolvendo sua origem está vinculada ao fato de que eles já se manifestaram em períodos de bom tempo.

O mais estranho, e o que mais perturba a mente dos cientistas tradicionais, é o fato de que essas formas especiais de luz às vezes se comportam de uma maneira que sugere algum tipo de inteligência. Segundo Vincent H. Gaddis, pesquisador de fenômenos paranormais, em seu livro *Mysterious fires and lights*, “elas apresentam vontade e curiosidade próprias, rodeando objetos e pessoas, penetrando nas casas, explorando... Ou elas apresentam inteligência, ou são controladas por uma inteligência... Após rápidas visitas, elas precisam retornar ao seu hábitat natural, e assim os veículos que as transportam explodem ou desaparecem gradativamente”. Gaddis está absolutamente certo ao afirmar que os relâmpagos-bola provavelmente são dotados de vontade própria. No entanto, ele deixou de mencionar que essa vontade algumas vezes pode ser maligna.

Dentre todas as ocorrências de relâmpagos-bola no século XX, poucas poderiam ser tão assustadoras quanto o ataque sofrido, em 17 de agosto de 1978, por um grupo de alpinistas no alto da cordilheira do Cáucaso. Acampados a uma altitude de 3.600m, os cinco integrantes do grupo acordaram de repente quando um objeto brilhante penetrou na barraca. Um deles, Victor Kavunenko, descreveu toda a terrível experiência da seguinte maneira:

Acordei com a sensação de que um estranho havia entrado na barraca. Ergui os olhos e vi uma bolha amarela entrando no saco de dormir de Korovin. Ele gritou de dor. A bola saiu lá de dentro e continuou circulando pelos outros sacos de dormir, escondendo-se ora em um ora em outro. Quando ela entrou na minha cama, senti uma dor insuportável, como se tivesse sido queimado por um aparelho de soldar, e desmaiei.

Momentos depois, quando Kavunenko recuperou a consciência, a bolha ainda estava na barraca e continuava queimando os alpinistas, um de cada vez, “metodicamente, seguindo um padrão que só ela conhecia”, conforme declarou o montanhista russo. Os rapazes uivavam de dor, mas seu sofrimento era

ignorado, e a luz prosseguia com o ataque. Quando finalmente a esfera de luz desapareceu, um dos homens, Oleg Korovin, estava morto, e todos os outros encontravam-se seriamente feridos. Os sobreviventes foram transportados de helicóptero para o hospital, onde constatou-se que os ferimentos não eram queimaduras comuns. Partes do músculo haviam sido danificadas, e até mesmo o osso fora atingido, como se as lesões tivessem sido provocadas por um maçarico. Os médicos russos jamais haviam visto algo semelhante.

O testemunho dos quatro sobreviventes é intrigante e perturbador ao mesmo tempo. Embora até agora ninguém saiba como e por que esses relâmpagos aparecem (antimatéria, energia do plasma e fissão nuclear têm sido apontadas como as fontes prováveis dessa energia), a maioria dos especialistas continua insistindo que se trata de um fenômeno natural, provocado por anomalias atmosféricas e no qual não ocorre qualquer manifestação de vontade ou inteligência. Mas o comportamento homicida apresentado pela esfera de luz que atacou os alpinistas russos não é o único caso em que um relâmpago-bola causou deliberadamente morte e destruição. Em 1953, em Tucumari, no Novo México, uma bola de fogo caiu sobre uma caixa-d'água de nove metros de altura destruindo-a completamente; várias casas foram demolidas e quatro pessoas morreram. Em julho de 1958, várias bolas de fogo despencaram de um céu cheio de nuvens sobre a longínqua comunidade de Parajaevarra, na Lapônia, queimando mortalmente um homem e ferindo outros com gravidade. Mais recentemente, no dia 7 de julho de 1977, dois globos luminosos despencaram sobre a audiência de um cinema ao ar livre na província de Fujian, China, matando duas crianças e provocando um pânico tal que mais de duzentas pessoas ficaram feridas ao tentarem fugir. Finalmente, em um incidente ocorrido na Malásia em 1980, um bloco de casas do distrito de Port Kuang foi engolido pelo fogo, logo após o aparecimento de uma forma de luz vermelha e brilhante, que perseguiu os moradores do local e incendiou suas roupas.

Nenhum dos incidentes acima relatados ocorreu durante uma tempestade.

Fantasma que pedem carona

Os casos de estradas mal-assombradas, freqüentadas pelos fantasmas de pessoas que morreram prematuramente em acidentes rodoviários, fornecem as mais fortes evidências para que acreditemos na sobrevivência do espírito humano após a morte. Esse tipo de ocorrência pode ser classificado em dois grupos. O primeiro deles é o ‘acidente fantasma’, variedade na qual um carro real colide com alguém na estrada, e o pobre motorista, acreditando que atropelou uma pessoa, desce desesperado do automóvel e descobre que não há nenhum corpo. O outro tipo de ocorrência envolve histórias que acabaram conhecidas como a ‘síndrome do carona fantasma’. Nessa modalidade, o fantasma pára o carro de alguém, entra, conversa amigavelmente, às vezes, e de repente desaparece. Embora geralmente se considere que tais histórias são apócrifas e constituem parte do folclore urbano, para aqueles que as estudaram atentamente fica evidente o fato de que muitas testemunhas passaram por experiências realmente autênticas.

A história do motorista inglês Roy Fulton é bastante típica. Ao voltar de um jogo de dardos realizado em um bar no dia 12 de outubro de 1979, Fulton, que bebera apenas dois canecos grandes de cerveja naquela noite, deu carona a um rapaz em uma estrada deserta, perto de Dunstable, em Bedfordshire. Eram aproximadamente nove horas, estava escuro e a neblina começava a engrossar, quando o motorista encontrou o jovem, mais ou menos um quilômetro depois do vilarejo de Stanbridge. Sob a luz dos faróis, o estranho que estava à beira da estrada parecia bem real; Fulton o descreveu como tendo aproximadamente 19 anos, cabelos compridos e escuros. O motorista lembrou até como o rapaz estava vestido: usava um pulôver azul-escuro por cima de uma camisa branca. Quando sentou-se no banco de passageiros, Fulton perguntou-lhe para onde ia. O estranho nada respondeu; simplesmente sorriu, e apontou para a frente. Os dois homens viajaram em silêncio por vários quilômetros, até que alcançaram a próxima cidade, Totternhoe. Nesse ponto, Fulton ofereceu um cigarro ao seu passageiro. O cigarro não foi aceito: o rapaz tinha desaparecido. Poucos minutos depois o motorista, muito abalado, já estava contando sua história aos fregueses de um bar das redondezas.

Embora não existissem outros relatos de experiências como a de Roy Fulton, relacionados com aquela mesma estrada de Bedfordshire, muitos pesquisadores de fenômenos paranormais, convencidos de sua integridade pessoal, interessaram-se pelo estranho caso. É importante ressaltar também que, ao relatar sua própria história, Fulton estava apenas repetindo a narrativa de outros motoristas que deram carona para fantasmas quando viajavam solitários em outras estradas escuras e desertas. Muitos desses ‘caronas fantasmas’ foram vistos durante vários anos por mais de uma testemunha, o que reforça a possibilidade de que tenham sido reais. Nesses casos, o motorista apavorado geralmente acaba descobrindo que a pessoa a quem deu carona morrerá há anos em um acidente rodoviário.

Um exemplo desse tipo ocorreu na África do Sul, em 1978. Na noite de 10 de abril daquele ano, o motociclista Dawie Van Jaarsveld deu carona para uma moça em uma auto-estrada perto de Uniondale. Quinze quilômetros depois, quando parou para abastecer, descobriu que a passageira já não estava lá, e o capacete que havia lhe dado encontrava-se preso ao assento traseiro. Dawie dirigiu-se à polícia, onde foi informado de que o registro de uma ocorrência semelhante havia sido feito dois anos antes por um

motorista chamado Anton Le Grange. As investigações realizadas posteriormente por Cyntia Hind, pesquisadora de fenômenos paranormais, identificaram o fantasma como uma tal de Maria Roux, morta em um acidente em 12 de abril de 1968, no trecho de estrada que tanto Vanjaarsvekl quanto Le Grange a encontraram. Ambos a reconheceram em uma fotografia. Durante a última década, outros relatos têm indicado que o fantasma da moça continua a aparecer no mesmo local, sempre na época do aniversário de sua morte e, invariavelmente, para rapazes que viajam sozinhos.

Às vezes, um mesmo trecho de estrada torna-se cenário de tantas ocorrências semelhantes que adquire a fama de ser mal-assombrado. Na Grã-Bretanha, um local particularmente famoso é Bluebell Hill, na auto-estrada A229, ao sul de Chatham. Os relatos de acontecimentos paranormais ao longo desse trecho de rodovia parecem haver começado em 1968 e incluem as duas variedades de eventos — o acidente fantasma e o carona fantasma. Ao que tudo indica, as ocorrências foram desencadeadas por um fato específico: um acidente de automóvel que aconteceu em 1965 e no qual uma menina faleceu. Desde então, ela vem parando carros e pedindo carona. Uma das pessoas que viveram essa experiência foi Maurice Goodenough. Ele dirigia pela estrada depois da meia-noite do dia 13 de julho de 1974, quando a criança surgiu, de repente, diante dos faróis do seu carro. Não houve tempo para frear. Apavorado, o senhor Goodenough saiu do automóvel e encontrou a menina estendida na estrada, sangrando muito. O motorista acomodou-a no acostamento, e a deixou coberta com uma manta antes de se dirigir a uma delegacia de polícia para informar o ocorrido às autoridades. Mas quando os policiais chegaram no local, a vítima havia desaparecido, deixando somente a manta, e nenhum traço de sangue ou qualquer coisa que pudesse sugerir um acidente. O mistério nunca foi esclarecido.

Outro local da Inglaterra persistentemente freqüentado por um mesmo fantasma é o trecho da rodovia A-38, que passa perto de Wellington, em Somerset. Embora tenha sido visto por mais de uma testemunha, em 1958 o fantasma ganhou várias caronas de um mesmo motorista de caminhão, chamado Harold Unsworth, antes que ele descobrisse qualquer coisa estranha. O primeiro encontro ocorreu nas primeiras horas de uma manhã úmida do final de abril. O senhor Unsworth deu carona para um homem de meia-idade, vestido com uma capa de chuva leve, que estava à beira da estrada, perto de Blackbird Inn. Diferentemente do companheiro fantasma de Roy Fulton, o passageiro de Unsworth conversou bastante e despediu-se ao descer do caminhão. Quando o senhor Unsworth cruzou novamente com o tal sujeito, exatamente no mesmo trecho da estrada, deu-lhe carona outra vez. O fato ocorreu de novo no mês seguinte. Em cada uma dessas oportunidades, o motorista não percebeu nada no comportamento do companheiro que pudesse levá-lo a suspeitar que fosse uma figura fisicamente irreal. No entanto, no quarto encontro, em novembro, a estranha verdade foi finalmente descoberta.

Desta feita, ao invés de simplesmente entrar no carro, o homem pediu ao senhor Unsworth que aguardasse um pouco, enquanto ele ia buscar a bagagem. O motorista esperou por cerca de vinte minutos, mas como o sujeito não apareceu, desistiu e foi embora. Vários quilômetros adiante, porém, Unsworth avistou o sujeito fazendo sinais para ele com uma lanterna; obviamente, pedia que parasse. Como não havia qualquer outro veículo trafegando na estrada naquela direção, o senhor Unsworth não conseguiu entender como o homem chegara ali. Nesse momento, o motorista começou a sentir que havia algo estranho com o tal sujeito, embora não conseguisse explicar exatamente o quê.

Assim, deixando de lado a sua boa vontade habitual, Harold Unsworth decidiu não parar. Quando o homem percebeu isso, atirou-se na frente do caminhão. O motorista freou bruscamente e desceu do veículo; foi quando descobriu que não tinha havido acidente algum. A menos de trinta metros dali, a figura tão familiar estava de pé, fazendo gestos e gritando enfurecido com Unsworth por ter se recusado a parar. Instantes depois o homem, literalmente, evaporou no ar.

Não é difícil compreender porque tantos racionalistas têm dificuldade para aceitar essas histórias. E realmente muito mais fácil, e muito mais cômodo, acreditar que as pessoas imaginaram tudo em momentos de extremo cansaço, ou sob a influência do álcool. No entanto, os exemplos que mencionamos não são casos isolados. Histórias de fantasmas que pedem carona são numerosas demais para serem ignoradas, e não se pode pensar que os encontros seguem sempre o mesmo padrão por uma simples coincidência. É claro que algumas histórias não passam de lendas, e outras foram tão enfeitadas que deixam de corresponder aos acontecimentos reais. Mas um indício importante da possível existência desses fantasmas que pedem carona é o fato de que muitos deles foram vistos ao longo dos anos por mais de uma testemunha. Alucinações, ou experiências sobrenaturais verdadeiras? Não estamos ainda em condições de julgar. Uma coisa porém fica bem evidente: esses relatos continuam hoje tão comuns quanto o foram no passado.

1980

Aliança com extraterrestres?

Muitas pessoas que estudaram os fenômenos do tipo ÓVNI (Objeto Voador Não Identificado), eu mesmo inclusive, consideram que todos os governos do planeta vêm limitando o acesso do público às evidências concretas de sua existência. Um segundo aspecto dessa conspiração, ainda mais impressionante — e ao qual já me referi na retrospectiva que fiz em 1947 —, envolve o fato de que vários governos, e principalmente o governo dos listados Unidos, obtiveram provas irrefutáveis da existência de óvnis na forma de discos voadores acidentados e extraterrestres mortos. No entanto, alguns ufologistas chegam a acreditar em uma possibilidade ainda mais extravagante, qual seja, a de que a humanidade já tenha feito contatos bem-sucedidos com seres extraterrestres, tendo se beneficiado de sua avançada tecnologia.

Até agora essa idéia fantástica não obteve crédito junto aos principais círculos de pesquisa na área da ufologia, e vem sendo completamente ignorada fora deles. Quando antigos membros de organizações políticas e militares — como cientistas da NASA, agentes aposentados da CIA, militares da reserva, e outras pessoas que tiveram acesso a informações reservadas em função de suas ocupações anteriores — apareceram para corroborar a teoria, foram desprezados pelos meios de comunicação. Mas ainda que sejam poucos os que acreditam nos boatos, várias aparições de óvnis voando a baixa altitude e tripulados por seres humanos foram relatadas; aparições que sustentam a incrível hipótese da conspiração. Uma delas ocorreu em 1980, nos Estados Unidos, e para os envolvidos foi uma experiência da qual iriam se lamentar para sempre.

Por volta das nove da noite de 29 de dezembro, duas mulheres de meia-idade viajavam por uma estrada tranqüila que atravessa o deserto próximo a Huffman, na área de Houston. Betty Cash e Vickie Landrum dirigiam-se a Dayton, onde iam jantar na casa de amigos. No carro estava também um neto da senhora Landrum de sete anos de idade, o primeiro a ver a luz descendo suavemente sobre os pinheiros ao longo da estrada. A luz pôde ser vista com mais nitidez quando se aproximou: tratava-se de um objeto com a forma de um diamante, que disparava chamas da parte inferior. A senhora Cash, a motorista, parou o carro e saiu para ver melhor, enquanto a senhora Landrum, muito assustada, permaneceu no veículo acalmando o netinho que gritava apavorado. Segundo o depoimento da senhora Cash, o objeto emitia um ruído vibrante, e ela pôde sentir o calor intenso que emanava dele, ainda que estivesse a uma distância de pelo menos cinquenta metros. Depois de pairar sobre eles por alguns minutos, o ‘diamante’ começou a se afastar, deslizando silenciosamente, mas não desapareceu de vista, e seguiu acompanhando a estrada na qual as testemunhas estavam viajando. Ao invés de desistir da viagem e retornar, o grupo decidiu seguir o objeto, ainda que mantendo sempre uma distância segura.

O que aconteceu depois, segundo as senhoras Cash e Landrum, é a parte da história que torna sua experiência diferente de todos os demais encontros desse tipo, algo que deixou os ufologistas realmente perplexos. De acordo com as duas mulheres, logo em seguida um grande número de helicópteros (identificados posteriormente como CH-47 Chinook) cercou o objeto luminoso, e parecia acompanhá-lo, de forma protetora, em sua trajetória. A surpreendente formação aérea ficou visível por algum tempo, pois o objeto e as aeronaves que o escoltavam deslocavam-se lentamente. As mulheres declararam que

chegaram mesmo a parar em três ocasiões para ver o comboio que se afastava no horizonte. O grupo chegou ao destino às 21h50min e foi logo contando aos amigos e parentes o estranho acontecimento daquela noite.

Esse não foi, porém, o final da história. Pouca horas depois do encontro, Betty Cash começou a sentir náuseas e uma forte enxaqueca. Ao amanhecer, seus dois companheiros de viagem apresentaram os mesmos sintomas, e os médicos chamados para atendê-los verificaram que os três apresentavam bolhas com aspecto de queimadura, e nódulos na cabeça que, ao arrebentarem, vazavam um líquido claro. Betty Cash, que havia ficado mais tempo fora do carro quando o objeto estava bem perto, foi sem dúvida a mais afetada. Os olhos incharam muito, ficou temporariamente cega, e durante várias semanas teve crises de vômito e diarreia. Ingressou no Parkway General Hospital de Houston como vítima de queimadura, e o médico especialista que a atendeu não foi capaz de diagnosticar a origem do seu mal. Quando saiu do hospital no início de fevereiro, após ter acumulado despesas médicas superiores a dez mil dólares, suas condições de saúde não haviam melhorado nem um pouco. A medida que o tempo passava, as coisas foram piorando para as duas mulheres que testemunharam a aparição do estranho objeto voador. Ambas perderam uma grande quantidade de cabelo e, na primavera, Betty Cash teve um câncer no seio, precisando recorrer a uma mastectomia.

As conseqüências impressionantes do contato que tiveram foram, segundo as duas mulheres envolvidas, obviamente provocadas por uma perigosa dose de radiação. Embora provavelmente o episódio nunca venha a ser esclarecido, suas alegações enquadram-se nos limites da possibilidade. Tanto a senhora Cash quanto a senhora Landrum tinham certeza de que a aeronave era americana, ou sobrevoava o espaço aéreo dos Estados Unidos com o consentimento das Forças Armadas. Pensando assim, processaram o governo norte-americano em vinte milhões de dólares pelas terríveis lesões que sofreram. O processo foi perdido com base no previsível argumento de que nenhum objeto correspondendo à descrição das testemunhas estava em operação, ou mesmo em fase de desenvolvimento, por qualquer organização das Forças Armadas dos Estados Unidos. Tais afirmações, declaradas no tribunal, podem ser perfeitamente verdadeiras, mas, considerando a convicção demonstrada pelas mulheres que presenciaram as cenas extraordinárias no céu do Texas, e diante dos seus inquestionáveis sofrimentos, várias pessoas continuam acreditando que um contato realmente muito estranho ocorreu naquela noite de dezembro de 1980.

1981

Granizos gigantes

Na primeira semana de junho de 1981, uma senhora inglesa de 95 anos, chamada Mary Nickson, que morava em Wirral, Cheshire, estava limpando o carpete do quarto, quando escutou um estrondo terrível e viu o gesso do teto despencar. Depois que se recuperou do susto, descobriu a causa do estrago: sobre o chão havia um pedaço de gelo do tamanho de uma bola de futebol, cercado de fragmentos menores. A massa de gelo caíra com certeza de uma grande altitude, arrebatando o telhado e atravessando o teto. Se a velha senhora estivesse um pouco mais para a esquerda, teria inevitavelmente morrido. Quase três semanas depois, no dia 24 de junho, um bloco de gelo semelhante caiu em cima de uma casa na Stembridge Road, em Anerley, Kent, fazendo um buraco de setenta centímetros de largura no telhado. Por pouco não esmagou uma criança de cinco anos que estava dormindo. Embora a peça tenha se despedaçado, o fragmento maior foi recolhido e pesado: tinha cinco quilos e duzentos e cinquenta gramas.

Seis semanas se passaram, e chegou a vez de Stephen Puckering. No seu caso, a bola de gelo chegou perto demais. Quando praticava windsurfe durante as férias em Lac de St. Cassien, perto de Cannes, no sul da França, o rapaz foi atingido na cabeça por um pedaço de gelo do tamanho de uma bola de tênis, que despencara de um céu límpido e quente. Stephen ficou parcialmente cego, mas as conseqüências do acidente poderiam ter sido ainda piores. No dia 28 de setembro, um bloco de gelo bem mais volumoso desabou sobre a casa da família Pearce, de Yateley, Hampshire, provocando danos consideráveis; apenas 11 dias depois outra queda anormal ocorreu no distrito de Fleet, no mesmo condado. Finalmente, a maior ‘bomba’ de todas caiu no anexo da sede de uma fazenda, de propriedade de Michael Mogridge, no dia 15 de outubro. Esse último pedaço de gelo era tão volumoso que destruiu completamente o telhado de pedra do edifício, partindo ao meio as vigas de madeira.

Não é fácil explicar por que no ano de 1981 ocorreram tantas quedas de gelo anormais sobre a Grã-Bretanha e a França, mas o fenômeno em si não é muito raro. Entretanto, a explicação tradicionalmente oferecida — de que os blocos de gelo caíram de aviões — deve ser tratada com reservas pelos estudiosos de fenômenos misteriosos. Em elevadas altitudes, o gelo pode perfeitamente se acumular na fuselagem de uma aeronave, e vir a cair depois, quando o avião penetra no ar mais quente. Já houve casos semelhantes até com desinfetantes e outros resíduos que escorreram de toaletes de aviões.

No entanto, nem todas as ‘bombas’ de gelo são formadas de despejos de esgoto, e muitas caíram em locais bastante distantes das rotas dos aviões. Na realidade, alguns registros de quedas extraordinárias são anteriores à era da aviação moderna. Em 14 de agosto de 1849, por exemplo, o jornal londrino *Times* trouxe uma reportagem detalhada sobre a queda de uma enorme massa de gelo pesando mais de meia tonelada em um campo perto de Ord, na ilha de Skye, Escócia. O bloco de gelo, que caiu após um único estrondo de trovão, tinha mais de sete metros de circunferência e espessura proporcional. Análises feitas posteriormente revelaram que a pedra era completamente transparente, e composta de cristais em forma de diamante, cujo comprimento variava entre 2,5 cm e 7,5 cm.

Uma teoria alternativa, que não chega a ser mais plausível, sustenta que os grandes blocos de gelo

surgidos de céus azuis podem ter origem fora da atmosfera da terra: seriam meteoritos de gelo. O problema é que, nesse caso, eles provavelmente derreteriam ao caírem no planeta, ou pelo menos apresentariam a parte mais externa extremamente aquecida. No entanto, até o momento, não houve qualquer ocorrência descrita assim.

Considerando-se as dificuldades encontradas ao tentarmos explicar essas quedas, não surpreende o fato de que, durante as primeiras décadas do século, os meteorologistas preferissem ignorar completamente os relatos que as apontavam. Mas, no dia 2 de abril de 1973, as ocorrências de granizos gigantes foram finalmente comprovadas quando uma pedra de gelo, pesando mais de dois quilos, quase atingiu o doutor Richard Griffiths, enquanto caminhava por uma rua de Manchester, na Inglaterra. Como cientista e observador de fenômenos climáticos, Griffiths era uma testemunha inatacável. No momento do incidente, ele teve a presença de espírito de recolher o fragmento maior, que foi guardado no seu *freezer*. Posteriormente, o doutor Griffiths o examinou nos laboratórios do Manchester Institute of Science and Technology e concluiu, após criteriosa análise de sua estrutura cristalina, que o objeto era formado por 51 camadas sobrepostas de gelo, separadas por camadas mais finas de bolhas de ar aprisionadas. Não se parecia com qualquer granizo conhecido, e as análises químicas praticamente eliminaram a possibilidade de que tivesse caído de uma aeronave. Testes realizados posteriormente indicaram que a pedra era provavelmente formada por água das nuvens, mas várias experiências que tentaram reproduzir o fenômeno em laboratório não conseguiram criar nada que se assemelhasse à estrutura peculiar do bloco de gelo.

No final, o doutor Griffiths e seus companheiros tiveram que desistir de esclarecer o enigma. Um dos cientistas sintetizou de forma eloqüente a frustração que sentiam: “Só temos resultados negativos. Sabemos uma porção de coisas que a pedra não é, e nada sobre o que ela é. Não posso dar uma resposta. Nem mesmo uma meia-resposta.”

1982

Lança-chamas humanos

O romance de Stephen King, *Firestarter*, conta a história de uma menina cuja habilidade mental de deixar objetos em chamas tornou-se um terrível infortúnio a partir do momento em que a CIA resolve utilizá-la como arma. Para a maioria das pessoas, compreensivelmente, a história não passa mesmo de pura ficção. Mas, o estranho dom descrito pelo autor é bastante real.

No início de 1982, um garoto italiano de dez anos, que vivia em Fonnia, chamado Benedetto Sepino, descobriu que podia atear fogo em objetos simplesmente olhando fixamente para eles, e se concentrando bem. O primeiro objeto que pegou fogo assim foi uma revista em quadrinhos que o menino estava lendo na sala de espera do dentista. Na manhã seguinte, quando a mãe de Benedetto acordou, viu que a roupa da cama em que ele dormia estava sendo consumida pelo fogo. O menino chegou a se queimar, embora não gravemente. Em seguida, foi a vez de uma peça de plástico que seu tio Erasmo segurava, e uma série de outros objetos, dos mais variados tipos de materiais combustíveis. O calor que Benedetto provocava com sua mente o acompanhava sempre, onde quer que fosse. Móveis, peças, e objetos ficavam enfumaçados; páginas de livros chamuscavam-se quando eram tocadas por ele. Algumas testemunhas chegaram a declarar que as mãos do menino ficavam estranhamente brilhantes em tais momentos.

Os pais de Benedetto, angustiados, buscaram o auxílio dos médicos, e logo que o ceticismo da medicina foi superado, através da demonstração dos poderes do garoto, o caso foi apresentado a alguns dos mais importantes cientistas italianos. Um deles sugeriu que a fonte daquela energia poderia ser a eletricidade estática, mas a hipótese recebeu a objeção do doutor Giovanni Ballesio, catedrático de medicina da Universidade de Roma. Enquanto isso, o professor Mario Scunio, do Centro Médico de Tivoli, declarou que os testes haviam demonstrado que, do ponto de vista físico, o menino era perfeitamente normal. Benedetto, por seu turno, sentia-se constrangido com a atenção que seu comportamento involuntário estava atraindo. “Eu não queria que as coisas pegassem fogo. Mas o que é que eu posso fazer? Olho para elas, e elas pegam fogo logo”, disse o garoto para um jornal de Roma.

Lança-chamas humanos podem ser raros, mas não faltaram exemplos no século XX. Em 1921, em Budapeste, na Hungria, um menino de 13 anos produzia fogo quando ficava irritado, e havia chamas tremeluzindo sobre ele e chamuscando seu travesseiro enquanto dormia. Em 1934, uma outra adolescente, Arma Monara, que vivia na Itália, também apresentava chamas azuis crepitando sobre seu corpo durante o sono. Em todos esses casos, os jovens envolvidos declaravam não terem controle do fenômeno que desencadeavam. Mas essa pode não ser uma característica comum a todas as pessoas que possuem o dom. Pelo menos, é o que alegam alguns tribunais.

No mesmo ano em que Benedetto descobriu seu ambíguo dom, uma jovem escocesa de 19 anos, chamada Carole Compton, que coincidentemente trabalhava na Itália como babá, foi parar atrás das grades, acusada de ter tentado queimar vivas as crianças que estavam sob sua responsabilidade. Em diversas ocasiões, os berços dos meninos foram encontrados no meio de chamas. Carole Compton foi considerada bruxa pela comunidade de Nápoles, e incendiária, pelo sistema jurídico italiano. No entanto,

a julgar pelos depoimentos de testemunhas, a moça não provocava deliberadamente os incêndios — ou, pelo menos, não pelos métodos convencionais — e nenhum vestígio de substâncias inflamáveis foi detectado pelos especialistas. Diante do tribunal, o professor Víto, da Universidade de Pisa, chegou a admitir: “Nos meus quarenta e cinco anos de trabalho com esse tipo de investigação, nunca vi incêndios assim. Eles foram provocados por uma fonte de calor muito intenso, porém não se trata de uma fonte direta. “ O mistério ficou ainda maior quando a própria Carole recusou-se a negar as acusações, e afirmou que era capaz de se comunicar com forças invisíveis, as quais, segundo ela, eram as verdadeiras responsáveis pelas chamas. Embora tenha sido condenada, Carole Compton acabou sendo posta em liberdade, pois poucas pessoas do meio jurídico italiano acreditavam que ela realmente fosse responsável pela série de estranhos incêndios.

O enigmático acontecimento repetiu-se várias vezes em outros lugares, quase sempre com trágicas conseqüências. Em 1991, Samantha Piper, uma auxiliar de enfermagem que trabalhava em um asilo para idosos de Brentwood, em Essex, foi considerada culpada pelo assassinato de uma velhinha que estava sob seus cuidados. A senhora Elsie De’ath fora encontrada envolta em chamas por outros membros da equipe de funcionários do asilo. Observando que outros incêndios haviam ocorrido anteriormente, de forma aparentemente inexplicável, em locais onde Samantha estivera presente, e levando em consideração também antigos problemas mentais que ela apresentara, o tribunal concluiu que a enfermeira havia queimado Elsie De’ath intencionalmente. Samantha Piper porém, negou a acusação. A corte de justiça chegou ao veredicto desprezando o fato de que mais de oitenta incêndios misteriosos haviam ocorrido no asilo de Brentwood nos meses anteriores, sendo que em vários casos, a acusada não poderia de forma alguma ser responsabilizada, o que até mesmo a promotoria reconheceu. Samantha está na cadeia até hoje, embora ainda existam dúvidas quanto a sua culpa.

A síndrome dos lança-chamas humanos segue alguns padrões semelhantes a determinados tipos de *poltergeists*, pois os distúrbios emanam geralmente de crianças, adolescentes e jovens adultos. Se os dois fenômenos estão ou não relacionados, é algo que ainda precisa ser verificado. O que podemos dizer com certeza é que eles realmente ocorrem.

1983

Experiências de reencarnação

Depois do controverso caso de Bridey Murphy, em 1952, os especialistas encontram-se muito divididos quanto à importância das memórias de vidas passadas obtidas sob a influência da hipnose. Os que se mostram mais incrédulos com relação à doutrina da reencarnação consideram que essas memórias são dirigidas pelo próprio hipnotizador. Chamam atenção para o fato de que, durante as exposições de hipnose, o hipnotizador pode levar as pessoas a se comportarem de maneira estranha, muitas vezes representando de forma plausível, ainda que estilizada, imitações de praticamente qualquer pessoa, coisa ou animal. Os céticos argumentam ainda que, durante o processo bem mais profundo de regressão hipnótica, importantes mudanças podem ocorrer na mente humana, provavelmente abrindo os canais da criatividade e da memória, bem além da capacidade consciente do sujeito. Uma vez que ao longo da vida absorvemos inconscientemente muitas informações, os adultos hipnotizados através dessa técnica podem perfeitamente estar extraíndo material adquirido em sua existência atual. Além disso, como se sabe já há muito tempo, o cérebro humano é capaz de estocar, nos seus recessos mais desconhecidos, todas as sensações que recebeu. Essa ‘memória escondida’ é a alternativa oferecida pelos descrentes da teoria da reencarnação para explicar os casos mais intrigantes de regressão a vidas passadas.

Mas, os defensores da técnica de regressão hipnótica alegam que os casos mais notáveis envolveram transformações faciais e vocais coerentes com a existência de uma personalidade alternativa. Frequentemente, as pessoas que testemunharam sessões de regressão surpreenderam-se ao constatar que os indivíduos submetidos à hipnose ficavam mais abatidos quando lembravam da velhice em outra vida, enquanto outros pareciam ter perdido as rugas lembrando a juventude anterior. As alterações físicas podem ser ainda mais impressionantes: alguns pesquisadores registraram exemplos nos quais o indivíduo em regressão manifestou sintomas que eram compatíveis com as informações extraídas da memória, como por exemplo, espasmos musculares no rosto de uma vítima de derrame. Houve um caso em que o indivíduo chegou a apresentar, em volta do pescoço, a marca da queimadura feita pela corda que o enforcou; outro, morto por espancamento, ficou com escoriações por todo o corpo.

Mas, as evidências mais convincentes da realidade do fenômeno da regressão são os detalhes específicos da vida passada do indivíduo.

Em março de 1983, um documentário da televisão australiana sobre o tema da reencarnação prendeu a atenção de espectadores do país inteiro, e impressionou muitas pessoas que até então viam com ceticismo a possibilidade de migração das almas. Durante a série “Experiências de Reencarnação”, quatro donas-de-casa de Sidney, escolhidas aleatoriamente, foram transportadas para o passado em uma viagem de séculos, sob influência da hipnose conduzida pelo terapeuta Peter Rouser. Uma delas, Cynthia Henderson lembrou de sua vida como uma nobre francesa, usando expressões que não eram ouvidas na França há centenas de anos. Revelou que sua antiga residência era um castelo situado próximo ao vilarejo de Fleur. Embora a mulher jamais tivesse ido à Europa, não teve qualquer dificuldade para conduzir uma equipe de filmagem ao local, onde ainda existiam as ruínas da construção. Outra dona-de-casa submetida à experiência, Helen Pickering, lembrou de sua existência anterior como James Burns, um homem que realmente viveu na cidade escocesa de Dunbar, no ano de 1801. Como prova de sua vida

passada, a senhora Pickering desenhou plantas do Aberdeen Marshall College, onde ela afirmava (corretamente, por sinal) que James Burns havia estudado. Os desenhos, embora muito diferentes das construções que ocupam atualmente a área, apresentavam grande semelhança com documentos encontrados posteriormente nos arquivos da escola. Teria sido impossível para a senhora Pickering pesquisar a vida daquele escocês do século XIX e obter os documentos.

Coincidentemente, o mesmo ano — 1983 — revelaria o caso mais convincente de regressão ocorrido na Inglaterra. O doutor Joe Keeton já havia conduzido várias regressões através da hipnose quando conheceu o jornalista Ray Bryant em janeiro. O *Evening Post*, jornal em que Bryant trabalhava, havia encomendado a ele uma série de artigos sobre o tema da paranormalidade; em um desses artigos, Ray pretendia focar as evidências de reencarnação. Com a finalidade de dar à matéria um enfoque pessoal, o jornalista propôs a Keeton que o hipnotizasse. Embora Bryant jamais tivesse sido hipnotizado, Keeton estava interessado em pôr à prova suas próprias habilidades. A experiência com o jornalista ofereceu ao médico um dos casos mais interessantes que ele estudou.

Sob efeito hipnótico, Bryant lembrou de várias identidades que teve no passado, inclusive a do soldado Reuben Sttaford, que lutou na Guerra da Criméia e, ao retornar à Inglaterra, passou os últimos anos da vida trabalhando como barqueiro no Tâmis. De acordo com as lembranças de Bryant durante a regressão, a vida de Sttaford começou em 1822, quando ele nasceu em Brighthelmston, e terminou no ano de 1879, quando morreu afogado em um acidente em Londres. Em sua personalidade anterior, o jornalista londrino adquiriu um acentuado sotaque da região de Lancashire, detalhe que refletia o fato de que Stafford passara grande parte de sua vida no norte da Inglaterra. Ainda que se tratasse de algo impressionante, o fato em si não constituía prova de nada, sendo assim, após testemunharem a manifestação do soldado vitoriano, dois membros da equipe de Keeton, Andrew e Margaret Selby, foram buscar evidências da existência real daquele homem.

Em Londres, na biblioteca Guildhall, o casal teve a sorte de encontrar uma lista com nomes de vítimas da Guerra da Criméia. Dela constava o sargento Reuben Stafford, que servira no 47º Regimento de Infantaria de Lancashire, e fora ferido na mão, na Batalha dos Quarries — um combate de pouca importância ocorrido durante o cerco de Sebastopol. O documento também fornecia detalhes da carreira posterior do sargento, que havia recebido condecorações por bravura antes de ser reformado. Na sessão de hipnose seguinte, essas informações saíram espontaneamente da boca de Ray Bryant. A data, o local, e o nome da Batalha dos Quarries foram recordados por ‘Sttaford’, assim como outros fatos da sua carreira militar. Todos absolutamente corretos.

Mas a pesquisa do casal Selby não terminou aqui. Trabalhando alguns dias nos registros do cartório, descobriram a certidão de óbito de Reuben Stafford; e puderam verificar que o militar morreria por afogamento (acidental ou intencional, os fatos não estavam muito claros), tendo sido enterrado em uma sepultura modesta em East Ham. Durante uma regressão, as datas de sua morte e sepultamento também foram citadas por Ray Bryant.

Será que esses fatos poderiam ser conhecidos sem alguma forma de reencarnação? Na regressão do jornalista a possibilidade de que a ‘memória escondida’ tenha sido ativada praticamente não existe, pois os dados biográficos do soldado morto não eram publicamente conhecidos. A não ser que se considere Keeton e seus voluntários como impostores, o retorno do veterano da Guerra da Criméia no corpo do jornalista do século XX é bem mais que uma mera possibilidade.

1984

Lacunas nas histórias dos buracos

Quando grandes buracos aparecem repentinamente em um terreno, uma explicação natural é logo apresentada. Em 99% dos casos o movimento de terra resulta de uma erosão que pode ser provocada tanto por fatores naturais (um veio subterrâneo), quanto pela ação humana (poços de mineração, por exemplo). Mas às vezes os buracos surgem aparentemente sem nenhum motivo.

No dia 18 de outubro de 1984, os irmãos Rick e Peter Timm estavam reunindo o gado perto de Grand Coulee, Washington, quando se depararam com uma depressão de terra medindo dois metros de largura por três de comprimento, e com cerca de três metros de profundidade, em um campo próximo a uma plantação de trigo. Os dois irmãos haviam trabalhado naquela área no mês anterior e tinham certeza de que o buraco não estava lá. Como, por que, e por quem fora feito, não sabiam dizer. Seu espanto foi ainda maior quando encontraram a terra retirada do buraco amontoada de forma compacta a uns vinte metros dali. Filetes de terra formando um arco semicircular ligavam os dois pontos, indicando assim o trajeto percorrido. Mas como o torrão se apresentava praticamente inteiro, e não havia sinal de que tivesse sido arrastado ou dragado, os Timm acharam que, de alguma maneira, ele fora transportado pelo ar e cuidadosamente assentado no local em que se encontrava.

Na semana seguinte, os fazendeiros, ainda muito intrigados, chamaram Don Aubertin, um engenheiro de minas que trabalhava na companhia Colville Indians, cujas terras faziam divisa com sua propriedade. No início, Aubertin achou que um meteorito seria a explicação mais plausível para o fenômeno, mas mudou de idéia depois que um amigo, o geólogo Bill Utterbach, eliminou a possibilidade de que o buraco fosse um tipo de cratera. O raciocínio do geólogo era simples: as paredes verticais e o fundo nivelado do buraco não pareciam ter sido produzidos por uma força dirigida para baixo, e sim por um movimento de sentido contrário. No entanto, a terra não fora retalhada, pois havia raízes completamente intactas dependuradas tanto no local do buraco quanto no torrão de terra transportada. Esse detalhe confundiu ainda mais os investigadores. A impressão que se tinha era de que bloco de terra fora removido não com algum tipo de máquina, mas através de um processo delicado de levitação. Mas, que força seria capaz de provocar esse efeito? Embora redemoinhos de vento sejam teoricamente capazes de erguer um objeto daquelas proporções (estimou-se que o monte de terra pesasse umas três toneladas), isso só seria possível se a terra fosse ‘rasgada’. Mas a terra fora, como dissemos, caprichosamente retirada; e o estado perfeito em que se encontravam as cercas naquelas redondezas não indicavam a passagem de redemoinhos.

Assim, as causas do fenômeno ocorrido em Grand Coulee permaneceram envoltas em mistério. O Smithsonian Institute foi contatado, e um porta-voz admitiu que a instituição não tinha informações sobre o fenômeno, nem podia fazer qualquer ‘especulação’ sobre a força que levantara as três toneladas de terra, deixando o monte intacto a vinte metros de distância.

Embora esse seja um caso extraordinário, existem vários precedentes. Em outubro de 1954, alguns jornais franceses descreveram um estranho buraco em forma de ovo que apareceu durante a noite em um campo perto de Poncey-sur L’Igon. Os geólogos que visitaram a área ficaram completamente

desconcertados. De acordo com as informações publicadas, parecia que a terra fora sugada por um aspirador de pó gigante. Em fevereiro de 1979, novamente nos Estados Unidos, pesquisadores do Utah Geological and Mineral Survey Group descobriram um buraco em forma de crucifixo, com cerca de quatro metros de diâmetro, que apresentava algumas das características do fenômeno que apareceria em Washington cinco anos depois. Um relatório feito na época definia o caso com uma única palavra: ‘misterioso’.

No entanto, o episódio mais estranho de todos envolveu a ocorrência de três crateras idênticas com cinco metros e meio de largura, e meio metro de profundidade, que apareceram em um campo em Venice Center, no estado de Nova York, exatamente no mesmo dia — 12 de novembro —, durante três anos consecutivos, 1966, 1967, e 1968. Os buracos, não muito distantes um do outro, foram encontrados após uma forte explosão, mas não foi localizado qualquer traço de carga explosiva, nem descoberto qualquer motivo para que uma explosão acontecesse no local. Como observou um escritor, a propósito dessas ocorrências: “Provavelmente muito tempo ainda vai se passar antes que se possa preencher as lacunas nessa história dos buracos.”

Retratos que traziam desgraça

Entre tantas coincidências misteriosas ocorridas, poucas podem ser consideradas tão perturbadoras quanto as que envolveram o quadro “Menino Chorando” e ocuparam as manchetes dos jornais da Grã-Bretanha durante boa parte do ano de 1985. Em linhas gerais, o que ocorreu foi o seguinte: após uma série de incêndios domésticos, aparentemente não relacionados, descobriu-se que um mesmo quadro — uma reprodução barata — estava sempre presente nos locais em que os incêndios começavam. O detalhe até poderia ser desprezado, não fosse o fato de que em todos os casos, sem exceção, o quadro saiu intacto, enquanto tudo em volta fora destruído.

Foi no início de setembro que o sinistro fenômeno veio ao domínio público, depois que um bombeiro de Yorkshire, Peter Hall, apareceu em um jornal de circulação nacional declarando que as equipes de bombeiros de todo o norte da Inglaterra haviam verificado, em vários episódios, que um mesmo quadro sempre escapava incólume de incêndios cujas causas permaneciam desconhecidas. Hall só se manifestou depois que seu irmão, Ron, que havia se recusado a levar o caso a sério, e até comprara propositadamente uma cópia do quadro, acabou encontrando a casa completamente destruída pelo fogo. Constatando que a gravura fora retirada em perfeito estado das ruínas da casa, Ron Hall livrou-se dela imediatamente.

Após a publicação desse primeiro caso, o jornal declarou haver recebido uma enxurrada de telefonemas de proprietários de quadros idênticos, que alegavam terem passado pela mesma experiência. Dora Brand, de Mitcham, afirmou que viu sua casa reduzida a cinzas apenas seis semanas depois de adquirir a gravura; a única a escapar do incêndio, embora estivesse junto de centenas de outras obras que ela possuía. Sandra Craske, de Kilburn, afirmou que ela, a irmã, a mãe, e uma amiga haviam enfrentado incêndios depois de comprarem cópias da gravura. Outros relatos apareceram, histórias que vinham de Leeds, Nottingham, Oxfordshire, e da ilha de Wight. No dia 21 de outubro, um local chamado Parillo Pizza Palace, em Great Yarmouth, foi completamente destruído por um incêndio, embora a cópia do “Menino Chorando”, ostensivamente exibida em suas dependências, tivesse ficado ilesa. Três dias depois, a família Godber, de Herringthorpe, ao sul de Yorkshire, perdeu a casa em um incêndio inexplicável; a cópia do “Menino Chorando” que tinham na sala ficou inteira, enquanto os outros quadros foram completamente consumidos pelo fogo.

No dia seguinte, em Heswall, duas cópias idênticas da mesma gravura, que a família Amos conservava nas salas de visita e jantar, foram encontradas intactas após uma explosão de gás que destruiu a casa. Passaram-se 24 horas e um outro incêndio, desta vez na residência de Fred Trower de Telford, um bombeiro aposentado, teve tal repercussão na opinião pública, que um jornal chegou a sugerir a todos os proprietários de cópias do quadro que participassem de uma queima em massa na noite de Guy Fawkes.

[{68}](#)

Embora muitas pessoas na Inglaterra considerassem que a história toda fazia parte de uma temporada de boatos ridículos, outras não pareciam tão tranqüilas. Em novembro, surgiram vários casos de colapso nervoso, entre indivíduos que acreditavam estarem sendo perseguidos pelo ‘espírito’ do

quadro que haviam destruído. Uma mulher de Leeds estava certa de que o “Menino Chorando” fora responsável pela morte do marido e de três filhos em um incêndio. Uma outra, a senhora Woodward, de Forest Hill, Londres, também acusava o quadro de haver provocado os incêndios nos quais perdera o filho, a filha, o marido e a mãe. Quando solicitados a se manifestarem sobre a crescente histeria envolvendo os quadros, vários bombeiros se recusaram a fazer qualquer comentário, ou mesmo a participar das queimas coletivas que eram realizadas por todo o país. No entanto, os episódios continuaram ocorrendo.

No dia 12 de novembro, Malcolm Vaughan ajudou a destruir o quadro de um vizinho. Quando voltou para casa encontrou tudo em chamas, e os bombeiros não souberam indicar a causa do acidente. Semanas depois, um incêndio consumiu uma casa em Avon, matando seu habitante, o sexagenário William Armitage. Uma reportagem sobre o caso revelou que uma cópia do “Menino Chorando” fora encontrada intacta ao lado do corpo carbonizado do velho senhor aposentado. Um dos bombeiros que combateu aquele incêndio teria declarado: “Até agora eu não acreditava nessa maldição, mas quando vi que o quadro era a única coisa inteira na casa, achei estranho demais. “

‘Estranho’ é o mínimo que se pode dizer; e alguns acrescentariam ‘um tanto quanto apavorante’.

1986

Animais deslocados

Na manhã do dia 17 de junho de 1986, um motorista que viajava pela Morange-Silvange, na região de Moselle, França, surpreendeu-se ao ver um enorme canguru atravessando a estrada na sua frente, a uma distância de cerca de cem metros. Alertada, a polícia fez contato com um Jardim Zoológico recentemente instalado perto dali. Os administradores da instituição, porém, negaram que se tratasse de um dos seus animais, pois a encomenda de marsupiais ainda não havia chegado da Austrália. Embora descrentes da história, os funcionários do zoológico se dispuseram a colaborar nas buscas e, para surpresa geral, dois tratadores chegaram a ver realmente uma criatura com a aparência de um canguru. O animal tinha cerca de um metro e meio de altura e foi avistado pulando naquele seu estilo típico. Esse episódio ocorreu na mesma tarde em que outros habitantes da região declararam ter visto uma dupla de cangurus escondida em meio a alguns arbustos.

A atenção que os cangurus-fantasmas de Morange-Silvange despertou nos meios de comunicação era bastante natural, principalmente porque os policiais admitiram não ter registrado qualquer ocorrência de fuga de animais de circos ou de coleções particulares. No entanto, como nenhum outro caso foi relatado, a história foi sendo gradativamente esquecida, e no ano seguinte poucos franceses ainda se lembravam do caso.

O episódio acima narrado é apenas um exemplo, entre muitos relacionados com um estranho fenômeno: o aparecimento de animais em locais completamente afastados do seu hábitat natural, e em situações que desafiam qualquer tentativa de explicação lógica. Na verdade, todos os países da Europa Ocidental apresentaram sua cota de ocorrências estranhas, nas quais insetos exóticos, peixes, répteis, e até mesmo alguns grandes mamíferos surgiram nas circunstâncias mais peculiares. Embora a Europa tenha ligação territorial com outros continentes, é também densamente povoada. Por isso, é difícil imaginar que os animais pudessem viajar sozinhos por grandes distâncias sem serem notados. As explicações tradicionais para esse tipo de aparição — filhotes que fugiram ou foram abandonados, animais que escaparam de zoológicos ou de circos, identificação equivocada de espécimes — não chegaram a satisfazer. Por outro lado, as interpretações paranormais mais elaboradas — os animais teriam sido transportados através de milhares de quilômetros por algum processo ainda desconhecido, são aberrações da natureza, ou mesmo recorrências espontâneas de criaturas que viveram na região anteriormente — são hipóteses até hoje não provadas. No entanto, seja qual for o tipo de explicação que oferecemos, natural ou sobrenatural, um fato é bastante claro: não podemos desprezar as ocorrências e considerá-las todas alucinações ou histórias forjadas pelos meios de comunicação.

Durante o século XX, entre os espécimes maiores de mamíferos não nativos que foram vistos, fotografados, capturados ou abatidos, podemos relacionar, apenas na Europa, lobos, porcos-espinhos, chacais, macacos, hienas, quatis, antílopes africanos e iaques tibetanos. No Reino Unido — cujo território separado do resto do continente apresenta probabilidades ainda menores de tornar-se o hábitat de animais exóticos — já ocorreram aparições de javalis, ursos, crocodilos e cangurus em números tão elevados que se torna impossível pensar nas ocorrências como alucinações.

Alguns espécimes que apareceram na Grã-Bretanha são bem reais e não apresentam aparentemente qualquer característica sobrenatural. Existe, indiscutivelmente, uma considerável colônia de cangurus vivendo na floresta de Ashdown, pelo menos desde o início da década de 1940. Alguns animais já foram capturados e entregues a zoológicos, ou foram vistos correndo em estradas da região. Como esses cangurus chegaram lá, não se sabe; mas sua existência, em carne e osso, não é contestada nem pelos zoólogos mais céticos.

Quanto ao javali, embora fosse muito comum na Europa durante a Idade Média, já era considerado extinto por volta do final do século XVII. No entanto, no início da década de 1970 ocorreram tantas aparições, que não foi mais possível desprezar os relatos das testemunhas. E de fato, no verão de 1972 um javali macho de noventa quilos foi capturado vivo em um jardim de Odiham, Hampshire. Desde então, mais dois animais mortos foram encontrados: um deles, abatido por um fazendeiro, e o outro, atropelado em um acidente perto de Nairn, no planalto escocês.

O urso-escuro também é considerado extinto na Grã-Bretanha, no entanto, vários deles foram vistos em Yorkshire, Bedfordshire, Norfolk e outros subúrbios da Grande Londres. A polícia, armada com potentes rifles, levou a sério todos os relatos e organizou buscas. Mas em nenhuma das ocorrências os policiais chegaram a ver o animal. No dia 27 de dezembro de 1981, porém, quatro meninos, com idades que variavam entre nove e 13 anos, afirmaram que haviam visto nos pântanos de Hackney, em Londres, “uma coisa peluda e grande que rosnava”. Percorrendo o local, a polícia encontrou algumas pegadas de urso na neve, sinais que não chegavam a ser conclusivos, mas que dificilmente poderiam ter sido produzidos por outra espécie de animal. Como as crianças haviam sido as únicas testemunhas, seu depoimento não teria recebido muito crédito, não fora o fato de que, cerca de duas semanas depois, os corpos de dois ursos foram encontrados boiando no rio Lean, na região de Hackney. Esse episódio jamais foi esclarecido.

A possibilidade de que répteis de regiões tropicais, como jacarés e crocodilos, possam perambular por áreas rurais inglesas parece simplesmente absurda. Entretanto, assim como ocorre com os mamíferos, de vez em quando eles são encontrados. Em agosto de 1966, um jacaré de 1,80m foi descoberto cochilando tranquilamente em um jardim de Leicester. Chamados para livrarem-se da criatura, os policiais chegaram a pensar que se tratasse de uma brincadeira. Durante o mês de junho de 1970, um crocodilo apareceu sete vezes apanhando sol na margem do rio Ouse, em Little Barfield, enquanto um outro foi visto cinco anos depois no rio Stour. No mês de agosto daquele mesmo ano, um filhote de crocodilo foi capturado passeando em uma estrada de Stevenage.

Outras ocorrências foram ainda registradas: em março de 1978, uma estudante encontrou um crocodilo morto no quintal de casa, em Caerphilly; e na manhã de 16 de março de 1980, a polícia saiu à caça de um crocodilo de quase dois metros que fora avistado por vários motoristas atravessando a auto-estrada M55. A busca foi infrutífera. Até hoje não se encontrou nenhuma explicação lógica para a presença dessas criaturas.

As anômalas aparições desses animais continuam acontecendo. Nas últimas duas décadas, apenas no Reino Unido, foram descobertas criaturas originárias de países tão distantes quanto o Japão, a Nova Zelândia e a Nova Guiné. Uma grande variedade de imigrantes menores como aracnídeos, borboletas, moluscos, crustáceos e pequenos répteis foi detectada, além das visitas de morcegos tropicais, focas do Ártico, lincos, quatis e pelo menos uma hiena. Em nenhum caso foi possível provar que se tratava de um animal cativo.

Chuva de rãs na Grã-Bretanha

A queda de substâncias estranhas do céu é uma ocorrência regular na história dos eventos paranormais do século XX e, ao que parece, ocorreu em praticamente todos os países do mundo. Como em cada evento geralmente apenas um tipo de objeto cai, é bastante difícil imaginar uma solução natural para esses mistérios. Mas se considerarmos globalmente a ampla variedade de objetos que já despencaram do azul do céu, torna-se igualmente complicado apresentar uma solução de cunho sobrenatural.

Entre as ‘chuvas’ que já ocorreram durante esse século tão estranho, temos relatos de acontecimentos envolvendo maçãs, ovos (crus e cozidos), fuligem, pedaços endurecidos de terra, sangue, presunto cozido e vários tipos de carne, ervilhas, carvão, farinha umedecida, cebolas, tomates (ao natural ou já cozidos), pregos galvanizados, dedos humanos, caranguejos, vários tipos de crustáceos e outros mariscos, feijão cozido, espigas de milho, as mais variadas sementes, lascas de mármore, louças, correntes incandescentes, barras de ferro, bolas de golfe, calcário, vidro, bolinhas de chumbo, e animais de porte médio — inclusive crocodilos, cães e gatos.

A maioria desses objetos caiu apenas uma ou duas vezes durante os últimos noventa anos, mas algumas formas de matéria inanimada (principalmente dinheiro em cédulas, moedas e pedras) surgem do céu com grande regularidade, assim como certas substâncias de difícil identificação (alguns tipos de lodo, melados e geléias). Com relação às quedas de criaturas, os peixes estão entre as espécies mais frequentes. Porém, sem dúvida alguma, o primeiro lugar dessa lista pertence às rãs.

No dia 24 de outubro de 1987 dois tablóides londrinos, o *Daily Mirror* e o *Daily Star*, publicaram uma reportagem sobre uma senhora idosa, cuja identidade não foi revelada, que havia relatado à Sociedade para a Preservação da Natureza de Gloucestershire a anômala queda de rãs cor-de-rosa, ocorrida em sua cidade, Stroud, durante as chuvas torrenciais da semana anterior. De acordo com a história daquela senhora, as pequenas rãs despencavam nos guarda-chuvas e nas calçadas às centenas, e saltando, se dirigiam aos riachos e jardins das redondezas. As reportagens relatavam ainda que um número elevado de rãs, correspondendo à mesma descrição da senhora de Stroud, haviam sido vistas na cidade de Cirencester duas semanas antes, embora não exatamente no momento em que caíam do céu. O *Daily Mirror* trazia também a opinião de Ian Darling, um pesquisador que examinou algumas das rãs. Darling concluiu que se tratava de uma raça albina, cuja cor estranha era devida aos pequenos vasos que apareciam através do couro praticamente transparente. Chamando atenção para o fato de que o território britânico fora varrido por ventos do Saara naquele período, o pesquisador considerava que as rãs poderiam ter sido erguidas por rajadas de vento e arrastadas, no interior de pequenas bolhas de água da atmosfera, por milhares de quilômetros até a Inglaterra. Outras vozes discordaram, e a maior parte da imprensa que acompanhou a história preferiu aceitar uma explicação mais realista: as rãs simplesmente saltaram da grama ou das moitas — um comportamento comum quando a chuva é muito forte. A velha senhora que alegara ter visto os animais caindo do céu, por ser uma pessoa de hábitos excêntricos, foi considerada uma testemunha não confiável.

Não é de se estranhar que a maioria das pessoas, principalmente aquelas predispostas a buscar soluções racionais para os mistérios, procure manter distância desse tipo de história. As contradições lógicas dessas narrativas não se limitam a desafiar todas as leis da ciência: são simplesmente insensatas. E difícil explicar por que as rãs constituem a espécie de animal que mais cai dos céus. Contudo, existem tantos relatos de testemunhas visuais desses eventos, que se torna impossível tratá-los como histórias fabricadas.

No seu livro *Book of dammed*, Charles Hoy Fort apresenta dezenas de exemplos que ocorreram na última metade do século passado e nas primeiras décadas do século atual. Dentre eles, o mais impressionante talvez tenha sido o episódio ocorrido no dia 2 de julho de 1901, em Minneapolis, nos Estados Unidos. Durante uma violenta tempestade, várias centenas de testemunhas presenciaram a queda de “uma enorme massa verde”, espalhando uma quantidade tal de rãs e sapos pela área — equivalente a três quarteirões — que o trânsito nas ruas se tornou impossível. Depois da morte de Fort, o número de relatos continuou crescendo, embora raramente tenham sido registradas quedas igualmente intensas.

No dia 12 de julho de 1954, a inglesa Sylvia Mowday estava entre as muitas testemunhas que viram uma grande quantidade de rãs de cor cáqui, medindo dois centímetros de largura, caindo do céu durante uma chuva fraca. Quando olhou para o chão, percebeu que este estava completamente coberto pelas criaturas, em uma área de mais de quarenta metros quadrados.

Em 1969, Verônica Papworth, uma jornalista bastante conhecida, foi uma das várias testemunhas que viram milhares de rãs caírem dos céus em Penn. Dez anos depois, em 27 de julho de 1979, uma outra inglesa, a senhora Vida Mc William, encontrou, após uma chuva forte, um grande número de rãs verdes e pretas no jardim, e os galhos das árvores e dos arbustos estavam cobertos com grande quantidade de algo que parecia ser ova de rã.

Muitas pessoas irão zombar dessas histórias, e não há nada como uma rã para incomodar os cientistas. O fenômeno jamais foi investigado cientificamente, e duvido que o venha a ser algum dia. Entre os racionalistas que são bastante honestos para admitir que os episódios não podem ser simplesmente ignorados, a grande maioria prefere o tipo de explicação natural que foi apresentada por Ian Darling: os animais teriam sido erguidos, em massa, por tufões ou remoinhos de vento, e teriam caído em um outro lugar qualquer, sob a ação da gravidade. Trata-se, porém, de uma hipótese que não explica as características peculiares das quedas, bem como a ausência, junto ao material que cai, de outras substâncias trazidas dos locais de origem dos animais (cascalho, por exemplo). Mas, se rejeitarmos esse tipo de explicação (que é a minha opção pessoal), realmente não nos resta nada que faça muito sentido.

Às vezes ficamos imaginando que talvez exista no cosmos alguém nos pregando peças. É interessante observar que nas primeiras semanas de outubro de 1987, quando na região de Gloucestershire ocorreram quedas estranhas de uma variedade não identificada de rãs, o filme *The love child* estava sendo exibido em vários cinemas. O pôster de propaganda apresentava um grande número de rãs cor-de-rosa caindo dos céus, e o enredo do filme contava a história de um grupo musical chamado Rãs Rosadas. Uma simples coincidência? É claro que sim. Ora, o que mais poderia ser?

1988

Incidente no planalto Nullarbor

Em janeiro de 1988 a Austrália inteira acompanhava os preparativos para as festividades do bicentenário do país. Ao mesmo tempo, disputando espaço na imprensa, veio à tona a história da terrível experiência vivida por uma família, ao atravessar o interior do subcontinente australiano. Uma história terrível e inexplicável.

No dia 19 de janeiro, a família Knowles saiu de Perth para uma viagem de carro de dois mil quilômetros em direção a Melbourne, onde planejava participar das festividades nacionais em companhia de amigos. A senhora Faye Knowles estava acompanhada dos filhos: Patrick, 24 anos, Sean, 21, e Wayne, 18. Como levavam também dois cães, o carro em que viajavam, um Ford Telstar, estava muito apertado e abafado. Assim, sensatamente, os Knowles decidiram fazer a maior parte da viagem durante a noite, quando o ar do deserto era mais fresco.

Depois de haver passado por um bom trecho da auto-estrada costeira entre Eyre e o estado da Austrália do Sul, o grupo começou a contornar o território do grande Planalto de Nullarbor, já nas primeiras horas da madrugada. Embora a rodovia não fosse iluminada, um belíssimo luar oferecia as condições necessárias para dirigir e, de qualquer maneira, quase não havia tráfego em ambas as direções. No entanto, vindo da escuridão do céu, um perigo inesperado estava prestes a se abater sobre eles; um risco que os manuais de instrução para motoristas não costumam mencionar.

A uns dez quilômetros do local em que pretendiam fazer uma parada, a cidadezinha de Mundrabilla, a experiência dos Knowles começou. Sean, que dirigia o carro, foi o primeiro a ver, a certa distância, um estranho objeto brilhante. Era um objeto branco, com o formato de uma pipa, e apresentava uma coloração amarelada nas extremidades. Depois de alguns instantes, desapareceu, e Sean voltou a se concentrar na tarefa de que estava incumbido.

No entanto, quando já havia dirigido por cerca de um quilômetro, a luz reapareceu na sua frente, a uma distância bem menor, e parecendo vir ao seu encontro. Movia-se em uma altitude muito baixa, a poucos centímetros da estrada, o que a colocava em rota de colisão com o Ford. Assustado, o rapaz deu um grito, acordando os companheiros de viagem. Desperta, a família toda viu o objeto brilhante deslizando ao longo da estrada na direção do carro e pousando a poucos metros deles. Sean desviou bruscamente para evitar o choque, e ao fazê-lo, quase colidiu com um veículo que vinha despreocupado na direção oposta, puxando um reboque.

O Ford Telstar derrapou, deslocando violentamente seus ocupantes. Quando a família Knowles se recompôs, não havia mais qualquer sinal do objeto luminoso. Após uma rápida discussão, Sean decidiu retornar, achando que assim evitaria um outro encontro com a tal forma misteriosa. No entanto, quando manobrou o carro, uma luz intensa desceu sobre eles. Ouviram então um zunido forte, semelhante ao barulho de um motor girando, mas de uma amplitude tal que fazia a carroceria do automóvel sacudir. Imediatamente os Knowles compreenderam que a estranha coisa da qual eles haviam se desviado há poucos instantes estava pousada bem em cima do Ford. De repente, uma nuvem fina formada por um pó escuro invadiu o carro através de uma janela semi-aberta, deixando os passageiros completamente

confusos. Durante alguns instantes, eles tiveram a sensação de que estavam sendo erguidos no ar, puxados por alguma força magnética extraordinária. O pó tinha um odor adocicado e enjoativo (como o cheiro de carne apodrecida), que penetrou em suas narinas e fez com que dois deles chegassem a vomitar. Então, quando menos esperavam, a provação terminou: o carro despencou no chão com violência, esmagando a suspensão e o escapamento contra a superfície irregular da estrada. Nesse instante, um dos pneus estourou; o veículo então ficou completamente desgovernado, chocou-se contra os arbustos, e foi parar com o capô enterrado em uma duna. Quando os quatro saíram do carro, apavorados, olharam imediatamente para o céu, mas viram apenas as estrelas e a luz da lua.

A intrigante história contada pela família de Perth não é única nos anais da literatura sobre óvnis. Casos de interferência no funcionamento de veículos (pane nos circuitos elétricos de carros dirigidos por pessoas que testemunham aparições de óvnis) já são um dado comum nos relatos sobre esses encontros. Em vários episódios, os motoristas afirmam que seus veículos foram puxados, exatamente como o carro dos Knowles, em direção à nave dos visitantes, e às vezes até para o seu interior. Normalmente as histórias são tidas como alucinações, mas o incidente ocorrido no Planalto de Nullarbor foi marcado por outros detalhes significativos, que parecem comprovar o testemunho das pessoas diretamente envolvidas.

Antes de mais nada, os quatro membros da família Kiiowles não foram as únicas pessoas que testemunharam o aparecimento de luzes estranhas no céu naquela noite. Joe Torcky De Jong, um motorista de caminhão que viajava para Adelaide com a namorada, viu algo muito brilhante erguendo-se em direção ao horizonte por volta das 2h15min da madrugada, horário que corresponde ao momento do incidente envolvendo os Knowles. Graham Henley, outro motorista, declarou ter visto um objeto semelhante ao descrito por Sean Knowles. Segundo afirmou Henley, o que viu não era, definitivamente, uma aeronave conhecida, ou tão pouco o reflexo de uma estrela.

Outras evidências comprobatórias relacionam-se com o estado do carro e dos próprios passageiros. Após completar seu relatório sobre o alegado encontro com o óvni, o policial Trebilcok confirmou aos jornalistas que todos os membros da família Knowles demonstravam visível ansiedade e estavam bastante perturbados com a experiência que haviam tido. Além disso, a senhora Knowles, que estava mais próxima da janela semi-aberta e havia colocado a mão para fora do carro em um determinado momento do encontro, apresentou uma séria inflamação na pele. O policial examinou o automóvel pessoalmente e descobriu marcas curiosas no teto, mais coerentes com a descrição do episódio feita pelos Knowles do que com a possibilidade de um acidente comum de trânsito. Também verificou que o interior do veículo e toda a estrutura metálica externa estavam cobertos por um pó cinza, cuja origem ele não conseguia explicar, que exalava um odor desagradável. Suas averiguações confirmaram a parte essencial da história contada pela família.

Foram feitas análises com amostras do pó por um cientista americano, o doutor Richard Haines e pelo Australian Mineral Development Laboratory, representando a rede de televisão Canal 7. Curiosamente, constatou-se que a substância tinha uma composição bastante semelhante ao material empregado em lonas de freios, exceto pela alta proporção de cloro encontrada. É claro que toda aquela quantidade de pó, encontrada tanto no compartimento de passageiros quanto na lataria do Ford, não poderia ter sido produzida apenas pela freagem de um carro. Assim sendo, essa substância permaneceu como um detalhe inexplicado do caso.

Mas, para algumas pessoas, a evidência mais forte de todas era o fato de que o velocímetro do automóvel emperrara marcando a velocidade de duzentos quilômetros por hora, uma marca muito acima daquela que um Ford Telstar 1984 poderia alcançar. Entretanto, quando o carro foi erguido e submetido a

um teste, verificou-se que as rodas realmente podiam atingir a velocidade de duzentos quilômetros por hora, o que indicava que talvez o veículo tivesse sido ajudado pela força misteriosa que viajou sobre ele.

A grande publicidade atraída pelo episódio do dia 20 de janeiro garantiu à família Knowles um tratamento semelhante ao dispensado às grandes celebridades da mídia australiana. O fracasso dos incrédulos em apresentar uma explicação alternativa plausível serviu apenas para aguçar o interesse pelo caso. Uma hipótese inicialmente apresentada considerava que os Knowles haviam simplesmente visto o pôr-do-sol. Mas a idéia foi logo refutada, uma vez que já era madrugada quando Sean avistou o objeto pela primeira vez. A possibilidade de que a luz fosse proveniente de uma tempestade com fortes relâmpagos também não pôde ser sustentada. Uma terceira explicação, atribuindo a responsabilidade pelo acontecimento a testes com mísseis militares, também foi completamente descartada.

Os australianos que ouviram a família Knowles relatando sua experiência na televisão convenceram-se de que não houvera nenhuma encenação. Mesmo quando mais tarde o professor Peter

Schwerdtfegger, da Universidade Flinder, em Adelaide, apresentou finalmente uma explicação do tipo 'natural', que aparentemente se encaixava com alguns fatos, poucos a aceitaram. Segundo a teoria do professor, os Knowles haviam penetrado bem no meio de um sistema climático muito raro conhecido como tempestade de céu limpo, caracterizada por turbulências e ventos localizados. Os efeitos associados a essa tempestade podem, de acordo com as especulações do cientista, introduzir na atmosfera, através da ação da eletrostática, fenômenos físicos anormais como o pó que cobria o Ford Telstar.

Como explicação teórica, a hipótese do professor Schwerdtfegger merecia toda a consideração, mas seu impacto sobre a opinião pública foi diminuído pelo fato de que jamais alguém vira em operação o sistema climático por ele definido. Assim, a primeira probabilidade, a mais óbvia, aquela que vinculava o episódio aos fenômenos do tipo óvni, tornou-se a explicação da maioria dos australianos.

1989

O hangar mal-assombrado

Quando alguém afirma que está ouvindo vozes, fica sob suspeita de insanidade mental. Entretanto, muitas pessoas que ouviram vozes inexplicáveis não tinham nada de loucas. Algumas ocorrências desse tipo podem ser realmente explicadas em termos de alucinação auditiva, porém alguns casos permanecem insolúveis, desafiando as teorias racionalistas. Em alguns exemplos, os sons foram ouvidos durante um longo período, e por várias testemunhas; em outros, foram até gravados. Fraudes, ilusões auditivas e outros argumentos desse tipo não alteram o fato de que esses sons estranhos realmente aparecem de tempos em tempos, por motivos ainda não elucidados.

No outono de 1989, Peter Thorneycroft conduziu uma investigação sobre os estranhos fenômenos que estavam ocorrendo durante a noite em um hangar de aviões. O local fazia parte das instalações do Museu da Força Aérea Britânica de Cosford, perto de Wolverhampton, e abrigava um bombardeiro Avro-Lincoln restaurado que operara durante a Segunda Guerra Mundial. As manifestações sonoras incluíam batidas, rangidos, chiados, sussurros e vozes. Mas o hangar apresentava outras peculiaridades: espectros de tripulantes eram vistos pelos funcionários do museu, o volante e os interruptores do avião se mexiam, a temperatura caía bruscamente. Investigando os estranhos eventos, juntamente com técnicos da Rádio BBC, o próprio Thorneycroft ouviu e gravou sons anormais no interior da aeronave, e viu inexplicáveis pontinhos de luz se movimentando. Quando os ruídos foram analisados pelos pesquisadores da BBC, observou-se que as ocorrências (na maioria das vezes sons associados a movimentos mecânicos, como uma catraca deslizando ou uma porta se fechando) sempre começavam com uma espécie de *bip*, barulho semelhante àquele provocado por uma descarga estática repentina. O diretor do museu, Len Wardgate, considerou que não havia qualquer possibilidade de que os sons pudessem ser produzidos pelo avião, que estava sem pressão hidráulica e com o sistema elétrico desativado, e nem mesmo por movimentos de expansão e contração da estrutura metálica do hangar. Na opinião de Wardgate, não havia explicação para os acontecimentos que ocorriam no local. Algumas das pessoas que escutaram as fitas de Thorneycroft repararam que os ruídos pareciam repetir uma seqüência, e argumentaram que o que se ouvia era uma regravação do mesmo segmento de sons. É bem verdade que o incompreensível *bip* que inicia cada série de ruídos se encaixa em uma explicação desse tipo, mas também é justo observar que, se todos aqueles sons gravados são autênticos, a ciência não sabe como explicá-los.

O museu aeronáutico de Cosford é apenas um caso entre muitos que ocorreram ao longo do século. Durante várias noites do mês de novembro de 1986 os aposentos inferiores da casa de uma fazenda em Somerset, na Inglaterra, foram invadidos por sons que se acreditava serem as vozes dos antigos moradores. As pessoas que testemunharam essas estranhas conversas afirmaram que elas começavam e acabavam com um *dick*, exatamente como se um rádio tivesse sido ligado ou desligado. No entanto, nenhum transmissor ou receptor foi localizado, e nenhuma explicação natural pôde ser apresentada.

Curiosamente, um *dick* metálico semelhante precedia todas as manifestações que começaram a ocorrer em um antigo farol de Maryland, em janeiro de 1973. O proprietário do local, Gerald J. Sword passou a ser acordado durante a noite por uma confusão de sons que incluíam passos, portas batendo e móveis se arrastando, embora na manhã seguinte tudo aparentasse estar normal. Preocupado com sua

saúde mental, Sword decidiu deixar um gravador ligado para registrar os ruídos. Efetivamente, a fita gravada incluía muitos sons esquisitos, inclusive algumas frases, que aparentemente referiam-se ao tratamento de feridos. Para a surpresa de Sword, um pesquisador da história do local descobriu que sua casa fora usada como uma espécie de hospital durante a Guerra Civil Americana.

Os sons do passado que são intencionalmente registrados em fitas são fascinantes; mas os que aparecem gravados por conta própria podem ser apavorantes. Em 1978, uma jovem de Birmingham, chamada Joyce McCarthy, descobriu que a gravação que havia feito de um disco da cantora Donna Summer fora misteriosamente apagada, e em seu lugar havia o barulho de homens gritando, madeira caindo e água correndo. A jovem havia escutado a fita dezenas de vezes antes. A gravação foi analisada pelo departamento de física de uma universidade da região, mas nenhuma solução para o mistério pôde ser oferecida. No entanto, historiadores locais chamaram atenção para o fato de que a casa de Joyce McCarthy situava-se na área de uma mina de carvão abandonada. Um dos pesquisadores, que também era espiritualista, sugeriu a hipótese de uma ligação entre as estranhas gravações e um desastre ocorrido exatamente cem anos antes. Realmente, quando as vozes foram amplificadas, foi possível ouvir os nomes de vários trabalhadores que, de acordo com os registros, haviam perdido a vida na mina inundada.

A capacidade que certos locais têm de armazenar ruídos e liberá-los muitos anos depois, fez com que alguns membros da comunidade formada por estudiosos da paranormalidade realizassem experiências voltadas para o fenômeno. A maioria dos testes não foi nada conclusiva, mas recentemente, dois pesquisadores britânicos, o engenheiro elétrico John Marke e o químico industrial Alain Jenkis, apresentaram alguns resultados interessantes.

Informados das manifestações que haviam ocorrido em uma taverna em Kenfig, Marke e Jenkins apresentaram a hipótese de que algumas das substâncias usadas nos materiais empregados na construção das paredes do local eram capazes de armazenar ruídos exatamente como um gravador (alguns tipos de tijolo contêm sílica e sal férrico, elementos usados também para fabricar fitas magnéticas). A experiência que realizaram envolveu a instalação de potentes eletrodos no interior das paredes e a aplicação de uma tensão de mais de 20.000 volts por todo o edifício, na expectativa de que os elétrons da sílica liberassem a energia sonora aprisionada. O experimento funcionou. Durante um período de quatro horas, com a corrente ligada, vários ruídos estranhos foram captados pelas gravações, inclusive o som baixo de um órgão, um cão latindo, e vozes falando em um antigo dialeto gaulês.

Baseados no experimento de Marke e Jenkins, alguns pesquisadores concluíram que os sons constituíam uma espécie de memória do local, mas nada tinham a ver com assombrações. Essa análise pode ser correta, mas ainda assim ficamos sem respostas para uma série de questões. Por que alguns sons se mantêm aprisionados, enquanto outros são liberados? Por que apenas algumas pessoas são capazes de ouvi-los? Como esses sons acabam sendo liberados? Quando conseguirmos responder a essas perguntas, teremos dado um passo importante para a compreensão do mundo paranormal.

1990

Evidência em círculos?

Durante todo o verão de 1990, o aparecimento de mais de setecentos círculos de origem misteriosa nas plantações de cereais da Grã-Bretanha deixou a mídia bastante agitada. Não se tratava, é claro, do primeiro lote de marcas que havia aparecido assim. Na verdade, dez anos antes, em agosto de 1980, várias áreas rebaixadas surgiram inexplicavelmente nos campos de Wiltshire, e os mesmos desenhos em forma de círculos começaram a aparecer nos meses anteriores à colheita anual desde então. Ao longo da década, outras marcas foram aparecendo, mas a partir de 1990 o fenômeno se modificou radicalmente, não apenas quanto ao número de ocorrências, mas também pela complexidade artística dos desenhos. A partir de então, ao invés dos círculos individuais tradicionais e das eventuais formações em três ou cinco círculos concêntricos ou espirais, passaram a existir combinações muito elaboradas de círculos e espirais, e até pictogramas mais complicados, inclusive listras e retângulos que eram simplesmente surpreendentes quando fotografados de cima.

Repentinamente, o fenômeno dos círculos nos campos de cereais, antes considerado irrelevante pela maioria das pessoas, não pôde mais ser ignorado. Diante das evidências proporcionadas pelas fotografias nos jornais, milhares de pessoas pelo país afora passaram a debater as possíveis causas da ocorrência. Os mais destacados cientistas, que até então haviam ignorado silenciosamente a escalada do fenômeno, não mais podiam fugir à realidade e se viram forçados a oferecer algum tipo de explicação à atônita opinião pública. Mas quando propuseram suas teorias, os estudiosos que já se interessavam há algum tempo pelos círculos, bem como os pesquisadores de fenômenos paranormais, imediatamente apontaram a inconsistência das hipóteses (geralmente porque eles mesmos as haviam examinado antes).

Hoje, à medida que nos aproximamos da metade da década, continuamos sem pistas com relação às forças que originam os círculos, porém, ainda assim, é interessante fazer uma breve retrospectiva do fenômeno mais surpreendente e mais visível do século, a fim de demonstrarmos porque tal ocorrência provavelmente não apresenta causas naturais.

Embora os círculos tenham sido encontrados regularmente, espalhados pelas plantações de cereais do sul da Inglaterra, a grande maioria apareceu nos condados de Hampshire e Wiltshire, que formam a região de Wessex. Não se trata, no entanto, de um fenômeno exclusivamente britânico, pois os pesquisadores já relacionaram casos ocorridos em cerca de 24 países durante este século, e alguns exemplos registrados na Holanda, no ano de 1503. Ainda assim, sem sombra de dúvidas, o Reino Unido merece a fama de capital mundial do fenômeno, e os dois condados mencionados acima constituem o foco das ocorrências.

O motivo de tal concentração está longe de ser esclarecido, e o mesmo pode ser dito em relação a tudo o que envolve a existência dos círculos. Durante a década de 1960, Wessex tornou-se um lugar bastante conhecido e freqüentado por pesquisadores de óvnis e seitas ocultistas que identificavam ali alguns locais místicos, capazes de propiciar o contato com as forças da natureza e com visitantes de outros planetas. A razão desse afluxo nunca foi muito bem explicada, mas quando os círculos começaram a aparecer em número cada vez maior, no início da década de 1980, os antigos freqüentadores do local

viram no fato um sinal de que estavam mesmo certos. Os jornais também fizeram questão de promover sua versão dos acontecimentos e, durante um certo tempo, a opinião pública viu a hipótese das espaçonaves como uma possível explicação não natural para o fenômeno. Porém, a exagerada publicidade em torno da ligação entre os círculos e os discos-voadores não produziu qualquer aparição de óvnis que pudesse comprovar a teoria, que acabou sendo gradativamente abandonada.

Enquanto os ovniologistas procuravam divulgar sua hipótese favorita, representantes de vários ramos da ciência propunham uma série de explicações igualmente fracas. Os hábitos de acasalamento dos ouriços e dos coelhos, e até a flatulência bovina chegaram a ser considerados. Alguns biólogos defenderam a tese de que os círculos eram resultantes de um crescimento anormal de fungos, enquanto um especialista em armamentos sugeriu que as marcas poderiam ter sido feitas por aviões de controle remoto voando a baixa altitude, lançados de bases militares situadas na região de Wessex. Um importante cientista francês acreditava que os círculos haviam sido produzidos por alguma arma secreta dirigida contra alvos aéreos, cujos disparos haviam ricocheteado no solo. Os ambientalistas, por seu turno, consideravam que o buraco na camada de ozônio era a causa de todo o fenômeno.

Nenhuma das teorias ‘naturais’ foi acolhida com muito crédito, e as pessoas começaram a se sentir atraídas pela possibilidade de uma explicação autenticamente sobrenatural. Assim foi, até que um meteorologista inglês, chamado Terence Meaden, apresentou sua hipótese. Segundo ele, ocorria na verdade a formação de uma corrente de ar anormal, uma espécie de redemoinho estacionário em condições de bom tempo. Relacionando essa idéia ao fenômeno ‘*dust devil*’ — ancinho de poeira —, uma espécie de aspirador capaz de sugar fragmentos de rocha e areia nos desertos e outros locais quentes, Meaden definiu a combinação de fatores geológicos e meteorológicos capazes de criar tal fenômeno na Grã-Bretanha. Para a surpresa de muitos, os fatores apontados aparentemente se encaixavam com as características dos locais onde ocorrera a formação dos círculos em Wessex. Quando vários fazendeiros da região confirmaram que haviam visto pequenos redemoinhos levantando feno ou milho nos seus campos, a imprensa e o público em geral chegaram à conclusão de que o mistério havia sido finalmente decifrado.

Mas a formação de círculos de padrão mais complexo durante meados da década de 1980, inclusive o exemplo particularmente extraordinário de Bratton, veio enfraquecer a teoria do doutor Meaden. O cientista então modificou ligeiramente suas idéias, propondo que os redemoinhos estacionários eram capazes de produzir um vórtice em miniatura que, em condições atmosféricas adequadas (dias quentes e sem ventos), provocariam a formação de eletricidade no interior de uma coluna de ar descendente. Esse vórtice poderia teoricamente levantar e descer novamente ao chão, deixando, assim, as marcas dos círculos nos campos. Embora esse efeito ocorresse também sobre estradas e águas, obviamente, nesses locais não deixaria marcas. A maioria dos especialistas foi convencida também por essa segunda teoria. No entanto, para muitas pessoas, a complexidade e a perfeição características dos círculos pareciam indicar uma ação inteligente; observação que os cientistas rapidamente contra-argumentavam, dizendo que muitos fenômenos naturais, como os flocos de neve, eram igualmente perfeitos e surpreendentes.

No entanto, nem mesmo a teoria aperfeiçoada de Meaden foi capaz de explicar os pictogramas estranhos que surgiram no sul da Inglaterra em 1990. Grupos de círculos dispostos em forma triangular, agrupamentos assimétricos, lineares, e até setas apareceram entalhadas na paisagem britânica. As verdadeiras obras de arte em escala ampliada (como mais poderiam ser chamados?) fizeram deflagrar uma nova onda de interesse pelos meios de comunicação, e nos bares e clubes as pessoas não tinham outro assunto. Alguns pesquisadores de fenômenos paranormais propuseram outra teoria original: uma

forma de vida inteligente estaria enviando mensagens, que certos fanáticos viam como um sinal do fim do mundo. Os cientistas, depois de terem aparentemente desistido de oferecer uma teoria natural que explicasse as formações cada vez mais elaboradas, voltaram-se para a hipótese mais óbvia: os círculos seriam uma fraude. A teoria da fraude, no entanto, não era capaz de explicar como desenhos tão grandes e complicados poderiam ter sido feitos sem o auxílio de um verdadeiro exército.

Além disso, se existissem métodos eficientes para produzi-los, idéia de difícil aceitação, o trabalho teria que ser feito durante a noite, e sem o conhecimento dos fazendeiros. Na verdade, os proprietários das terras haviam rejeitado, já há muito tempo, a idéia de que grupos organizados de embusteiros estivessem penetrando regularmente em suas propriedades. Dado o grande número de ocorrências verificadas em 1990, era difícil imaginar como um grupo ou mesmo vários grupos pudessem ser responsabilizados por todos os casos.

Atualmente, o aparecimento em grande escala dos famosos círculos na paisagem britânica ainda está sendo debatido. As marcas continuam a aparecer, regularmente, e com modelos cada vez mais elaborados. Muitas pessoas se apresentaram na televisão e nos jornais afirmando serem responsáveis pelos círculos e demonstrando a técnica utilizada para fazer os desenhos. Não há dúvida de que algumas das marcas foram realmente obra de impostores, mas não se pode considerar que tais indivíduos pudessem responder por todas as centenas de casos constatados. Ao mesmo tempo, a ocorrência de formações realmente extraordinárias, incluindo cruces e imagens, como o conjunto de Mandelbrot, veio eliminar de uma vez por todas a possibilidade de que se trate de um fenômeno natural. A idéia de que alguma forma desconhecida de inteligência procura se comunicar conosco é bastante atraente. Triste é saber que, nesse caso, suas mensagens não estão sendo compreendidas.

Um ladrão do outro mundo

Algumas pessoas continuam acreditando que todos os casos alegados de aparições de fantasmas são oriundos da imaginação extremada de indivíduos com forte propensão à fantasia, que devem ser considerados fenômenos de ilusão ótica, ou outras anomalias da percepção. Para os adeptos da teoria de que o espírito não sobrevive à morte, as aparições existem apenas na mente do indivíduo, e sua aparente realidade é simplesmente uma prova do grande poder da imaginação humana. Embora a pessoa acredite realmente que viu um fantasma, a figura é na verdade uma criação imaginária, produzida talvez pelo desejo subconsciente de que seus entes queridos possam sobreviver à morte.

As pessoas que dedicaram a vida inteira ao estudo dos fenômenos sobrenaturais sabem perfeitamente que essa pseudo-explicação raramente se aplica aos casos de visão de fantasmas. Mas um fato interessante vem ocorrendo ultimamente: vários pesquisadores que acreditam na tese da sobrevivência dos espíritos passaram a defender a idéia de que as aparições não têm realidade objetiva. Uma teoria que vem ganhando terreno entre os parapsicólogos modernos sustenta que espíritos são materialmente invisíveis e só podem tornar perceptível a sua presença, canalizando pensamentos para o interior dos processos mentais dos sujeitos vivos. Dessa maneira, as almas desencarnadas produzem imagens na mente do receptor, uma visão tão forte que a pessoa acredita verdadeiramente ter visto um fantasma quando, na realidade, diante dela não havia qualquer figura tridimensional.

Embora os dois modelos teóricos sejam divergentes quanto à interpretação das causas das aparições, ambos consideram que só através da mente de um indivíduo vivo é possível ocorrer a materialização de um espírito. Tanto os adeptos da doutrina da sobrevivência quanto os seus opositores não poderiam admitir que um fantasma se manifestasse em locais onde não houvesse a presença de um ser humano vivo para vê-lo. Nesse ponto, pelo menos, todos parecem estar de acordo.

Recentemente, porém, surgiram algumas evidências que desafiam até mesmo essa certeza. Com a instalação dos equipamentos de segurança através de circuitos fechados de televisão, o testemunho humano deixou de ser necessário nas aparições. Imagens indicando a presença de fantasmas foram obtidas em várias ocasiões, chocando os pesquisadores. Esse tipo de visitante noturno teria feito uma aparição fugaz, porém muito significativa, em uma boate inglesa em 1991. Na madrugada do dia 27 de outubro, Cameron Walsch-Balshaw, gerente do Butterflies Nightclub, em Oldham, fechou o estabelecimento juntamente com o subgerente, John Reid. Era sábado, e o local estivera cheio como sempre. Os dois homens estavam um pouco cansados, mas ainda dispostos, e depois de terem acionado o alarme contra roubos e o sistema de controle através das câmeras de televisão, foram tomar um chá na casa de Reid, bem próximo dali.

Cameron e John ainda não tinham ido dormir quando, logo depois das 4h30min, a polícia telefonou para avisar que o alarme havia soado no Butterflies Nigthclub. Os dois funcionários voltaram rapidamente para o local, onde encontraram vários policiais. O alarme tinha sido realmente acionado, mas quando entraram no estabelecimento os dois gerentes não encontraram sinal algum de arrombamento, e tudo estava exatamente como haviam deixado duas horas antes. Ao checarem o sistema de segurança,

verificaram que o alarme fora disparado de dentro do escritório da boate, mas como o aposento estava trancado, e as buscas da polícia não descobriram qualquer sinal de invasor, não foi possível descobrir o que havia provocado o seu acionamento.

A essa altura, um dos policiais propôs que verificassem a gravação em vídeo. Mas o que descobriram na fita acabou trazendo mais dúvidas do que esclarecimentos. Quando checaram a câmera do corredor, em frente ao escritório, constataram que realmente alguém fora filmado passando por ali: um homem vestindo calça escura e camisas de mangas curtas. No entanto, esse não era um ladrão comum. Quando o estranho atingiu o final do corredor, simplesmente atravessou a porta fechada do escritório. Atônitos, os policiais e os funcionários da boate verificaram a fita várias vezes, com a esperança de terem se enganado. Mas não havia equívoco algum. A imagem mostrava mesmo a porta fechada — exatamente como fora deixada e encontrada posteriormente — e a figura que passava através dela sem dificuldades. O relógio da câmera indicava o horário da ocorrência: 4h32min22seg, hora exata em que o alarme soou na delegacia de polícia de Oldham.

A extraordinária filmagem de um ladrão do outro mundo provocou naturalmente muitos debates entre os pesquisadores da para-normalidade. Embora tenha sido considerada uma fraude por muitos, todas as evidências sugerem que se trata de uma gravação autêntica. Em novembro de 1991, uma primeira investigação foi conduzida por representantes da Sociedade Britânica Para o Estudo Científico de Fenômenos Anormais. Os pesquisadores descobriram que as instalações da boate, uma construção no estilo vitoriano, já apresentara uma boa cota de aparições fantasmagóricas.

Várias pessoas presenciaram ocorrências estranhas, do tipo *poltergeists*, e pelo menos dois homens encontraram a morte quando trabalhavam ali. Como a imagem do fantasma não era bem nítida no vídeo, não foi possível estabelecer uma ligação definitiva com nenhum dos dois eventos anteriores. Mas depois de toda a publicidade dada ao acontecimento, e após a publicação de uma foto no *Oldham Evening Chronicle*, Derek Lloyd, um morador do local, apareceu dizendo que talvez o fantasma fosse seu próprio pai, falecido naquele edifício quando trabalhava nas obras de reforma realizadas em 1936. Os pesquisadores da associação britânica ficaram impressionados com o filme e os testemunhos de Walsch-Balshaw e Reid. Nenhum dos dois homens tinha motivos para cometer uma fraude, e pareciam ser sinceros. Essa era também a opinião dos jornalistas que os entrevistaram.

Mas será que não haveria uma explicação natural para o enigma? Não seria possível que uma imagem anterior tivesse aparecido na fita, ou seja, não teria ocorrido uma dupla exposição do filme? Cameron Walsch-Balshaw duvidava: “Todas as nossas fitas são desmagnetizadas antes de serem reaproveitadas. Faz parte do contrato com a empresa de segurança. Temos um banco de fitas, mas todas as noites colocamos uma fita praticamente nova na filmadora. “ Os pesquisadores aceitaram suas explicações, mas para afastarem as dúvidas propuseram que a fita fosse submetida a uma análise técnica. Tratava-se de um exame bastante simples: se houvesse mais de uma imagem na fita, teria de haver também mais de um sinal. Quando as fitas foram examinadas pelos técnicos da BBC, com o auxílio de um osciloscópio, foi constatado que apresentavam apenas um sinal. Assim, ficava provado que a imagem autêntica de uma figura espectral andando pelo corredor e atravessando a porta fora realmente filmada naquela noite. Tratava-se, na opinião de David Hall, técnico da BBC, de “um vídeo realmente impressionante”.

Quem — ou o que — entrou então no Butterflies Nightclub na madrugada do dia 27 de outubro de 1991? Simplesmente não sabemos como responder a essa pergunta; mas quem quer que tenha sido, apresentava alguma forma de realidade física. Afinal de contas, a figura não foi apenas captada no filme,

mas também acionou um alarme naquele preciso momento. O sistema usado pela boate funcionava através da emissão de um leque de feixes de infravermelho, e o alarme começava quando dois feixes consecutivos eram interrompidos. É um mecanismo sensível, e já foi ativado até mesmo por partículas de fumaça. Mas é duvidoso que imagens geradas telepaticamente produzissem o mesmo efeito.

Seja qual for a abordagem que dermos ao caso, a única conclusão lógica que podemos extrair dos fatos conhecidos é a de que havia uma presença concreta no local, algo — ou alguém — que não dependia dos processos subconscientes desenvolvidos na mente das pessoas que viram o filme. Um fantasma, talvez.

1992

Os zumbidos de Hueytown

Em janeiro de 1992, os membros de uma comunidade de mineradores de Hueytown, no Alabama, começaram a ouvir um estranho ruído no meio da noite. Curiosamente, o som descrito como um tipo de zumbido só era audível para um décimo da população, e embora não fosse um barulho muito elevado, incomodava ao ponto de provocar dores de cabeça, enxaquecas, náuseas e nervosismo em algumas pessoas. Como a cidade estivesse se transformando rapidamente em um local com alta concentração de indivíduos acometidos de insônia, as autoridades se viram pressionadas a dar um fim no problema. Mas isso foi mais difícil do que poderia parecer à primeira vista. As pessoas que ouviam o ruído não conseguiam determinar exatamente de onde ele vinha; e os técnicos em poluição sonora pareciam não ter a menor idéia a respeito das causas da ocorrência.

As possibilidades foram levantadas, uma a uma. Primeiramente, pensou-se no tráfego e no barulho provocado pelo maquinário industrial; mas a hipótese foi logo abandonada, pois quase não havia movimento de automóveis durante a noite, período em que as máquinas também ficavam paradas. Uma outra idéia — a de que o zumbido poderia ser proveniente das subestações de energia e do próprio funcionamento dos geradores — foi igualmente investigada e descartada. Uma terceira teoria parecia mais provável: os ruídos poderiam ser emitidos pelos enormes ventiladores que funcionavam nas minas existentes sob as profundezas de Hueytown. Mas os ventiladores foram checados e não apresentaram problemas. Um funcionário da prefeitura sugeriu que o mistério poderia estar relacionado com um outro evento: a derrubada de uma floresta localizada em um vale entre as minas e a cidade. As árvores haviam sido abatidas durante o ano anterior, antes, portanto, dos ruídos começarem. Mas, segundo o funcionário, uma combinação anormal de diversos fatores, como pressão atmosférica, umidade e temperatura, associada às características geológicas do terreno, poderia ter criado uma espécie de câmara de eco. A idéia era realmente original, mas como o zumbido podia ser ouvido tanto nas noites quentes quanto nas mais frias, a teoria não convenceu muita gente. Seja lá o que fosse, o zumbido de Hueytown continuou tirando o sono das pessoas até o início de 1993, quando repentinamente parou de ser ouvido. Os moradores da região mineradora do Alabama não foram os únicos a sofrer problemas com zumbidos, ainda que isso não sirva de consolo para eles. Na Inglaterra, ruídos idênticos perturbaram também habitantes de todo o condado de Gloucestershire, sendo que a maior parte das reclamações era proveniente das áreas ao redor de Cheltenham e Stroud. Várias centenas de pessoas afetadas sentiram igualmente os desagradáveis distúrbios psicológicos mencionados anteriormente. Não havia minas funcionando na região, e o controle realizado nas estações de energia elétrica não foi capaz de detectar qualquer problema. Algumas pessoas suspeitavam que o barulho estivesse associado a um órgão secreto de espionagem e comunicações eletrônicas do governo britânico, instalado perto de Stroud. As autoridades negaram qualquer vínculo, e como o centro vinha operando há muitos anos sem incomodar ninguém, é bem provável que estivessem falando a verdade. Como havia acontecido no caso anterior, o enigma de Gloucestershire também terminou no início de 1993.

As ocorrências de 1992 não foram de modo algum as únicas manifestações desse tipo de fenômeno. Trata-se de um problema muito antigo que atormentou esporadicamente diferentes comunidades do mundo industrializado nos últimos 35 anos. As primeiras explicações oficiais centraram-

se nos aspectos auditivos das pessoas afetadas. O ruído seria provocado internamente por uma afecção do ouvido, chamada tinnitus. Mas, como o problema estava bem disseminado, foram procuradas explicações externas; entre as favoritas estavam os aparelhos de televisão e o barulho dos supersônicos. Em 1960 o governo britânico iniciou uma investigação: as pessoas afetadas naquela época foram trancadas em cabines à prova de som, no laboratório, e continuavam ouvindo o ruído. Os cientistas que investigavam o caso ficaram desconcertados, e muitos aderiram à tese das ‘causas internas’ ou distúrbio auditivo. Como apenas uma minoria dos indivíduos era atingida pelo problema, essa linha de raciocínio tinha certa coerência. Mas, uma série de questões não ficava esclarecida. Por que apenas as pessoas que moravam em determinadas áreas se queixavam? Por que o fenômeno se verificava durante a madrugada? Por que o ruído aparecia e desaparecia tão rapidamente?

Para algumas pessoas, o fenômeno do zumbido era um distúrbio sem importância; para outras, algo muito grave. Durante as décadas de 1960 e 1970, o Departamento do Meio Ambiente recebeu de quinhentas a mil reclamações anualmente. Entre elas havia histórias terríveis de indivíduos que ficaram deprimidos e até mentalmente perturbados por causa do problema. Era evidente que para muitas pessoas o zumbido era algo intolerável. No entanto, como todas as tentativas de localizar a fonte do ruído foram infrutíferas, os cientistas preferiram ignorá-lo.

Mais recentemente, porém, ocorreu uma mudança importante no enfoque do fenômeno. Em março de 1992 o governo britânico destinou cinquenta mil libras esterlinas para que o Departamento do Meio Ambiente pudesse começar uma nova pesquisa. A primeira linha de investigação foi voltada para um sistema subterrâneo de encanamento de gás natural, localizado em áreas intensamente povoadas. A British Gas, no entanto, rejeitou a possibilidade de que os canos apresentassem defeitos, e como a construção do sistema era posterior às primeiras ocorrências do zumbido, provavelmente a companhia estava certa.

Uma moléstia auditiva era a outra possibilidade a ser verificada. Vinte e cinco pessoas que sofriam regularmente com os ruídos foram minuciosamente examinadas por médicos especialistas, que acabaram constatando que sua audição encontrava-se perfeita. Dessa forma, a tentativa de explicação através da síndrome de tinnitus foi definitivamente descartada. Embora tivessem estabelecido de forma bastante conclusiva tudo o que *não* estava causando o ruído, os pesquisadores, porém, continuavam perplexos. Quando o dinheiro para as pesquisas acabou, o Departamento do Meio Ambiente ainda não tinha conseguido esclarecer o persistente e irritante mistério.

Salvos pelos mortos

Como já pudemos verificar, os espíritos retornam por vários motivos: para transmitir mensagens, para honrar pactos de morte, para buscar justiça e, principalmente, para assegurar aos entes queridos que eles ainda existem. Os céticos argumentam que as aparições podem ser explicadas pela ilusão ótica e a predisposição do pensamento. Por outro lado, grande parte das pessoas que acredita nas visões admite que a maioria delas deve ser tratada com muita cautela antes de ser considerada uma evidência válida da sobrevivência humana à morte. De qualquer maneira, alguns exemplos dificilmente podem ser considerados alucinações ou imagens hipnóticas, como naqueles casos em que os espíritos retornam com um objetivo determinado, às vezes para revelar informações desconhecidas. Talvez os fantasmas mais interessantes, entretanto, sejam aqueles que não apenas apresentam uma intenção definida, mas também são capazes de interceder fisicamente nos assuntos humanos. Esse tipo de espírito talvez constitua a categoria mais rara de todo o mundo sobrenatural, mas pode oferecer as provas mais conclusivas da sobrevivência após a morte. Os relatos desse tipo de ocorrência provêm do mundo inteiro, mas talvez o episódio mais recente tenha se passado no início de 1993 na Inglaterra.

Um pouco depois das seis horas da manhã do dia primeiro de janeiro, a parte inferior de uma casa de três quartos na cidade de Basildon, em Essex, começou a pegar fogo. Sheila e Larry Duggin conseguiram escapar pela escada cheia de fumaça, carregando três de seus filhos. No pânico, porém, acabaram se esquecendo da quarta criança, Michelle, de oito anos, que estava dormindo no primeiro andar. Quando Larry Duggin percebeu o esquecimento, o fogo já havia se espalhado e não era mais possível entrar na casa. Enquanto isso, Michelle acordara, e começou a bater na janela do seu quarto, tentando chamar atenção. Embora as pessoas do lado de fora da casa pudessem ver a mãozinha que socava insistentemente o vidro, e ouvir os gritos desesperados da criança, nada podiam fazer. A cabeça e o corpo da menina não estavam visíveis porque a janela era muito alta; e esse era também o motivo pelo qual ela não podia fugir por ali. O casal Duggin chamou os bombeiros, mas compreendeu que naquela situação somente um milagre seria capaz de salvar sua filha.

Então, repentinamente, o milagre aconteceu. Ouviu-se um ruído de vidro quebrado, e uma peça de porcelana atravessou a janela. Logo em seguida, a própria menina parecia ter sido ejetada, com a cabeça para frente, através do buraco no vidro. Desprevenidas, as pessoas na rua, embaixo da janela, não conseguiram aparar a queda da criança, que atingiu o chão com um impacto considerável. No entanto, surpreendentemente, Michelle se levantou ileso, e logo em seguida estava sendo confortada pela mãe.

Embora os Duggin tivessem perdido todos os seus pertences no incêndio, estavam felizes por terem todos escapado com vida, e particularmente orgulhosos de Michelle, que havia demonstrado tanta coragem e presença de espírito. Mas a história contada pela menina era bem diferente do que se supunha ter acontecido. Para começar, Michelle contou que a louça fora jogada, não por ela, mas por uma figura brilhante que apareceu do seu lado quando a fumaça entrou no quarto. A menina reconheceu logo aquela pessoa: era o avô que havia falecido há anos, quando ela era ainda muito pequena. Segundo a garota, o fantasma a pegou no colo e a jogou pela janela. Depois disso, ela só lembrava de estar nos braços da mãe.

No início, os pais de Michelle hesitaram em acreditar na história, mas na realidade, alguns aspectos do episódio pareciam mesmo estranhos. Em primeiro lugar, o buraco no vidro era muito pequeno; pequeno demais para que o corpo de Michelle pudesse atravessá-lo tão facilmente. Em segundo lugar, a janela era muito alta para que a menina pudesse alcançar o parapeito. E finalmente, a própria queda era estranha: como poderia a menina despencar sobre o asfalto da rua, de uma altura de quase cinco metros, sem praticamente qualquer arranhão? Falando a jornalistas dias depois, Sheila Duggin já admitia acreditar na impressionante história da filha. A senhora Duggin então disse:

Ela era muito maior do que o buraco que havia na vidraça, com todas aquelas lascas pontiagudas, e no entanto não se machucou. Fica o tempo todo dizendo que o avô estava lá e que foi ele quem a ajudou. O modo como ela escapou foi tão estranho... Talvez ele estivesse mesmo lá.

Existem também algumas evidências circunstanciais que reforçam as afirmações da garota. Embora quase toda a casa tenha sido destruída pelo fogo, o quarto de Michelle, localizado no lado da frente, foi uma das partes menos afetadas. Após controlarem o fogo, os bombeiros inspecionaram o edifício e constataram que não havia qualquer cadeira ou outro tipo de móvel embaixo da janela do quarto da menina, detalhe que corroborava sua versão dos fatos. Um representante do Corpo de Bombeiros admitiu que aquela história era mesmo estranha.

Será que os espíritos podem retornar para salvar vidas? Uma pessoa que acreditaria tranqüilamente na história de Michelle Duggin é o senhor Henry Sims, um fazendeiro aposentado da Flórida, que foi salvo de um incêndio por um parente morto. Por volta das dez horas de uma noite de janeiro, Sims despediu-se da filha e dos netos que passavam uns dias com ele e sua esposa e foi se deitar. Embora não fosse uma pessoa acostumada a ter sonhos muito nítidos — e muito menos alguém que tivesse vivenciado experiências com o sobrenatural —, o fazendeiro de 72 anos iria ver naquela noite, durante o sonho, o rosto de uma criança morta. Era o seu sobrinho, Paul, que havia morrido queimado, junto com a babá, quando um incêndio destruiu a casa de sua família em 1932. No sonho de Sims, Paul tentava desesperadamente acordá-lo, gritando: “Tio Henry! Tio Henry!” Quando Sims acordou sobressaltado, imediatamente sentiu o cheiro de fumaça. Mas não foi só por isso que se assustou: ao lado da sua cama estava a resplandecente figura do menino que lhe aparecera no sonho. Em uma questão de segundos a imagem desapareceu, e Sims saiu gritando e alertando a todos que saíssem da casa. Com os gritos, as pessoas acordaram e conseguiram fugir antes que a casa fosse completamente consumida pelas chamas.

Comentando o acidente posteriormente, o comandante do Corpo de Bombeiros declarou que apenas por um milagre ninguém tinha morrido. Se Henry Sims não tivesse acordado naquele exato momento, teria acontecido uma tragédia. Na opinião de Sims, foi Deus quem mandou o menino, como uma espécie de anjo guardião. “Para Deus, a minha hora não tinha chegado. Foi Ele quem enviou o Paul para me avisar do perigo e nos tirar daquela casa”, concluiu o fazendeiro.

Há pelo menos mais um exemplo de interferência física de um espírito no mundo material. O episódio, certamente uma das aparições mais interessantes já relatadas, ocorreu em 1964, quando um operário de uma montadora de automóveis escapou da morte depois de haver acionado acidentalmente uma máquina que estava localizada sobre ele. O trabalhador insistiu depois, e seu testemunho foi

confirmado por companheiros, que uma figura negra e alta surgiu no momento crucial para salvá-lo.

Esse operário não conhecia o homem que o salvou, mas alguns dos funcionários mais antigos da fábrica o identificaram. Era, sem dúvida alguma, um outro funcionário que morrera decapitado em um acidente semelhante ocorrido cerca de vinte anos antes. O espírito havia retornado para salvar a segunda vítima do mesmo destino.

As três histórias apresentadas demonstram que os espíritos podem agir de forma inteligente. Seu comportamento indica que a consciência, a memória e a personalidade podem ser preservadas após a destruição do corpo. Através de processos além do nosso entendimento, essas almas tornaram-se capazes, pelo menos temporariamente, de reunir uma combinação de matéria e energia capaz de revestir sua existência etérea de algo que os tornou materialmente visíveis, ainda que por alguns segundos apenas.

Em outras palavras, eles se tornaram tão reais quanto eu ou você.

REFLEXÕES FINAIS

Dizem que os desígnios de Deus são estranhos. O mesmo se pode falar do mundo paranormal, embora suas manifestações muitas vezes apresentem mais características em comum com o senhor de Hades {69} do que com um benévolo Criador. É fácil compreender por que tantas pessoas franzem o cenho ante a idéia da existência de forças desconhecidas. Algumas ocorrências sobrenaturais, como a combustão humana espontânea, são realmente aterradoras e proporcionam um desconfortável nível de risco pessoal. Outras, como os fenômenos relacionados com os objetos voadores não identificados, parecem apresentar implicações mais amplas, vinculadas à própria sobrevivência da espécie humana. Existe ainda um número maior de fenômenos que só provocam pequenos distúrbios na vida das pessoas envolvidas, enquanto que as ocorrências ligadas às aparições, experiências de reencarnação e contato com a morte abrem a possibilidade de que todos possamos usufruir de um ciclo de vida mais prolongado do que o período passado na terra. No inundo paranormal o cenário nem sempre é sombrio.

Para os adeptos dos princípios estabelecidos pela ciência moderna, no entanto, os fatos paranormais parecem uma nuvem negra que encobre todo o horizonte. Porquanto cada um dos fenômenos abordados neste livro nos obrigue a questionar a nossa concepção atual do universo, as leis físicas que supostamente o limitam, e o lugar que nele ocupamos como seres pensantes que somos. Diante de tantos paradoxos, não estranhemos que a ciência não tenha aceitado ainda o desafio do mundo paranormal, pois, se aceitarmos como verdadeiras as histórias que narramos aqui, então certas pressuposições fundamentais, como a teoria da gravidade, o movimento linear do tempo, a lei das médias e os limites da percepção sensorial humana passam a ter pouco ou nenhum valor.

À medida que os parâmetros que definem o que é e o que não é possível vão se modificando repetidamente, a capacidade que a ciência tem de atribuir um sentido aos eventos vai gradativamente desaparecendo. A percepção subjetiva funde-se com a objetiva, e a verdade não é mais absoluta ou permanente. As sólidas estruturas da ciência, assentadas em décadas de experimentos de laboratório, transformam-se em colunas sobre areia movediça, e os princípios definidos pelas maiores inteligências que a humanidade já teve não podem mais merecer a nossa confiança. “Se a premonição fosse um fato, então, todo o arcabouço teórico do universo seria indeterminado”, afirmou um importante pesquisador no início do século. Mas a premonição é um fato, como muitas pessoas puderam desde então verificar; assim como a comunicação telepática, a telecinésia, {70} a levitação, as curas espirituais, e todo um conjunto de anomalias que a ciência considera impossíveis. A idéia de que a consciência de um ser humano pode funcionar além dos limites do seu corpo, e agir sobre a realidade física do mundo, embaralha todo o intrincado quebra-cabeça que os céticos racionalistas montaram com tanto cuidado.

O mesmo ocorre com as experiências de contato com a morte, a reencarnação, e outros fenômenos indicativos de que a alma humana pode viajar no tempo e no espaço, independentemente da matéria constituída de sangue, ossos e tecidos que a abriga, sendo até mesmo capaz de sobreviver ao estágio supostamente final de morte e desintegração orgânica.

Assim, não surpreende o fato de que a maioria dos cientistas tenha preferido negar a existência desses fenômenos, em vez de tentar interpretá-los e integrá-los às suas convicções. Para apoiar a tese dos racionalistas, a integridade daqueles que se encontram diretamente envolvidos no estudo dos fenômenos paranormais é maculada; e nos casos em que tais fontes são inatacáveis, sugere-se então que a resposta

mais lógica e objetiva foi negligenciada.

Os leitores deste livro devem procurar avaliar autonomamente se a abordagem racionalista é adequada para explicar os enigmas que apresentei aqui. Quanto a mim, afirmo aqui e agora, sem qualquer constrangimento, que não me sinto persuadido pelos seus argumentos.

Indubitavelmente, os Objetos Voadores Não Identificados constituem a ocorrência mais significativa dos últimos cem anos e, provavelmente, também a que apresentou o maior número de testemunhas. Portanto, é natural que muitos anos de pesquisa tenham sido devotados ao estudo dos diferentes aspectos que envolvem esse mistério. Não há mais qualquer dúvida a respeito da realidade do fenômeno, embora a maioria das pessoas ainda considere que as aparições sejam fruto de alucinações, equívocos ou fraudes. Espero ter deixado claro para o leitor o quanto essa posição encontra-se distante da verdade. Embora os ufologistas apresentem uma grande variedade de teorias, ainda não se conhece a origem exata dessas máquinas, nem os motivos de suas incursões ao nosso planeta. De qualquer maneira, ao invés de discutirmos se devemos ou não acreditar em sua existência, devemos desenvolver nosso debate sobre os óvnis em torno de dois pontos: a origem dessas naves e seus objetivos. Como já tive a oportunidade de demonstrar, a ignorância do público com relação ao fenômeno deve-se aos sutis — e nem sempre tão sutis — artifícios de desmoralização das informações a eles relacionadas, empregados pelos governos ocidentais, organizações militares e órgãos de segurança. Estima-se que mais de cinco mil aparições de óvnis já tenham sido registradas por pilotos qualificados, quando pilotavam aeronaves civis ou militares. No entanto, esse detalhe é ignorado pelo público em geral. A política oficial tem sido a de controlar o fluxo de informações. Dessa maneira, o pessoal militar, tripulações civis, equipes de terra, policiais, e outras testemunhas confiáveis que ocupam posições de responsabilidade são severamente dissuadidos de transmitirem informações à imprensa, ou mesmo proibidos de fazê-lo, em função de exigências especiais do seu contrato de trabalho. Um exemplo dessa situação tornou-se público recentemente quando foi divulgado o fato de que, durante as décadas de 1950 e 1960, no auge do interesse pelo tenra dos discos voadores, os pilotos da aviação civil nos Estados Unidos podiam ser condenados a dez anos de prisão caso divulgassem detalhes das aparições.

Quando as testemunhas das ocorrências com óvnis eram civis, ficava mais difícil fazê-las calar; assim, mudava-se de tática. Em geral, essas pessoas eram menosprezadas tanto pelos meios de comunicação quanto pelas instituições em geral, enquanto que os ‘especialistas’ recebiam toda a atenção, e suas explicações naturais eram amplamente aceitas, embora quase sempre fossem completamente implausíveis.

Como já mencionei anteriormente, tudo indica que a política de sigilo do governo americano começou após o chamado “ataque aéreo de Los Angeles”, em 1942. Desde então, as informações têm sido vetadas tanto para a imprensa quanto para o público. Nos Estados Unidos, em função da Lei de Liberdade de Informação, muitos dos incidentes mais sinistros, como o mortal encontro do tenente Thomas Mantell, e várias quedas e desaparecimentos de aeronaves que ocorreram entre 1953 e 1954, acabaram vindo à tona.

No Reino Unido, porém, onde os cidadãos não dispõem de acesso garantido por lei aos arquivos secretos do governo, o público permanece completamente alheio à verdade. Embora todos os registros oficiais estejam disponíveis após um período de trinta anos, essa divulgação nunca incluiu o material relacionado com os óvnis. Todos os pedidos específicos de liberação desse tipo de informação foram negados; e o Ministério da Defesa britânico chegou a ponto de declarar que os arquivos que continham dados relacionados com óvnis haviam sido destruídos. É evidente que o governo de Sua Majestade não

pretende abrir mão do controle dessa questão tão delicada. Mesmo deixando de lado o papel dos governos na desmoralização de encontros autênticos com óvnis, é possível entender por que tantas pessoas continuam céticas com relação às histórias contadas pelas testemunhas. As alegadas visitas de Kelly-Hopkinsville e o encontro fantástico de Antônio Villas Boas parecem realmente exagerar na dose de imaginação. No entanto, antes de descartá-las devemos considerar que episódios semelhantes foram relatados por testemunhas de praticamente todos os cantos do mundo nos 35 anos que se seguiram a sua alegada ocorrência. Devemos lembrar também que, além dos milhares de depoimentos de testemunhas visuais, existem muitas evidências circunstanciais da existência dos óvnis. Foram constatados indícios de explosão nas áreas onde teriam ocorrido as aterrissagens, e o nível de radiação ambiental foi considerado alto. Os seres humanos que estiveram próximos das naves apresentaram sintomas físicos compatíveis com uma exposição à radiação. Quanto àqueles que declararam ter sido raptados, suas histórias podem parecer ridículas, mas vários deles portavam as cicatrizes das experiências médicas a que foram submetidos.

Mas os céticos geralmente desprezam o testemunho desses indivíduos, que passam a ser considerados mentalmente retardados, alcoólatras, viciados em drogas, ou simplesmente pessoas que querem se promover. Nunca será demais enfatizar que essas características não correspondem de forma alguma ao perfil médio das testemunhas. Na verdade, todas as investigações feitas com as testemunhas revelam que elas representam uma boa amostra da sociedade, composta basicamente de indivíduos bem equilibrados, sem antecedentes de doença mental e, com muita frequência, de pessoas que não haviam até então manifestado interesse pelos fenômenos paranormais. Além disso, as investigações constataram também que o fenômeno dos óvnis foi presenciado por pessoas das camadas mais altas da sociedade, inclusive funcionários públicos de alto nível, ministros de estado, chefes religiosos, e homens de finanças respeitáveis. Nenhuma delas teria nada a ganhar — e talvez tivessem muito a perder — inventando histórias estranhas para chamar atenção.

Alguns céticos — e mesmo certos ufologistas — passaram recentemente a questionar a realidade dos óvnis com uma abordagem diferente. Argumentam agora que, ao invés de veículos metálicos sólidos, eles são na verdade projeções mentalmente induzidas que apresentam a forma de hologramas e emanam de uma neurose coletiva que atinge a humanidade. Embora a teoria apresente aspectos atraentes, imediatamente verificamos que ela não resiste a uma análise mais séria. Imagens mentais não deixam rastros no chão e nem podem ser colhidas por filmadoras, máquinas fotográficas ou radares. A hipótese da inexistência física desses objetos, proposta inicialmente pelo psicólogo Carl Gustav Jung, talvez seja aplicável a objetos distantes vistos no céu, mas não é capaz de explicar panes no abastecimento elétrico, mutilação de animais, ou desaparecimentos ocasionais de aeronaves. Como Jung acabou admitindo em uma de suas últimas cartas, escrita um pouco antes da sua morte, a probabilidade mais consistente é a de que os óvnis sejam exatamente o que parecem ser: objetos metálicos sólidos usados para transporte aéreo e controlados por seres inteligentes, não humanos.

Se o peso das evidências em geral sugere a realidade do fenômeno, os episódios de recuperação de naves no Novo México e em outros locais poderiam comprová-la definitivamente, caso as ocorrências citadas sejam mesmo verdadeiras. O conhecimento acumulado pelos governos de todo o planeta com relação aos discos voadores é ainda um segredo guardado a sete chaves, mas a aparição ocorrida no Texas, envolvendo os helicópteros Chinook da Força Aérea Americana que escoltavam um objeto de origem não humana, vem indicar a forte possibilidade de que o contato entre o *Homo sapiens* e uma outra forma de vida altamente desenvolvida já tenha ocorrido.

Embora os dados históricos mostrem que os homens têm visto objetos nos céus desde a

antiguidade, o maior número de ocorrências foi registrado nos últimos cinquenta anos; por esse motivo, a maioria das pessoas considera que o fenômeno dos óvnis é uma peculiaridade deste século, o mesmo não poderia ser dito com relação aos fantasmas.

Histórias de encontros com espectros aparecem nos escritos de todas as religiões mais importantes, e a crença em fantasmas parece ter fundamentado as superstições das culturas tribais dos quatro cantos do mundo. No entanto, embora os espíritos ainda constituam uma característica comum de filmes e obras de ficção, a crença do público em geral na realidade objetiva desse fenômeno veio diminuir na era do racionalismo científico. Por outro lado, as aparições tornaram-se mais freqüentes. Como devemos ver essa aparente contradição? Muitos encontros com espíritos, principalmente aquelas imagens formadas nos estágios iniciais do sono, ou logo depois de despertar, podem ser facilmente explicados através de hipóteses ‘naturais’.

Outras ocorrências, como as visões de soldados fantasmas marchando em campos de batalha do passado, são realmente misteriosas, mas como parecem refletir impressões de energia, ou imagens fixas no espaço, não podem ser consideradas como evidências da sobrevivência da alma humana. No entanto, ao que tudo indica, muitos fantasmas proporcionam realmente essas evidências.

O espectro de Wilfred Owen apareceu duas vezes: inicialmente para o pai, no exato momento de sua morte em um hospital militar na França, e posteriormente para o irmão, a bordo de um navio que navegava em águas da costa da África do Sul. Nenhum dos dois tinha conhecimento da sua morte por ocasião do encontro. De forma semelhante, Owen Harrison comprovou sua sobrevivência fornecendo para a tia informações que ela não poderia obter de outra maneira; e o tenente Sutton, o militar americano que clamava por vingança pelo seu assassinato, também forneceu telepaticamente uma versão do crime que, após as investigações, se revelou verdadeira. Em nenhum desses casos pode-se falar em comunicação telepática entre pessoas vivas. Ao mesmo tempo, fantasmas que são capturados em imagens fotográficas ou em filmes, ou figuras que aparecem impressas na matéria física, como os rostos de Belmez, não se enquadram em uma moldura teórica puramente racionalista. A evidência e a prova aparecem diante de todos, e é impossível negar sua existência.

Quando um fantasma é visto por uma única testemunha, a possibilidade de equívoco ou alucinação nunca pode ser totalmente descartada, mesmo quando se trata de pessoas de integridade incontestável. Mas o mesmo critério não pode ser adotado nos casos em que as aparições são testemunhadas independentemente por várias pessoas durante um período prolongado, ou de uma só vez por várias testemunhas, como no caso do fatídico vôo 401. Ainda que para muitos seja difícil aceitar essa idéia, a explicação mais plausível para tais casos continua sendo a sobrenatural.

Considerando-se o número elevado de visões de espectros ocorridas durante a época moderna, dificilmente se pode negar a realidade objetiva desse fenômeno. O mesmo se pode dizer com relação aos *poltergeists* e a outros fenômenos cora eles relacionados, como os ataques feitos por agressores invisíveis e os espíritos de fogo, embora a natureza da força que gera essas irrupções estranhas continue muito obscura. Talvez sejam as almas desencarnadas de agentes malignos cuja ausência de evolução espiritual os obriga a permanecerem presos à dimensão da matéria mesmo após a morte, que é a crença dos espiritualistas. Ou, quem sabe, criaturas do reino dos infernos — concepção anterior ao século XX —, ou ainda alguma forma de energia psíquica originária do subconsciente dos indivíduos, posição atualmente adotada por vários parapsicólogos. Não é necessário dizer que nenhuma dessas teorias pode ser adotada a partir das leis vigentes da física. Assim, os cientistas oficiais geralmente ignoram esses acontecimentos, ou então afirmam que a solução natural para tais casos provavelmente foi negligenciada.

No entanto, a própria escala dos episódios vem desmentir essas pseudo-explicações.

O aspecto mais importante, no entanto, é que as atividades das forças invisíveis vêm aparentemente aumentando. Geralmente, a chegada dessas entidades não provoca mais do que um pequeno transtorno às pessoas envolvidas pelos eventos. Em outros casos, é difícil suportar a persistente violência exibida pela força invisível. De qualquer maneira, essas estranhas atividades não fazem muito sentido para racionalistas. Como e por que um fantasma, ou outro ser invisível, faça com que litros de água jorrem de paredes é algo de difícil compreensão. No entanto, como tivemos a oportunidade de constatar, os vários tipos de fluxos são uma característica comum dos fenômenos paranormais do mundo inteiro. Os espíritos de fogo que provocam a combustão espontânea de objetos inanimados são ainda mais freqüentes, e sua aparição nunca é bem-vinda. Mas, ainda mais preocupantes são aquelas forças que atacam fisicamente os seres vivos, causando ferimentos e até morte. Entre as pessoas que presenciaram pessoalmente a dor e o sofrimento deixados por esses agentes invisíveis, poucas ainda duvidam de que sua origem seja sobrenatural. Da mesma maneira, os casos de possessão aparente não comportam explicações puramente psicológicas. Os estados de extrema histeria podem levar os indivíduos ao descontrole completo, mas nenhuma aberração da mente humana pode fazer com que as pessoas transpirem sangue, levitem, e vomitem excrementos ao mesmo tempo. Igualmente, nenhuma forma conhecida de loucura produziria as manifestações externas que acompanham episódios de possessão por *poltergeists*, como o aparecimento de sangue ou lodo sobre paredes, e o cheiro penetrante de carne apodrecida nos aposentos de uma casa onde há uma pessoa possuída dormindo. Essas e muitas outras ocorrências repulsivas foram presenciadas por testemunhas das incursões sobrenaturais. Não são fatos inventados. Dependendo da interpretação que se dê a cada fenômeno, fantasmas, possessões e *poltergeists* podem indicar a sobrevivência do espírito humano além da morte. Outras evidências da sobrevivência da alma aparecem em manifestações correlatas, como o fenômeno das vozes eletrônicas e os telefonemas dos mortos. Embora o assunto ainda provoque muita controvérsia, a pesquisa nessa área de manifestações paranormais prossegue, e as mensagens telefônicas de fantasmas continuam sendo relatadas.

Será que devemos falar de vida após a morte, ou de vida após a vida? O interesse pela reencarnação tornou-se atualmente bem maior no mundo ocidental, mas esse é um fato que não deve nos surpreender muito, já que é grande o número de pessoas que tiveram a experiência de lembrar suas vidas passadas, descrevendo fatos com grande precisão de detalhes, seja sob o efeito da hipnose, seja através de lembranças conscientes. Os céticos argumentam que a verdadeira fonte das memórias de vidas passadas é a infinita capacidade da mente humana de armazenar informações nos recônditos do inconsciente. No entanto, eles não podem explicar casos específicos como o de Virgínia Tigh/ Bridey Murphy, ou do inglês Ray Bryant, que em 1993 relembrou sua vida como Reuben Stafford, o veterano da Guerra da Criméia, relatando pormenores desconcertantes. As dúvidas que envolvem o método da regressão hipnótica também não podem estar presentes nos episódios de memória de vidas passadas apresentadas por crianças. O doutor Ian Stevenson, psicólogo da Califórnia, reuniu dois mil casos nos quais crianças de todas as raças e religiões tiveram lembranças espontâneas de existências passadas que combinam com as informações conhecidas sobre a vida e a morte de pessoas que realmente existiram. Em cerca de 10% dos casos, a criança apresentava cicatrizes da morte física experimentada na vida anterior. Não se pode oferecer uma explicação puramente psicológica para esses exemplos, e a não ser que aceitemos a idéia de que as coincidências costumam ocorrer em grande escala, a existência de alguma forma de renascimento parece a possibilidade mais viável.

É claro que a coincidência pode desempenhar um papel importante em nossa existência. Aquelas

peças que se vêm como “Jonas” [{71}](#) e os infelizes que se sentem vítimas de maldições devem perguntar a si mesmos se nós não somos, como disse Shakespeare, “como moscas para meninos dissolutos”, mortas por capricho dos cruéis e insensíveis senhores do destino. Esses padrões que se repetem — as coincidências — muitas vezes podem deixar traços bem visíveis, como pudemos verificar nos casos apresentados, porém, a exemplo de outros pesquisadores, acredito que talvez os mesmos princípios de sincronia estejam presentes também nas nossas vidas, embora raramente sejamos capazes de percebê-los.

A aparente eficácia de algumas maldições pode perfeitamente estar relacionada com a “síndrome da praga”, pelo menos no sentido de que o processo evolutivo de cada manifestação é ao mesmo tempo invisível e insidioso. Se é apenas a capacidade da mente humana de influenciar a saúde e o destino de outra pessoa, ou se existe realmente alguma força sobrenatural conduzindo a sorte da vítima, ainda não está claro. Mas podemos afirmar, com certa segurança, que as maldições funcionam independentemente de que as vítimas acreditem ou não nelas. Aqui, novamente, a interpretação puramente psicológica não é suficiente.

Um outro tipo de força mortal, ainda mais intrigante para a mente racionalista, é a energia capaz de fazer desaparecer pessoas. Buracos negros, remoinhos psíquicos, túneis do tempo, e outras hipóteses aterrorizantes foram propostas por uma série de escritores com enfoque paranormal, enquanto outros analistas procuraram teorias mais palatáveis para explicar a anomalia. Mas, dando certa razão aos céticos, devemos reconhecer que poucos desaparecimentos são realmente estranhos. Milhares de indivíduos desaparecem todos os anos por uma grande variedade de motivos comuns, e seria tolice procurar causas sobrenaturais para mais do que meia dezena deles. Mas, quando mais de uma pessoa some do um local de onde não era possível sair — como no caso dos zeladores do farol da ilha de Flannan, ou quando um grande número de pessoas desaparece regularmente — como ocorreu com o regimento Gallipoli e os esquimós de Lake Anjikuni, as explicações simplistas perdem o sentido. Ou os fatos que envolvem tais incidentes foram enfeitados, inventados ou mal interpretados, ou existe algo de muito sinistro neles.

Durante este século, várias testemunhas relataram histórias de pessoas que se desmaterializaram no ar diante de seus olhos. Mas, como não existem evidências para sustentar tais relatos, os céticos tendem a considerá-los como casos de alucinação. No caso dos fenômenos de combustão humana espontânea, porém, a situação é diferente, pois as assustadoras evidências do ocorrido se apresentam através das características peculiares encontradas nos corpos queimados das vítimas. Embora a medicina tenha sempre sustentado que a combustão humana espontânea é um mito, muitos especialistas ultimamente passaram a admitir que o corpo humano pode vir a se queimar sozinho, em determinadas circunstâncias. Isso não significa porém que os cientistas aceitem a hipótese sobrenatural. Na verdade, o que as teorias mais modernas da medicina afirmam é que os corpos carbonizados de vítimas aparentes de combustão humana espontânea, como o casal inglês de 1905, foram lentamente reduzidos àquela condição pela ação gradativa de uma chama em contato direto com os tecidos do organismo. Através desse processo, o corpo vai queimando completamente, por um longo período, como se fosse o pavio de uma vela. Dessa maneira, dizem os especialistas, essas ocorrências só podem ser verificadas nas seguintes circunstâncias:

- (1) quando a pessoa já está morta;
- (2) quando existe uma chama ou outra fonte de calor em contato direto com o corpo;
- (3) quando o corpo se encontra em local fechado e no qual o suprimento de oxigênio é limitado.

Muitas pessoas que antigamente eram completamente avessas ao tema da combustão espontânea passaram a ver certo sentido na “teoria da chama”, e agora admitem que a história toda era mais que simples folclore urbano. Os cientistas então ficaram ainda mais satisfeitos, pois conseguiram explicar uma das mais perturbadoras ocorrências da paranormalidade sem recorrer ao imponderável. Só que, na realidade, eles não fizeram nada disso. Na verdade, entre todas as pseudo-explicações para ocorrências sobrenaturais, a “teoria da chama” pode ser considerada o absurdo máximo.

Antes de mais nada, a hipótese de queima lenta ignora um grande número de testemunhas que presenciaram a combustão espontânea no momento de sua ocorrência e declararam tratar-se de um processo incrivelmente rápido. Em segundo lugar, a teoria desconhece o fato de que a combustão humana espontânea já ocorreu ao ar livre, atingindo vítimas ainda vivas — algumas das quais vieram a sobreviver. Em terceiro lugar, a “teoria da chama” não consegue esclarecer como a estrutura óssea humana pode ser reduzida a pó pelo calor, enquanto os outros materiais combustíveis presentes geralmente não são afetados. Finalmente, essa hipótese não explica os numerosos casos em que não havia fogo ou qualquer fonte de calor próximo das vítimas. Concluindo, esse parece ser mais um caso em que a ciência dominante, incapaz de compreender os fatos como eles realmente ocorreram, sutilmente os modifica, para engendrar uma explicação baseada em premissas totalmente falsas.

Os romanos batizaram o fenômeno da combustão humana espontânea de “fogo do céu”, embora o inferno fosse a origem mais apropriada para essas chamas tão peculiares. O homem moderno, é claro, há muito tempo deixou de acreditar nesse lugar. Mas ficamos imaginando, então, por que criaturas de natureza demoníaca continuam a aparecer com alarmante frequência na era dos microcomputadores e das viagens espaciais. Falo sem exageros. Mesmo deixando de lado as hediondas agressões de forças invisíveis e os casos de possessão por espíritos, o século XX presenciou dezenas ou talvez centenas de episódios nos quais criaturas repulsivas e de natureza poderosa apareceram para aterrorizar as pessoas. Algumas dessas ocorrências foram narradas no início deste livro; muitas outras serão encontradas no Noticiário apresentado ao final. Não está claro o que esses monstros sobrenaturais desejam da humanidade, e não sabemos como eles realizam suas evanescentes passagens pelo mundo da matéria, porém, é bastante evidente o fato de que muitos deles não vêm com boas intenções.

Os cães negros das áreas rurais da Inglaterra e do País de Gales podem ter emanado de níveis alternativos da realidade, uma vez que apresentam pouca coisa em comum com os caninos do reino animal material. Embora os céticos possam prontamente argumentar que o conhecimento prévio das histórias de cães fantasmas e uma imaginação muito ativa possam levar as testemunhas a imaginarem tais situações de terror, essa análise não explica a consistência dos depoimentos registrados em diferentes países, e ao longo de várias centenas de anos. De qualquer maneira se é verdade que muitas pessoas têm medo de aranhas ou de cobras, a fobia por cães ocorre raramente. Se tivéssemos de apresentar alucinações baseadas em nossas tensões e aversões profundas, por que elas haveriam de tomar essa forma? Os racionalistas não sabem como responder a essa pergunta.

Em uma primeira abordagem, as histórias que envolvem grandes hominídeos como o Abominável Homem das Neves e o Pé-grande oferecem diferentes hipóteses aos estudiosos dos fenômenos. Uma vez que essas criaturas apresentam como hábitat natural áreas extensas e remotas, a possibilidade de que existam em carne e osso é muito forte. No entanto, nenhuma delas foi capturada ou abatida até hoje, e apesar da abundância de vestígios na forma de pegadas, jamais foram encontrados restos mortais. É interessante observar que tanto os índios americanos quanto os habitantes das montanhas do Nepal acreditam que essas criaturas também apresentam uma existência não material. Será que estão certos?

Da mesma forma, os gatos misteriosos que aparecem na Inglaterra e na Austrália podem emanar de um plano psíquico além dos sentidos humanos. Isso explicaria porque as aparições não são mais freqüentes, e por que nunca nenhuma carcaça desses animais foi localizada. Porém, como já foram identificados rastros e vestígios de pêlos em várias oportunidades, a sua existência real também não pode ser descartada. Afinal de contas, alguma coisa agrediu violentamente o gado que pastava na imediações dos locais onde haviam acontecido várias aparições.

Existem realmente algumas criaturas que vivem deslocadas de seu hábitat original. Só na Inglaterra a cota dessas ocorrências é enorme. Recentemente, vários episódios foram relatados: em 1971, uma hiena pintada africana foi abatida perto da floresta de Asdown, em Kent; uma iguana de quase cinco quilos apareceu em Dulwich, na Grande Londres; uma raposa do ártico foi morta por um cão de guarda em Yorkshire, em 1983, e 13 meses depois um morcego tropical da África do Sul foi encontrado pendurado no radiador de um automóvel na cidade de Exeter, em Devon. Nenhuma explicação foi proposta para esses eventos, embora a existência física das criaturas tenha sido reconhecida, o que ocorreu também no caso dos elefantes que foram capturados pelas redes dos pescadores do mar do Norte.

Ainda mais misteriosas do que essas esdrúxulas aparições de espécimes atualmente existentes são as visões de criaturas já há muito tempo extintas. Muitos parapsicólogos adotaram a tese de que o monstro de Loch Ness e todas as serpentes lacustres são na verdade imagens espectrais. Essa hipótese é aceita por várias pessoas, porque nos ajuda a compreender como as visões ocorrem em pequenos lagos de países como a Irlanda. Não se poderia conceber que animais de tal porte pudessem viver despercebidos em águas rasas, ou sobreviver em ambientes que não comportassem um grande predador. No entanto, em um local maior, como o lago de Loch Ness, um réptil marinho de grandes proporções poderia se esconder do homem; assim como as profundas águas dos oceanos oferecem um esconderijo adequado para as enormes criaturas. São muitas as chances de que esses grandes répteis existam nos locais onde poderiam encontrar alimento em abundância, e uma vez que várias carcaças apareceram nos últimos noventa anos, a tese da sua realidade objetiva é a mais forte.

A existência de répteis gigantes nos oceanos do mundo inteiro não deveria deixar os zoólogos surpresos, pois o século XX presenciou o aparecimento de muitas espécies desconhecidas, assim como o ressurgimento de outras que se acreditava extintas. Entre as 'novidades', podemos mencionar a baleia bicuda do Japão, capturada pela primeira vez em 1937; o boto de Cochito, encontrado no golfo da Califórnia em 1958; o enorme tubarão *Megamouth*, avistado pela primeira vez nas águas do Havaí em 1976; e uma nova espécie de baleia assassina que até 1983 vivia tranquilamente, longe da vista do homem. O peixe celacanto, capturado em 1938, e que se acreditava desaparecido há cerca de sessenta milhões de anos, é uma das criaturas marinhas supostamente extintas que foram descobertas vivas em nossos oceanos. Até mesmo em terra, onde é bem mais difícil não detectar a existência dos animais, ocorreram vários casos de reaparecimento de espécies tidas como extintas. A lebre hispida e o porco pigmeu haviam sido relegados à história antes do início deste século; no entanto, na última década foram encontrados perto de Assam. O pica-pau cubano de bico de marfim tem aparecido regularmente desde 1986, mais de trinta anos após ter sido decretada sua extinção. No mesmo ano reapareceu também o lêmure-comedor-de-bambu, habitante das florestas tropicais de Madagascar.

A maioria dessas criaturas tinha sido considerada extinta, e, como vimos, é inútil continuar defendendo essa errônea suposição. Mais difícil ainda é admitir a possibilidade de sobrevivência de espécimes pré-históricos muito maiores; hipótese ironicamente refutada pelos zoólogos e pelos próprios paleontólogos.

Mas, nesse caso, o que podemos dizer dos relatos de aparições dessas criaturas registrados nos últimos cem anos? Embora chegue a ser teoricamente concebível que uma criatura do tamanho de um brontossauro possa permanecer escondida nos vastos e remotos pântanos do interior da África, só mesmo os mais crédulos poderiam admitir que lagartos voadores tenham sobrevivido e que tenham ficado despercebidos nas montanhas do norte da América. Ficamos tentados a duvidar da acuidade visual das testemunhas dessas aparições, mas como um rápido exame do sumário geográfico irá demonstrar, os episódios ocorridos no Texas em 1976 são apenas alguns exemplos de um fenômeno muito mais generalizado. Ainda que possa parecer uma insensatez, os pterodáctilos andaram aterrorizando os céus de vários países. Com toda a certeza, as testemunhas dessas aparições não estavam simplesmente confundindo objetos de tamanho semelhante, construídos pelo homem, como os aviões.

No entanto a hipótese alternativa de que os animais podem existir também deve ser rejeitada, pois nesse caso os relatos deveriam ser muito mais frequentes. A idéia de que tais visões sejam na verdade uma forma de lapso do tempo, no qual a testemunha vê um *replay* de acontecimentos ocorridos em épocas pré-históricas pode explicar alguns episódios, mas não todos eles. A hipótese não faria sentido, por exemplo, naqueles casos em que as criaturas aparentemente atacaram pessoas e animais, danificando coisas. De um modo geral, esses dinossauros remanescentes constituem um enigma que no momento não estamos em condições de desvendar.

Como tantos outros fenômenos paranormais, a aparição de criaturas misteriosas é muito rápida e geralmente é necessário avaliar os relatos à luz da credibilidade das testemunhas. Já o fenômeno dos círculos nas plantações de cereais apresenta-se, sob esse aspecto, de maneira bem diferente. Os círculos apareceram com tanta frequência e deixaram marcas tão espetaculares nos campos da Grã-Bretanha, que atraíram a presença de milhares de pessoas, maravilhadas com sua beleza e simetria. No mundo inteiro, milhões de indivíduos leram alguma coisa a esse respeito e viram as fotografias publicadas em revistas e jornais. A frase “ver para crer” é válida tanto para os céticos quanto para as pessoas de mente arejada, e por isso não constitui surpresa que os círculos tenham provocado, por parte do público, um interesse sem precedentes. Será que alguém ainda pode negar que alguma coisa muito estranha venha ocorrendo nos campos da Inglaterra por tantos anos? Por incrível que possa parecer, isso acontece e muitas pessoas se sentiram vitoriosas quando, no final de 1991, Dave Chorley e Doug Bower, dois artistas aposentados, afirmaram que haviam produzido os círculos durante anos a fio. Os jornais imediatamente aceitaram aquela versão e estamparam manchetes sensacionalistas, declarando encerrado o caso. Ninguém parecia questionar se teria sido realmente possível para os dois homens falsificarem todas as marcas (632, espalhadas por 33 condados ingleses, apenas no ano de 1990). Assim, embora as declarações de Chorley e Bower fossem simplesmente inacreditáveis, o interesse do público pelos círculos diminuiu rapidamente após a confissão. No entanto, até agora, alguns cientistas ainda não se sentem convencidos, e os círculos constituem um dos poucos eventos paranormais que são estudados fora da comunidade para-científica.

Infelizmente, não se pode dizer o mesmo de outros fenômenos paranormais. Nos casos de quedas anômalas de matéria do céu, geralmente são apresentadas explicações naturais, embora em relação a esse tema (com a possível exceção das quedas de gelo) as teses dos racionalistas sejam ainda mais fracas. Além da ocorrência mais frequente, que envolve a queda de criaturas vivas, ocorreram também neste século ‘chuvas’ de diversos materiais, inclusive ervilhas, cebolas, tomates, pregos, dedos humanos, sangue e pedaços de carne, feijões, pedaços de porcelana e de carvão, mármore, uma barra de ferro fundido, bolas de golfe, bolas de chumbo de vários tamanhos e vidros. A explicação natural para cada uma das ocorrências é basicamente a mesma. Segundo os especialistas, esses objetos foram erguidos por redemoinhos de vento e posteriormente derrubados. Tenho certeza de que o leitor não espera que eu me

estenda na explicação dos motivos pelos quais considero essa hipótese improvável. É suficiente dizer que seria de se esperar que tais redemoinhos depositassem, sobre uma área ampla, todos os tipos de materiais carregados pelas espirais de vento. No entanto, o traço mais característico das estranhas quedas é justamente o fato de que apenas um tipo de objeto ou de animal cai, e as quedas são concentradas em áreas limitadas, geralmente sobre uma casa ou um jardim.

O aparecimento de formas circulares de luz também tem sido explicado de modo bem pouco satisfatório pelos racionalistas. A idéia de que os relâmpagos-bola constituem um mero fenômeno atmosférico seria perfeitamente aceitável, não fosse o fato de que às vezes eles se movimentam de maneira inteligente. Da mesma forma, a idéia de que essas luzes noturnas possam ser formadas a partir do gás metano luminescente encontrado nos pântanos não é capaz de esclarecer as razões de seu comportamento idiossincrático, ao perseguirem pessoas ou orientarem indivíduos que se encontram perdidos. Outra característica dessas luzes, a tendência de assombrarem as cercanias de locais onde anteriormente ocorreram tragédias, também sugere uma origem sobrenatural. A experiência vivida por algumas testemunhas favorece a idéia de que essas luzes possam ser entidades.

Em 1957, dois caçadores que haviam invadido um trecho supostamente mal-assombrado da linha férrea entre Crewe e Northwich depararam-se com uma luz que pairava a baixa altura. Mas ao invés de se manter na forma esférica, a manifestação aumentou de tamanho e transformou-se em uma figura angelical de seis metros de altura, com longos cabelos dourados e grandes asas. Vinte e um anos depois, uma história igualmente chocante foi contada por um parapsicólogo americano que acompanhou uma luz fantasma em um bosque. O especialista fotografou o objeto, mas quando as imagens foram reveladas descobriu-se algo inesperado: a figura de um “anjo” dourado, envolto por um círculo de luz amarela. O parapsicólogo relacionou a imagem com o espírito de sua mãe, que havia morrido poucos dias antes do episódio. A tese de que as formas de luz constituem presenças celestiais deve encontrar adeptos entre as várias testemunhas de aparições da Virgem Maria e de outras visões religiosas. Embora os estudiosos desses misteriosos fenômenos não tenham conseguido estabelecer uma conexão entre os dois enigmas, alguns elementos-chave estão presentes em ambos os casos. E, na verdade, algumas vezes as ocorrências são mesmo coincidentes. Em 1905, durante um período caracterizado pelo aumento do fervor religioso no sul do País de Gales, bolas de luz eram vistas sobre uma capela onde um pastor evangélico pregava. Outras manifestações dessa época incluíram curas milagrosas e aparições de espectros. O surgimento de bolas de luz também parece haver precedido várias visões da Virgem Maria e de outros mensageiros divinos. No dia 13 de outubro de 1917, data em que o sol pareceu dançar diante dos olhos de setenta mil testemunhas em Fátima, um globo luminoso foi visto avançando a baixa altura, na direção do leste para o oeste, e pousando em seguida nos galhos de um carvalho; foi quando Nossa Senhora apareceu para as crianças. Se essa ocorrência é uma indicação da ação de seres alienígenas, como alguns ufologistas sugeriram, ou se a luz simplesmente representa uma forma de vida desconhecida, nada podemos afirmar. Mas, o que quer que tenha ocorrido em Fátima, não seria possível que o sol tivesse literalmente dançado e, portanto, a visão coletiva que tantas pessoas tiveram deve ter sido resultante de alguma influência externa sobre suas mentes. Será que tal influência não foi produzida pela bola de luz?

As esferas luminosas foram vistas um pouco antes da ocorrência de muitos outros milagres semelhantes. Em abril de 1968, dois mecânicos egípcios, que trabalhavam em uma oficina perto da igreja Copta de Santa Maria, em um subúrbio do Cairo, viram uma esfera luminosa descer do céu e pousar no telhado do santuário. O episódio marcou o início de um prolongado período de manifestações, nas quais figuras cercadas por halos de luz cintilante apareciam tanto para os devotos quanto para pessoas sem fé religiosa. As imagens incluíam pombas de fogo e formas femininas vestidas com longos mantos, que

pareciam abençoar as pessoas. Alguns as interpretaram como monjas, outros como a própria Virgem Maria.

Independentemente das nossas convicções religiosas, devemos reconhecer o fato de que alguns eventos realmente estranhos ocorreram na igreja egípcia. As visões noturnas se prolongaram até maio de 1971 e foram vistas por centenas de milhares de observadores, que enchiam as ruas ao redor da igreja. As manifestações foram inclusive fotografadas com sucesso. Quando uma esfera de luz semelhante surgiu sobre outra igreja do Cairo, a igreja de São Damião, na noite de 25 de março de 1986, iniciou-se uma outra série de aparições, sendo que dessa vez tivemos uma das ocorrências visionárias mais comprovadas deste século. Por várias noites, durante a primavera e o verão, uma imagem de Nossa Senhora apareceu diante dos olhos estupefatos de milhares de egípcios, juntamente com cruces de fogo, muitos anjos e o próprio São Damião.

Os fenômenos religiosos que acabamos de descrever deixaram os céticos perplexos, pois o significativo número de pessoas que os testemunharam elimina qualquer possibilidade de fraude ou equívoco. A hipótese de que tais relatos resultem de alucinações coletivas provocadas pelo fanatismo religioso encontra poucos defensores, já que as aparições foram testemunhadas também por ateus e por pessoas que não professavam a fé cristã. Evidentemente, algo muito estranho ocorreu nessas ocasiões; algo que apresentava uma realidade objetiva. Se, porém, tratava-se da mãe de Deus retornando à terra, é um assunto completamente diferente.

Aparições, óvnis, *poltergeists*, ‘chuvas’ estranhas, desaparecimentos de pessoas; a lista de eventos impossíveis parece interminável.

Como não podem abordar tais mistérios a partir do conjunto de regras de que dispõem, os cientistas procuram evitar suas implicações, e preferem negar sua existência. Por outro lado, os ‘paracientistas’, aqueles poucos pesquisadores que se dispuseram a penetrar em terrenos proibidos, temidos por outros, têm procurado montar suas teorias com níveis variados de sucesso. Mas qual é o estágio atual das reflexões entre aqueles que devotaram a vida ao estudo do inexplicável? Cada estudioso possui suas hipóteses favoritas, porém, de modo geral, as teorias podem atualmente ser enquadradas em três categorias, como veremos resumidamente a seguir.

A primeira delas é conhecida como a teoria do “universo endiabrado”. Os pesquisadores que apóiam essa abordagem sustentam que paralelamente ao mundo material visível que nos cerca existe uma outra dimensão da realidade, onde as leis naturais não funcionam e onde qualquer coisa pode existir. Assim, criaturas singulares podem eventualmente passar para o nosso mundo material, tornarem-se temporariamente visíveis, e depois retornarem para a sua própria dimensão, deixando várias provas de sua passagem: relatos de testemunhas, imagens indistintas em uma fotografia, ou rastros estranhos no chão. Na opinião dos defensores dessa teoria, esse outro universo não é completamente separado do nosso. Os dois mundos apresentam uma interface no nível mental e, por isso, a qualquer momento as leis naturais podem ser canceladas em nossa dimensão de existência.

Uma outra escola de pensamento oferece uma explicação um pouco mais corriqueira para as experiências paranormais, relacionando os poderes telepáticos da humanidade a certas forças terrestres naturais que ainda não foram bem identificadas. Os defensores dessa teoria argumentam que é possível estabelecer uma relação bem clara entre os fenômenos paranormais e algumas atividades sísmicas decorrentes de tensões em rochas. Tais tensões, segundo eles, são capazes de liberar poderosos campos de energia eletromagnética, que por sua vez podem se movimentar em forma de esferas brilhantes.

Quando essas luzes terrestres entram em contato com as pessoas, alteram as funções das ondas cerebrais e induzem a alucinações da mesma maneira que as luzes estroboscópicas podem levar um epilético a ter um ataque. Sob sua influência, as pessoas contam histórias de encontros com seres sobrenaturais, ou de seqüestros por extraterrestres: eles estão convencidos das ocorrências, embora na realidade nada tenha acontecido.

Ainda que a hipótese das ‘luzes terrestres’ pareça incrível, Paul Devereux, um ufologista inglês, escreveu vários livros apresentando evidências impressionantes e aparentemente inquestionáveis da correlação entre aparições de óvnis e de bolas de fogo e flutuações sísmicas comprovadamente verificadas no Reino Unido. Os seguidores de Devereux rapidamente acrescentaram informações referentes a outras partes do mundo nas quais determinados fenômenos, como as aparições religiosas, pareciam ocorrer em áreas caracterizadas pelo aumento de tensões nas rochas em função de falhas geológicas. No episódio ocorrido no Cairo, por exemplo, constatou-se que as atividades sísmicas registradas em um raio de oitocentos quilômetros da cidade eram dez vezes maiores do que nas áreas adjacentes. Segundo a tese de Devereux, portanto, a energia em forma de luz liberada pela atividade sísmica fora confundida com imagens milagrosas, porque a percepção das testemunhas se encontrava abalada: suas mentes simplesmente re-elaboraram o que viam de modo coerente com suas concepções religiosas. Deus não teria nada a ver com o processo.

Uma terceira abordagem propõe que as aparições sobrenaturais são ‘monstros da mente’, criaturas do espaço interior, imagens na forma de hologramas que emergem das entranhas do inconsciente coletivo humano. Embora tais entidades possam ser convocadas pelos xamãs, ocultistas, e bruxos, as pessoas que não possuem poderes psíquicos desenvolvidos têm possibilidade de experimentar visões paranormais em determinadas situações mentais, ou em locais onde exista um alto nível de energia psíquica. Os que defendem a concepção do ‘espaço interior’ consideram que a mente humana interage com o mundo físico de uma forma muito mais direta do que a ciência geralmente admite. Assim sendo, a mente humana é capaz de provocar alucinações geradas telepaticamente, que parecem ter realidade objetiva não apenas para aqueles que as produziram, mas também para outros observadores. Tais entidades podem até manifestar uma existência sólida, ou pelo menos parcialmente material, por breves períodos de tempo. Os adeptos da tese das “criaturas do espaço interior” rejeitam a existência de forças desencarnadas nas manifestações de *poltergeists*, e vêm com ceticismo a hipótese de que os óvnis tenham origem extraterrestre.

Por motivos óbvios, nenhuma dessas teorias é acolhida pela ciência oficial. Mas será que alguma delas é capaz de explicar todos os mistérios apresentados nesse livro? Temo que a resposta a essa pergunta seja negativa. Talvez cada uma delas tenha seus aspectos válidos e possa explicar alguns mistérios, mas nenhuma delas esclarece todos eles. Examinemos os méritos de cada uma delas.

A idéia do “universo endiabrado” poderia perfeitamente explicar as visões estranhas de criaturas desconhecidas que parecem apresentar uma realidade fenomênica diferente, como os ‘cães negros’, ou as criaturas de espécies desconhecidas como o Abominável Homem das Neves, o Pé-grande, e provavelmente até mesmo os monstros marinhos. Mas como vários desses seres foram fotografados, os rastros do Pé-grande foram moldados em gesso, e algumas carcaças de monstros marinhos recuperadas, as evidências parecem apontar na direção de algo que apresente uma existência física mais concreta. A teoria nos ajuda a entender a ação de algumas entidades invisíveis, mas certamente não se aplica a todas as aparições. Muitos fenômenos espectrais devem ser tratados separadamente; entre eles, os fantasmas de pessoas, que provavelmente são exatamente o que aparentam ser: veículos ultrafísicos para a alma de seres humanos mortos. Os óvnis constituem um problema ainda maior para essa teoria, pois se as

histórias de apreensão de discos voadores são verdadeiras, fica confirmada a realidade concreta tanto das naves quanto de seus ocupantes. Como já afirmei anteriormente nesse capítulo, faz mais sentido ver os óvnis à luz da hipótese extraterrestre tradicional, ou, dentro de uma perspectiva alternativa, através da tese da origem subterrânea. Por essa última hipótese, que eu pessoalmente compartilho, os óvnis operam de bases localizadas nas profundezas dos oceanos. Finalmente, essa teoria apresenta poucas explicações para diversos enigmas como lapsos do tempo, combustão humana espontânea, premonições, maldições, imagens que sangram, ausência de deterioração, estigmas, e curas milagrosas.

Várias dessas objeções podem ser levantadas também contra a tese mais ‘natural’ que vê nas atividades sísmicas a causa das distorções na percepção da realidade por parte de pessoas que testemunham aparições de óvnis e fantasmas, e tiveram visões religiosas. Se tais ocorrências são apenas ilusões, como é possível que os óvnis sejam fotografados, apareçam em radares, deixem vestígios no solo, e aumentem os níveis de radiação? As atividades sísmicas poderiam certamente interromper o fornecimento de energia, mas não seriam capazes de mutilar animais, derrubar aeronaves e fazer navios desaparecerem. O clima de mistério com que os governos envolvem esses incidentes indicam que as instituições militares e os serviços de informação não consideram os óvnis como ilusões, e sim como ameaças verdadeiras. E realmente interessante o fato de que um nível anormal de atividade sísmica tenha caracterizado áreas que se tornaram foco de ocorrências paranormais. No entanto, nem sempre isso ocorre; e quando acontece, a hipótese não explica completamente o fenômeno. Se considerarmos que a cidade do Cairo foi o epicentro de um abalo sísmico em 1969, e aceitando-se que o fato provocou o aparecimento de uma bola de luz, ainda ficamos sem saber por que a esfera escolheu descer sobre a igreja, e não sobre outro prédio qualquer.

A primeira vista, a tese do ‘espaço interior’, propondo a idéia de que o inconsciente humano pode materializar fenômenos no mundo exterior, é a abordagem mais promissora. Afinal, a mente humana dispõe de uma extraordinária habilidade de controlar a matéria, diversas vezes demonstrada através dos curandeiros que operam curas milagrosas, das pessoas que caminham sobre o fogo, e daqueles que são capazes de deformar metais. No entanto, se muitos eventos extraordinários podem emanar da mente humana, em outros casos isso definitivamente não ocorre. Será razoável admitir que uma pessoa possa pegar fogo de repente apenas por causa de um desejo inconsciente de auto-imolação? Será que devemos aceitar que uma comunidade inteira desapareça repentinamente no ar simplesmente porque seus membros imaginam coletivamente que não existem? Algumas criaturas podem temporariamente emergir do fundo do inconsciente coletivo humano mas, como pudemos verificar, outros fenômenos apresentam uma realidade bastante concreta. Mais uma vez, estamos diante de uma teoria que parece proporcionar apenas parte da explicação, não podendo ser considerada satisfatória.

À medida que a humanidade se aproxima do terceiro milênio — que segundo alguns dará início a uma nova era de enriquecimento espiritual — as forças misteriosas do mundo paranormal continuam pouco compreendidas por aqueles estudiosos que passaram a vida tentando estabelecer um sentido racional para elas. A desonestidade intelectual da ciência oficial, capaz de ignorar tudo aquilo que não consiga compreender, soma-se o fracasso daqueles cientistas que buscam através de caminhos paralelos definir um conjunto de leis a partir das quais seja possível construir um modelo alternativo do universo. No entanto, procurando ser justo comigo mesmo e com meus companheiros, chamo atenção para o fato de que não se deve menosprezar as dificuldades que esse gênero de pesquisa envolve. Muitas manifestações paranormais ocorrem no mundo exterior sem qualquer aviso prévio, e deixando freqüentemente evidências contraditórias. Não podemos encurralar criaturas do outro mundo em laboratórios e dissecá-las ao nosso bel-prazer. Na maioria dos casos, nossas evidências são de segunda e, às vezes, de terceira

mão. E um bom método para quem deseja pesquisar o enredo de um romance de ficção científica ou de terror, mas não é absolutamente a metodologia ideal para quem deseja realizar um estudo sério. O leitor compreenderá por que consideramos frustrante esse aspecto do nosso trabalho; e quando a ciência oficial cinicamente se utiliza das nossas condutas de pesquisa supostamente não-científicas para lançar dúvidas sobre ocorrências paranormais, nosso sentimento de frustração cresce ainda mais. Diante de tanta hostilidade e injustiça, alguns pesquisadores simplesmente desistem. A maioria, no entanto, persevera. Enquanto fatos estranhos continuarem a ser relatados, os estudiosos desse tipo de fenômeno, no mundo inteiro, prosseguirão coletando informações, estabelecendo comparações, propondo suas explicações. A busca de provas da sobrevivência humana após a morte continuará; as evidências da existência dos óvnis irão sendo acumuladas; e gradativamente surgirão as respostas aos enigmas mais intrigantes.

Este século talvez nos tenha proporcionado alguns dos acontecimentos mais estranhos de toda a história da humanidade, e talvez jamais esses eventos tenham sido tão bem documentados. No entanto, a maioria dos cientistas continua apegada à visão mecanicista do universo, com suas certezas, suas regras fixas, e sua leis físicas inquebrantáveis. Tudo aquilo que não estiver inserido na sua moldura teórica é tido como impossível. Mas, como pudemos verificar, o assim chamado impossível é tão real quanto todo o resto. Devemos nesse momento dar um passo intelectual para além dos limites dos nossos próprios preconceitos. O que encontraremos lá adiante, tenho certeza, será a mais interessante descoberta da humanidade.

Noticiário

A não ser que este livro apresentasse vários volumes, seria impossível incluir aqui exemplos de todos os tipos de mistérios paranormais. Na verdade, precisei omitir alguns dos meus episódios favoritos. Assim, para capturar toda a atmosfera misteriosa do século, incluí curtos verbetes organizados na forma de um sumário geográfico. Lendo essa última seção, podemos constatar que os estranhos fenômenos testemunhados ao longo deste século ocorreram em escala mundial. Os exemplos foram escolhidos em função de suas características curiosas, ou por estarem significativamente relacionados com fatos narrados na parte principal do livro. Mesmo com uma apresentação resumida, só foi possível mencionar uma porcentagem pequena do conjunto de fenômenos mais interessantes. Dessa maneira, alguns casos como aparições de fantasmas para uma única testemunha, encontros com óvnis, contatos com os espíritos de mortos, curas milagrosas, experiências com deformação de metais e telepatia não foram incluídos aqui simplesmente porque sua ocorrência foi muito numerosa.

1900

Estados Unidos, perto de Joplin, Missouri. Um fenômeno cintilante conhecido como a luz do fantasma Ozark era visto regularmente pelos moradores do local e desaparecia quando as pessoas se aproximavam dela. Também no estado de Missouri, perto de Wellsville, uma igreja episcopal que fora atingida por um raio no mês de agosto passou a exibir a figura do sacristão estampada no teto. O homem estava a quilômetros de distância quando o raio caiu.

Estados Unidos, Buffalo, estado de Nova York, 29 de setembro. Alguns garotos viram uma grande quantidade de peixes caindo do céu durante uma chuva. Um fenômeno semelhante foi registrado no mesmo local no dia 29 de setembro de 1939.

Estados Unidos, Alexandria Bay, Nova York. No final de novembro milhares de granizos com o aspecto de olhos humanos caíram sobre uma grande área.

1901

Estados Unidos, Tillers Ferry, Carolina do Sul. Durante uma chuva localizada, centenas de peixes, inclusive peixes-gato e trutas, foram vistos caindo do céu sobre um campo de algodão no dia 27 de junho.

Austrália, Queensland. Uma queda considerável de peixes da família dos gobídeos ocorreu em agosto. Essa seria a primeira de uma seqüência de dez 'chuvas' de peixes registradas no estado durante este século.

1902

Estados Unidos, Chesterfiel, Idaho, 14 de janeiro. Um grupo de patinadores foi perseguido por um antropóide peludo de quase três metros de altura que os ameaçava com um bastão. Foi a primeira das 19 aparições dessa criatura no estado.

Estados Unidos, ao largo de City Island, cidade de Nova York. O navio comandado pelo capitão Alexander S. Banta foi atacado duas vezes por uma criatura marinha desconhecida, muito maior que uma baleia. O barco foi obrigado a retornar para a costa.

1903

Estados Unidos, Bronx, Nova York, maio. Uma grande quantidade de dinheiro, jóias e objetos pessoais sumiu do apartamento da senhora Koch. Depois disso, por vários dias, luzes e figuras indistintas foram vistas se movimentando pelo local. A polícia não encontrou ninguém nas várias ocasiões em que esteve no apartamento.

Estados Unidos, Iola, Kansas. A aparição de uma criatura estranha, de aspecto humano, mas apresentando chifres, longos cabelos, e enormes olhos vermelhos, provocou pânico entre os trabalhadores de uma mina durante o turno da noite.

África do Sul, ao largo de Hermanus. Um monstro marinho com o aspecto de uma cobra e olhos enormes aproximou-se de um grupo de pescadores que estava a cerca de sete quilômetros da costa.

1904

Irlanda, Lough Erne, Condado de Fennanagh. Luzes vermelhas de formato esférico foram vistas deslizando sobre a superfície do lago durante várias noites a partir de março.

Inglaterra, Wimbledon, Londres, 2 de abril. Uma estranha escuridão se abateu sobre a cidade durante dez minutos. Não havia nuvens escuras ou fumaça.

Estados Unidos, perto da Filadélfia, 31 de julho. O navio 55 *Mohican* foi encoberto por uma estranha nuvem fosforescente que fez o convés brilhar como se estivesse em chamas e destruiu a bússola. Também nos Estados Unidos, em 2 de dezembro, na cidade de Memphis, no Tennessee, um período de escuridão anormal durante o dia causou pânico nos habitantes.

1905

País de Gales, Froncysyllte, Clwyd. No início de maio, um enorme pássaro preto foi visto voando baixo sobre os telhados. Posteriormente, naquele mesmo ano, um quadrúpede não identificado foi visto matando animais em fazendas de Great Badminton, na Inglaterra.

Estados Unidos, Kittery Point, no Maine. No dia 1º de setembro, estranhas chamas elétricas crepitaram na praia e sobre a superfície do mar, exalando um odor de enxofre.

1906

Estados Unidos, Union Port, Nova Jersey. No mês de junho, uma mulher foi atingida por um raio que deixou marcas estranhas em seu braço, parecidas com as figuras de um pavão, de uma cobra e de ideogramas chineses.

Inglaterra, Suffolk, 8 de fevereiro. Um grande círculo de luz se formou durante uma tempestade, pairando sobre um vilarejo. Várias árvores ficaram danificadas, assim como uma igreja das redondezas.

Inglaterra, Gloucester. Em meados de agosto, três crianças de uma mesma família desapareceram enquanto brincavam na área da fazenda em que moravam. Foi dado o alarme, e a polícia, ajudada pelos vizinhos, realizou buscas durante três dias. No quarto dia as crianças foram encontradas dormindo tranqüilamente em uma vala, a menos de cinquenta metros de casa. Os meninos não souberam explicar seu desaparecimento, nem lembravam do que ocorrera durante aquele período.

1907

Estados Unidos, Pittsburgh, Pensylvania, 27 de janeiro. Albert Houck encontrou sua jovem esposa completamente carbonizada sobre uma mesa. Provavelmente um caso de combustão humana espontânea.

Estados Unidos, Butte, Montana, 15 de maio. Um sapo foi encontrado vivo, preso entre as camadas de uma rocha, a setenta metros de profundidade. A constatação foi feita durante a inundação de um poço em uma mina de prata.

Estados Unidos, Alpena, Michigan. Um relâmpago-bola entrou em uma casa no dia 1º de agosto, ferindo pessoas, provocando incêndios, e fazendo buracos nas paredes.

1908

Inglaterra, Whitley Bay, Northumberland. Uma senhora de idade avançada, Wilhelmina Dewar, foi encontrada carbonizada em sua cama na noite de 22 de março.

França, montanhas de Vosges. No Domingo da Santíssima Trindade, grandes granizos com a imagem da Virgem Maria caíram em uma área, quebrando mais de 1.400 vidros de janelas.

México, golfo do México, 21 de junho. Os passageiros e a tripulação do SS *Livingstone* viram um monstro marinho com cerca de setenta metros de comprimento.

1909

Estados Unidos, Trenton, Nova Jersey. Um monstro gigantesco, com asas pretas e uma cabeça horrenda, apelidado de ‘diabo de Nova Jersey’, foi visto sobrevoando a cidade e pousando em alguns edifícios. Relatos semelhantes, provenientes de Camden, Woodbury, Burlington, Gloucester e outros locais próximos da Pensilvânia foram feitos durante o mês de janeiro.

Portugal, região de Coimbra. A ocorrência de um surto de manifestações de *poltergeists*, incluindo sons de alta percussão, agressões físicas em adultos, e levitação de um bebê no berço foi relatada no início de outubro.

1910

Guiana, rio Konawaruk. Alguns mineradores foram surpreendidos pelo legendário ‘homem selvagem’, uma criatura de um metro e meio de altura e pêlos avermelhados.

País de Gales, Ennerdale Cambria. Durante o mês de fevereiro, cerca de cinquenta carneiros foram mortos todas as noites por um predador desconhecido. Em todos os casos, o sangue foi sugado dos corpos dos animais através de pequenos orifícios nas veias jugulares, mas a carne foi deixada intacta. Enquanto isso, na Inglaterra, as fazendas ao redor de Guilgford chegaram a ter cerca de sessenta carneiros mortos da mesma maneira vampírica.

1911

Inglaterra, Bradford, Yorkshire. Na manhã do dia 23 de fevereiro uma menina de nove anos foi levantada por uma força desconhecida a uma altura de cerca de sete metros quando brincava no *playground* da escola. A menina morreu ao despencar no chão.

Estados Unidos, Louisville, Kentucky, 7 de março. Uma escuridão anormal cobriu a cidade durante uma hora, aterrorizando os habitantes.

França, Mirabeau. Durante a Páscoa, no interior de uma igreja, as mãos, o coração e a cabeça de uma figura de Cristo começaram a sangrar. Os testes realizados comprovaram que o sangue era humano.

1912

Austrália, Nova Gales do Sul, 12 de novembro. Uma grande quantidade de peixes caiu de uma nuvem parecida com um tornado na cidade de Quirindi. Outras quedas estranhas ocorridas nesse estado australiano durante o século incluíram vermes marinhos, camarões, búzios e caranguejos.

1913

França, perto de Charleroi. Durante quatro dias, a partir de 30 de janeiro, a sede de uma fazenda foi regularmente bombardeada por pedras. O episódio não pôde ser atribuído a nenhum agente humano.

Estados Unidos, Farmersfield, Texas, 15 de maio. Um grupo de crianças viu um homenzinho verde de menos de trinta centímetros de altura, que teria sido devorado por alguns cães.

1914

Bélgica, Mons, 26 de agosto. Soldados britânicos em retirada foram ajudados por barqueiros fantasmas que a partir de então ficaram conhecidos como ‘os anjos de Mons’.

Estados Unidos, sudeste de Wann, Oklahoma. Um homínídeo grande e peludo, com brilhantes olhos vermelhos, foi visto rondando uma casa em meados de agosto. Essa foi uma das dezenas de aparições do Pé-grande ocorridas nessa região ao longo do século.

Inglaterra, Devon. Apareceram luzes sobre as colinas de Dartmoor durante o verão e o outono.

1916

Atlântico Norte. Um enorme animal marinho foi avistado pelo capitão e por toda a tripulação do submarino alemão *U28*, após o afundamento do vapor britânico *Iberia*. Alguns segundos depois que a embarcação explodiu, uma criatura de cerca de 18m de comprimento, parecida com um crocodilo, elevou-se na água em meio aos destroços.

1917

Islândia, cem quilômetros a sudeste da costa. Oficiais e marinheiros a bordo do *HMS Hilary* avistaram um monstro marinho que tinha um pescoço de oito metros e, sobre o dorso, uma nadadeira triangular gigantesca.

Canal da Mancha. O iate *Zebrina* deixou o porto de Falmouth em outubro, e dirigiu-se a Brioux, na França, em uma viagem de quarenta e oito horas. Nenhuma tempestade ocorreu na área, mas o barco foi encontrado abandonado e em perfeitas condições. A tripulação desapareceu sem deixar pistas.

1918

Austrália, Lismore, Nova Gales do Sul. A cruz de pedra de um cemitério começou a brilhar durante a noite. O fenômeno ocorreu durante seis anos até que o monumento foi quebrado por vândalos. No mesmo estado, alguns fazendeiros afirmaram que haviam visto leopardos gigantes, com cerca de oito metros de altura, nas montanhas Wattagan.

Canal da Mancha. A escuna *Luciene*, proveniente de Saint Malo, foi arrastada para a praia em Goodwin Sands, Kent. Sobre a mesa, a refeição estava servida, mas os ocupantes do barco haviam desaparecido.

África do Sul, Johannesburg, Transvaal. Em junho, um objeto grande, redondo e brilhante — provavelmente um relâmpago-bola — foi visto no alto de uma ladeira, disparando raios de luz. Explodiu ao chocar-se com um muro, fazendo certo estrago e deixando um odor de enxofre no ar. Nesse ano também ocorreram vários episódios envolvendo monstros aquáticos no rio Orange e nos afluentes do Vaal.

Inglaterra, Londres. No mês de agosto, durante três dias consecutivos caíram pedras sobre a área de Woodford.

1921

Estados Unidos, cidade de Nova York, 9 de março. A polícia encontrou o corpo de Isadora Fink nos fundos de uma lavanderia da rua 132 Leste. O local, onde não foram encontradas armas ou balas, estava trancado por dentro. A moça, no entanto, apresentava dois ferimentos à bala no peito. Edward Mulrooney, um oficial da polícia descreveu o caso como “um mistério insolúvel”.

Hungria, perto de Budapeste. Um garoto de 13 anos descobriu que era capaz de erguer objetos apenas com o olhar. Durante a noite, enquanto dormia, havia chamas crepitando sobre sua cama. Quem tocava no menino às vezes recebia choques elétricos.

Canadá, perto de Antigonish, na Nova Escócia. Durante o mês de janeiro, vários incêndios provocados provavelmente por *poltergeists* ocorreram em diversas fazendas isoladas. Trinta e oito deles aconteceram em uma mesma noite.

Suíça, região dos Alpes. Durante uma tempestade de neve ocorrida no mês de março, vários insetos exóticos, inclusive aranhas da América do Sul, lagartas, e enormes formigas caíram do céu.

Inglaterra, Londres, 22 de junho. O marechal sir Henry Wilson foi assassinado a tiros em um parque por nacionalistas irlandeses. Dez dias antes, fora prevenido do fato por uma amiga, *lady Londonderry*, que vira o assassinato em um sonho.

1923

Estados Unidos, lago Echo, Nebraska. Em junho, dois motoristas acampados perto do lago foram acordados com um ruído forte. Em seguida, viram elevar-se da água um animal que tinha o pescoço mais comprido que o de uma girafa e um chifre no meio da testa. Depois dessa aparição, os fazendeiros da região passaram a atribuir ao monstro o desaparecimento de vários animais.

Inglaterra, Grimsby. Em novembro, um homem foi atingido por um relâmpago-bola, vindo a falecer.

1924

Suécia, Bleckenstad. Uma bola de calcário perfeitamente formada caiu do céu no dia 11 de abril. Os exames de laboratório constataram que a peça continha conchas marinhas e fósseis.

Estados Unidos, perto de Kelso, Washington. Em julho, alguns garimpeiros que estavam alojados em uma cabana da região de Ape Canyon foram atacados com pedras por uma horda de ‘diabos da montanha’ (provavelmente Pés-grandes). Os garimpeiros revidaram com tiros, atingindo uma das criaturas.

1925

África do Sul, Uitenhage, Província do Cabo. Um grande número de peixes e rãs caiu junto com a chuva.

Estados Unidos, na costa de Massachusetts. A tripulação de uma traineira avistou no dia 24 de maio um monstro marinho descrito como uma enguia gigantesca, maior do que o próprio pescador de quarenta metros.

1926

Estados Unidos, Evansville, Indiana, 30 de julho. Centenas de rãs caíram do céu sobre um campo de golfe durante uma tempestade. Foi um dos dezessete episódios de ‘chuvas’ de rãs relatados em 1926, naquele país.

África Central. Ocorreram várias aparições do ‘elefante da água’, uma criatura que devorava hipopótamos no lago Bongweolo.

1928

Estados Unidos, Elizabeth, Illinois. Um antropóide de quase três metros de altura ameaçou uma família no dia 25 de julho. Neste século, foi a primeira das 13 aparições do Pé-grande diante de várias testemunhas.

Canadá, Ontário. Durante todo o ano foram relatadas aparições de monstros de pescoço comprido em várias localidades, inclusive nos lagos Erie, Huron e Superior, assim como no rio St. Lawrence.

1929

Índia Ocidental, ilha Leeward, Antígua. Durante várias semanas, nos meses de abril e maio, as roupas vestidas por uma menina da aldeia queimavam até virarem cinzas sem que sua pele fosse atingida. Enquanto a criança dormia, sua roupa de cama e colchão também pegavam fogo.

China, Vientiane. Durante os meses do verão, um plesiossauro foi visto várias vezes em diversos rios perto da cidade.

1930

Estados Unidos, Kingston, Nova York. O corpo da senhora Stanley Lake foi encontrado incinerado em janeiro. As roupas que vestia estavam intactas.

No início de fevereiro, alguns caçadores perseguiram um quadrúpede desconhecido que havia atacado os porcos de uma fazenda em Maryland. Ferido, o animal escapou.

Inglaterra, Grayshort, Hampshire, 29 de dezembro. Choveu sem que houvesse qualquer nuvem no céu. O mesmo fenômeno foi observado nos três anos seguintes.

1931

Irlanda, Condado de Derry, 4 de abril. Um estudante inglês viu uma criatura que parecia um enorme cão preto, com dentes terríveis e olhos que eram duas brasas vermelhas, nadando em um rio. Tratava-se provavelmente de um *pooka*, o legendário cão-fantasma da Irlanda.

Espanha, Ezquioga. Mais de cento e cinquenta pessoas, inclusive não católicos e ateus, viram a Virgem Maria aparecer no céu, acompanhada de uma hoste de anjos e santos no dia 30 de junho.

1932

Estados Unidos, Bladenboro, Carolina do Norte. No mês de janeiro, um espectro de fogo do tipo *poltergeist* provocou incêndios em uma casa, atingindo as cortinas e a roupa de cama e mesa.

Camarões, montanhas Assumbo. Em maio, o zoólogo Ivan T. Sanderson foi atacado por um morcego gigante cujas asas tinham mais de três metros de envergadura.

1933

Estados Unidos, cataratas de Niágara, estado de Nova York, 24 de maio. Uma grande quantidade de peixes caiu do céu durante uma chuva. Uma das testemunhas chegou a alimentar seu gato com os peixes. Essa foi a primeira ocorrência de uma série de dez registradas naquele estado, neste século.

África do Sul, Natal. Um monstro de quase trinta metros foi visto no lago de Santa Lúcia no dia 7 de julho. No dia seguinte, uma criatura semelhante foi vista nadando no mar a pouco mais de um quilômetro da costa.

1934

Estados Unidos, Pennsylvania. Durante o mês de janeiro, luzes e ruídos estranhos foram observados em um bosque perto de Langhorne. Os ruídos incluíam gemidos, sussurros e gritos misteriosos. Quando os pesquisadores entraram no bosque, os sons foram mudando de lugar. Posteriormente, naquele mesmo ano, um fazendeiro no estado da Dakota do Sul encontrou rastros estranhos, e em seguida viu um monstro parecido com um dragão entrar no lago Campbell. Na véspera, vários animais haviam desaparecido das redondezas.

Itália, Pirano. Na primavera, Anna Manaro, a ‘mulher-vagalume’, foi examinada e fotografada por médicos depois de haver emitido uma luz azul enquanto dormia.

1935

Granada, Distrito de Lowther’s Lane. Uma cabana abandonada, que no ano anterior fora local de manifestações fantasmagóricas e de chuvas de pedras, foi completamente destruída por um fantasma incendiário no dia 14 de janeiro.

Canadá, Saskatchewan, 18 de junho. Em um bosque perto de Nipawin, três pessoas viram um óvni pousado e humanóides que usavam roupas prateadas subindo uma escada para entrar na nave. O terreno ficou queimado no local e foi fotografado no dia seguinte.

1936

Cazaquistão, no mar Negro. Durante o mês de janeiro, um feroz monstro marinho com cabeça de cavalo ficou preso em uma rede de pesca e foi libertado por pescadores que logo fugiram para a praia. Naquele mesmo ano, na região de Pavoldar, uma mulher afirmou ter visto uma figura feminina alada vestida de preto.

Estados Unidos, Ohio. Uma música celestial foi ouvida no túmulo de uma menina durante várias noites do mês de novembro.

1937

Mongólia, deserto de Gobi. Uma unidade avançada de reconhecimento do exército japonês abateu dois grandes antropóides de pêlo avermelhado no mês de fevereiro. Os animais eram de espécie desconhecida.

Estados Unidos, Saginaw River, Michigan. Um pescador teve um colapso nervoso após ser atacado por um bípede descrito como “uma enorme coisa peluda”. Outras aparições do Pé-grande ocorreram em outros pontos do estado naquele ano.

1938

Japão, Hokkaido. O cabelo de uma boneca de madeira começou a crescer depois que sua dona faleceu. A boneca foi colocada em um templo sagrado e continua apresentando o fenômeno até os dias de hoje. Os testes realizados comprovaram que o cabelo é humano.

Suécia, Parajaevarra, Região da Lapônia. No mês de julho várias bolas de fogo saídas de nuvens baixas atingiram cinco casas, matando uma pessoa e queimando outras seriamente.

1939

Estados Unidos, Loudenville, Ohio. No início do verão, formas fantasmagóricas de luz foram vistas pairando sobre os campos. As luzes continuaram aparecendo durante 13 anos seguintes. Mais tarde, naquele mesmo verão, uma força desconhecida manifestou-se no interior de uma aeronave de transporte da Força Aérea dos Estados Unidos que ia de San Diego para Honolulu, matando cinco membros da tripulação.

Inglaterra, Start, Devon. Durante um passeio no campo, duas mulheres encontraram uma casa. Quando mais tarde foram pesquisar a história do local, descobriram que jamais existira qualquer construção ali.

1940

Irlanda, Lough Bran, Condado de Kerry. Um monstro negro, descrito como cruzamento de uma foca gigante com um dragão mítico foi visto no litoral por um menino de 14 anos. Outras aparições de monstros lacustres foram relatadas na região do lago Lackagh no início do verão.

Região de Gorki, antiga URSS. Vários milhares de copeques (moeda soviética) caíram na cabeça dos habitantes do local durante uma tempestade.

1941

Austrália, rio Wearyn. Em fevereiro, uma enfermeira experiente que fora atender um ferido em uma região afastada do norte da Austrália recebeu ajuda de dois homens vestidos com um guarda-pó branco

que surgiram do nada e da mesma forma desapareceram.

Atlântico Norte, golfo dos Leões. Em julho, a embarcação *Icelandia*, da Cruz Vermelha, foi encontrada à deriva no mar sem a tripulação. O barco estava em perfeitas condições.

1942

Estados Unidos, Bloomington, Illinois, 15 de março. O bancário Aura Troyer foi encontrado parcialmente queimado em um porão e não soube explicar seus ferimentos. Em Maryland, no dia 18 de novembro, alguns homens que pescavam no riacho Herring, em River Dale, viram criaturas que pareciam enormes crocodilos.

Inglaterra, Newbiggin-by-the-sea, Northumberland. No dia 18 de dezembro, um homem afirmou ter sido seqüestrado por seres alienígenas e forçado por eles a se submeter a um exame médico. Provavelmente, esse foi o primeiro caso de seqüestro por óvni deste século.

1943

Estados Unidos, Deer Isle, Maine, 13 de janeiro. O corpo carbonizado de Allan Small foi encontrado no chão de sua sala de estar. Embora um pedaço do carpete tenha sido atingido pelo fogo, não havia mais nada queimado na casa, e não foi possível descobrir o que originara o fogo. Três semanas depois, Arthur Baugard, um inválido, foi encontrado morto em sua própria casa, em Lancaster, nas mesmas circunstâncias.

1944

Dinamarca, Copenhague. Uma onda violenta invadiu um píer no lago Furesø; em seguida, várias pranchas de madeira da estrutura, com cerca de três centímetros de espessura, foram reduzidas a pedaços por uma criatura que, segundo as testemunhas, parecia um lúcio ^{72} gigante.

Alemanha, Hagenau. Pilotos das Forças Aliadas voando em missão sobre a Europa viram luzes de cor laranja acompanharem as aeronaves durante certo tempo. A escolta prosseguiu mesmo quando os aviadores tentaram fugir. Foi o primeiro relato desse tipo feito durante a Segunda Guerra Mundial.

1945

Alemanha, castelo de Wildenstein, perto de Heilbronn. Pequenas criaturas, descritas como duendes, foram vistas pelos moradores do local, juntamente com vários fantasmas. Outros fenômenos estranhos ocorreram no castelo ao longo do ano.

Estados Unidos, Pittsburgh. O busto em bronze de uma gueixa, uma peça de cem anos de idade, pertencente ao colecionador Allan Demetrius, chorou na noite do dia 6 de agosto, dia do ataque americano a Hiroshima.

Estados Unidos, Midland, Arkansas. Um espírito de fogo danificou as cortinas, o papel de parede, roupas e móveis de uma casa no dia 9 de setembro. Em seguida, incendiou um celeiro que havia ali perto.

1946

Áustria, Einsenberg. No início da primavera, Alosia Lex, uma jovem que estivera em coma, despertou repentinamente declarando ter visto a Virgem Maria. A moça sabia de fatos que deveria desconhecer por ter estado inconsciente.

Iugoslávia, região da Dalmácia. A Virgem Maria apareceu, dessa vez para muitas testemunhas, em meio a uma nuvem e coroada de estrelas, no dia 11 de junho.

Península Escandinava. Foram registradas várias aparições de foguetes fantasmas, voando baixo e aterrorizando as pessoas. A grande maioria dos relatos foi proveniente da Suécia, onde os projéteis caíram em lagos e fiordes.

1947

Brasil, Manaus, rio Amazonas, fevereiro. Um viajante encontrou cinco pássaros enormes, parecidos com pterodáctilos, com corpo e asas de couro muito grosso.

Estados Unidos, Alasca. Um monstro marinho com cabeça de vaca e nadadeiras no dorso foi visto pulando na água em abril. Apareceu novamente em maio, ao largo da ilha Pennock.

África do Sul, Natal. Um monstro marinho de oito metros de comprimento foi visto por pescadores umas 12 vezes durante o verão. Em setembro, foi visto também por um homem que caminhava na praia em Isipingo.

1948

Estados Unidos, Maycomb, Illinois. Em agosto, em uma única semana, mais de duzentos incêndios ocorreram de forma misteriosa em uma área rural, provocando algumas vezes a destruição total de celeiros e cabanas.

Inglaterra, Barton-on-Sea, Hampshire. Em setembro, um casal que estava em um campo de golfe foi bombardeado por centenas de peixes vivos, caídos de um céu sem nuvens.

Filipinas, Lipa. Chuvas de pétalas de rosas ocorreram de outubro a dezembro, após algumas aparições da Virgem Maria para as freiras de um convento.

1949

Brasil, região do rio Araguaia. Um monstro em forma de cobra, com quase cinquenta metros de altura e brilhantes olhos vermelhos, conhecido como 'sucuriçu gigante', foi visto e fotografado.

Estados Unidos, Manchester, New Hampshire. Em dezembro, a senhora Ellen Coutres repentinamente transformou-se em uma chama humana.

1950

Inglaterra, Exmoor, Devon. Em uma manhã de fevereiro, um fazendeiro encontrou seus campos

cobertos com pedaços de gelo do tamanho de um prato de sopa, sendo que um deles, pesando quatro quilos, ficou encravado no pescoço de um carneiro.

Estados Unidos, Benson Harbor, Michigan. No dia 23 de junho algumas pessoas testemunharam a colisão de uma aeronave DC-4 com um objeto brilhante que a perseguia.

1951

Alemanha, Dusseldorf, 10 de janeiro. Um carpinteiro que trabalhava na construção de um telhado foi encontrado perfurado por um pedaço de gelo em forma de lança com quase quatro metros de comprimento que aparentemente caíra do céu.

Estados Unidos, St. Petersburg, Flórida. No dia 1º de julho, a senhora Mary Reeser foi encontrada totalmente carbonizada em seu apartamento. Seu crânio ficou reduzido ao tamanho de uma bola de beisebol.

1952

Rússia, Vorozneh. Segundo informações que só recentemente chegaram ao ocidente, durante o verão uma bola de fogo teria caído sobre uma fábrica de armamentos pesados daquela cidade, cuja população era superior a um milhão de habitantes. A conseqüente explosão da fábrica teria devastado toda a área circunvizinha. Não foram apresentadas estatísticas oficiais do acidente, mas pode-se afirmar que o número de vítimas foi considerável.

Estados Unidos, Nashville, Tennessee. No Dia de Ação de Graças, o senhor H. Cantrell foi atingido por um raio. A partir de então ficou curado de um câncer no cérebro.

1953

Estados Unidos, Greenville, Carolina do Sul. No dia 3 de março o motorista Waymon Wood foi encontrado completamente carbonizado dentro de seu carro, embora o mesmo estivesse intacto. Foi, provavelmente, um caso de combustão humana espontânea.

Estados Unidos, Los Angeles, Califórnia. Outro provável caso de combustão humana espontânea: a senhora Esther Dulin, de trinta anos, cujos restos carbonizados foram encontrados no dia 6 de maio. O corpo provavelmente atravessou o piso queimado do aposento em que ela se encontrava, indo cair no andar inferior. Nada mais foi queimado na casa. Naquele mesmo ano, uma estranha criatura descrita como um homem de asas foi vista por mais de uma testemunha pousando em uma árvore.

1954

Itália, Boaria Rouigo, 15 de outubro. Um óvni em forma de ovo voou a baixa altitude sobre áreas agrícolas, emitindo raios de calor que queimaram o gado, feriram um fazendeiro, incendiaram prédios e todo o feno estocado.

Canadá, Flat Rock, New Brunswick. Uma casa foi atacada por um fantasma de fogo no mês de novembro: livros, mantimentos e móveis pegaram fogo espontaneamente.

1955

Estados Unidos, Cincinnati, Ohio, 22 de julho. Choveu sangue de uma estranha nuvem sobre alguns jardins, matando a grama e várias árvores, e queimando a pele de uma testemunha.

Estados Unidos, Westchester, estado de Nova York. No dia 17 de setembro, um casal que pescava à noite na represa Titicus viu uma esfera luminosa erguer-se da água e movimentar-se por mais de uma hora, como se estivesse sendo conduzida por alguma forma de inteligência.

Filipinas, ilhas Tokelau, 10 de novembro. O aprazível iate *Joyita* foi encontrado abandonado a alguns quilômetros da costa de Fakofa. Os 25 passageiros e a tripulação nunca mais foram vistos.

País de Gales, Wrexham, 5 de fevereiro. A chuva caiu de um céu límpido. Dez dias depois, com o céu igualmente limpo, houve queda de neve na mesma área.

1956

Oceano Atlântico, costa oeste da África. Em agosto, “relâmpagos lentos e em linha reta” cruzaram um céu límpido e foram observados por pessoas a bordo do *SS Oronsay*. O singular fenômeno repetiu-se regularmente por mais de uma hora.

Estados Unidos, Dry Harbour, Alasca. A carcaça de um animal desconhecido, medindo trinta metros de comprimento e coberta de pêlos marrom-avermelhados, apareceu no final do outono.

Inglaterra, Hanham, Avon. A queda de moedas de um pênis e de meio pênis foi presenciada por adultos e crianças no mês de novembro.

1957

Estados Unidos, Estado de Nova York. Em Rye, um objeto iluminado com formato ovóide foi visto mergulhando na água ao largo de Long Island Sound e partindo logo em seguida.

Montanhas do Cáucaso, antiga URSS. Em julho, o professor V. K. Leontiev descreveu um Homem de Neanderthal de 1,80m que encontrou na região do rio Jermut. Foi um dos primeiros relatos envolvendo humanóides registrados naquele ano durante o verão e o outono.

1958

Estados Unidos, perto de Riverside, Califórnia. O motorista Charles Wetzel afirmou ter sido atacado por uma criatura de cabeça redonda, com olhos brilhantes, garras compridas e pele coberta de escamas, quando atravessava o Santana River no dia 8 de novembro.

Norte da Irlanda, Condado de Antrim, 28 de dezembro. Um fazendeiro testemunhou vôos rasantes de óvnis sobre as suas terras. Uma das naves, voando a uma distância de cerca de três metros do chão, cortou uma árvore de 12m de altura.

1959

Polônia, Kolbres. Em março, soldados sediados no litoral viram um óvni triangular surgir no mar e contornar as instalações do quartel várias vezes.

Papua Nova Guiné, Boianai. Por três noites sucessivas, a partir do dia 26 de junho, o chefe de uma missão religiosa, reverendo W. B. Gill, e várias outras testemunhas viram alguns óvnis tripulados

1960

Estados Unidos, Lake Whitney, Texas. Na noite aparentemente normal do dia 15 de junho, os termômetros registraram uma elevação de temperatura de mais de vinte graus durante dez minutos. O calor intenso ativou os sistemas contra incêndio e aterrorizou os habitantes da região que foram à rua para ver uma luz laranja brilhando no céu. Ao acordarem no dia seguinte, os fazendeiros encontraram suas plantações queimadas. Alguns dias depois, no mesmo mês, na reserva de caça de Chief Cornstalk, no estado da Virgínia Ocidental, uma criatura alada com traços humanóides foi vista na pista principal de uma rodovia interestadual antes de desaparecer no céu escuro.

1961

Itália, San Damiano, 29 de setembro. Rosa Quattrini, doente em estado terminal, foi miraculosamente curada após ter tido uma visão de Nossa Senhora. Foi a primeira entre várias aparições que a Virgem fez para Rosa diante de outras testemunhas.

Estados Unidos, Califórnia, 18 de agosto. Milhares de aves migrantes caíram sobre um trecho da costa na baía de Monterey. A autópsia não revelou qualquer doença nos animais, e seu aparecimento no meio da noite permaneceu inexplicável.

Estados Unidos, Elizabethon, Tennessee, 25 de novembro. Ocorreram quedas anômalas de uma substância parecida com película de polietileno, em quantidades superiores a uma tonelada.

Canadá, Montreal, 10 de outubro. O navio mercante *Roxburgh Castle* ficou coberto de fibras brancas que caíram de um céu límpido. O material dissolveu-se depois de cerca de meia hora.

1962

Argentina, perto de Bajada Grande. Um estudante declarou ter sido atacado por um ser de três olhos, cabeça redonda e cabelos brancos, quando andava de motocicleta no dia 28 de junho.

Brasil, Rio de Janeiro. De acordo com testemunhas, no dia 20 de agosto o camponês Rivalino da Silva foi seqüestrado por seres alienígenas e levado para uma espaçonave que partiu deixando alguns vestígios. Rivalino nunca mais foi visto.

1963

Estados Unidos, Porterville, Califórnia. Uma jovem de 17 anos que estava nadando em uma piscina emergiu de repente com uma expressão de susto no rosto. Em seguida, deu um grito e caiu morta na frente das pessoas presentes. A autópsia não conseguiu estabelecer a causa da morte. Cinco anos depois, na mesma data, a irmã morreu em circunstâncias idênticas.

Nova Zelândia, Brooklyn, Wellington. Uma casa foi bombardeada por moedas e pedras durante três noites consecutivas em março.

Inglaterra, Norfolk. Um motorista que dirigia entre as aldeias geminadas de Little e Great Snoring no início do verão atropelou um cão preto que explodiu em chamas.

1964

Costa da Austrália Ocidental, 23 de janeiro. Luzes que se movimentavam em círculos foram vistas no mar em um ponto ao nordeste de Groote Eylandt, fazendo com que as bússolas dos navios ficassem descontroladas.

Inglaterra, Gateshead, Tyne-and-wear, 2 de junho. Crianças de uma fazenda afirmaram ter visto gnomos brincando nos montes de feno.

Estados Unidos, Costa da Flórida. O piloto americano Chuck Wakely observou uma estranha luminescência envolvendo sua aeronave durante um vôo solo entre Nassau e Miami no mês de novembro. Fenômenos semelhantes foram observados por outras pessoas que voaram no famoso Triângulo das Bermudas.

1965

Estados Unidos. Uma onda de aparições de óvnis ocorreu em cerca de 12 estados. Mais de dez mil relatos foram registrados a partir do dia 12 de junho.

México, Coatepec. Uma criatura parcialmente humana, com olhos de gato, foi vista por quatro testemunhas independentes em uma mesma noite de setembro.

1966

Inglaterra, Walthamstow. Em uma igreja da região da Grande Londres, caíram lágrimas de um crucifixo durante dez semanas, nos meses de maio e junho.

França, Lachaud Correze, 15 de julho. Um fazendeiro ouviu o barulho de uma explosão e em seguida percebeu que seu corpo ficara coberto de um pó grudento. O homem teve queimaduras de terceiro grau, vertigens, e uma anemia aguda, além de ter ficado parcialmente cego.

Estados Unidos, Miami, Flórida. No mês de dezembro, um *poltergeist* penetrou em um depósito provocando mais de duzentos incidentes que envolveram a queda de objetos das prateleiras.

1967

Itália, Cefala Diana, perto de Palermo, Sicília. Durante sete dias do mês de maio, centenas de pessoas viram a Virgem Maria aparecer em uma janela de um castelo em ruínas.

Brasil. O fazendeiro Inácio de Souza, que estivera desaparecido, reapareceu contando que fora transportado para uma nave alienígena e submetido a exames. Logo em seguida, começou a apresentar vômitos e outrossintomas relacionados com exposição radioativa. Inácio morreu de leucemia um mês

depois.

1968

Brasil. Grandes quantidades de carne e sangue caíram do céu, em uma localidade perto de Copatane, durante cinco minutos, no dia 27 de agosto. Enquanto isso, em Ipiranga, iniciava-se um dos mais estranhos casos de *poltergeist* já documentados. Móveis pesados passavam através de paredes, pisos e portas.

Irlanda, Sraheen's Loch, dia 1º de maio. Dois homens viram um monstro lacustre atravessando uma estrada. Uma semana depois, um menino, que andava de bicicleta em volta do lago, viu uma enorme criatura negra arrastando-se para fora do lago em sua direção.

Argentina, Correa, perto de Rosário. No dia 14 de outubro, um fazendeiro encontrou várias vacas mortas e mutiladas no campo, perto de uma área queimada em forma de círculo. No dia seguinte, constatou o crescimento de fungos do tamanho de uma bola de basquete no mesmo local.

1969

Colômbia, Anolaima, 4 de julho. Onze pessoas se aproximaram de um óvni que havia pousado no local. Uma delas chegou a tocar na nave. Dois dias depois, essa pessoa adoeceu e acabou morrendo logo em seguida, provavelmente devido à exposição radioativa.

Vietnã, perto de Da Nong. Uma criatura de asas negras, descrita como uma 'mulher-pássaro', foi vista por fuzileiros navais americanos no mês de agosto.

Estados Unidos, Punta Gorda, Flórida, 3 de setembro. Caiu uma 'chuva' torrencial de bolas de golfe.

1970

Em fevereiro, uma senhora de oitenta anos incendiou-se espontaneamente em um ponto de ônibus perto de seu apartamento. Atônitas, as pessoas em volta puderam testemunhar a rapidez com que o fogo a consumiu. O investigador da polícia de Dublin afirmou que o caso "era compatível com o fenômeno conhecido como combustão espontânea".

Bélgica, Bruxelas, 24 de fevereiro. Uma área luminosa com cerca de sete metros de comprimento e um metro e meio de altura, formada por fosforescentes partículas vibratórias verdes, provocou caos no centro da cidade. Posteriormente, mudou de forma e sumiu.

Finlândia, Imjarvi, 7 de janeiro. Dois esquiadores viram um óvni pousado. Uma criatura de oitenta centímetros de altura apontou em sua direção uma luz pulsante que os derrubou. Os homens tiveram de ser submetidos a um tratamento para queimaduras e ficaram doentes durante algum tempo.

1971

Itália, Mapopati. A partir do dia 3 de janeiro, uma pintura da Virgem começou a apresentar sangue nos olhos, no coração, nas mãos e nos pés. O sangue escorria pela parede, formando uma cruz.

Estados Unidos. Em agosto, uma criatura semelhante a um gato, que aparecia e desaparecia de repente, matou vários animais em fazendas do município de Canton, Michigan. No mesmo ano, em Port Richey, na Flórida, centenas de pequenos peixes prateados caíram do céu no dia 7 de setembro.

1972

Itália. Várias pinturas e estátuas da Virgem Maria choraram ou sangraram em diferentes locais: na Régio Calábria, em Assis, Adria-Rovigo, Bérgamo, Salerno, Florença e San Vittorio.

México, Monterrey. Durante o mês de janeiro, uma imagem de Jesus Menino respirava, chorava e transpirava diariamente em frente a uma multidão de cerca de quinze mil pessoas.

Estados Unidos, Defiance, Ohio. Um ‘lobisomem’ de quase três metros de altura atacou um operário da ferrovia no dia 31 de julho.

1973

Estados Unidos, East Hartford, Connecticut. Em março, uma boneca parecia estar possuída pelo espírito de uma menina morta, provocando violentas manifestações do tipo *poltergeist* em um apartamento. Mais tarde, no dia 8 de dezembro, o corpo da senhora Betty Satlow, que havia falecido no dia anterior vítima de envenenamento por monóxido de carbono, pegou fogo de modo sobrenatural. Seus restos mortais foram levados para um laboratório a fim de serem submetidos a uma série de testes. Um funcionário do governo reconheceu que a força que agira sobre o cadáver estava “além das leis da natureza”.

França, Brignoles. Milhares de sapos e rãs caíram do céu durante uma tempestade estranha no dia 23 de setembro.

1974

Canadá, Saddle Lake, Alberta. Durante o mês de janeiro ocorreram várias aparições de um monstro lacustre com cabeça de cavalo e quase cinquenta metros de comprimento. Foi a primeira de uma série de aparições que iram ocorrer nos dez anos seguintes.

Inglaterra, ilha de Wight. Um velho carvalho situado perto de Cowes desprende fumaça durante todo o verão. No entanto, as investigações feitas pelos bombeiros não conseguiram detectar nenhuma fonte de calor ou fogo na árvore. Naquele mesmo ano, na noite 4 de outubro, um motorista que dirigia ao longo do lago Bala, em Gwynedd, viu um disco brilhante descendo sobre o seu carro. Posteriormente, constatou-se que o veículo estava coberto por uma estranha película de pó cinza.

1975

Estados Unidos, Nova York. O casal Wright parou no túnel Lincoln para que o senhor Wright pudesse remover a neve do pára-brisa. Quando o senhor Wright entrou novamente no carro, descobriu que a esposa tinha desaparecido. Um outro local dos Estados Unidos, Queenstown, no Alabama, foi visitado por um estranho animal que matou um pônei Shetland de mais de cem quilos e um porco de cerca de sessenta quilos no mesmo mês. Em outubro daquele ano, no Colorado, um bisão de setecentos quilos

foi encontrado morto em seu cercado no Cheyenne Mountain Zoo. Uma orelha e o úbere tinham sido extirpados, os órgãos genitais foram mutilados, e um pedaço do couro do animal (de aproximadamente dez por 15cm) fora removido. Os funcionários do zoológico consideraram que o local era seguro e que não havia explicação para o ocorrido.

Porto Rico, Moca. No período de fevereiro a julho, ocorreram várias mortes misteriosas de animais (cães, gatos, gansos, coelhos e cabras) logo após aparições de óvnis.

1976

Estados Unidos, Carolina do Sul. Criaturas de pele verde, do tamanho de um homem, apareceram várias vezes assombrando os pântanos. O “homem lagarto da Carolina do Sul” é, até os dias de hoje, apenas uma das 16 abomináveis criaturas vistas por numerosas testemunhas no território americano.

Hong Kong, Sai Kung. Um animal parecido com um enorme gato preto foi visto por várias pessoas. Consta que teria atacado e matado vários cães entre outubro e dezembro.

Inglaterra, Tollerton, Nottingham. No final de julho, dois entregadores de leite que faziam a entrega da manhã foram surpreendidos por uma leoa. Outras 64 aparições foram relatadas em um período de três semanas na mesma região.

1977

País de Gales, Dyfed. Uma onda de aparições de óvnis ocorreu no mês de fevereiro, depois que um disco de aproximadamente 15m de diâmetro pousou perto de uma escola primária municipal de Broadhaven. Estranhos objetos começaram a aparecer sobre toda a região de Dyfed, ao mesmo tempo em que ocorreram distúrbios eletromagnéticos e panes no fornecimento de eletricidade.

Estados Unidos, Condado de Logan, Illinois. Nos meses de julho e agosto ocorreram várias aparições de um enorme pássaro descrito como um abutre gigante. No incidente mais estranho, duas dessas criaturas investiram sobre um menino de dez anos, Marlin Lowe, e o arrastaram por cerca de sete metros antes de soltá-lo no chão.

Estados Unidos, Chicago, Illinois. No final do verão, após várias aparições de uma mulher-fantasma conhecida como *Ressurrection Mary*, foram descobertas marcas de mãos incrustadas na grade em volta do cemitério onde ela estava enterrada.

1978

Estados Unidos, Galax, Virgínia. Em uma manifestação no estilo *poltergeist*, uma garagem foi alvo de um bombardeio de pregos durante quatro dias a partir de 4 de julho. Nos meses de agosto e setembro, uma casa em Spokane, Washington, foi bombardeada durante uma semana com pedras do tamanho de uma bola de golfe.

Nepal, Hinku Valley. Em novembro, a uma altitude de cinco mil metros, alpinistas ingleses ouviram gritos estranhos e encontraram pegadas que poderiam ter sido feitas pelo Abominável Homem das Neves. Enquanto isso, uma expedição dirigida pelo lorde Hunt fotografou pegadas de trinta e cinco centímetros da mesma criatura. Um pouco antes, em uma localidade perto de Pheriche, uma menina que

tomava conta de um rebanho de iaques foi atacada por um Abominável Homem das Neves e ficou inconsciente. A criatura matou vários animais do rebanho.

Itália, mar Adriático. Em outubro, alguns pescadores relataram o aparecimento de estranhas colunas de água com mais de trinta metros de altura e estranhos objetos que emergiam e submergiam no mar.

Nova Zelândia, South Island. Sinais não-identificados no radar revelaram a presença de óvnis na costa nordeste, perto do aeroporto de Wellington. Alguns pilotos declararam ter visto luzes estranhas durante várias noites. O fenômeno foi filmado no dia 30 de dezembro, e exibido pela televisão no mundo inteiro.

Inglaterra, Risely, Cheshire, 16 de dezembro. Um engenheiro que voltava para casa após uma reunião encontrou seu carro envolto por uma estranha massa brilhante. Pouco tempo depois, o engenheiro teve um câncer generalizado e morreu.

1979

Malásia, 19 de maio. Crianças de uma escola em Bukit Mertajam declararam ter visto uma pequena nave pousada, tripulada por criaturas minúsculas. Um outro disco de pequenas dimensões aterrissou em Kanipung Nagalit e emitiu luzes na direção de alguns estudantes, cegando-os temporariamente.

Em Lymut, durante alguns dias do mês de agosto, várias testemunhas viram estranhas criaturas peludas de três metros de altura e olhos vermelhos, que desapareciam de repente.

Índia. Behar. Um óvni pairou sobre uma escola perto de Islampur, no dia 12 de julho, e arrancou uma grande parte do telhado da construção principal.

França, Seron, Altos Pirineus. No dia 6 de agosto iniciou-se uma série de estranhos incêndios em uma fazenda (cerca de noventa, no período de um mês), que só iriam terminar quando um padre abençoou o local e aspergiu o chão com água benta.

1980

Tibete, Menbu Lake. Em junho, várias testemunhas, inclusive alguns funcionários do partido comunista, viram um monstro lacustre de pescoço comprido arrastando uma vaca que estava na margem do lago. Mais tarde, em um outro incidente, um fazendeiro que remava no lago foi arrastado para o fundo.

Inglaterra, Ashfield, Nottinghamshire. No dia 13 de julho, duzentas pessoas passaram mal durante a apresentação de uma banda de músicas infantis em uma área ao ar livre perto de Kirby. Os sintomas incluíam dor de garganta, olhos lacrimejantes, tontura e vômitos, mas os médicos não puderam identificar a causa do problema.

Austrália, perto de Rosedale, Vitória. Um trabalhador agrícola acordou no meio da noite com os mugidos do gado e viu um óvni pairando sobre um tanque d'água. No dia seguinte, descobriu que quarenta mil litros de água haviam sumido do tanque.

1981

Estados Unidos. Uma onda de aparições do Pé-grande começou no dia 6 de fevereiro, quando um antropóide peludo, de quase três metros de altura, foi visto remexendo o lixo atrás de um restaurante próximo ao Rock State Park, em Maryland. No fim do mês, um casal de namorados viu uma criatura semelhante a oito quilômetros ao norte de Veedersburg, em Indiana, enquanto que a uns três quilômetros mais ao sul, em Spprayton, outra criatura peluda foi vista esgueirando-se pelos jardins na noite de 16 de abril. Outras aparições ocorreram naquele ano em vários estados, inclusive Montana, Nova York, Louisiana, Wisconsin e Dakota do Sul. Ainda nos Estados Unidos, um monstro de pescoço comprido conhecido como 'Chessie' foi fotografado nadando no rio Choptank, em maio. Foi a primeira aparição dessa criatura nos anos oitenta.

País de Gales, Dyfed. Dezenas de ovelhas foram selvagemente atacadas durante três noites consecutivas no mês de junho em fazendas ao redor do vilarejo de Ysbyty Ystwyth. Nas seis semanas seguintes, ocorreram várias aparições de enormes felinos, um dos quais matou todas as galinhas de um galinheiro e o cão de guarda que as protegia.

1982

Rússia, Novaya Zemlya, ilha Bennet. Grandes nuvens geladas de origem misteriosa formaram-se e dissiparam-se em algumas horas no dia 12 de março. Movimentavam-se contra o vento e não tinham o aspecto de um fenômeno natural.

Nova Zelândia, Auckland. Operários que trabalhavam na construção de um túnel encontraram rãs vivas incrustadas em uma camada de rocha sedimentar a cerca de quatro metros de profundidade. Uma das várias ocorrências de anfíbios e peixes encontrados aprisionados em situações aparentemente impossíveis.

1983

Inglaterra. Durante o mês de junho ocorreram várias 'chuvas' de objetos estranhos no sul da Inglaterra: caranguejos (em Sussex), moedas (em Norfolk), e pequenos pedaços de carvão mineral (em Dorset). Condições atmosféricas estranhas foram consideradas a causa do fenômeno.

Zimbábue, perto de Harare. Durante todo o ano os moradores de Warren Hills acreditaram que suas casas estavam sendo assombradas pelos espíritos das pessoas enterradas no cemitério situado sob a área do bairro. Foram registradas várias ocorrências de *poltergeists*, como chuvas de pedras, janelas quebradas, quedas de temperatura, e móveis que se mexiam.

Estados Unidos, perto de Los Fresnos, Texas, 14 de setembro. O motorista de uma ambulância que socorria uma pessoa em um acidente rodoviário declarou ter visto alguns pterodáctilos em vôos rasantes. No mês seguinte, várias pessoas viram um monstro marinho, que teria uns trinta metros de comprimento e apresentava uma corcova, nadando em Stinson Beach, na Califórnia. Uma criatura semelhante foi avistada por surfistas em Costa Mesa, três dias depois.

1984

Estados Unidos, Fort Worth, Texas, 8 de julho. Uma das ruas mais importantes da cidade apresentou uma protuberância de seis metros de comprimento (algo semelhante ao que faria uma minhoca gigante). A elevação ficou se movimentando para a frente e para trás até desaparecer. Inicialmente, pensou-se em algum problema relacionado com gás, mas as escavações feitas na área revelaram que as camadas do solo se encontravam intactas.

Inglaterra. York. Durante as primeiras horas do dia 9 de julho, uma nuvem de forma estranha formou-se sobre a cidade. Em seguida, um único raio caiu, atingindo a catedral de Minster, provocando um grande incêndio. No seio da comunidade anglicana começou a correr a idéia de que o acontecimento fora um sinal da ira divina com relação às heréticas opiniões de um novo bispo. Os meteorologistas garantiram que não havia qualquer tempestade elétrica no norte da Inglaterra naquela noite.

França, Montpichon, Manche. Nas ruas da cidade, várias pessoas tiveram visões da Virgem Maria em meados de setembro.

Islândia, lago Kleifarvatn. Em novembro, um grupo de observadores de pássaros avistou duas criaturas desconhecidas, que “andavam como cães e nadavam como focas”, saindo do lago. Pouco tempo depois foram encontradas pegadas atípicas no local.

1985

Inglaterra. No mesmo ano em que ocorreram os episódios relacionados com o quadro “Menino chorando” houve também uma onda de fenômenos de combustão espontânea. No dia 28 de janeiro, uma jovem que andava pelo corredor de uma faculdade em Widnes, em Cheshire, incendiou-se, repentinamente, diante de várias testemunhas. A moça veio a falecer, embora seus colegas tivessem conseguido apagar as chamas. A segunda vítima foi a senhora Mary Caeter, uma viúva idosa que foi encontrada morta no hall de seu apartamento em Ivor Road, Sparkhill, na noite de 23 de abril. Embora houvesse alguns fósforos espalhados pelos aposentos, nenhum deles estava perto do corpo, e o incêndio ficou sem explicação. Em Londres, um mês depois, Paul Hayes, um operador de computadores de 19 anos, incendiou-se da cintura para cima quando passeava em Stepney Green. Nesse caso, o fogo durou apenas trinta segundos, e o rapaz conseguiu chegar ao London Hospital, onde recebeu tratamento para as queimaduras que tinha nas mãos, braços, rosto, pescoço, peito e orelhas.

Austrália, Concord, Sydney. Em fevereiro, uma grande quantidade de óleo escorreu de uma imagem e de um quadro de um santo libanês. Um crucifixo que foi encostado nas peças começou a sangrar.

Irlanda, Asdee, condado de Kerry, 14 de fevereiro. Crianças e adultos viram estátuas de Jesus e Maria se mexendo. Em julho, em Ballinspittle, no condado de Cork, uma imagem da Virgem moveu-se diante de várias testemunhas.

1986

França, Saint Quentin, Aisne. Durante o mês de janeiro ocorreu uma série de manifestações do tipo *poltergeist*, com gotas de sangue aparecendo nas paredes, em carpetes, e também em uma cama.

Canadá, South Burnaby, Colúmbia Britânica. No mês de fevereiro, um limo de odor fétido caiu do céu sobre uma escola primária durante três dias consecutivos.

Estados Unidos, Condado de Essex, Nova York. No dia 27 de abril, um pescador aposentado de 58 anos foi reduzido a um quilo e meio de cinzas. Foi, provavelmente, um caso de combustão humana espontânea.

Grécia, Creta. No início do verão, alguns caçadores avistaram um enorme pterodáctilo voando baixo.

Inglaterra, Swinton, Região da Grande Manchester. No final do outono, dois homens que limpavam o porão de um bar muito freqüentado foram atacados por um assaltante invisível e tiveram de ser hospitalizados.

1987

Índia, ao norte de Kashmir. No dia 31 de janeiro, trabalhadores de uma fazenda de criação de carneiros ouviram gritos de socorro e encontraram um menino que fora atacado por um Abominável Homem das Neves.

Alemanha, entre Baden-Baden e Frankfurt. Alguns motoristas que passavam em uma auto-estrada viram um carro preto desaparecer em uma explosão. Nem os destroços foram encontrados.

Inglaterra, Bridlington, Humberside. Pescadores de uma traineira tiveram de chamar um padre por causa dos estranhos fenômenos que estavam acontecendo em seu barco: a embarcação ficava andando em círculos, e ocorreram algumas aparições fantasmagóricas. As manifestações desapareceram em dezembro depois que a traineira foi exorcizada.

1988

Inglaterra, Wheatley Hill, Durham. Uma jovem de 27 anos conseguiu sobreviver a um episódio de combustão humana espontânea, mas o marido ficou seriamente queimado ao apagar o fogo. Em julho, um grupo de praticantes de artes marciais que estava treinando em Asney Hall viu a figura de um anão horripilante esgueirando-se pelos arbustos. Depois disso, vários membros do grupo foram vítimas de agressões físicas e ficaram possuídos por forças desconhecidas.

1989

Inglaterra, Oxfordshire. Os moradores do vilarejo de Calham foram acometidos por um surto de problemas respiratórios, hemorragias nasais e dores de garganta, depois que uma nuvem estranha desceu sobre o local no dia 3 de maio. Ainda na Inglaterra, em Nottingham, o gerente de um cassino flagrou um ser alienígena de cabeça oval olhando por uma janela do primeiro andar do prédio. O gerente ficou paralisado, com uma sensação de queimadura na testa. A criatura fugiu antes que o alarme fosse acionado.

Hungria, perto de Kereskend. Um engenheiro de 27 anos, que viajava com a esposa para Budapeste no dia 27 de maio, parou na estrada para urinar. No carro, a mulher viu quando o rapaz foi envolvido por uma névoa azul e caiu morto. Embora externamente o corpo parecesse intacto, a autópsia revelou que seus intestinos estavam carbonizados.

Mar Mediterrâneo, a noroeste da ilha de Creta. Na madrugada de 7 de agosto, a tripulação do

barco de pesca siciliano *Fransesco* viu-se às voltas com sérios problemas. Após terem sido resgatados e rebocados para o porto de Kastelion, os pescadores contaram que haviam sido atacados por espectros e espíritos malignos que jogaram o equipamento na água e destruíram os sistemas de rádio e navegação. Mesmo depois que o barco foi exorcizado por três sacerdotes a tripulação se negou a retornar a bordo, e foi levada para casa de avião.

1990

Inglaterra. Ao cortarem berinjelas ao meio, imigrantes muçulmanos em todo o país constataram que o nome sagrado de Alá, com a grafia arábica, aparecia nas sementes do vegetal.

Em Hurstpierpoint, Sussex, no início de setembro, um homem de 34 anos encontrado morto no banheiro apresentava queimaduras nos braços, pernas, e parte superior do dorso. Um caso provável de combustão humana espontânea.

Irã, Isfahan. No dia 24 de março, uma família que fazia um piquenique foi atacada por um enorme pássaro não identificado, maior do que uma águia, que carregou uma criança de dois anos. As buscas realizadas posteriormente não conseguiram localizar a criança ou o ninho da ave.

China, Província de Hunan. Tong Tangjiang, de quatro anos, incendiou-se diversas vezes no mês de abril. Pequenas chamas azuis, muito intensas, irrompiam de orifícios em sua pele.

Estados Unidos, Los Angeles, Califórnia, 29 de maio. Angela Hernandez, de 26 anos, irrompeu em chamas quando se submetia a uma operação cirúrgica no Centro Médico da Universidade da Califórnia, vindo a falecer.

1991

Jordânia, Zarka, perto de Amã. Quando preparava a comunhão, um sacerdote descobriu que havia sangue fresco no pão. Imediatamente o pão foi oferecido aos devotos para que espalhassem sobre o corpo. Os fiéis esperavam obter milagres.

Inglaterra, Kent. Um jato MD-80 da Alitalia, a uma altitude de sete mil metros, escapou por pouco de um míssil com formato de óvni no dia 4 de abril. No dia 15 de julho, um Boeing 737 da Britannia Airways que pousava no aeroporto de Gatwick quase bateu em um outro objeto misterioso. Em ambos os incidentes o óvni foi detectado pelo radar.

Inglaterra, Leicester. Durante todo o ano a família Boulter foi atormentada por estranhos espíritos que produziam uma grande quantidade de limo amarelado. A substância geralmente escorria das paredes. Analisada pelo laboratório da Universidade de Nottingham, descobriu-se que se tratava de urina, porém de um animal não identificado.

Inglaterra, Manchester. Ao chegar em casa no dia 9 de setembro, um empresário encontrou uma indecifrável mensagem gravada com voz demoníaca na sua secretária eletrônica. As sofisticadas análises feitas na fita revelaram que a mensagem começava com as seguintes palavras: “Odeio você. “

1992

Japão, Kyushu. Um monstro aquático de 11m de comprimento conhecido como 'Issie' foi filmado com uma câmera de vídeo por um motorista que passava no Lago Ikeda no dia 4 de janeiro.

Suécia, Lago Storsjon. Um grande réptil marinho foi visto pelos operários que trabalhavam na construção de uma ponte e também por um grupo de estudantes.

Mongólia, perto da fronteira com a China, 12 de junho. Alpinistas liderados pelo experiente Julian Freeman-Atwood encontraram criaturas selvagens peludas conhecidas como 'almas' na região. Alguns rastros ainda frescos foram descobertos na manhã seguinte.

Escócia, Lothian. Durante todo o ano, relâmpagos-bola verdes foram vistos passando a baixa altitude sobre os campos.

1993

Inglaterra, Leigh-on-Sea, Essex. Um réptil de pescoço comprido foi visto por várias pessoas nadando em direção ao mar na parte norte do estuário do Tâmesa em fevereiro. Era outubro, um grupo de porcos selvagens, considerados extintos na Grã-Bretanha, foi filmado por um turista nas várzeas de Derbyshire.

Irlanda. Durante todo o outono foram relatadas várias ocorrências de imagens que se moviam em santuários no sul da Irlanda.

- T.)
- [{1}](#) Platô rochoso na região sudoeste da Inglaterra, em Devonshire, com aproximadamente 32 km de extensão. (N. do T.)
- [{2}](#) Spring-heeled. Jack no original inglês. (N. do T.)
- [{3}](#) Do inglês spontaneous human combustion, cuja sigla é SHC. (N. do T.)
- [{4}](#) O nome atual dessa cidade voltou a ser, desde a dissolução da URSS, São Petesburgo. (N. do T.)
- [{5}](#) José Olympio Editora lançou, em sua Coleção Ventos e Aventuras, *A incrível viagem de Shackleton* (A saga do Endurance), de Alfred Lansing. (N. da E.)
- [{6}](#) Uma cidade no condado de Derbyshire, na região central da Inglaterra. (N. do T.)
- [{7}](#) Futilidade. (N. do T.)
- [{8}](#) Um espírito ou fantasma que se caracteriza por manifestar sua presença por meio de ruídos, batidas etc. (N. do T.)
- [{9}](#) Força expedicionária da Austrália e da Nova Zelândia (Australian New Zealand Army Corps). (N. do T.)
- [{10}](#) Um rio com aproximadamente 240km de extensão ao norte da França que flui a noroeste e deságua no canal da Mancha. Também deu nome às batalhas da Primeira Guerra Mundial em 1916 e 1918. (N. do T.)
- [{11}](#) Um grupo de três ilhas vulcânicas no Atlântico Sul pertencentes à Grã-Bretanha. Ocupam cerca de 64 km², tendo a última erupção vulcânica ocorrido em 1961. (N. do T.)
- [{12}](#) Deve-se estimar um lançamento normal na faixa entre quarenta e cinqüenta metros, o que perfaz um total de aproximadamente 150m de comprimento. (TV. do T.)
- [{13}](#) Bone-pointing ritual, no original em inglês. (N. do T.)
- [{14}](#) Ave corredora, australiana, que lembra o avestruz. (N. do T.)
- [{15}](#) Um estado no nordeste da Austrália com 1.518.828 habitantes (1961) ocupando 670.500 quilômetros quadrados. Sua capital é Brisbane. (N. do T.)
- [{16}](#) Um condado no norte da Escócia com 298.503 habitantes (1961) que ocupa aproximadamente 3,2 mil km². (N. do T.)
- [{17}](#) Membros dos povos descendentes dos tibetanos que atualmente habitam a cordilheira do Himalaia nepalesa e que em geral servem como carregadores em expedições de montanhismo. (N. do T.)
- [{18}](#) Espécie de boi selvagem das regiões montanhosas da Ásia Central (*Poephagus grunniens L.*). (N. do T.)
- [{19}](#) Qualquer arbusto ou árvore do tipo sempre-verde ou decíduo ericáceo do gênero *Rhododendron* que produz flores vistosas de cor rósea, púrpura ou branca, com folhas de forma oval ou oblonga. (N. do T.)
- [{20}](#) Zona elegante na parte ocidental de Londres. (TV. do T.)
- [{21}](#) Pessoas que cometem assassinatos em série, periodicamente, em geral motivadas por distúrbios psicológicos. (N. do T.)

{22} Operadores cinematográficos. (N. do T.)

{23} Cidade na região central do estado norte-americano de Wisconsin com 6.113 habitantes (1960). (N. do T.)

{24} Qualquer um dos grandes cervos norte-americanos do gênero *Rangifer*, relacionado a renas europeias e asiáticas. (N. do T.)

{25} Membro da real Polícia Montada do Canadá. (N. do T.)

{26} No original *British Society for Psychological Research*, (N. do T.)

{27} Supressão da vogal final de um vocábulo quando o seguinte principia por vogal. Ex.: dalgum (= de algum). (N. do T.)

{28} O elemento 'cript (o)' [do gr. *kryplós*, é, ón] significa 'escondido', 'oculto', resultando, portanto, no conceito de profissional de zoologia que estuda os ambientes inacessíveis ao Homem por meios naturais. (TV. do T.)

{29} Região montanhosa da Escócia. (N. do T.)

{30} *Turciops Truncatus*. (N. do T.)

{31} Royal Air Force. (N. do T.)

{32} Membro do Parlamento. (N. do T.)

{33} No original, ESP (*extrasensory perception*). (N. do T.)

{34} Do inglês *spontaneous human combustion*, cuja sigla é SHC. (N. do T.)

{35} No original, Norfolk Broads. (N. do T.)

{36} No original *Spook Light Road*. (N. do T.)

{37} No original *Dominion Golf and Country Club*. (N. do T.)

{38} No original *US Freedom of Information Act*. (N. do T.)

{39} Tábua (com o alfabeto e outros símbolos) para receber mensagens mediúnicas. (N. do T.)

{40} Ciência, estudo ou tratado acerca dos óvnis; ufologia. (N. do T.)

{41} *Federal Bureau of Investigations* (Bureau Federal de Investigações) e *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligência), respectivamente. (N. do T.)

{42} Região montanhosa da Escócia. (N. do T.)

{43} À Procura de Bridey Murphy. (N. do T.)

{44} Os Prados. (N. do T.)

{45} United States Freedom of Information Act. (N. do T.)

{46} Arbusto ou árvore da família das combretáceas (*Terminalia australis*), cuja casca, adstringente e resinosa, serve

para curtume, e que fornece madeira de lei, própria para construção civil e naval, carroçaria, carpintaria e carvão; sarandi-amarelo. (N. do T.)

{47} Fenômeno meteorológico que se manifesta por uma grande nuvem negra, de onde vai saindo um prolongamento, parecido a uma tromba de elefante, o qual, torneando rápido, desce até a superfície da Terra, onde produz forte remoinho e eleva pó, destelha casas, arranca árvores etc. (N. do T.)

{48} *A riddle wrapped up in an enigma*, no original em inglês. (N. do T.)

{49} Palavra derivada do verbo latino *abducere* ['raptar', 'levar' (conduzindo), 'levar à força', 'roubar', 'diminuir', 'degradar', 'desencaminhar', 'seduzir', 'distrair'], donde *abductum*, *abduxi*, *abductum*, designando especificamente o rapto de um ser humano por criaturas alienígenas. (N. do T.)

{50} Variedade compacta do linhito, usada em joalheria; gagata. 2. Fig. Coisa muito negra.

(N. do T.)

{51} Cão selvagem da Austrália. (N. do T.)

{52} *Wildlife minister*, no original em inglês. (N. do T.)

{53} Uma espécie de válvula eletrônica. (N. da E.)

{54} Duende, trasgo. (N. do T.)

{55} Espírito feminino do folclore gaélico que com os seus lamentos anuncia morte iminente na família. (N. do T.)

{56} [Do mit. gr. *Python*, pelo lat. *Python*.] Serpente monstruosa morta por Apolo. (N. do T.)

{57} Peixe da ordem dos acantopterígeos (*Esox lucius* Lin.), semelhante à perca, com 1,5m de comprimento, cabeça pontuda, corpo achatado, coloração verde com raias verticais pardas, nadadeiras fortes e cauda triangular. Vive em rios e lagos da Europa, e alimenta-se de outros peixes; sua carne, branca e gordurosa, é muito apreciada. (N. do T.)

{58} O canal mais profundo do leito de um curso de água. (TV. do T.)

{59} Avião alugado. (N. do T.)

{60} *National Investigations Comitee for Aerial Phenomena*, no original em inglês. (N. do T.)

{61} A evidência dos óvnis. (N. do T.)

{62} Da Frísia, antiga província da Holanda, frísio, (N. do T.)

{63} Em gíria, diabrete que provoca o mau funcionamento de máquinas, motores etc; diabrete que provoca contratempos ou enguiços em qualquer operação, empreendimento etc. (N. do T.)

{64} Peça dotada de dispositivo sensível à elevação de temperatura e destinado a espargir água sobre incêndio; chuveiro automático. (N. do T.)

{65} 'Canadense'. (N. do T.)

{66} Estrutura em forma de pórtico, com plataforma, em diversos níveis, utilizada para erigir mísseis, antes do lançamento. (N. do T.)

[{67}](#) *English Central Electricity Generating Board*, no original em inglês. (N. do T.)

[{68}](#) A noite de 5 de novembro, data em que Guy Fawkes foi executado, no ano de 1605, por haver participado da 'conspiração da pólvora', um complô dos católicos contra o rei Jaime I e a Câmara dos Lordes. O episódio é lembrado até hoje pelos ingleses. (N. do I.)

[{69}](#) Na mitologia grega, Hades aparece ora como o lugar de residência dos mortos (versão homérica), ora como o reino da justiça, onde se recompensa o bem, e se pune o mal (versão da época clássica). (N. do T.)

[{70}](#) Em parapsicologia e no espiritismo, movimentação aparente de um objeto, produzida por um médium, sem ação mecânica. (N. da E.)

[{71}](#) Chamado para ser profeta, Jonas rebelou-se e não obedeceu à convocação. Depois, castigado e arrependido, consagrou-se à obra, embora tenha revelado que não compreendia o sentido de sua missão e de sua mensagem. (N. do T.)

[{72}](#) Uma espécie de peixe, que vive em rios e lagos da Europa. (N. da E.)